

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM
CIÊNCIAS HUMANAS**

Paula Pinhal de Carlos

**“SOU PARA CASAR” OU “PEGO, MAS NÃO ME APEGO”?:
PRÁTICAS AFETIVAS E REPRESENTAÇÕES DE JOVENS
SOBRE AMOR, SEXUALIDADE E CONJUGALIDADE**

Tese submetida (a) ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi

Co-orientadora: Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago

Florianópolis

2011

Paula Pinhal de Carlos

**“SOU PARA CASAR” OU “PEGO, MAS NÃO ME APEGO”?:
PRÁTICAS AFETIVAS E REPRESENTAÇÕES DE JOVENS
SOBRE AMOR, SEXUALIDADE E CONJUGALIDADE**

Esta Tese foi julgada adequada para obtenção do Título de “Doutora” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Florianópolis, 20 de abril de 2011.

Profa. Dra. Joana Maria Pedro
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Miriam Pillar Grossi
Orientadora - Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago
Co-Orientadora - Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Michel Bozon - Institut National d'Études Démographiques (França)

Profa. Dra. Elisete Schwade - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Joana Maria Pedro - Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Leandro Castro Oltramari - Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Angela Maria de Souza - Universidade Federal da Integração
Latino-americana

*Dedico este trabalho aos jovens
que participaram da pesquisa:
aos que pegam, mas não se apegam,
aos que pegam e se apegam,
aos que ficam,
aos que namoram,
aos que são para casar,
aos que não são para casar,
aos que exercitam o amor
das mais diferentes formas,
seja ele sólido, líquido, gasoso...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Secretaria de Políticas para as Mulheres e ao CNPq, pela bolsa de doutorado conferida por ocasião do II Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero. Foi a partir desse incentivo que pude realizar meu doutorado num dos mais importantes centros de estudos de gênero e sexualidade do país. Agradeço também à CAPES, pela bolsa de doutorado sanduíche.

Muito obrigada às minhas orientadoras, Miriam e Mara, pelo apoio, pelo incentivo, pelas críticas e sugestões durante todo o tempo do doutorado. Agradeço por terem embarcado nesse projeto junto comigo, apesar das dificuldades e do tempo para a sua realização.

Muito obrigada ao professor Michel Bozon, orientador do doutorado sanduíche que me recebeu no INED e conferiu um apoio indispensável ao aproveitamento do meu *séjour* em Paris.

Agradeço aos professores do DICH Carmen, Héctor, Luzinete, Myriam e Selvino por todo o aprendizado.

Agradeço aos professores Joana Maria Pedro e Leandro Castro Oltramari, pelas valiosas sugestões feitas na qualificação.

Obrigada aos secretários Ângelo e Jerônimo por serem sempre prestativos e acolhedores em todas as demandas burocráticas pertinentes à secretaria do DICH.

Agradeço ainda aos professores responsáveis pela minha formação anterior ao doutorado, especialmente à Maria Cláudia Crespo Brauner, orientadora de iniciação científica, e a Vicente de Paulo Barretto, orientador de mestrado.

Obrigada a todos os jovens que participaram da pesquisa, sejam de Porto Alegre, Florianópolis ou São José. Agradeço por tudo o que aprendi e por terem aberto suas intimidades para falar de pegar, ficar, namorar e casar.

Obrigada a todos os professores que apoiaram a realização da pesquisa de campo, especialmente Édison, Lúcia, Lisiane, Gláucia, Dariane, Lisandro, Evelyn, João e Evandro,.

Obrigada a toda a equipe do NIGS que participou do Projeto Papo Sério, especialmente a Nayara, Eduardo, Vini, Rari, Rayani e Ana Paula, que me auxiliaram na realização das oficinas.

A três amigos especiais que adquiri durante o doutorado: Cláudia, Felipe e Fernando. Obrigada pelas risadas, pelos desabafos e por todo o apoio em diversos momentos, bem como por terem me acolhido em Florianópolis.

Obrigada a todo o povo do NIGS. Aos colegas do DICH (Cláudia, Felipe, Rosa Oliveira, Rosa Blanca, Carla, Patrícia, Isadora e Simone), aos colegas da Antropologia (Fátima, Roze, Fernanda, Ane, Martina, Helô, Ismael, Emília) e aos bolsistas (Vini, Rari, Rayani, Fran, Camila, Ana Paula). Todos vocês foram, cada um a seu jeito e a seu tempo, pessoas com quem pude aprender e compartilhar em diversos momentos de minha formação.

Agradeço aos orientandos da Mara. Obrigada a Regina, Ada (que foi também colega no estágio de docência), Mário, Paulo e Geórgia por todas as contribuições geradas nos seminários de tese e pelas sempre divertidas conversas no café do CFH.

Obrigada a Felipe, Fernando (*in memoriam*), Jerônimo, Mariúze, Naira, Paulo e Rosa, colegas de turma do DICH, com quem foi possível compartilhar questões interdisciplinares.

Um agradecimento especial à Viviane, do doutorado em Antropologia, com quem apresentei o seminário na disciplina de Sexualidades que deu origem a este trabalho.

Obrigada aos estrangeiros (Marjorie, Devesh, Marie, Ann-Catherine, Victor, Ida e Yuko) e aos brasileiros (Lerice, Lettícia, Janaína, Ricardo, André, Marina e Marcus) que me auxiliaram em Paris, seja no aprendizado de outras culturas, seja para me sentir um pouco em casa, amenizando a saudade do próprio país.

Obrigada aos alunos dos estágios de docência de Sexualidades e Psicologia e relações de gênero e aos alunos participantes do grupo de estudos sobre amor, realizado no NIGS, pois todos me ajudaram a discutir teoricamente o tema do amor e trouxeram contribuições e exemplos muito valiosos para o trabalho.

Obrigada à Lisi, uma grande amiga com quem pude dividir diversas ideias sobre o projeto e que ainda me auxiliou na entrada em campo.

Obrigada a Fabi e Taysa que, além de amigas, são companheiras de estudos de gênero e direitos humanos desde a iniciação científica.

Agradeço a meus pais, pelo apoio de sempre e por todo o amor que sempre demonstraram à universidade, fazendo com que suas filhas acreditassem que este pode ser um local de muitas realizações.

Agradeço à Flávia que, além do apoio de irmã, ainda me auxiliou a decifrar algumas práticas afetivas e representações dos jovens pesquisados.

Por fim, agradeço especialmente ao Diogo, meu marido, companheiro e melhor amigo, que sempre me apoiou em todos os

momentos e em todas as escolhas. Acho que não seria possível escrever uma tese sobre esse tema sem te ter ao meu lado...

RESUMO

Tendo como fundamentação teórica os estudos sobre amor romântico (AZEVEDO, 1981; 1986), confluyente (GIDDENS, 1993) e líquido (BAUMAN, 2004) e as análises feitas de que o modelo de amor tem adquirido configurações mais fluidas e instáveis na contemporaneidade, o objetivo deste trabalho é o de estudar práticas afetivas de jovens brasileiros do sul do país, bem como investigar quais são suas representações sobre amor, sexualidade e conjugalidade. A pesquisa foi baseada no método etnográfico, proposto pela antropologia, e no modelo de oficinas, muito presente no âmbito da educação. Trata-se de uma pesquisa multisituada, realizada com jovens de 13 a 18 anos, de ambos os sexos, alunos de escolas públicas de Porto Alegre e Florianópolis e São José. Foi possível perceber que, dentre as suas práticas afetivas, três conceitos são muito importantes: *pegar*, *ficar* e *namoro*. As representações sobre amor e conjugalidade também auxiliam a compreender o caráter paradoxal que as relações afetivas possuem para esses jovens, ao conjugarem práticas fluidas e instáveis, como o *pegar* e o *ficar*, ao romantismo presente nas falas dos jovens sobre amor e relações conjugais. Percebeu-se que há diferenças importantes que demarcam as práticas do *pegar* e do *ficar* e que, nesse âmbito, são significativos alguns estereótipos negativos atribuídos às mulheres, como a *fama de galinha*. No que se refere ao *namoro*, são elencadas pelos jovens as vantagens e desvantagens desse tipo de relacionamento, sobretudo relacionadas à perda de liberdade, o que leva inclusive a uma ressignificação da fidelidade. Por fim, no que tange às representações sobre amor e conjugalidade, identificou-se que o ideal de amor para os jovens está bastante atrelado ao modelo do amor romântico, o que pode explicar o fato de o desejo de *casar* ser tão presente no campo das representações, apesar de contrastar com a liquidez das práticas vivenciadas e observadas em campo.

Palavras-chave: amor. juventude. sexualidade.

ABSTRACT

Based on theoretical studies of romantic (AZEVEDO, 1981, 1986), confluent (GIDDENS, 1993) and liquid love (BAUMAN, 2004) and considering analysis that show that the model of love has acquired more fluid and unstable settings in the contemporary world, the aim of this work is to study affective practices of young Brazilians from the south, as well as investigate what are their representations of love, sexuality and conjugality. The research was based on the ethnographic method, proposed by anthropology, and the workshops` model, broadly used in the education field. It was a multi-location research, with young people whose ages vary from 13 to 18 years old, of both sexes, attending public schools in Porto Alegre, Florianópolis and São José. It was noticed that among the affective practices of these young people, three concepts are very important: *make-out*, *hook up* and *dating*. Representations about love and conjugality also help to understand the paradoxical character that the emotional relationships have to them, as they combine fluid and unstable practices, such as *make-out* and *hook up*, with the romanticism shown in their discourses of love and marital relations. Important differences that distinguish the practices of *make-out* and *hook up* were noticed and in this context some negative stereotypes attributed to women were significant, as the *fame of tramp*. Regarding to *dating*, these young people have listed the advantages and disadvantages of this kind of relationship, particularly related to freedom loss, which leads to a reinterpretation of fidelity. Finally, concerning representations of love and conjugality, it was found that the idea of ideal love for young people is attached to the model of romantic love, which may explain the fact that the desire to *get married* is really present in the field of representation, although this idea contrasts with the liquidity of practices experienced and observed in the fieldwork.

Keywords: love. youth. sexuality.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Oficinas sobre amor, <i>namoro</i> e <i>ficar</i> do Projeto Papo S3rio	30
TABELA 2 - Jovens participantes da pesquisa realizada no Col3gio Rose Marie Muraro	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1 APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA COM JOVENS EM ESCOLAS: O PROJETO PAPO SÉRIO E A PESQUISA NO COLÉGIO ROSE MARIE MURARO	29
1.1 AS OFICINAS DO PROJETO PAPO SÉRIO	33
1.1.1 Instituto de Educação Patrícia Galvão	34
1.1.2 Centro Educacional Municipal Carmen da Silva	35
1.1.3 Colégio Estadual Nísia Floresta	36
1.1.4 Escola de Educação Básica Berta Lutz	37
1.2 COLÉGIO ROSE MARIE MURARO	39
1.2.1 A Entrada em Campo	41
1.2.2 A Tramitação junto ao Comitê de Ética	43
1.2.3 A Observação das Aulas	48
1.2.4 As Oficinas	52
1.2.5 As Entrevistas	56
1.2.6 Os Interlocutores	57
2 NOÇÕES TEÓRICAS SOBRE AMOR, CONJUGALIDADE E SEXUALIDADE JUVENIL	69
2.1 OS MODELOS ANTERIORES AO AMOR ROMÂNTICO	69
2.1.1 O Amor Platônico	69
2.1.2 O Amor Cortês	71
2.2 A EMERGÊNCIA DO AMOR ROMÂNTICO	72
2.2.1 Aspectos Conexos: as invenções da infância e da maternidade	75
2.2.1.1 A infância	76
2.2.1.2 A maternidade	77
2.2.2 O Amor Romântico no Contexto Brasileiro	79
2.2.2.1 A sexualidade inscrita nas regras do namoro à antiga	81
2.2.2.2 A conexão entre amor e casamento	84
2.3 CONJUGALIDADE E AMOR NA CONTEMPORANEIDADE	85
2.3.1 A Emancipação Sexual Feminina	86
2.3.2 A Emergência da Segunda Onda do Feminismo	88
2.3.3 O Modelo do Amor Confluente	89
2.3.4 O Modelo do Amor Líquido	92
2.3.5 Conjugalidade e Infidelidade.....	96

2.4 SEXUALIDADE E JUVENTUDE: <i>PEGAR, FICAR E NAMORO</i>	97
2.4.1 Considerações sobre o Conceito de Juventude	97
2.4.2 <i>Pegar, Ficar e Namorar</i> como Manifestações da Sexualidade Juvenil	102
2.4.2.1 <i>Pegar e ficar</i>	103
2.4.2.2 <i>Namoro</i>	105
3 ESTAR A FIM DE ALGUÉM: <i>PEGAR E FICAR</i>	107
3.1 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS NOÇÕES DE <i>PEGAR E FICAR</i>	107
3.2 MENINOS <i>PEGAM</i> E MENINAS <i>FICAM</i> ?	116
3.3 O ATO DE <i>CHEGAR</i>	117
3.3.1 Quem Toma a Iniciativa?	118
3.3.2 Meninos e Meninas <i>Chegam</i> da mesma Forma?	122
3.3.3 Meninas são <i>Galinhas</i> e Meninos são <i>Pegadores</i> ?	124
3.4 <i>FICAR</i> COM ALGUÉM DO MESMO SEXO: RUMO À BISSEXUALIDADE?	129
3.4.1 Meninas e Meninos podem <i>Ficar</i> com Alguém do Mesmo Sexo?	133
3.4.2 Meninas que <i>Ficam</i> com Meninas: atração sexual, curiosidade ou exibicionismo?	137
3.4.3 É Possível Falar em Bissexualidade ou <i>Pessoas são Pessoas</i> ?	142
4 PAIXÃO, AMOR OU PAIXÃO QUE SE TRANSFORMA EM AMOR: O <i>NAMORO</i>	147
4.1 POR QUE NAMORAR OU COMO A <i>FICADA</i> SE TRANSFORMA EM <i>NAMORO</i>	147
4.2 O QUE É UM <i>NAMORO</i> ?	151
4.2.1 Sentimento e Comprometimento	151
4.2.2 Apresentação e Relação com a Família	153
4.3 <i>NAMORAR</i> SIGNIFICA PERDER A LIBERDADE?	157
4.4 <i>NAMORO</i> E FIDELIDADE	161
4.4.1 O que é Fidelidade para os Jovens?	162
4.4.2 Infidelidade no <i>Namoro</i> Juvenil	165
4.4.3 A Ressignificação da Fidelidade: respeito, lealdade e confiança	168
4.4.4 Meninas e Meninos são Iguamente Infiéis?	169
4.4.5 Como ser Fiel no <i>Namoro</i>	170

5 REPRESENTAÇÕES DE JOVENS SOBRE AMOR E CONJUGALIDADE	177
5.1 SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À NOÇÃO DE AMOR	177
5.1.1 Existe Amor à Primeira Vista?	177
5.1.2 Existe a <i>Pessoa Certa</i> para Amar?	178
5.1.3 Ama-se Apenas uma Vez na Vida?	179
5.1.4 O que os Jovens Entendem por Amor?	182
5.2 OS JOVENS AINDA QUEREM <i>CASAR</i> ?	186
5.3 É POSSÍVEL VIVER SÓ DE AMOR?: requisitos para viver em conjugalidade	193
5.4 <i>CASAR E MORAR JUNTO É A MESMA COISA?: A VALORIZAÇÃO DO COMPROMISSO QUE ADVÉM DO CASAMENTO</i>	198
5.5 <i>ATÉ DÁ PARA SER FELIZ SOZINHO, MAS É MUITO MAIS LEGAL ESTAR COM ALGUÉM: A IMPORTÂNCIA DE VIVER EM CONJUGALIDADE</i>	204
6 CONCLUSÃO	209
REFERÊNCIAS	215
ANEXOS	231

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar, que se insere no campo de estudos de gênero e sexualidade. Seu título, “‘Sou para casar’ ou ‘pego, mas não me apegar’?” advém da denominação de duas comunidades do Orkut, uma rede de relacionamentos, filiada ao Google¹ e criada em 2004.² Embora as comunidades sirvam aqui apenas de forma ilustrativa, a presença de sua denominação no título deste trabalho representam as questões norteadoras desta pesquisa: quais são as práticas afetivas e as representações sobre amor dos jovens? Eles querem *pegar* sem se apegar? Eles querem casar? É possível *pegar* sem se apegar e, ao mesmo tempo, ser para casar?

Essa questão surgiu a partir do segundo semestre do doutorado,³ a partir da apresentação de um seminário sobre amor na disciplina de Sexualidades, ministrada por minha orientadora, cumulada com a apresentação dessa temática em uma aula do estágio de docência e a aplicação de questionários em jovens de escolas públicas de Santa Catarina, por conta dos projetos “Representações de iniciação sexual e homossexualidades em escolas do ensino público de Santa Catarina” (GROSSI; CARDOZO; FERNANDES, 2011) e “Ensino religioso e gênero em Santa Catarina” (DICKIE; GROSSI, WELTER, 2011), ambos realizados pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Partindo-se das noções de amor romântico, amor confluyente e amor líquido e da observância de diversos autores de que o modelo de amor tem adquirido configurações mais fluidas e instáveis, o objetivo deste trabalho é o de verificar quais são as práticas afetivas de jovens, bem como quais são suas representações sobre amor, sexualidade e

¹ Disponível em <www.google.com>.

² Disponível em <<http://www.orkut.com.br>>. O Orkut consiste numa rede que permite dialogar com amigos, por meio de recados ou outros aplicativos, conhecer pessoas, investigar a vida dos associados, associar-se a comunidades (divididas por temáticas), conversar com associados das comunidades, além de divulgar traços de sua identidade, seja por meio da descrição pessoal que consta, pela postagem de fotos, pelos recados que recebe dos amigos ou pelas comunidades às quais adere.

³ Quando realizei a seleção para o doutorado, fui aprovada com um projeto que tratava de adoção por homossexuais. Num segundo momento, optei por voltar a pesquisar a temática do aborto. Em ambos os casos, tratava-se de questões relacionadas ao campo jurídico. Foi apenas a partir do segundo ano do doutorado que a temática da tese foi definida.

conjugalidade. São objetivos específicos: realizar um estudo sobre amor, sobretudo sobre as suas configurações contemporâneas; verificar quais são as práticas afetivas de jovens, no que se refere ao *pegar*, ao *ficar* e ao namoro; verificar quais são as representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade; identificar diferenças e desigualdades relacionadas a sexualidade e gênero nessas práticas e representações.

A exemplo do que faz Michel Bozon (1995) quando analisa as relações sociais de sexo na França contemporânea, este trabalho tratará tanto de representações quanto de práticas. Ele refere que, “nas representações, encontram-se categorias de classificação, imagens, símbolos que organizam a relação dos indivíduos com a natureza, assim como as relações dos indivíduos entre si” (p. 123). A visão de mundo que as representações denunciam geralmente é apresentada como natural, como algo que prescinde de justificação. Já as práticas “são comportamentos realizados. [...] Elas podem revelar a persistência de representações que se tornaram inconscientes. As únicas modificações decisivas são as que afetam as práticas” (p. 124).⁴ O mesmo autor (BOZON, 2005) também trata da possibilidade de compreender o amor como prática social,⁵ e não como sentimento.

Construída no âmbito no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da UFSC, esta tese propõe a interdisciplinaridade também em sua metodologia. A pesquisa foi baseada no método etnográfico, proposto pela antropologia, bem como no modelo de oficinas, muito presente no âmbito da educação.

Trata-se de uma pesquisa multisituada (MARCUS, 1995), realizada com jovens de 13 a 18 anos, de ambos os sexos, alunos de escolas públicas. Parte dela foi desenvolvida em Florianópolis e na cidade de São José, pertencente à Região Metropolitana e de forma coletiva, contando, com mais dois ou três pesquisadores além de mim, uma vez que estavam inseridas no Projeto Papo Sêrio do NIGS, que tinha como objetivo a discussão de temas envolvendo gênero e

⁴ O sociólogo fala ainda da importância das normas, que “são regras de comportamento explícitos às quais os indivíduos se referem conscientemente, e que se fundam sobre justificações ou princípios filosóficos, ideológicos ou políticos, ou sobre o surgimento de novas aspirações individuais ou coletivas” (BOZON, 1995, p. 124), em cuja análise não me deterei neste trabalho.

⁵ Para Sherry B. Ortner (2007a), a teoria da prática devolve o ator ao processo social, mesmo sem deixar de levar em consideração a estrutura que exerce coerção sobre a ação social. “Trata-se de uma teoria geral da produção de sujeitos sociais por meio da prática no mundo e da produção do próprio mundo por intermédio da prática”. Nesse sentido, essa teoria está profundamente conectada ao conceito de *agência* proposto pela mesma autora (ORTNER, 2007b).

sexualidade em escolas públicas de Florianópolis e Região Metropolitana⁶. Nesse projeto, fiquei responsável pelas coordenação das oficinas sobre amor, namoro e *ficar*. Outra parte da pesquisa foi efetuada em uma escola pública de Porto Alegre. Nesse local, tive um contato mais aprofundado com os jovens, uma vez que, além das oficinas, também realizei observação das aulas e fiz entrevistas individuais.

A partir das oficinas, as observações e das entrevistas, foi possível perceber que, dentre as práticas afetivas de jovens, três conceitos eram muito importantes: *pegar*, *ficar* e namoro. Enquanto o *pegar* e o *ficar* parecem exemplificar muito bem aquilo que Zigmunt Bauman (2004) denomina de “amor líquido”, devido à fluidez e à instabilidade, unidas ao desapego e mesmo a uma noção de descartabilidade das relações, a relação de namoro, já estudada em outra época, por exemplo, por Thales de Azevedo no início dos anos 1980, apresentava diferenças muito relevantes, sobretudo no que se refere à sexualidade.

Por outro lado, ainda que as práticas pudessem soar como mais igualitárias em termos de gênero e de sexualidade do que em outros períodos históricos, algumas representações sobre sexualidade, relacionadas a essas mesmas práticas não se dissociavam tanto daquelas existentes no “namoro à antiga” (AZEVEDO, 1981; 1986), ainda que adaptadas aos dias atuais. Além disso, também as representações sobre amor e conjugalidade me auxiliaram a compreender o caráter paradoxal que as relações afetivas possuem para esses jovens, ao conjugarem práticas fluidas e instáveis como o *pegar* e o *ficar* ao romantismo presente nas falas dos jovens sobre seus projetos de viver em conjugalidade.

Esta tese está dividida em cinco capítulos. No primeiro deles, é descrita de forma pormenorizada a metodologia interdisciplinar utilizada neste trabalho, baseada no método etnográfico e também no modelo de oficinas. No âmbito do Projeto Papo Sério, são descritas as oficinas realizadas em quatro escolas, duas delas situadas em Florianópolis e duas localizadas em São José. A seguir, é detalhada a pesquisa de campo efetuada na escola de Porto Alegre, sendo descrito o processo de entrada em campo, com a recepção por professores da escola e pelos alunos, os problemas ocorridos na tramitação do projeto de pesquisa pelo Comitê

⁶ Agradeço a Nayara Piloni, Eduardo Frigério, Rayani Mariano, Raruilquer Oliveira, Vinícius Ferreira e Ana Paula Santos, responsáveis, juntamente comigo, pelas oficinas pelo diálogo que ajudou a elaborar diversas ideias que aperfeiçoaram a metodologia deste trabalho.

de Ética. Por fim relato como fizemos a observação das aulas e as oficinas e como as entrevistas foram realizadas, bem como apresento um quadro dos interlocutores com alguns dados importantes, que ajudam a compor o perfil sócio-econômico e familiar desses jovens.

O segundo capítulo consiste num capítulo teórico. Nele, são apresentados os autores que servem de embasamento a esta tese. Procura-se aqui, também, realizar um panorama histórico dos diferentes modelos teóricos sobre amor: do modelo de amor platônico ao amor na contemporaneidade. Estão presentes nesse momento também reflexões teóricas acerca da sexualidade juvenil, a partir de pesquisas conexas ao tema da tese, e da conjugalidade, ambos aspectos de grande relevância para este trabalho.

No terceiro capítulo, dá-se início à análise dos dados da pesquisa de campo, o que é feito primeiramente pela categorização do *pegar* e do *ficar*, práticas afetivas presentes na vida de praticamente todos os interlocutores. São aqui tecidas considerações sobre as diferenças e semelhanças existentes entre essas duas práticas, assim como ao ato de *chegar*, ou seja, de tomar a iniciativa para *pegar* ou *ficar* com alguém. Ao final, é analisada uma prática descrita pelos jovens, a de “meninas que *ficam* com meninas”. Em todo o capítulo, estão presentes diferenças de gênero, seja relacionadas a uma maior atribuição do *pegar* aos meninos do que as meninas, seja no modo com que meninos e meninas *chegam* e a *fama* que *pegar* ou *ficar* com várias pessoas pode resultar (de *galinha*, em se tratando das meninas, e de *pegador*, em se tratando dos meninos), bem como na maior aceitação para a prática de meninas que *ficam* com alguém do mesmo sexo do que a de meninos que *ficam* com meninos, ressaltando-se que essa prática não configura uma identidade homossexual no universo estudado.

A prática do *namoro* é o tema do quarto capítulo. Nesse trecho, são analisadas as falas dos jovens sobre as vantagens e desvantagens desse tipo de relacionamento em relação, sobretudo, ao *ficar*. Estão presentes também a definição do *namoro* para esses jovens e o que demarca o seu início. Por fim, duas questões presentes na pauta dos relacionamentos amorosos contemporâneos são discutidas: a perda de liberdade que esse tipo de relação estável pode ocasionar para os jovens (quando eles a comparam com a fluidez e o desapego do *pegar* e do *ficar*) e o significado e a importância conferida por eles à fidelidade.

O quinto e último capítulo trata das representações sobre amor e conjugalidade. Ele tem início com o estudo das representações de amor desses jovens, analisando-se a presença ou ausência de questões relevantes para o modelo do amor romântico, como as noções de alma

gêmea e de amor eterno. A seguir, passa-se à conjugalidade. Pergunta-se, então: os jovens ainda querem se casar ou morar juntos? Nesse mesmo momento, são verificados os requisitos que os interlocutores entendem ser indispensáveis para ter uma vida conjugal, tais como estabilidade financeira e maturidade emocional. Em se tratando de conjugalidade, é preciso também se questionar acerca da diferenciação estabelecida pelos jovens em relação aos arranjos conjugais do casamento e da coabitação (*morar junto*), temática pouco abordada na literatura brasileira sobre o tema. Conclui-se este trabalho, então, com a verificação da importância que a vida conjugal, baseada no amor, possui para esses jovens.

1 APROXIMAÇÃO ETNOGRÁFICA COM JOVENS EM ESCOLAS: O PROJETO PAPO SÉRIO E A PESQUISA NO COLÉGIO ROSE MARIE MURARO

Esta tese foi construída no âmbito do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Sendo assim, a interdisciplinaridade é um componente fundamental e está presente também na metodologia. Essa pesquisa foi baseada tanto no método etnográfico, proposto pela antropologia, quanto no modelo de oficinas, muito presente no âmbito da educação e também ancoradas nos grupos focais, utilizados sobretudo em pesquisas de psicologia social.

No que se refere ao método antropológico, esta pesquisa baseia-se na noção de etnografia, que deriva dos termos gregos “ethno”, que significa povo, e “graphein”, que quer dizer escrita. A etnografia caracteriza-se, portanto, pela descrição de um determinado povo. A base para a realização desta pesquisa está na conceituação de Clifford Geertz (1989), para quem a etnografia é a prática dos antropólogos que envolve uma descrição densa, já que o etnógrafo se depara com diversas estruturas complexas, sobrepostas ou amarradas, as quais devem ser apreendidas e, posteriormente, apresentadas em forma de texto. Por isso, os textos antropológicos são tidos como interpretações de, no mínimo, segunda mão, pois apenas um nativo poderia interpretar em primeira mão sua própria cultura.

De acordo com o autor, tais textos consistem em “ficções”, pois são construídos a partir da interpretação da realidade observada. Em seu ofício, conforme Geertz, o antropólogo anota o discurso social, transformando-o em um acontecimento passado. A descrição etnográfica, para ele, seria sempre interpretativa e buscaria interpretar o fluxo do discurso social e tentaria salvar aquilo que é dito da sua possibilidade de extinção, transformando-o em formas pesquisáveis. Aqui, cabe trazer a crítica de Geertz à antropologia interpretativa, pela qual a interpretação do pesquisador não pode ser considerada inocente. É por isso que, para esse autor, a etnografia não pode ser concebida como a interpretação de uma outra realidade, mas como uma negociação construtiva que envolve sujeitos conscientes e politicamente significativos.

No caso deste trabalho, procuro descrever jovens, pertencentes a camadas populares e médias, estudantes de escolas públicas, com idades entre 13 e 18 anos, de Porto Alegre, localizada no Estado do Rio Grande do Sul, e Florianópolis e São José, localizadas no Estado de Santa

Catarina. Dessa forma, este trabalho objetiva, com Gilberto Velho (1997, p. 132), “perceber a mudança social [...] como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas”. Procuo fazer uso de elementos do método etnográfico, tais como a observação participante, o registro em diários de campo e a realização de entrevistas semi-dirigidas. No entanto, esta pesquisa não pode ser caracterizada como uma etnografia propriamente dita. Por esse motivo, procuro lançar mão da noção de aproximação etnográfica. Isso significa dizer que minha pesquisa é apenas inspirada no método etnográfico.

A metodologia deste trabalho envolveu a realização de oficinas, que ocorreram em Florianópolis e São José, dentro do Projeto Papo Sério (NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES, 2009; 2010), promovido pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Essas oficinas eram coordenadas por três ou quatro pesquisadores do NIGS e tinham como objetivo a discussão de temas que envolvem gênero e sexualidade, tais como violência, aborto, orientação sexual etc. Eu fiquei responsável pela coordenação das oficinas sobre amor, *namoro* e *ficar*. A realização das oficinas pode ser visualizada na tabela abaixo. Ressalta-se que os nomes de todas as escolas são fictícios e são uma homenagem a importantes do feministas brasileiras.

Tabela 1. Oficinas sobre amor, *namoro* e *ficar* do Projeto Papo Sério

ESCOLA	LOCAL (CIDADE E BAIRRO)	DATA DA OFICINA	TURMA
Instituto de Educação Patrícia Galvão	Florianópolis, Centro	24 de junho de 2009	2º ano do Ensino Médio
Centro Educacional Municipal Carmen da Silva	São José, Barreiros	9 de julho de 2009	8ª série do Ensino Fundamental
Colégio Estadual Nísia Floresta	Florianópolis, Trindade	13 de agosto de 2009	7ª série do Ensino Fundamental
Escola de Educação Básica Berta Lutz	São José, Praia Comprida	18 de junho de 2010 e 22 de junho de 2010	Três turmas do 2º ano do Ensino Médio

No Colégio Rose Marie Muraro, situado em Porto Alegre, além das oficinas também foi efetuada a observação das aulas e entrevistas.

Embora nesta escola eu pudesse ter um contato individual com os interlocutores, por meio das entrevistas, foi importante também privilegiar a interação em grupo, verificada tanto na observação das aulas quanto nas oficinas, por se tratar de uma pesquisa com jovens. Entendo, com Wivian Weller (2006, p. 246), que “é principalmente no grupo que o jovem trabalhará, entre outras, as experiências vividas no meio social, as experiências de desintegração e exclusão social, assim como as inseguranças geradas a partir dessas situações”.

Vários motivos estão ligados à sua dessa escola como local privilegiado de campo. Fui aluna da instituição entre os anos de 1991 e 1997, tendo lá cursado da 5ª série do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio. Além disso, minha familiaridade com o local é anterior ao estabelecimento do vínculo de aluna, já que minha mãe foi professora dessa escola. Sendo assim, trata-se de uma instituição frequentada por mim desde a mais tenra idade. Dessa forma, ainda que a grande maioria dos professores da minha época já estivesse aposentada e que o local físico não correspondesse ao das minhas principais lembranças, em virtude de uma mudança ocorrida em 1996, trata-se de um lugar familiar, com o qual convivo desde minha infância.

Isso teve um grande peso em minha escolha, porque não tenho muita experiência com pesquisa de campo etnográfica, em virtude do fato de que minha trajetória acadêmica, situada no campo do Direito da graduação até o mestrado, não a ter englobado. Apesar de Direito e Antropologia serem campos distintos, cabe trazer aqui as ponderações de Geertz (2002, p. 249) sobre suas semelhanças:

assim como a navegação, a jardinagem e a poesia, o direito e a etnografia também são artesanatos locais: funcionam à luz do saber local. Um caso individual, seja ele o de Palsgraff ou o da Ponte sobre o Rio Charles, proporciona ao direito não só as bases que dão origem a toda uma série de reflexões, mas também o próprio objeto que lhe dá orientação; no caso da etnografia, as práticas estabelecidas, tais como o *potlatch* ou o *couvade*, têm a mesma função. Sejam quais forem as outras características que a antropologia e a jurisprudência possam ter em comum – como por exemplo uma linguagem erudita meio incompreensível e uma certa aura de fantasia – ambos se entregam à tarefa artesanal de descobrir princípios gerais em fatos paroquiais.

Logo, para mim, a realização do campo numa instituição que de alguma forma já conheço me deixou muito mais segura para realizar meu trabalho. Isso também permitiu um acesso mais fácil às pessoas e às informações, bem como facilitou a autorização da realização da pesquisa nesse local por parte da direção da escola.

Além de contar com diferentes métodos de coleta de dados, esta pesquisa é multisituada, já que congrega atividades de campo realizadas em diversos locais, mesmo tendo como local privilegiado o Colégio Rose Marie Muraro, localizado em Porto Alegre, onde pude passar mais tempo, realizando observação das aulas e fazendo entrevistas, e não apenas oficinas, o que ocorreu nas atividades do projeto Papo Sérió. Também lá pude ter um contato mais profundo com os interlocutores, recebendo informações sobre suas famílias, sua religião, seus planos futuros, pessoais e profissionais e seus relacionamentos afetivos. Por esse motivo, foi na escola de Porto Alegre que tive a possibilidade de utilizar de maneira mais aprofundada a prática da observação participante, base do trabalho de campo etnográfico. Nas escolas de Santa Catarina, o contato com os jovens era muito mais pontual, pois ocorria apenas durante o tempo de realização da oficina.

Minha pesquisa de campo foi realizada no meu próprio país, e em locais conhecidos. Nasci e vivo em Porto Alegre e, por ocasião do doutorado, residi em Florianópolis, cidade que também já conhecia há muitos anos como turista, assim como grande parte dos gaúchos descontentes com seu próprio litoral. São José, embora seja o município com o qual tive menos contato, faz parte da Região Metropolitana de Florianópolis. Salvo algumas diferenças de sotaque e de expressões, falamos a mesma língua. Pesquiso, portanto, algo que me é familiar. Segundo Eduardo Viveiros de Castro (2002, p. 113), “o nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre”.

Ao mesmo tempo, há alguns distanciamentos que se fazem presentes, sendo o principal deles a diferença geracional. Sou no mínimo dez anos mais velha do que meus interlocutores. Por esse motivo, ainda que falemos a mesma língua, há gírias e expressões utilizadas pelos jovens que desconheço. Além disso, ainda que eu conheça as cidades nas quais foi efetuada a pesquisa, há lugares citados pelos interlocutores que desconheço, já que são frequentados por pessoas mais jovens do que eu.

Apesar disso, ao falar de relacionamentos afetivos, trato de um tema que entendo ser comum a mim e a meus interlocutores. Conforme preconiza Miriam Pillar Grossi (1992, p. 17), essa proximidade permite que o pesquisador seja inserido também num processo de autoconhecimento. Portanto, ainda que meu trabalho de campo tenha se direcionado a uma geração diferente da minha e que os jovens descrevam práticas afetivas que são diversas das experimentadas por mim (ou mesmo por outras pessoas da minha geração), há sem dúvida diversos pontos de conexão, sendo o maior exemplo deles a tentativa que acredito que grande parte dos indivíduos realiza, na contemporaneidade, da conjugação de noções mais tradicionais do amor com a fugacidade afetiva dos relacionamentos atuais.

Oriento-me, nesta pesquisa, pelas etapas do método etnográfico propostas por Claudia Fonseca (1999, p. 66), quando a antropóloga trata, em “Quando cada caso não é um caso”, de trabalhos de outras áreas do conhecimento que procuram fazer uso da metodologia própria da Antropologia. São elas: “1. Estranhamento (de algum acontecimento no campo); 2. Esquematização (dos dados empíricos); 3. Desconstrução (dos estereótipos preconcebidos); 4. Comparação (com exemplos análogos tirados da literatura antropológica) e 5. sistematização do material em modelos alternativos”. Assim, embora não tenha cumprido “o método etnográfico ao pé da letra”, já que não passei “horas a fio fazendo observação participante”, tampouco passei incógnita entre os jovens pesquisados, tomei “de empréstimo” alguns desses elementos descritos pela autora, postulando “chegar a novas maneiras de compreender” esses jovens, suas práticas afetivas e suas representações sobre amor e conjugalidade”, bem como procurei “interagir de forma mais criativa com eles” (FONSECA, 1999, p. 76).

1.1 AS OFICINAS DO PROJETO PAPO SÉRIO

O Projeto Papo Sério consiste numa proposta de extensão desenvolvida pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este núcleo desenvolve pesquisas sobre estudos de gênero e sexualidade desde 1991 e é coordenado por Miriam Pillar Grossi, minha orientadora. O NIGS está vinculado ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, à área de concentração de Estudos de Gênero do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ao curso de graduação em Ciências Sociais. O projeto em questão teve seu início no ano de 2007, tendo sido renovado e expandido nos anos de 2009 e 2010. Seu objetivo

é problematizar as representações de gênero e sexualidade, por meio da realização de oficinas realizadas com alunos de escolas públicas de Florianópolis e Região Metropolitana.

As oficinas do Projeto Papo Sério foram realizadas por pesquisadores, bolsistas e colaboradores do NIGS. Elas deveriam estar vinculadas às temáticas de pesquisa dos pesquisadores envolvidos. Por esse motivo, fiquei responsável pela realização de oficinas intituladas “Amor, namoro e ficar”. Meu objetivo era o de verificar quais eram as práticas afetivas descritas pelos jovens estudantes, bem como suas representações acerca dessa temática. Para tanto, foram utilizadas reportagens retiradas de *sites* de revistas destinadas ao público jovem, como *Capricho*⁷ e *Atrevida*⁸, e perguntas de jovens respondidas pela psicóloga Rosely Sayão, constantes no *site* Uol Teen Sexo.⁹ Os temas eram diversos e também eram acrescentados novos temas a partir da realização das oficinas anteriores. As reportagens e perguntas e respostas versavam, por exemplo, sobre *ficar* com uma grande quantidade de pessoas, transformar uma *ficada* em *namoro*, fidelidade no *namoro*, amor à primeira vista e jovens que *ficam* com alguém do mesmo sexo. Além disso, nas oficinas realizadas em 2010, foram veiculados um trecho do seriado “Anos Rebeldes” (BRAGA, 1992), que retratava um baile de formatura nos anos 1960, e um trecho do filme “Meu Tio Matou um Cara” (FURTADO, 2004), que mostrava uma festa de colégio. A seguir, realizarei uma descrição mais detalhada de cada oficina realizada.

1.1.1 Instituto de Educação Patrícia Galvão

A primeira oficina foi realizada na manhã do dia 24 de junho de 2009 no Instituto de Educação Patrícia Galvão. A escola fica localizada no centro de Florianópolis. A atividade ocorreu em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, que possuía na data 36 alunos. O grupo que realizou a oficina era composto por mim, pelos auxiliares Eduardo Frigério e Nayara Piloni (graduandos em Ciências Sociais) e pelos bolsistas Rayani Mariano (graduanda em Jornalismo) e Raruilquer Oliveira (graduando em Ciências Sociais).

Nesta oficina, trabalhamos com reportagens e perguntas e respostas do *site* Uol Teen Sexo. A dinâmica adotada, também repetida

⁷ Disponível em: <<http://capricho.abril.com.br/home/>>.

⁸ Disponível em: <<http://atrevida.uol.com.br/>>.

⁹ Disponível em: <<http://teensexo.uol.com.br/>>.

posteriormente em todas as demais oficinas nas quais foram utilizados os mesmos materiais (reportagens e perguntas e respostas do *site*), foi a seguinte: solicitávamos que os alunos se dividissem em grupos de quatro a seis pessoas, distribuíamos um texto (reportagem ou pergunta e resposta) por grupo, pedíamos que eles discutissem nos grupos o tema e, num segundo momento, cada grupo deveria relatar ao restante da sala o seu texto e as opiniões de seus integrantes sobre a temática. Nesse momento, também conseguíamos ouvir as opiniões de todos os alunos que quisessem participar da discussão sobre cada tema.

Nesta escola, foram utilizados os seguintes materiais: uma pergunta de uma menina que queria namorar, mas não conseguia; uma reportagem sobre como transformar uma *ficada* em *namoro*; uma reportagem sobre *namoro* virtual; uma reportagem sobre meninas que beijam meninas; uma reportagem sobre meninas que chamam os meninos para sair e uma pergunta de um menino que era incentivado a trair sua namorada pelos amigos e pelo pai. Essa atividade foi extremamente proveitosa, porque os alunos colaboraram bastante e expuseram suas opiniões. A turma era bastante agitada, mas nada tímida. Quase todos falaram. Por ser muito participativa, era difícil fazer com que apenas um falasse de cada vez. Foi possível perceber, contudo, nas atividades que se seguiram, que essa seria uma dificuldade sempre presente quando se trabalha com jovens.

As principais questões suscitadas pelos jovens dessa escola disseram respeito à diferença que a fama de *ficar* com várias pessoas traz para meninas e meninos e a questão do *ficar* para jovens religiosos. Além disso, outros temas importantes foram o *ficar* com alguém do mesmo sexo e a infidelidade nos *namoros*.

1.1.2 Centro Educacional Municipal Carmen da Silva

A segunda oficina foi realizada no dia 9 de julho de 2009 no Centro Educacional Municipal Carmen da Silva localizado no bairro Barreiros, no município de São José. Essa escola possui ensino da 1ª à 8ª séries do Ensino Fundamental, no período diurno, e também Educação de Jovens e Adultos, no período noturno. A oficina foi realizada com uma turma de 8ª série, no período da manhã, e foi ministrada por mim e pelos bolsistas Rayani Mariano e Raruilquer Oliveira, que já haviam estado presentes na oficina anterior, além de contar com a participação do bolsista Vinícius Ferreira (graduando em Ciências Sociais).

Efetuamos a oficina no auditório da escola, por sugestão do professor que nos recebeu, em virtude do espaço da sala de aula ser

restrito. Num primeiro momento, os alunos sentaram-se nas poltronas. Explicamos a dinâmica da oficina e pedimos que eles rapidamente dissessem nome e idade. Havia uma disparidade relevante entre os alunos, já que a idade deles variava entre 13 e 16 anos. Convidamos os alunos para que subissem ao palco e se sentassem no chão, em pequenas rodas, de forma que pudessem ficar mais confortáveis para debaterem os temas nos pequenos grupos. Para a discussão final, formamos um grande círculo em cima do palco, ficando todos sentados no chão.

Utilizamos reportagens sobre quando os meninos ligam para as meninas no dia seguinte à *ficada*; sobre um menino que afirmava gostar da namorada, mas sentir falta de *ficar* com outras meninas; sobre uma menina que gostaria de saber o que fazer para um menino ficar “caidinho” por ela; sobre a definição dos meninos do que é uma menina “galinha”; sobre um menino que não conseguia encontrar uma menina disposta a namorar; sobre meninas que *ficam* com meninas e sobre a dúvida de um menino acerca da necessidade que sua namorada tinha de sair com as amigas. Na discussão final, além dos temas das reportagens, também foram debatidas outras questões. Quando surgiu o tema da “pessoa certa”, questionei os alunos sobre a concordância deles em relação à sua existência, bem como sobre o que eles pensam sobre o surgimento do sentimento amoroso (se ocorreria à primeira vista ou se é algo que se constrói com o tempo). Também foi relevante a menção feita pelos alunos sobre a quantidade de tempo que se deve *ficar* com alguém antes de namorar. Por fim, a partir desse último tema, surgiu a questão da diferença entre *morar junto* e *casar*. Alguns alunos afirmavam que os dois arranjos conjugais eram muito semelhantes, enquanto que outros disseram que há uma grande diferença, visualizada sobretudo no momento da separação do casal.

Essa turma era mais inquieta que a anterior e, ao mesmo tempo, menos participativa. O professor comentou que, das oitavas séries selecionadas para as oficinas do NIGS, essa era a mais difícil. Também foi um pouco mais complicada a realização da oficina com alunos mais jovens, pois eles parecem, muitas vezes, ter menos experiência em relacionamentos para fazer comentários.

1.1.3 Colégio Estadual Nísia Floresta

A última oficina do ano de 2009 foi realizada no Colégio Estadual Nísia Floresta, localizado no Bairro Trindade, próximo à Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis, no dia 13 de agosto, no período da tarde. A realização da oficina contou comigo, com

os bolsistas Rayani Mariano e Vinícius Ferreira e com a auxiliar Nayara Piloni. A atividade foi realizada com uma turma de 7ª série. Havia pouco mais de vinte alunos e fomos avisados pela orientadora pedagógica da escola sobre a ausência de diversos alunos em virtude da epidemia de gripe H1N1. A maioria dos alunos tinha entre 13 e 14 anos.

A dinâmica foi a mesma realizada nas outras duas escolas. Os temas sugeridos pelas reportagens eram os seguintes: “fidelidade no namoro”, opinião dos meninos sobre serem “caçados” (quando as meninas tomam a iniciativa), dúvida sobre o que fazer quando o menino de quem se está a fim tem namorada, amor à primeira vista, *namoro* virtual, meninos infiéis e meninos que beijam meninos. Essa turma foi a mais difícil do ano de 2009 para se trabalhar. Os alunos eram bastante inquietos e muito dispersos, o que dificultou bastante a realização da oficina.

Além disso, havia poucos que falavam o tempo todo e outros que não falavam absolutamente nada, nem sobre o seu próprio tema. No entanto, em comparação com a turma da escola anterior, apesar de serem ainda mais jovens, eles pareciam mais experientes em termos de relacionamentos afetivos do que os alunos da escola de São José, pois falavam mais de suas próprias práticas afetivas do que do que pensavam sobre as práticas alheias. Também foi possível perceber que alguns dos jovens já tinham experimentado ou possuíam no momento uma relação de *namoro*.

1.1.4 Escola de Educação Básica Berta Lutz

Nesta escola, localizada no município de São José, no bairro Praia Comprida, foram realizadas três oficinas. As duas primeiras ocorreram no dia 18 de junho de 2010, no período da manhã e a terceira ocorreu no dia 22 de junho de 2010, no período da tarde. Todas as oficinas foram realizadas com turmas do segundo ano do Ensino Médio. Nas oficinas do dia 18, fui acompanhada pelos bolsistas Ana Paula Santos e Raruilquer Oliveira. Já na oficina do dia 22, estiveram presentes as bolsistas Ana Paula Santos e Rayani Mariano.

Na primeira turma na qual realizamos a oficina, no dia 18, havia 37 alunos, sendo que a maioria era do sexo feminino. Eles possuíam entre 16 e 18 anos. Explicamos a dinâmica da oficina. Em primeiro lugar, exibimos um trecho do seriado “Anos Rebeldes”, veiculado na Rede Globo em 1992. O trecho mostrava um baile de formatura de colégio nos anos 1960. No baile estavam presentes os pais e demais familiares dos formandos. A pista de dança era iluminada e beijos entre

os jovens ocorriam apenas longe dos olhares dos convidados (embaixo de uma escada, por exemplo). Também era retratada a atitude masculina de “tirar para dançar”. Por fim, havia declarações de amor entre o casal principal (João e Maria Lúcia), que precediam o beijo. A seguir, passamos a palavra aos estudantes, para que eles pudessem expor suas impressões sobre o vídeo, falando sobre o que havia chamado sua atenção, especialmente por parecer diferente das festas atuais.

Num segundo momento, exibimos um trecho de “Meu Tio Matou um Cara”, um filme brasileiro de 2004. Nesse trecho, há cenas na escola e numa festa, realizada na casa de um dos alunos. É possível visualizar as tentativas de Duca de se aproximar de Isa, sua melhor amiga, tendo, para tanto, que tentar afastá-la de Kid, em quem ela está interessada. Na cena da festa aparece a aproximação entre Kid e uma menina, colega de classe, no intuito de *ficar* com ela. Após a exibição, também passamos a palavra aos jovens, de forma a perceber se o que é exibido no filme se aproxima da sua realidade, bem como quais são as principais diferenças em relação às aproximações entre jovens exibidas nos dois vídeos.

Na primeira turma, após a exibição do trecho de “Anos Rebeldes”, foi mencionado que a principal diferença entre a festa retratada e as festas atuais seria que hoje em dia aconteceria *de tudo*. Com essa expressão, os alunos queriam dizer que havia inclusive pessoas que *ficavam* com alguém do mesmo sexo. Nessa turma havia uma aluna que se intitulava homossexual. A aceitação de sua orientação sexual não era unânime, mas havia alguma tolerância com o fato. Isso gerou diversas discussões, permitindo que ouvíssemos os alunos acerca dos seus preconceitos contra homossexuais. Após a exibição do segundo filme, ocorreu uma discussão acalorada entre um menino e uma menina, pois ela afirmava que as mulheres tinham o direito de fazer o que quisessem, ao se referir ao direito que teriam de *ficar* com quantos homens quisessem, enquanto ele defendia que os homens faziam uma diferenciação entre meninas *galinhas* e aquelas *para namorar*.

A segunda turma, cuja oficina também foi realizada no dia 18, apresentava uma peculiaridade interessante. Nela havia, segundo boatos dos professores, um grupo de meninas que *ficavam entre si*. Alguns professores informaram, inclusive, que duas das alunas seriam *namoradas*. Essa informação, contudo, não pôde ser totalmente confirmada quando da realização da oficina, pois nenhuma das meninas afirmou *ficar* com alguém do mesmo sexo ou namorar outra menina. Elas apenas defendiam, na discussão do tema, essa prática. Por outro lado, havia um grupo, composto sobretudo por meninos, que se diziam *homofóbicos* e que afirmavam isso inclusive como direito e como um

posicionamento a ser respeitado pelos demais. Eles colocavam sua *homofobia* como uma liberdade, assim como seria a liberdade sexual das meninas que *ficavam* com outras meninas. Diversos argumentos de cunho religioso foram utilizados por esse grupo, como *Deus criou Adão e Eva, e não Adão e Adão ou Eva e Eva*. Também argumentos patologizantes estavam presentes e termos como *problema*, e *doença mental* foram mencionados.

A discussão foi muito acalorada, impedindo, inclusive, que pudéssemos exibir, nessa turma, o segundo filme. Foi difícil fazer com que os alunos conseguissem ouvir a opinião dos colegas. Além disso, não estávamos preparados para o clima de ódio que estava instaurado nessa turma e tivemos dificuldade em lidar com a situação, sobretudo pelo preconceito dos que se intitulavam *homofóbicos* em inclusive conversar sobre o assunto.

A segunda oficina que aconteceu nessa escola, realizada no dia 22, também foi complicada, mas por outro motivo. A turma estava muito desinteressada. Eles não queriam participar da atividade. Poucos alunos compartilharam suas opiniões e não ocorreram discussões das temáticas. Para que conseguíssemos ouvir os alunos, era necessário instigá-los o tempo todo, fazendo perguntas que os incentivasse a debater o tema. Nessa turma sobressaiu-se principalmente o debate acerca das diferenças entre a *fama* adquirida por mulheres e homens devido às suas práticas afetivas, que seria negativa para as mulheres, tachadas de *galinhas*, mas não para os homens. No entanto, foi interessante a alternativa apontada por algumas meninas quando querem *ficar* com vários meninos. Elas afirmaram que o importante era fazer isso num lugar com muita gente, como um grande show, por exemplo, com milhares de pessoas, e no qual não se conhecesse ninguém além do grupo de amigas que as acompanhava.

1.2 COLÉGIO ROSE MARIE MURARO

Uma parte importante da pesquisa de campo foi realizada na instituição que denomino aqui de “Colégio Rose Marie Muraro”, de forma a resguardar a identidade do local. Essa escola pública, vinculada a uma universidade, localiza-se em Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul e possui Ensino Médio, Fundamental e Educação de Jovens e Adultos.

Já tratei anteriormente da familiaridade envolvendo esse local. Por ser familiar, foi preciso estranhar o campo, a partir do que postula Velho (1980), ao tratar da pesquisa realizada pelo antropólogo em sua

própria cidade. Caberia ao antropólogo, nesse caso, transcender a percepção das diferenças, possibilitando a captação da lógica que define um determinado sistema cultural. Para tanto, seria preciso manter permanentemente uma atitude de estranhamento não só em relação ao que é visualizado, mas também em relação a si mesmo. O autor diz ainda, a respeito de familiaridades e exotismos, que “o que sempre *vemos* e *encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não vemos e *encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*” (VELHO, 1997, p. 126).

O Colégio Rose Marie Muraro caracteriza-se, ainda, como um local privilegiado para a realização de trabalho de campo, em virtude da abertura concedida em seu projeto político-pedagógico à integração com atividades de pesquisa e extensão acadêmicas. Tal fato pode ser comprovado inclusive pela existência de uma comissão de pesquisa, destinada a avaliar projetos que pesquisadores desejam desenvolver nessa escola. Além disso, enquanto escola pública reconhecida por sua qualidade de ensino em Porto Alegre, congrega alunos de diferentes classes sociais, o que se justifica também pela forma de ingresso, realizada por meio de sorteio.

O universo da pesquisa compreendeu os alunos matriculados no segundo ano do ensino médio em 2009 e, no terceiro ano do ensino médio, em 2010. Esses alunos possuíam entre 15 e 18 anos na época da realização do trabalho de campo, que abrangeu três turmas de cerca de trinta alunos cada. Em princípio, havia pensado em trabalhar com o terceiro ano. No entanto, verificando que nesse período os alunos estão muito voltados à realização do vestibular, escolhi a série anterior.

Procurei direcionar meu foco para os alunos mais velhos da escola que, em tese, poderiam dar maiores contribuições, já que o tema consiste nos relacionamentos afetivos. Tal informação também condiz com as trajetórias afetivas descritas pelos resultados da Pesquisa Gravada (HEILBORN *et al.*, 2006), que pesquisou relacionamentos estáveis em jovens a partir dos 18 anos, bem como com a realização do trabalho de campo piloto (descrito no item seguinte), que foi realizado com turmas de 7ª série do Ensino Fundamental e primeiro ano do Ensino Médio no ano de 2008. Acredito que a tese foi confirmada, mas para ela há uma exceção. José (16 anos),¹⁰ um dos meninos, que me concedeu entrevista, participando apenas da segunda parte da pesquisa, realizada no ano de 2010, disse, já no início, quando eu explicava a ele o tema da minha

¹⁰ Como forma de garantir o anonimato dos interlocutores, sempre foram utilizado pseudônimos.

pesquisa e sobre o que eu gostaria de conversar com ele: *já vou te avisando que eu não tenho nenhuma experiência nesse assunto*. Ele afirmou nunca ter *ficado* ou namorado com ninguém até o momento.

O trabalho de campo foi dividido em três momentos, que serão mais bem detalhados posteriormente: observação das aulas, realização de oficinas com grupos de alunos e realização de entrevistas individuais, também com os alunos. Foi possível contabilizar 17 interlocutores privilegiados, que participaram das oficinas, das entrevistas ou de ambas, sendo 11 do sexo feminino e seis do sexo masculino.

1.2.1 A Entrada em Campo

Além da familiaridade com o Colégio Rose Marie Muraro, já descrita no item anterior, há ainda um outro vínculo importante a ser destacado com a instituição, no momento da realização do trabalho de campo. Uma de minhas amigas, também ex-aluna do Colégio Rose Marie Muraro, que aqui denominarei Gabriela, atuou, nos anos de 2008 e 2009, como professora substituta junto ao Núcleo de Orientação Pedagógica e Educacional (NOPE), que congrega psicólogos e pedagogos. Os professores desse núcleo possuem um período de aula por semana, no Ensino Fundamental, além de serem também responsáveis pelo acompanhamento das turmas de Ensino Médio.

A preparação da entrada em campo teve início no ano de 2008, quando realizei quatro oficinas na escola, sendo duas delas com turmas de 7ª série do Ensino Fundamental, e duas delas com o primeiro ano do Ensino Médio. A escolha dessas turmas para esse campo piloto se deu devido ao fato de Gabriela ser a psicóloga responsável por elas. A noção trazida aqui de *campo piloto* assemelha-se à de “varredura”, descrita no estudo realizado por Maria Luiza Heilborn e outros (2006, p. 115). Assim foi denominada por esses pesquisadores a etapa inicial da pesquisa, na qual ocorreu a primeira aproximação com o campo. Nas turmas da 7ª série ela possuía um período de aula como integrante do NOPE. Já nas turmas do primeiro ano do Ensino Médio ela negociou com os professores a realização de uma atividade sobre relacionamentos afetivos. A realização dessas oficinas foi autorizada pela direção da escola.

Nessas oficinas do campo piloto utilizei a seguinte dinâmica: levei impressas descrições de comunidades do Orkut,¹¹ rede social da internet. As comunidades versavam sobre relacionamentos afetivos. Eu

¹¹ Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em 3 jul 2008.

distribuía os papéis com a descrição das comunidades aos alunos que desejavam ler o texto. A seguir, realizávamos a leitura de cada uma das descrições e a discussão da temática trazida por ela.

Inicialmente, de acordo com o que estava previsto no projeto de tese, qualificado em março de 2009, planejava reproduzir esse método no campo realizado no ano segundo semestre do mesmo ano. Dessa forma, utilizaria comunidades do Orkut como auxiliares nas oficinas. Já havia realizado um levantamento prévio das comunidades existentes sobre relacionamentos afetivos que pudessem ser utilizadas na pesquisa. Havia também dividido as comunidades em duas vertentes: uma ligada à noção de amor romântico e outra à noção de amor líquido. Como exemplo de uma comunidade ligada à noção de amor romântico, está a denominada de “Sou para casar!!!”,¹² cuja descrição é a seguinte: “Essa comunidade é para a galera do compromisso! Que curte namorar, não *fica* por *ficar*, quer mais do que noites e momentos. É do tipo PRA CASAR e se orgulha disso! Bons moços e boas moças!”¹³ Já como exemplo de uma comunidade ligada à noção de amor líquido, está a denominada de “Eu pego... mas não me apego!”,¹⁴ que conta com a seguinte descrição: “Esta comunidade é destinada a todos aqueles que gostam de uma boa aventura sem qualquer compromisso. Muita pegação para todos em 2009! Mais do que uma simples beijo, um estilo de vida!”¹⁵

¹² Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=543458>>. Acesso em 3 jul. 2008.

¹³ Outros exemplos de comunidades ligadas à noção de amor romântico são: “Eu sei que mereço um príncipe” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=22115697>>. Acesso em 3 jul. 2008), “O verdadeiro amor jamais acaba” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=9287347>>. Acesso em: 3 jul. 2008) e “O amor supera tudo” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=31385046>>. Acesso em 3 jul. 2008).

¹⁴ Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=428810>>. Acesso em: 3 jul. 2008.

¹⁵ Outros exemplos de comunidades ligadas à noção de amor líquido são: “O amor nos sorri muitas vezes!” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=30882545>>. Acesso em: 3 jul. 2008), “Cuide bem do seu amor” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2137551>>. Acesso em: 3 jul. 2008), “A fila anda” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=133742>>. Acesso em: 3 jul. 2008), “Esta princesinha é seletiva!” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=23701045>>. Acesso em: 3 jul. 2008), “Eu não penso em casar, e daí?” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=264543>>. Acesso em: 3 jul 2008) e “SPO – Solteiros por Opção” (Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1986813>>. Acesso em: 3 jul. 2008).

1.2.2 A Tramitação junto ao Comitê de Ética

A liberação da pesquisa no Colégio Rose Marie Muraro, contudo, demorou muito tempo. Inicialmente, precisei solicitar a autorização para a realização da pesquisa no Comitê de Ética da UFSC, o que ocorreu em março de 2009. No final de março o processo foi deferido. De posse dessa autorização, eu precisava, então, solicitar a autorização da pesquisa junto ao Comitê de Ética da universidade à qual a escola está vinculada, mesmo que já estivesse de posse da autorização concedida pela própria escola. Isso foi feito no início de abril. Meu projeto, contudo foi avaliado apenas na reunião do dia 14 de maio e somente na metade de junho soube que meu projeto havia sido “baixado em diligência” e que sua aprovação dependia de uma reunião do Comitê de Ética com a direção do Colégio Rose Marie Muraro. Até conseguir a informação do que estava ocorrendo com o andamento do meu projeto, foram muitos telefonemas, e-mails e idas até a sala do Comitê, de forma a que eu já me identificasse sempre como *aquela do projeto da UFSC*.

Soube do motivo do atraso e a necessidade de diligências junto à escola pela sua direção, que entrou em contato comigo solicitando a realização de uma reunião no dia 17 de junho à tarde. No mesmo dia, mas no horário da manhã, ocorreu a reunião do Comitê de Ética com a direção da escola. Fui solicitada, então, a prestar esclarecimentos em relação ao projeto, diante do que foi apontado pelo Comitê. De acordo com o que foi relatado pela direção, a principal preocupação dos integrantes do Comitê de Ética estava direcionada à questão da sexualidade. Eles teriam ficado *assustados* com o título do projeto, que era “Sou para casar” ou “pego, mas não me apego”, em referência às duas comunidades do Orkut, já citadas. A preocupação seria direcionada à possibilidade de, nas oficinas, alguns alunos se declararem *pegadores*, bem como à possibilidade de o comportamento desses *pegadores* influenciar o daqueles que não o são.

Além disso, foram mencionadas algumas questões legais. Foi levantada a hipótese de eu, a partir da pesquisa, ficar sabendo de algum caso envolvendo questões legais. Pelo que foi discutido na reunião na minha reunião com a direção, eles ficaram preocupados com a possibilidade de algum dos alunos, por exemplo, declarar namorar e/ou ter relações sexuais com alguém menor de 14 anos, já que, pelo Código Penal, isso seria crime (presunção de violência). Preocuparam-se, então, com a denúncia que deveria ser feita nesses casos e com o meu envolvimento nisso. Compreenderam que, se eu soubesse de algum caso

assim, teria a obrigação de denunciar, estendendo-se o mesmo ao Colégio.

De acordo com o Código Penal brasileiro (BRASIL, 2004a), presume-se a violência, nos crimes de estupro e atentado violento ao pudor quando a vítima é menor de 14 anos ou quando é “alienada” ou “débil mental”. Há uma célebre decisão do Supremo Tribunal Federal de mais de uma década atrás (BRASIL, 1996), na qual o ministro relator do processo afirmava que as meninas de 13 anos de hoje em dia não são as mesmas de 1940, época de promulgação do Código. Essa decisão afastou a presunção de violência, considerando as peculiaridades do caso, e serviu de base para diversas outras decisões judiciais. Quando fui estagiária da Promotoria da Infância e da Juventude, lembro do caso de um menino de 17 anos, atendido pela promotora de justiça que era minha chefe, que namorava uma menina de 13. Os pais dela haviam descoberto que eles já tinham mantido relações sexuais e o denunciaram por estupro. Ele foi chamado, juntamente com seus pais, para uma audiência com a promotora, que pediu o arquivamento do inquérito policial, por ter compreendido que eles eram namorados e que as relações eram consentidas (algo que era explicitamente mencionado nos depoimentos da menina).

Foi ainda questionado o uso do Orkut nas atividades da pesquisa. A direção da escola alegava que o *site* da internet era restrito a maiores de idade. Isso porque, para criar um perfil no Orkut, é preciso declarar ter mais de 18 anos. Sendo assim, embora eles tivessem consciência de que vários alunos ou até a maioria deles possuía um perfil no Orkut, alegaram não poderem ser coniventes com algo que seria *ilegal*. Como usuária do Orkut e ex-aluna do Colégio Rose Marie Muraro, já há alguns anos fazia parte da comunidade relacionada à escola e era amiga no Orkut daqueles que foram meus professores, inclusive dos professores que, no momento da pesquisa, estavam na direção e vice-direção da escola. Por esse motivo, sabendo que esses professores possuem perfil no Orkut e são amigos de alunos antigos e atuais do colégio, achei a argumentação deles acerca da conivência com a ilegalidade da utilização do Orkut por menores de dezoito anos no mínimo curiosa, já que em nenhum momento eles mencionaram que alertavam os alunos da escola para a não utilização da rede social em virtude de sua menoridade. A preocupação deles parecia ser sobretudo relacionada a aspectos legais pelos quais poderiam ser responsabilizados, seja pela Comitê de Ética da universidade ou mesmo pelos pais dos estudantes.

Apesar de não concordar com a objeção, diante desse impasse afirmei que utilizaria outros métodos nas oficinas que seriam realizadas com os alunos e abandonei o uso das comunidades do Orkut como material de apoio. Por esse motivo, as oficinas contaram com outro tipo de material (o mesmo utilizado nas oficinas que integraram o Projeto Papo Sério) para que fosse possível uma maior uniformização dos dados coletados em campo.

Após essa reunião, minha orientadora recebeu por e-mail as solicitações de modificação, que eram as seguintes:

- 1) Nos “Termos de Consentimento Livre e Esclarecido”, dirigidos aos professores e aos responsáveis pelos alunos, explicitação da intenção de averiguar as práticas dos jovens no que se refere à sexualidade, incluindo os temas da iniciação sexual e das homossexualidades. Além de mencionar esses temas mais claramente nos “Termos” seria importante indicar encaminhamentos e profissional qualificado para atendimento de possíveis problemas que sejam detectados durante as observações ou que venham a ocorrer durante as oficinas ou em decorrência da participação dos jovens nas mesmas, considerando o que está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente.
- 2) Nos “Termos de Consentimento Livre e Esclarecido” inclusão de garantia de confidencialidade dos dados e de privacidade das informações, além de telefone e e-mail da pesquisadora responsável pela pesquisa, assim como os dos Comitês de Ética em Pesquisa da UFRGS e da UFSC;
- 3) Detalhamento do conteúdo e das metodologias que serão empregadas nas oficinas;
- 4) Adequação do horário de oferta das oficinas em período inverso ao das aulas de forma que somente os voluntários que tenham interesse em participar das oficinas o façam e que sejam evitados constrangimentos entre os estudantes que não queiram participar da pesquisa ou que não sejam autorizados por seus responsáveis.
- 5) Revisão do cronograma, particularmente no que se refere ao período de início das observações participantes.

Minhas dúvidas diziam respeito sobretudo ao item 1. Não entendia a necessidade de inclusão dos temas da iniciação sexual e das homossexualidades no termo de consentimento, já que meu projeto não tinha por objeto esses temas. A referência a eles era feita apenas quando eu mencionava o projeto desenvolvido pelo NIGS, intitulado “Representações de iniciação sexual e homossexualidade em Escolas do Ensino Público de Santa Catarina/SC”, como uma referência metodológica. Por esse motivo, solicitei uma reunião de esclarecimentos com a presidência do Comitê de Ética, pois queria compreender melhor o que era tido como problemático no meu projeto e garantir a sua aprovação e, por conseguinte, a realização da pesquisa de campo na escola.

A reunião com a presidência do Comitê ocorreu no dia 3 de julho de 2009. A presidente recebeu-me e lamentou que seu vice não estivesse presente, por motivo de viagem, já que foi ele, e não ela, quem estava presente na reunião de avaliação do meu projeto. Ouvindo minhas explicações ela disse que o item 1 do pedido de modificações estaria *confuso* e que, considerou que talvez os professores presentes na reunião de avaliação tenham *exagerado um pouco* quando fizeram menção ao Estatuto da Criança e do Adolescente.

A professora disse que a preocupação de seus colegas era sobretudo com a possibilidade de ocorrência de discriminações entre os alunos. Ela mencionou que algum aluno poderia afirmar, por exemplo, que nunca beijou ou que nunca ficou nessas oficinas e que, diante disso, os colegas poderiam fazer gozações relacionadas a esse aluno, afirmando, por exemplo, que ele é *gay*. O mesmo poderia ocorrer em relação a quem *fica* com muitas pessoas e a quem não *fica* com ninguém. Ela afirmou que eles gostariam de saber como eu lidaria com os estudantes nesses casos. Afirmou que eles ficaram com medo de que, por exemplo, após a atividade, algum aluno não quisesse mais ir às aulas em virtude de alguma discriminação sofrida por parte dos colegas no decorrer da participação nas oficinas.

Eu disse a ela que possuía experiência com esse tipo de atividade, em virtude da minha participação em oficinas e projetos do NIGS e que sempre falávamos em diversidade e respeito às diferenças nessas ocasiões. Contudo, achei interessante que os avaliadores pensassem que atitudes discriminatórias relativas às diferenças fossem desencadeadas pelas minhas oficinas. É como se, para eles, os jovens nunca falassem dessas questões (sobre quem ficou, quem *pega* mais e quem *pega* menos, por exemplo) e como se isso fosse ocorrer pela primeira vez

nessa atividade. Tive a impressão de que, na reunião com a direção do Colégio Rose Marie Muraro, a preocupação maior era a de que os temas da oficina, ou mesmo o relato de algum participante (especialmente se for um *pegador*), pudesse influenciar os demais (sobretudo aqueles que *não pegam* ou que *não pegam muito*), enquanto que na reunião com a presidente do Comitê de Ética, a preocupação maior seria com uma possível discriminação sofrida por alguns alunos. Fiquei na dúvida, contudo, sobre o real conteúdo da discussão de avaliação do meu trabalho pelos membros do Comitê, já que a presidente, por estar viajando na data, não havia participado dessa sessão.

Por fim, a presidente lembrou que também foi mencionada por seu vice a questão da violência. Ela disse: *se, por exemplo, uma menina de 15 namora um menino de 20 anos, isso, pela lei não pode*. Eu respondi que talvez eles tivessem falado da presunção de violência e expliquei que ela se aplicava a menores de 14 anos. Também expliquei que, legalmente, não há menção à diferença de idade entre os que se relacionam sexualmente (não haveria problemas, por exemplo, num casal composto por uma menina de 15 anos e um homem de 30).

Nesse caso, fiquei abismada com o desconhecimento dos membros do Comitê em relação a questões envolvendo violência sexual contra crianças e adolescentes, já que provavelmente avaliam diversos projetos de pesquisa que os têm como sujeitos de pesquisa. Era notável uma confusão entre aquilo que, no entender desses professores, é moralmente reprovável (uma menina de 15 anos que namora um menino de 20 anos, de acordo com o exemplo dado pela própria presidente) e a definição legal de estupro presumido, que seria aquele praticado contra menores de 14 anos, segundo o Código Penal. Nesses casos, a violência seria presumida e a ocorrência de relações sexuais seria considerada estupro, já que haveria o entendimento de que menores de 14 anos não teriam o discernimento necessário para dar seu consentimento relativo a práticas sexuais.

Apesar de tudo o que foi descrito, as reuniões tanto com a direção da escola, quanto com a presidente do Comitê de Ética foram muito proveitosas, permitindo que eu compreendesse que tipo de modificação eu deveria realizar para que meu projeto fosse aprovado e, assim, eu pudesse realizar minha pesquisa de campo no local. Após as modificações, enviei novamente o projeto para o Comitê, que o aprovou no final de julho de 2009. Sendo assim, eu poderia iniciar minhas atividades no mês de agosto. Em virtude da epidemia de gripe H1N1, contudo, o início das aulas foi adiado em duas semanas. Dessa forma, só no mês de agosto finalmente pude dar início ao meu trabalho de campo.

1.2.3 A Observação das Aulas

A observação das aulas foi realizada nos meses de agosto e setembro de 2009. Havia três turmas de segundo ano do ensino médio. Inicialmente, pretendia assistir às aulas de todas as disciplinas possíveis, fazendo um revezamento entre as três turmas. No entanto, logo nos primeiros dias, percebi que as aulas da área de Humanas seriam mais proveitosas, pois nelas os alunos participavam mais, manifestando suas opiniões. Além disso, diversos temas discutidos, tais como gênero, aborto e racismo poderiam ser úteis para compreender o que esses jovens pensavam. Essa modalidade de observação das aulas é baseada na pesquisa “Representações de iniciação sexual e homossexualidades em escolas do ensino público em Santa Catarina” (GROSSI; CARDOZO; FERNANDES, 2011), realizada pelo NIGS.

As três turmas congregavam cerca de 90 alunos no total (cerca de 30 alunos em cada uma). Num primeiro momento, observava os alunos nas aulas, tentando escutar o que falavam em conversas paralelas com seus colegas e quais opiniões manifestavam nas discussões coletivas. Após cerca de duas semanas, já sabia os nomes de alguns deles, o que facilitava as anotações no diário de campo, permitindo compreender melhor quem era quem.

Na observação das aulas, um fato curioso aconteceu. Embora inicialmente tenha me disposto a observar as aulas das três turmas, uma das turmas não foi muito receptiva à minha presença. Enquanto nas outras duas turmas alguns estudantes já haviam me perguntado quem eu era e o que estava fazendo ali, me cumprimentavam nos corredores e até sabiam meu nome, na turma mencionada eu era ignorada. Na única vez em que uma aluna se dirigiu a mim foi para pedir que eu trocasse de lugar com ela, pois ela queria sentar mais próximo das amigas. Minha presença não só parecia ser irrelevante, como inclusive desconfortável. Sendo assim, diante da ausência de abertura dessa turma e do pouco tempo disponível para a observação das aulas, que deveria se encerrar em setembro, devido à realização do doutorado sanduíche em Paris, previsto para começar em outubro, decidi privilegiar as outras duas turmas.

Tal decisão foi tomada tendo por base a noção de observação participante, na qual “o pesquisador assume um papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo a não impedir a necessária interação” (OLIVEIRA, 2000, p. 6).

No mesmo sentido, Nestor Osvaldo Perlongher (1987) expõe que observações livres exigem, portanto, um grau considerável de interação e integração com o grupo estudado. Procurei realizar essa integração também a partir do que eu poderia aprender com esses jovens, para além da temática pesquisada. Na primeira oficina, ouvindo as alunas falarem sobre o Twitter, rede social na internet que eu já conhecia, mas que não sabia operar, comentei que gostaria que elas me ensinassem a usá-la. Uma das alunas presentes na oficina, em um momento posterior, ensinou-me o passo a passo da inscrição e da manipulação do Twitter, o que ocorreu por meio de uma conversa no MSN.

Em relação à observação das aulas, cabe citar o modo pelo qual fui acolhida pelos alunos. Na maioria das aulas, não me foi dada pelos professores a chance de me apresentar e dizer o que estava fazendo ali, fato que provavelmente está relacionado à frequente presença de estagiários de docência de diferentes licenciaturas, que primeiramente realizam uma observação das aulas. Além disso, em função de minha idade, demonstrada em minha aparência, ainda que minhas roupas fossem muito semelhantes às dos alunos (mas também às dos professores), fui denominada de *sora*. *Sora* é o diminutivo de professora. Para Hélio R. S. Silva (2009, p. 177), a acolhida do etnógrafo “corresponde à imagem que o intruso projeta” e “o campo é também um território demarcado, com limites que impõem múltiplos significados aos percursos trilhados ou possíveis e muitas fronteiras, zonas de transição, ambiguidade”. Fui chamada de *sora* o tempo todo, durante as aulas ou nas oficinas, mesmo quando os alunos já sabiam que eu não era *sora*, mas pesquisadora. O fato de ser mais velha do que eles, de possuir uma idade semelhante ou mesmo superior à de alguns de seus professores (grande parte dos professores com os quais tive contato possuía entre 22 e 30 anos) e de não ser aluna caracterizou-me como *sora*.

Cabe citar aqui um fato no qual eu fui efetivamente colocada na situação de professora, quando assistia a uma das aulas. Nesse dia, a professora da disciplina aplicou uma prova no último dos dois períodos de aula que tinha com aquela turma. Ela ainda me avisou que no segundo período a avaliação dos alunos seria realizada e que, se eu quisesse, poderia sair da sala. Quando solicitava a autorização dos professores para assistir às suas aulas, sempre deixava claro que poderia, a critério deles, me ausentar nos dias de prova ou em qualquer outra situação na qual eles sentissem que minha presença era inoportuna. No entanto, nesse dia a professora solicitou que eu *cuidasse* dos alunos durante alguns minutos, enquanto ela se ausentasse da sala. Entendi que

não poderia negar esse favor, mas o fato de estar presente na aplicação da prova, na frente da sala, de pé e ainda *cuidando* para que os alunos não *colassem*, colocou-me numa situação real de autoridade em relação a eles.

A questão da diferença de idade entre mim e meus interlocutores pode ser pensada aqui a partir do relatado por Flávia Pires (2007) na sua pesquisa etnográfica com crianças. A autora refere que não tinha a pretensão de ser vista como uma igual pelas crianças, mas sim como uma adulta diferente, o que faria com que a diferença etária não fosse um empecilho para o estabelecimento da relação. Um fato exemplificativo dessa tentativa de ser uma adulta diferente pode ser descrito numa tentativa de aproximação de um grupo de meninos que conversavam enquanto esperavam tocar o sinal que determinaria o final da aula. Percebendo que eles falavam sobre *video game*, perguntei qual aparelho eles possuíam. Sendo assim, iniciei uma conversa sobre jogos de corrida de carros. Percebendo que eu tinha algum conhecimento sobre o assunto, um deles se surpreendeu: *bá, sora! Tu joga video game?*

Essa primeira etapa de observação permitiu o que é denominado por Roberto da Matta (1981, p. 157) de “transformar o exótico no familiar” e “transformar o familiar em exótico”. O mais simples pareceu ser transformar o familiar em exótico. Realizando a pesquisa de campo no mesmo local em que estudei, parecia que esse seria o tempo todo o exercício. No entanto, foi a transformação do exótico no familiar que demandou um maior esforço. Eu entendia que, para compreender as práticas afetivas daqueles jovens, precisava me fazer compreensível e tentar me distanciar da imagem de *sora*. Acredito que o fato de ter estudado no mesmo local, assim como a conexão à internet por meio do Orkut e do MSN,¹⁶ além do conhecimento de programas televisivos assistidos por eles, como o Pânico na TV,¹⁷ possibilitaram que esses jovens pudessem enxergar valores compartilhados entre nós. Além disso, busquei essas conexões nas minhas próprias práticas envolvendo internet e televisão, tentando verificar o que eu fazia que também era efetuado pelos meus interlocutores, tornando-me de alguma forma familiar a eles.

¹⁶ O MSN trata-se de um aplicativo da internet de mensagens instantâneas. Por meio dele, é possível trocar mensagens escritas ou de voz com pessoas previamente adicionadas a uma lista de contatos pessoal.

¹⁷ O programa Pânico na TV é exibido nos domingos à noite na RedeTV, canal de televisão aberta. Originado de um programa de rádio da Jovem Pan, trata-se de um programa de humor escrachado, no qual seus integrantes realizam brincadeiras com eles próprios, entrevistas debochadas de artistas e imitações de pessoas famosas.

Além disso, o estranhamento também se impôs pelo não conhecimento de nenhum dos professores cujas aulas foram assistidas. As aulas também mostraram-se muito diferentes, em virtude de uma outra postura dos alunos. Chamou-me a atenção a disputa cotidianamente necessária dos professores com MP3, câmeras digitais e celulares, por exemplo. Quando via isso pensava como era possível que os alunos conseguissem se concentrar nas atividades escolares em meio a essa parafernália eletrônica. Logo percebi, contudo, que isso era de fato possível e que diversas vezes esses jovens realizavam as tarefas propostas pelo professor, apesar de estarem ouvindo música ou verificando mensagens em seus celulares. Procurando familiarizar aquilo que é estranho, é possível pensar que essa prática dos jovens não é muito diferente da prática cotidiana de diversos trabalhos que eu ou vários outros adultos realizamos, quando checamos e-mails, falamos ao telefone e conversamos com colegas enquanto realizamos alguma atividade que exija concentração.

Em relação ao fato de ouvir música, notei que a maioria dos professores sequer solicitava ou ordenava que os alunos parassem de ouvir seus MP3s durante as aulas. Ademais, foi marcante também a relação que era estabelecida entre alunos e professores. A hierarquia parecia estar representada apenas pelo fato de o professor estar de pé, na frente da sala e ser o gerenciador das atividades de aula. Essa hierarquia era frequentemente questionada e ignorada.

Apesar desse questionamento da hierarquia do professor, percebi uma carga de afetividade dos alunos em relação aos professores que não fez parte da minha experiência escolar. Se os professores não são tão distantes em termos hierárquicos, podem se tornar também próximos em termos afetivos. Esse afeto é expresso pela saudade que os alunos diziam sentir dos professores durante as férias e pelos elogios que faziam à sua aparência, por exemplo. O afeto era ainda corporal. Beijos e abraços entre alunos e professores me pareceram corriqueiros, pois eram cotidianamente presenciados por mim nos corredores. Embora esse afeto presenciado entre alunos e professores não seja totalmente condizendo com as práticas afetivas dos jovens que pesquisei, certamente há uma conexão entre eles. Talvez essas manifestações direcionadas aos professores demonstrem uma maior liberdade para expressar o afeto, o que traz consequências também para a prática do afeto entre esses jovens.

As observações das aulas foram registradas em diários de campo, redigidos em um caderno e posteriormente digitados no computador. Procurei seguir, nesse sentido, o que foi postulado por Marcel Mauss

(1993), segundo o qual é necessária a realização de um diário de viagem, no qual serão anotadas todas as noites o trabalho realizado durante o dia. Em virtude da quantidade de informações, e também para ser capaz de distinguir quem dizia ou fazia o quê (sobretudo no momento inicial, quando eu ainda estava conhecendo os jovens), não me sentia apta a registrar as informações apenas em casa. O registro era feito durante as aulas. Tal fato era interessante, pois, sentada numa classe no meio dos alunos (buscava mudar de lugar a cada aula, de forma a observar mais de perto diferentes pessoas a cada vez), assim como eles, eu também tomava nota, ainda que não sobre o conteúdo da aula. O estranhamento dos alunos em relação ao que eu estava fazendo ali e também ao fato de estar anotando algo que eles não sabiam o que era, levou à indagação de um menino: *o que que tu tanto anota aí, hein?*

1.2.4 As Oficinas

Além da observação das aulas, realizei oficinas com grupos de alunos. Optei por marcá-las apenas para o mês de setembro, pois entendia que seria melhor conhecer mais os alunos e também ser conhecida por eles para que a atividade fosse proveitosa. Eu entendia que era necessário, para que essa experiência fosse bem sucedida, que os jovens me conhecessem há mais tempo e tivessem mais confiança em mim, sentindo-se à vontade para falar de assuntos íntimos, como os referentes a seus relacionamentos.

Além disso, as oficinas, por determinação do Comitê de Ética da instituição pública à qual pertence a escola, deveriam ser realizadas em horário inverso ao das aulas e apenas com os voluntários. Sendo assim, eu precisava também convencer os alunos a participarem das oficinas. Sem ter tido a chance de me apresentar durante as aulas ou de falar sobre minha pesquisa, eu precisava mostrar a eles que, além de contribuírem com a minha coleta de dados, a atividade poderia ser interessante e até divertida. Para convidar os alunos a participar das oficinas, pedi aos professores que pudesse falar sobre a atividade. Nesse momento também distribuí os termos de consentimento, que deveriam ser assinados por um dos responsáveis, nos casos dos menores de dezoito anos. O termo de consentimento livre e esclarecido é um requisito para a realização de pesquisa com seres humanos. Esse documento deve conter informações sobre a justificativa, os objetivos e os riscos envolvidos na pesquisa. No caso dos menores de dezoito anos, considerados parcialmente incapazes pelo Código Civil brasileiro

(BRASIL, 2004b), esse termo deve ser assinado por um dos genitores ou pelo responsável legal.

Foram realizadas quatro oficinas, uma a cada semana, sempre no mesmo dia da semana e à tarde. A primeira oficina era destinada apenas às meninas, a segunda, apenas aos meninos, e as duas últimas eram mistas. A oficina destinada apenas às meninas e a oficina destinada apenas aos meninos contou com a mesma dinâmica. Levei reportagens impressas retiradas de sites de revistas para adolescentes e perguntas respondidas por profissionais no site Uol Teen Sexo. As reportagens tratavam de temas como “*ficar*”, “meninas galinhas”, “fidelidade no namoro” e “amor à primeira vista”. Na primeira oficina compareceram três meninas. Na segunda oficina compareceu apenas um menino. Diante desse fato, considero que, nessa segunda oficina, foi na realidade realizada uma entrevista, sendo que a pauta era a discussão do mesmo material utilizado na oficina destinada apenas às meninas.

Embora já estivesse preocupada com a pouca adesão na primeira oficina, foi o fato de ter comparecido apenas um menino à segunda oficina que me deixou mais chocada, pensando que, se continuasse com esse baixo número de participantes, isso prejudicaria o levantamento de dados. Lembro, contudo, que já tinha sido alertada sobre um eventual problema em relação a isso pelo professor de Filosofia. Ele havia perguntado, quando conversávamos sobre minha pesquisa, sobre o número de alunos que eu esperava para cada oficina. Eu respondi que pensava em cerca de dez alunos e ele riu, dizendo que se eu tivesse quatro ou cinco já seria muito, pois os alunos eram muito resistentes à participação em atividades em horário extra-curricular, pois, devido à sua intensa carga horária (aulas todas as manhãs e também dois dias por semana à tarde, no caso do 2º ano do Ensino Médio), já permaneciam muito tempo na escola.

Concordo com o professor nesse ponto. Acredito que a baixa adesão dos alunos às oficinas deve-se ao fato de que as oficinas foram realizadas em horário inverso ao das aulas. Sendo assim, os alunos precisavam almoçar na escola e ficar durante a tarde no local apenas em virtude da realização da minha oficina. Os alunos reclamaram para mim do fato de ser necessário ficar ainda mais um dia na escola para a oficina. Vários pediram para que a atividade fosse realizada no horário das aulas e eu expliquei que isso não seria possível, pois ela era destinada apenas aos alunos que quisessem participar.

Em relação à adesão ter sido ainda mais baixa na oficina destinada apenas aos meninos, questionei se isso poderia ter relação com o fato de eu ser mulher. Meu sexo biológico poderia gerar um

constrangimento por parte dos meninos para tratar dessa temática? No entanto, em virtude dos temas tratados dizerem respeito a questões íntimas, verifiquei, em comparação com as oficinas mistas, nas quais havia uma maior quantidade de meninos presentes, que poderia haver uma diferença entre o que era dito pelos meninos quando eles estavam apenas comigo e quando eles estavam num grupo de amigos ou colegas.

O menino que foi o único a comparecer na oficina destinada apenas aos meninos, motivo pelo qual na oportunidade foi realizada uma entrevista, também esteve presente na última oficina mista. Percebi que seus dizeres sobre sua preferência a namorar do que a *ficar*, tão presentes na oficina realizada individualmente eram diferentes do que ele expressava diante de seus amigos. Tal fato pode ser explicado à luz do que propõe Daniel Welzer-Lang (2001) sobre a negação, pelos homens, de aspectos que possam ser relacionados à feminilidade. Preferir namorar a *ficar* pode ser tido como um desses aspectos, já que nas oficinas nas quais os meninos eram maioria, a noção de *pegar* era muito mais frequente, assim como o *namoro* era tratado muitas vezes como uma relação não tão proveitosa, devido à perda de liberdade. Isso porque aquela pessoa que se *pega* é tida como descartável e como alguém sem importância, por quem não se nutre afeto, estando presente na relação apenas a atração sexual.

Além disso, é preciso aqui também pensar a subjetividade a partir do gênero, conforme propõe Grossi (1992). Esse mesmo aluno havia referido, durante a realização da oficina que, sobre questões sentimentais, os meninos conversavam mais com meninas. Dessa forma, percebi que o fato de ser mulher foi importante para que um menino se sentisse à vontade para falar dos temas relacionados à pesquisa comigo.

Posteriormente à realização das duas primeiras oficinas, decidi divulgar a temática, o dia, o horário e o local das atividades por meio de pequenos bilhetes impressos. Eles continham uma figura, na qual dois adolescentes se beijavam. Com o *layout* do bilhete de divulgação, tentei tornar atrativa a atividade aos estudantes. Acredito que a divulgação mais pessoal, por meio de convites expressos aos estudantes que interagiam mais comigo surtiu efeito, já que nas duas últimas oficinas houve um número maior de adeptos. Numa dessas divulgações pessoais, disse ao aluno que tinha sido eleito rei do colégio num concurso de beleza há poucos dias que *eu me sentiria muito honrada se o rei do colégio estivesse presente nas minhas oficinas*. Também sugeri que ele levasse *seus súditos*.

Compareceram cinco alunos na primeira oficina mista (duas meninas e três meninos) e nove alunos na segunda (quatro meninas e

cinco meninos). A terceira e a quarta oficinas foram realizadas em dois horários diferentes: das 13h30min às 15h e das 15h às 16h30min. Propus esses dois horários porque vários alunos disseram que possuíam atividades de reforço da disciplina de Matemática e que, por esse motivo, não podiam comparecer à atividade.

Na terceira oficina, compareceu, no primeiro horário, apenas uma menina (tendo sido realizada com ela uma entrevista) e, no segundo horário, uma menina e três meninos. Nesse dia, exibi um trecho do seriado “Anos Rebeldes” (BRAGA, 1992) e um trecho do filme “Meu tio matou um cara” (FURTADO, 2004) e utilizei a metodologia também aplicada nas oficinas do projeto Papo Sério realizadas no ano de 2010, já descritas anteriormente.

Na última oficina também compareceu, no primeiro horário, apenas uma menina (mas não a mesma que havia participado sozinha da oficina anterior). Como ela já havia mencionado na primeira oficina, a dirigida apenas às meninas, que possuía um caderno no qual contabilizava as pessoas com quem já tinha *ficado*, e havia levado esse caderno no dia para mostrar para mim, decidi conversar com ela sobre esse tema, pedindo que me mostrasse o caderno e me contasse as histórias envolvendo essas *ficadas*.

No segundo horário, compareceram três meninas e cinco meninos. Para essa última oficina, reservei uma sala de informática da escola. Não havia computadores disponíveis para todos, então pedi que trabalhassem em duplas, sendo que quem desejasse poderia ficar sozinho. Então solicitei que eles buscassem, com o auxílio do computador e da internet, se assim desejassem, imagens, músicas, comunidades do Orkut ou qualquer outra forma de representar três palavras: *ficar*, *namorar* e *amor*. Eles deveriam buscar uma forma de representação para cada uma das palavras e enviar para mim por e-mail o que encontraram. Foram recorrentes, nas representações sobre o *ficar*, fotos com beijos entre um casal e mesmo com um conteúdo mais sexual, ou seja, nas quais os indivíduos estavam parcialmente despidos e trocando carícias mais íntimas.

No caso do *namoro*, também fotos de casais, mas que apareciam de forma mais afetuosa, como naquela em que apareciam andando de mãos dadas na praia, por exemplo. Na representação sobre *amor*, chamaram a atenção sobretudo as referências ao *casamento* e também à eternidade do relacionamento, a partir da foto de um casal de idosos. Num segundo momento, pedi que eles compartilhassem com o grupo o que tinham buscado e conversamos sobre as temáticas de forma mais

livre, a partir dos elementos que os alunos trouxeram sobre *ficar*, namorar e amor.

1.2.5 As Entrevistas

Por fim, após a realização do doutorado sanduíche, que ocorreu de outubro de 2009 a janeiro de 2010, efetuei entrevistas com alunos que já tinham participado das oficinas ou que tinham manifestado interesse nelas, mas não puderam participar em virtude do dia e do horário ofertados. Como não estava mais assistindo às aulas e iria na escola apenas para a realização dessas entrevistas, precisava efetuar o contato com os alunos de outra forma, que não a presencial. Sendo assim, optei por fazer isso pelo Orkut. Enquanto estive na escola no ano de 2009, tornei-me *amiga no Orkut* de diversos alunos. Em alguns casos, eu os adicionava e, em outros, eles é que pediam para serem meus amigos na rede social. Dessa forma, pude também me manter conectada com eles, mesmo quando estava fora do país. Isso ficou claro quando retornei à escola para realizar as entrevistas, e vários dos estudantes comentaram ter visto minhas fotos e perguntaram sobre a viagem. Tanto a consulta quanto ao interesse de participar da entrevista, quanto o dia e o horário de sua realização foram marcados pelo Orkut.

As entrevistas foram realizadas individualmente, no horário das aulas, com a liberação dos professores para a sua realização. A duração de cada uma delas foi de aproximadamente trinta minutos, o que foi solicitado pelos próprios professores, para que os alunos não ficassem muito tempo fora da sala de aula. As entrevistas, semi-estruturadas, contiveram perguntas sobre *pegar*, *ficar*, *namoro*, conjugalidade e amor. A maioria das falas dos interlocutores que aparece neste trabalho foram geradas dessas entrevistas. Ressalta-se a que se trata de uma opção metodológica, em virtude da profundidade dessas entrevistas, que se tornaram centrais para exemplificar o que foi escutado também de outros interlocutores.

Todos os temas surgiram tanto nas oficinas realizadas dentro do Projeto Papo Sério quanto nas realizadas na própria escola. Participaram das entrevistas 13 alunos, sendo nove meninas e quatro meninos. Foram feitos os seguintes questionamentos: sobre a diferença existente entre *pegar* e *ficar*, sobre quem deve tomar a iniciativa de *pegar* ou *ficar* (se meninos ou meninas), sobre *ficar* com alguém do mesmo sexo, sobre o significado do *namoro* e da *fidelidade*, sobre o desejo de viver em conjugalidade, sobre os requisitos para tanto e sobre a diferença entre *casar* e *morar junto*.

1.2.6 Os Interlocutores

Passo agora a descrever cada um dos interlocutores do Colégio Rose Marie Muraro. Saliento que, como forma de resguardar o anonimato dos participantes da pesquisa, optei pelo uso de pseudônimos. No entanto, a maioria desses nomes fictícios foi escolhido pelos estudantes. A ideia da escolha do seu próprio pseudônimo partiu de um dos alunos. Eles diziam que queriam ter a possibilidade de se reconhecer no texto da tese. Além disso, essa forma de garantia do anonimato é respaldada também por Sonia Kramer (2002), quando a autora trabalha com pesquisas com crianças. A maioria dos alunos decidiu escolher seu próprio pseudônimo. Os demais afirmaram que eu mesma poderia decidir qual seria o nome fictício utilizado. Os dados relatados abaixo foram objeto de um questionário respondido pelos alunos no momento de sua primeira participação nas atividades da pesquisa. O instrumento aplicado foi baseado no modelo presente nas pesquisas “Representações de iniciação sexual e homossexualidades em escolas do ensino público de Santa Catarina” (GROSSI; CARDOZO; FERNANDES, 2011) e “Ensino religioso e gênero em Santa Catarina” (DICKIE; GROSSI; WELTER, 2011) e objetiva auferir dados etários, familiares, residenciais e relativos a emprego, bem como dados específicos relacionados às práticas afetivas e representações sobre conjugalidade.

Começemos pelas meninas. Isabela participou da oficina só para meninas, na última oficina mista e me concedeu entrevista. Tem 16 anos e mora com seus pais e um irmão, de 12 anos. Sua mãe possui ensino superior completo em pedagogia. Já seu pai possui ensino fundamental completo e trabalha como coordenador de uma loja de vidros para automóveis. Ela mora no bairro Florença, em Viamão, afirma ser espírita e não trabalha. Após terminar o Ensino Médio, pretende fazer cursinho pré-vestibular, para então cursar Medicina. No que tange aos relacionamentos afetivos, já *ficou* e atualmente *fica* com alguém. No futuro, pretende namorar e *morar junto*. Pensa que a idade ideal para *morar junto* seria após os 23 anos. Quer ter três filhos, o que gostaria que ocorresse entre os 23 e os 29 anos.

Ana Carolina participou apenas das entrevistas ocorridas em 2010. Ela tem 16 anos e mora com seus pais e suas irmãs, de 26 e 28 anos. Sua mãe é professora e possui pós-graduação. Seu pai completou ensino médio completo e é corretor de imóveis. Ela reside no bairro Bela Vista, em Porto Alegre, diz não possuir religião. A aluna não

trabalha e pretende ingressar no mercado de trabalho após terminar o colégio, bem como cursar a faculdade de Jornalismo. No passado, ela já ficou e *namorou* (pelo período de 6 meses). Atualmente ela *fica* com alguém. Perguntada sobre o que buscará nos seus relacionamentos afetivos futuros, diz: *não me atrevo a pretender isso*. No entanto, ela afirma desejar ter dois filhos, mas acredita que não há uma idade ideal para *casar* ou *morar junto*, ou mesmo para ter filhos.

Sofia tem 17 anos. Ela participou da oficina destinada apenas às meninas e me concedeu uma entrevista. Ela é filha única e mora com seus pais. Sua mãe é atendente de nutrição de um hospital e seu pai é contador do estoque de uma grande rede de lojas de eletrodomésticos e eletrônicos. Ambos possuem ensino médio completo. A família reside no bairro Agronomia, em Porto Alegre. Em relação à religião, ela se afirma como *sujeita indeterminada*. Ela trabalha em média 15 horas por semana em uma loja de roupas, na qual atua como uma espécie de secretária da dona. Após terminar o ensino médio, pretende trabalhar e fazer faculdade de Medicina Veterinária. Ela já *ficou* e já *namorou* (de 3 a 4 meses) e atualmente afirma *ficar sério* ou ter um *rolô* com alguém. No futuro, pretende ficar solteira e *ficar* ou ter *rolôs*, além de também ter o desejo de namorar. Ela acha que não há idade certa para *casar* ou *morar junto*, mas pensa que só se deve ter filhos *depois de uma vida social formada*, o que ocorreria, a seu ver, *depois dos 30 talvez*. Pretende ter 2 filhos.

Laura participou apenas da entrevista. Ela tem 17 anos e mora com a mãe, a tia, a bisavó, o irmão de 11 anos e empregadas. Seus pais, que estão separados, são funcionários públicos. A mãe possui ensino superior incompleto e o pai, ensino superior completo. Ela mora no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, não possui religião e não trabalha. Após terminar a escola, quer trabalhar e fazer faculdade de Engenharia (Civil ou Elétrica) ou Arquitetura. Ela já *ficou* e *namorou* durante 2 ou 3 anos e atualmente *fica sério* ou tem um *rolô*. No futuro, pretende *casar* e ter no mínimo 2 filhos, mas apenas *se [...] tiver condições*. Não pensa que exista uma idade ideal, contudo, para tudo isso ocorrer.

Thaíse também participou apenas da entrevista. Ela tem 16 anos e mora com a mãe e o irmão de 23 anos. Seus pais são separados. Tem também uma irmã, por parte de pai, de 13 anos. Sua mãe possui ensino superior completo e é professora. Já seu pai possui ensino fundamental completo. Ele já foi dono de restaurante, mas atualmente não trabalha. Ela reside no bairro Santo Antônio, em Porto Alegre e diz não ter religião. Ela não trabalha, mas pretende fazer isso após terminar os

estudos, assim como cursar Serviço Social. Ela já *ficou* e atualmente *fica* com alguém. Futuramente, pretende *casar* (*depois de se tornar independente*) e ter dois filhos (*quando puder sustentá-los*).

Michele participou apenas da última oficina mista. Ela tem 18 anos e mora com seus pais, seu irmão de 8 anos e duas avós. Seus pais são professores, sendo que a mãe possui pós-graduação e o pai possui ensino superior completo. Eles moram no bairro Ipanema, em Porto Alegre. Ela não tem religião, não trabalha e pretende fazer faculdade após o colégio. Já *ficou* e *namorou* (por três anos) e, atualmente, namora há um ano. No que se refere a relacionamentos afetivos futuros, diz que quer *deixar rolar, o que acontecer aconteceu*, mas acha que, para *casar* ou *morar junto*, é preciso ter *a idade em que tiver condições de se sustentar sozinho e ter grandes responsabilidades*. Quer ter dois filhos, sendo um adotado e pensa que isso deve ocorrer *quando o corpo, a mente e o bolso estiverem prontos para cuidar de um filho*.

Natália participou da última oficina mista e me concedeu entrevista. Ela tem 16 anos, é filha única e mora com seus pais, no bairro Camaquã, em Porto Alegre. Sua mãe é economista, e possui ensino superior completo, e seu pai é agente de viagens, e possui ensino superior incompleto. Ela é católica e não trabalha. Após o colégio, pretende trabalhar e fazer faculdade de Jornalismo, mas apenas por um semestre, já que quer trancar o curso e morar nos Estados Unidos. Ela já *ficou* e atualmente *fica* com alguém. No futuro, pretende *casar*, o que idealmente aconteceria *a partir dos 22, porque eu acho que estamos mais maduros* e quer ter dois filhos gêmeos, o que deveria ocorrer apenas após os 25 anos.

Rebeca participou apenas da entrevista. Ela tem 17 anos e mora com seus pais, que possuem ensino superior completo, e seu irmão, que tem 24 anos. Sua mãe é dona de casa e seu pai é analista de sistemas. A família vive no bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Ela é judia e não trabalha. Pretende fazer faculdade de Psicologia após o colégio. Ela já *ficou* e atualmente *fica* com alguém. No futuro, quer *casar* e ter dois filhos, mas não acha que exista uma idade ideal para isso.

Ana Clara também participou apenas da entrevista. Ela tem 17 anos e mora com seus pais e uma avó no bairro Fião, em São Leopoldo. Seus pais possuem ensino superior incompleto e ambos são técnicos em radiologia. Em relação à religião, ela se define como católica e espírita. Ela não trabalha e, após terminar os estudos no colégio, quer fazer faculdade de Enfermagem. Já *ficou* e *namorou* durante três anos e atualmente *fica sério* ou tem um *rolô*. No futuro, ela pretende namorar. Acha que a idade ideal para *casar* ou *morar junto* é a de *mais ou menos*

27 anos e quer ter dois filhos, o que espera que ocorra quando estiver *estabilizada financeiramente*.

Nádia participou apenas da primeira oficina mista. Ela tem 18 anos e mora com seus pais e um irmão de cinco anos no bairro Agronomia, em Porto Alegre. Sua mãe possui o ensino fundamental completo e é auxiliar de serviços gerais e seu pai possui ensino médio completo e é funcionário de uma biblioteca. Ela é católica e não trabalha. Após o colégio, pretende trabalhar e fazer faculdade. Ela já *ficou* e já *namorou* durante nove meses e atualmente *fica sério* ou tem um *rolo*. No futuro, pretende namorar e quer ter dois filhos. Pensa que a idade ideal para *casar* ou *morar junto* é aos 26 anos e que a idade ideal para ter filhos é aos 28 anos.

Natasha foi a única interlocutora que participou de todas as atividades (oficina só para meninas, duas oficinas mistas e entrevista). Ela tem 16 anos e mora com seus pais e três irmãos, que possuem 23, 25 e 30 anos, no bairro Petrópolis, em Porto Alegre. Sua mãe, professora, possui pós-graduação incompleta. Já seu pai, que trabalha com restauração e venda de livros, possui ensino superior incompleto. Ela é católica e atua como bolsista de uma pesquisa (fora da escola), durante quatro horas por semana. Pretende trabalhar e fazer faculdade de Design Visual. Ela já *ficou* e atualmente *fica sério* ou tem um *rolo*. No futuro, quer ficar solteira e *ficar* ou ter rolos, além de pretender namorar. O número de filhos desejados, a seu ver, depende da remuneração obtida com o trabalho: *a quantidade que uma boa vida financeira pode proporcionar*. Pensa que a idade ideal para *morar junto* ou *casar* é após os 23, mas que, para ter filhos, o ideal seria após os 30.

Em relação aos meninos, começo por João, que participou das duas oficinas mistas. Ele não participou da entrevista, pois devido à repetência no segundo ano do Ensino Médio, saiu da escola e afirmou que estava trabalhando e estudando à noite, de forma que não teria tempo. Ele tem 18 anos e mora com a mãe e as primas. Seus pais são separados. Sua residência é dividida entre o bairro Santa Cecília, em Viamão, onde mora a mãe, e o bairro Partenon, em Porto Alegre, onde mora o pai. Sua mãe é técnica contábil e possui ensino médio completo, enquanto que seu pai é auxiliar de enfermagem, possuindo ensino superior incompleto. Ele é filho único e diz não ter religião. Após o colégio, pretende trabalhar e fazer faculdade de Gastronomia. Já *ficou* e *namorou* duas vezes (duração de onze meses e seis meses) e atualmente *fica*. Pretende no futuro *morar junto* e ter dois filhos, sendo que acha que isso deve ocorrer após os 18 anos.

Eduardo participou da oficina destinada apenas aos meninos, da segunda oficina mista e da entrevista. Ele tem 16 anos e mora com a mãe, o padrasto e o irmão de 6 anos. Seus pais são separados. Tem ainda uma irmã por parte de pai, que possui três anos. Sua mãe tem ensino fundamental completo e é dona de casa. Seu pai possui ensino médio completo e é arte-finalista. Já seu padrasto possui ensino médio incompleto e é vendedor, atuando na área de informática. Ele mora no bairro Protásio Alves, em Porto Alegre. Não tem religião e atua como bolsista de uma professora de Educação Física da escola. Após terminar o colégio, quer fazer faculdade de Arquitetura ou Matemática. Diz que, se não passar no vestibular da UFRGS, pretende também trabalhar. Ele já *ficou* e *namorou* duas vezes (durante três e seis meses) e atualmente namora há dois meses. No futuro, pretende *casar*, sendo que isso deveria ocorrer após os 18 anos e ter quatro filhos, sendo dois adotados. Acha que não há idade ideal para ter filhos.

José participou apenas da última fase da pesquisa, concedendo-me uma entrevista. Ele tem 16 anos e mora com a mãe e dois irmãos, um de três e outro de 24 anos, no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. Seus pais são separados. Sua mãe é massoterapeuta e possui ensino superior completo e seu pai é eletrotécnico e tem ensino fundamental completo. Ele é espírita. Atualmente, não trabalha, o que pretende fazer após terminar o colégio, juntamente com a faculdade de Engenharia Química. Ele nunca *ficou* ou *namorou*, mas pretende namorar no futuro. Quer ter três filhos e acha que isso deve ocorrer a partir dos *30 anos para mais*. Não acha, contudo, que exista uma idade certa para *casar* ou *morar junto*.

Pedro participou da última oficina mista e da entrevista. Ele tem 17 anos e mora com o pai e a avó, sendo filho único. Seus pais são separados. Sua mãe possui ensino superior completo e é chefe de telemarketing e seu pai possui ensino médio completo e trabalha no ramo da vigilância. Ele mora do bairro Passo das Pedras, em Porto Alegre, e se declara espírita. O aluno não trabalha e, após o colégio, pretende fazer faculdade de Publicidade. Ele já *ficou* e atualmente *fica*. No futuro, pretende *morar junto* e ter um ou dois filhos, o que espera que ocorra dos 28 anos de idade *em diante*.

Diego participou da primeira oficina mista e da entrevista. Ele tem 17 anos e mora com a mãe no bairro Floresta, em Porto Alegre. Seus pais são separados e, por parte de pai, tem uma irmã, de 23 anos, e dois irmãos, um de 25 e outro de 30 anos. Sua mãe é responsável pelo departamento de finanças de uma empresa e possui ensino superior completo. Já seu pai tem ensino superior incompleto e é bancário. Ele

não tem religião e atualmente não trabalha, o que pretende fazer após terminar o colégio, juntamente com a faculdade de Relações Internacionais. Já *ficou* e *namorou* (durante um ano) e atualmente *fica sério* ou tem um *rolo*. Ele não pretende ter filhos e acha que para *casar* ou *morar junto*, ou mesmo para ter filhos, é preciso ter um *emprego estável*.

Há ainda dois meninos, Nelson e Rodrigo, que participaram apenas da última oficina mista. Entrei em contato com eles, perguntando se gostariam de conceder uma entrevista e não obtive resposta. Eles também não quiseram responder ao questionário aplicado aos demais estudantes. Rodrigo, assim como João (18 anos), repetiu o segundo ano do Ensino Médio e não estudava mais no Colégio Rose Marie Muraro em 2010.

As informações sobre os jovens podem ser também visualizadas no quadro abaixo:

Tabela 2. Jovens participantes da pesquisa realizada no Colégio Rose Marie Muraro

NOME	IDADE	C/ QUEM MORA	ESCOL. DOS PAIS	PROF. DOS PAIS	IRMÃOS E IDADE	RESID.	RELIG.	TRAB.
Ana Carolina	16	Pai, mãe e irmãs	Mãe: pós-graduação Pai: ensino médio completo	Mãe: professora Pai: corretor de imóveis	2 irmãs: 16 e 28	Bela Vista, POA	Não	Não
Ana Clara	17	Mãe, pai e avó	Mãe: ensino superior incompleto Pai: ensino superior incompleto	Mãe: técnica em radiologia Pai: técnico em radiologia	Não	Fião, São Leopoldo	Católica e espírita	Não
Diego	17	Mãe	Mãe: ensino superior completo Pai: ensino superior incompleto	Mãe: responsável pelas finanças de uma empresa Pai: bancário	Irmã: 23 2 irmãos: 25 e 30	Floresta, POA	Não	Não
Eduardo	16	Mãe, padrasto e irmão	Mãe: ensino fundamental completo Pai: ensino médio completo	Mãe: dona de casa Pai: arte-finalista	Irmã: 3 Irmão: 6	Protásio Alves, POA	Não	Bolsista de uma profa. do colégio
Isabela	16	Pai, mãe e irmão	Mãe: ensino superior completo Pai: ensino fundamental incompleto	Mãe: pedagoga Pai: coordenador de uma loja de vidros p/ automóveis	Irmão: 12	Florença, Viamão	Espírita	Não
João	18	Mãe e primas	Mãe: ensino médio completo Pai: ensino superior incompleto	Mãe: técnica contábil Pai: auxiliar de enfermagem	Não	Santa Cecília, Viamão Partenon, POA	Não	Não
José	16	Mãe e irmãos	Mãe: ensino superior completo Pai: ensino fundamental completo	Mãe: massoterapeuta Pai: eletrotécnico	2 irmãs: 3 e 24	Lomba do Pinheiro, POA	Espírita	Não
Laura	17	Mãe, tia, bisavó, irmão e empregadas	Mãe: ensino superior incompleto Pai: ensino superior completo	Mãe: funcionária pública Pai: funcionário público	Irmão: 11	Cidade Baixa, POA	Não	Não

NOME	APÓS O COLÉGIO	RELAC. PASSADOS	RELAC. ATUAIS	RELAC. FUTUROS	FILHOS QUE PRETENDE TER	IDADE P/ CASAR	IDADE P/ TER FILHOS
Ana Carolina	Trabalhar Fazer faculdade (Jornalismo)	Já ficou e namorou (6 meses)	Fica	<i>Não me atrevo a pretender isso</i>	2	Não	Não
Ana Clara	Fazer faculdade (Enfermagem)	Já ficou e namorou (3 anos)	Fica sério	Pretende namorar	2	<i>Mais ou menos 27 anos</i>	<i>Quando estiver estabilizada financeiramente</i>
Diego	Trabalhar Fazer faculdade (Relações Internacionais)	Já ficou e namorou (1 ano)	Fica sério	Pretende ficar solteiro e ficar	Não	<i>A partir de quando você tiver um emprego estável</i>	<i>A partir de quando você tiver um emprego estável</i>
Eduardo	Trabalhar (se não passar na UFRGS) Fazer faculdade (Arquitetura ou Matemática)	Já ficou e namorou (3 meses e 6 meses)	Namora (2 meses)	Pretende casar	4 (2 adotados)	18 anos	Não
Isabela	Cursinho pré-vestibular (Medicina)	Já ficou	Fica	Pretende namorar e morar junto	3	Mais de 23	Dos 23 aos 29
João	Trabalhar Fazer faculdade (Gastronomia)	Já ficou e namorou (11 meses e 6 meses)	Fica	Pretende morar junto	2	<i>Acho que depois dos 18</i>	Depois dos 18
José	Trabalhar Fazer faculdade (Engenharia Química)	Não	Não	Pretende namorar	3	Não	<i>30 anos para mais</i>
Laura	Trabalhar Fazer faculdade	Já ficou e namorou (2 anos)	Fica sério	Pretende casar	No mínimo 2 (se eu tiver condições)	Não	Não

NOME	IDADE	C/ QUEM MORA	ESCOL. DOS PAIS	PROF. DOS PAIS	IRMÃOS E IDADE	RESID.	RELIG.	TRAB.
Michele	18	Mãe, pai, 2 avós e irmão	Mãe: pós-graduação Pai: ensino superior completo	Mãe: professora Pai: professor	Irmão: 8	Ipanema, POA	Não	Não
Nádia	18	Pai, mãe e irmão	Mãe: ensino fundamental incompleto Pai: ensino médio completo	Mãe: serviços gerais Pai: bibliotecário	Irmão: 5	Agronomia, POA	Católica	Não
Natália	16	Mãe e pai	Mãe: ensino superior completo Pai: ensino superior incompleto	Mãe: economista Pai: agente de viagens	Não	Camaquã, POA	Católica	Não
Natasha	16	Mãe, pai e irmãos	Mãe: pós-graduação incompleta Pai: ensino superior incompleto	Mãe: professora Pai: restaurador e vendedor de livros	3 irmãos: 23, 25 e 30	Petrópolis, POA	Católica	Bolsista de uma pesquisa fora do colégio
Pedro	17	Pai e avó	Mãe: ensino superior completo Pai: ensino médio completo	Mãe: chefe de telemarketing Pai: ramo de vigilância	Não	Passo das Pedras, POA	Espírita	Não
Rebeca	17	Mãe, pai e irmão	Mãe: ensino superior completo Pai: ensino superior completo	Mãe: dona de casa Pai: analista de sistemas	Irmão: 24	Rio Branco, POA	Judaica	Não
Sofia	17	Pai, mãe, periquita e 2 cachorros	Mãe: ensino médio completo Pai: ensino médio completo	Mãe: atendente de nutrição de um hospital Pai: contador de estoque	Não	Agronomia, POA	<i>Sujeita indeterminada</i>	Trabalha em uma loja
Thaise	16	Mãe, irmão e cachorra	Mãe: ensino superior completo Pai: ensino fundamental completo	Mãe: professora Pai: não trabalha	Irmã: 13 Irmão: 23	Santo Antônio, POA	Não	Não

NOME	APÓS O COLÉGIO	RELAC. PASSADOS	RELAC. ATUAIS	RELAC. FUTUROS	FILHOS QUE PRETENDE TER	IDADE P/ CASAR	IDADE P/ TER FILHOS
Michele	Fazer faculdade (Matemática)	Já ficou e namorou (3 anos)	Namora (1 ano)	<i>Deixar rolar, o que acontecer aconteceu</i>	Pelo menos 2 (1 adotado)	<i>A idade em que tiver condições de se sustentar sozinha e ter grandes responsabilidades</i>	<i>Quando o corpo, a mente e o bolso estiverem prontos para cuidar de um filho</i>
Nádia	Trabalhar Fazer faculdade (Psicologia)	Já ficou e namorou (9 meses)	Fica sério	Pretende namorar	No máximo 2	26 anos	28 anos
Natália	Trabalhar Fazer faculdade (Jornalismo) Morar nos EUA	Já ficou	Fica	Pretende casar	2 filhos gêmeos	<i>A partir dos 22, porque eu acho que estamos mais maduros</i>	Após os 25 anos
Natasha	Trabalhar Fazer faculdade (Design Visual)	Já ficou	Fica sério	Pretende ficar solteira, ficar e namorar	<i>A quantidade que uma boa vida financeira proporcionar</i>	Depois dos 23	Depois dos 30
Pedro	Fazer faculdade (Publicidade)	Já ficou	Fica	Pretende morar junto	1 ou 2	28 em diante	28 em diante
Rebeca	Fazer faculdade (Psicologia)	Já ficou	Fica	Pretende casar	2	Não	Não
Sofia	Trabalhar Fazer faculdade (Veterinária)	Já ficou e namorou (3 meses)	Fica sério	Pretende ficar solteira, ficar e namorar	2	Não	<i>Depois de uma vida social formada. Depois dos 30, talvez.</i>
Thaíse	Trabalhar Fazer faculdade (Serviço Social)	Já ficou	Fica	Pretende casar	2	<i>Depois de se tornar independente</i>	<i>Quando puder sustentá-lo</i>

Em primeiro lugar, chama a atenção a composição familiar dos interlocutores. Dos 16 jovens, nove deles, ou seja, mais da metade, reside com a mãe e o pai, o que evidencia também que seus pais possuem uma relação conjugal (são casados ou coabitam). Seis dos jovens não reside com o pai e apenas um deles (Pedro) não reside com a mãe. Há apenas uma família recomposta: a de Eduardo (16 anos), que reside com sua mãe, seu padrasto e seu irmão (filho apenas de sua mãe). No caso dos jovens cujos pais não vivem uma relação conjugal, três deles (Diego, Eduardo e Thaíse) possuem irmãos por parte de pai.

No que tange à escolaridade materna, há três jovens cujas mães possuem pós-graduação, nove cujas mães possuem ensino superior, 2 cujas mães possuem ensino médio e 2 que possuem ensino fundamental. Nenhum dos pais possui pós-graduação, oito deles têm ensino superior, cinco, ensino médio, e três, ensino fundamental. Na maioria das vezes (nove casos), as mães possuem um nível de escolaridade superior ao dos pais. Em três casos, o nível de escolaridade é igual e em quatro casos o nível do pai é maior do que o da mãe.

Quanto ao número de irmãos, cinco jovens são filhos únicos, dois alunos possuem três irmãos, quatro alunos possuem dois irmãos e cinco alunos possuem apenas um irmão. Sendo assim, percebe-se que a composição familiar da maioria dos alunos está em torno de um ou dois filhos, contando-se os que são filhos únicos e os que têm apenas um irmão.

Em relação à moradia, há um aluno (João) que disse possuir duas residências, dividindo-se entre a casa de sua mãe (em Viamão) e a de seu pai (em Porto Alegre). Contando com ele, há 14 jovens que residem em Porto Alegre, cidade na qual se localiza a escola, residindo os demais na Região Metropolitana: em Viamão ou São Leopoldo.

Metade dos jovens que responderam ao questionário afirmaram não possuir religião. Segundo Regina Novaes (2004, p. 323), destaca-se, dentre os brasileiros que se declaram sem religião, uma parcela significativa de jovens. De acordo com a antropóloga, esses jovens podem ser também classificados como “religiosos sem religião”, já que muitos são adeptos de formas não institucionais de exercício da espiritualidade. Novaes entende que os jovens “sem religião” podem ser pensados como expressões locais de um global ‘espírito da época’ no qual se expande o fenômeno de adesão simultânea a sistemas diversos de crenças, combinam-se práticas ocidentais e orientais, não apenas no nível religioso, mas também terapêutico e medicinal” (NOVAES, 2004, p. 326). Quatro jovens se declararam católicos e quatro jovens se declararam espíritas. Há ainda um caso daquilo que Novaes chama de

“duplo pertencimento religioso”, já que Ana Clara (17 anos) se definiu como católica e espírita.

Apenas Sofia (17 anos) trabalha. Há dois alunos que são bolsistas de pesquisa. Eduardo (16 anos) auxilia uma professora da própria escola e Natasha (16 anos) o faz fora do colégio. Todos os alunos pretendem fazer faculdade. Onze deles também pretendem trabalhar.

No que se refere aos relacionamentos afetivos, apenas José (16 anos) nunca *ficou* e a maioria (9 jovens) já *namorou*. No momento da aplicação do questionário, apenas José (16 anos) não mantinha nenhum tipo de relacionamento, sendo que 13 jovens *ficavam* e apenas dois *namoravam*. Quanto aos relacionamentos futuros, cinco afirmaram querer *casar* e três disseram querer *morar junto*. Dos jovens que participaram das entrevistas, contudo, todos afirmaram ter o desejo de viver em conjugalidade no futuro, seja casando ou *morando junto*. Cinco jovens disseram querer namorar, sendo que, dentre eles, três mencionaram também o desejo de ficarem solteiros, *ficarem* com alguém e *ficarem sério* com alguém. Apenas Ana Carolina (16 anos) e Michele (18 anos) não responderam à essa questão.

Apenas Diego (17 anos) não quer ter filhos. Para a maioria dos jovens, há o ideal de 2 filhos. A idade ideal para *casar* é em geral vinculada à maturidade emocional e independência financeira e varia entre os 18 e após os 28 anos. Os mesmos critérios de maturidade e independência estão presentes quando o quesito é ter filhos, mas aqui a idade ideal aumenta um pouco, indo dos 18 até após os 30 anos.

2 NOÇÕES TEÓRICAS SOBRE AMOR, CONJUGALIDADE E SEXUALIDADE JUVENIL

Neste capítulo, trato de aspectos teóricos relacionados ao amor seja como sentimento, seja como prática social. Começo com a definição das diferentes formas que o amor toma no pensamento ocidental. Seriam elas o *amor platônico*, o *amor cortês medieval* e o *amor romântico*, para então chegar aos diferentes formatos que o sentimento do amor passa a possuir no mundo contemporâneo, tais como o *amor confluyente* e o *amor líquido*. Compreendo todas essas espécies como algo que surge e se consagra em contextos históricos, sociais e políticos específicos. Nesse sentido, este trabalho utiliza a noção de amor enquanto construção social, e não como um sentimento inato e universal.

Portanto, faz-se necessário mencionar os argumentos de Jurandir Freire Costa (1998, p. 13) acerca da importância do amor em nossa cultura, a partir três afirmações que a sustentariam: “1) o amor é um sentimento universal e natural, presente em todas as épocas e culturas; 2) o amor é um sentimento surdo à ‘voz da razão’ e incontrolável pela força da vontade e 3) o amor é a condição *sine qua non* da máxima felicidade a que podemos aspirar”. Essas crenças conferem ao amor um lugar prioritário no que se refere às escolhas afetivo-sexuais das pessoas. No entanto, o que se entende por amor e a sua relevância para a formação de vínculos entre os indivíduos é algo que se modifica de acordo com a cultura e o momento histórico.

2.1 OS MODELOS ANTERIORES AO AMOR ROMÂNTICO

Embora meu objetivo consista no estudo mais aprofundado do *amor romântico* e dos feitos amorosos contemporâneos, primeiramente é preciso elucidar algumas questões a respeito dos modelos anteriores àquele. Nesse sentido, escolhi o *amor platônico* e o *amor cortês medieval* como pontos nodais desta análise.

2.1.1 O Amor Platônico

O amor tematizado na famosa obra “O banquete”, de Platão (2008), é definido por André Comte-Sponville (1995) como amor-*eros*, uma das três formas de amor. Para esse autor, as três formas de amor seriam, além do amor-*eros*, o amor-*philia* e o amor-*caritas*.

Interessa-nos, aqui, sobretudo, o amor-*eros*. A obra narra um banquete no qual Eros, deus do amor, é elogiado, o que se dá por meio de três discursos. O primeiro, de Pausânias, trata da diferença entre o Eros vulgar e o celeste. O Eros vulgar corresponde à Afrodite mais moça, chamada de Paudemiana, enquanto que o Eros celeste corresponde à Afrodite mais velha, denominada Urânia. Para Platão (2008, p. 108), “a Afrodite popular [...] é verdadeiramente vulgar e se realiza como que por acaso”. O Eros dessa deusa mais moça, portanto, consiste no amor mais do corpo do que do espírito.

Já o Eros celeste, da Afrodite mais velha, dirige-se ao prazer do espírito e “não se excede na concupiscência (PLATÃO, 2008, p. 108). Para Maria de Lourdes Borges (2004), no Eros vulgar não há preocupação com a virtude do ser amado, enquanto que, no Eros celeste, ama-se a virtude do outro. Por isto as relações baseadas neste último Eros são mais duradouras: o objetivo é a companhia do outro. Essa divisão do Eros parece conter em si a diferenciação, que será efetuada posteriormente, entre *amor romântico* e *amor líquido*.

O segundo discurso, proferido por Aristófanes, traz o mito do andrógino, segundo o qual, no início do mundo, existiam três sexos, quais sejam: o feminino, o masculino e o andrógino. Os seres humanos eram muito fortes e robustos, visto que possuíam quatro pernas, quatro braços, duas faces, quatro orelhas e dois órgãos sexuais. Por esse motivo, teriam se rebelado e decidido atacar os deuses. Para enfraquecê-los, sem, no entanto, os destruir, Zeus cortou-os ao meio, deixando os órgãos sexuais postados à frente de seus corpos. Dessa forma, se as metades dos seres andróginos se encontrassem, eles poderiam reproduzir outros seres e a humanidade não seria passível de extinção: “é daí que se origina o amor que as criaturas sentem umas pelas outras; e esse amor tende a recompor a antiga natureza, procurando de dois fazer um só, e assim restaurar a antiga perfeição” (PLATÃO, 2008, p. 122). Para Borges (2004, p. 15), é o discurso de Aristófanes que ressalta a incompletude do amor-*eros*: “ele é a busca pela sua metade perdida, busca que evidencia a carência constitutiva da pobreza intrínseca”.

Já o último discurso, de Sócrates, traz os ensinamentos de Diotima, a quem ele deveria tudo o que sabia sobre o amor. Ele evoca a sua concepção de Eros, filho de Pênia, que representa a pobreza, e Poros, que representa a esperteza. Eros, por isso, seria pobre como sua mãe e astuto como seu pai. É também mortal e tolo, como sua mãe, e, ao mesmo tempo, imortal e sábio, como seu pai. Sendo assim, estaria no lugar dos que buscam a filosofia, que são os nem totalmente sábios, nem totalmente burros. Eros faz, então, a ponte entre o humano e o divino.

Para Diotima (PLATÃO, 2008, p. 143), “amar não é procurar nem a metade nem o todo, se [...] isso não for bom” ou seja, o amor consistiria no desejo do bem e da felicidade.

2.1.2 O Amor Cortês

A compreensão do modelo do *amor cortês* parece ser ainda mais fundamental para que, no momento a seguir, seja possível trabalhar a noção de *amor romântico*, já que é baseado naquele. O *amor cortês* é um amor que não se realiza. A cortesia consiste na insistência do trovador diante das sucessivas negativas de sua dama. O homem, segundo o medievalista Georges Duby (1993), historiador francês que estuda sociedades medievais, não está livre, ao passo que a mulher, pelo menos nesse primeiro momento, possui a liberdade de aceitar ou não sua oferta. O poder feminino residiria, então, nessa colocação do homem à prova, para que ele mostre o quanto vale.

Em dos clássicos sobre o tema, “O amor e o ocidente”, Denis de Rougemont (1999, p. 64) afirma que o *amor cortês* se situa historicamente no início do século XII e está vinculado à poesia dos trovadores, caracterizada como “a exaltação do amor infeliz”. Essa espécie exalta o amor fora do casamento, que significaria apenas a união dos corpos. As regras matrimoniais da época, de acordo com Duby (1993, p. 341), determinavam que os casamentos deveriam servir à manutenção das linhagens aristocráticas. Os sentimentos dos prometidos não estavam em jogo. No entanto, para limitar as partilhas sucessórias, as linhagens nobres procuravam *casar* bem apenas um dos filhos homens, geralmente o mais velho. Os demais deveriam vencer sozinhos. Esses jovens celibatários, sem esposas, embora não tivessem sua atividade sexual reprimida diante de prostitutas, criadas e camponesas, desejavam possuir uma mulher da sua própria condição social: “que adolescente não esperava raptar nas barbas dos seus parentes uma donzela de ricas esperanças?”.

Isso explica o ritual descrito por Rougemont (1999, p. 65) como sendo o da “vassalagem amorosa”, importante integrante do *amor cortês*. Cabe trazer aqui as considerações de Duby (1993) acerca das questões de diferenciação social na época. A aceitação do modelo do *amor cortês*, para ele, tem também na divisão entre homens trabalhadores, camponeses, e senhores, que viviam nas cortes. O mesmo ocorria em relação às mulheres, divididas entre trabalhadoras, camponesas, e damas ou donzelas. As primeiras poderiam ser perseguidas pelos homens e inclusive capturadas à força. Já as segundas

deveriam ser tratadas com maior refinamento, conquistadas. A conquista da bela dama se dá pela beleza da homenagem musical efetuada pelo poeta, que, de joelhos, lhe jura fidelidade eterna. O homem é aqui o servo da mulher, a qual é elevada acima dele, tornando-se seu “ideal nostálgico”. Tal imagem é também descrita por Duby (1993, p. 331). Ele afirma que o amor cortês é composto pela dama, uma mulher em situação dominante e casada, e por um homem, um jovem. Para ter acesso à ela, o homem se inclina, se ajoelha, já que ela se encontra acima dele: “a ‘dama’ é a esposa de um senhor, muitas vezes do seu próprio senhor”. Além disso, ainda segundo este autor, por ser mulher, a dama não dispunha do seu corpo, que pertencia ao pai ou ao marido. Por isso, ele era extremamente vigiado, configurando-se, assim, a aventura diante do perigo ao qual a dama e o homem se expunham.

Um ponto importante, no que se refere ao *amor cortês*, reside no distanciamento carnal entre as partes envolvidas. Rougemont (1999, p. 88) entende que esse modelo pressupõe a castidade: “as virtudes da *cortezia* – humildade, lealdade, respeito e fidelidade para com a Dama – estão aqui relacionadas expressamente com a recusa do amor físico”. Duby (1993, p. 332) concorda com ele, embora fale no desejo do homem de se apoderar da dama, além de mencionar uma entrega à qual a dama se veria constrangida, “como preço de um serviço leal”. Este último autor vai além, ao asseverar que o código amoroso possuía diversas etapas, indo de olhares a beijos, mas que não chegava à satisfação carnal: “o prazer culminava no próprio desejo” (DUBY, 1993, p. 333), estava circunscrito à espera.

2.2 A EMERGÊNCIA DO AMOR ROMÂNTICO

As primeiras páginas se fizeram necessárias para chegar ao ponto que mais interessa para esta pesquisa: o *amor romântico*. Esse modelo, surgido no século XIX, está intrinsecamente conectado à emergência da família burguesa (agora nuclear, diante da redução do seu número de membros e conferindo maior supremacia aos indivíduos).¹⁸ A família moderna também traz consigo aspectos relevantes à emergência do amor romântico no que tange a questões de gênero, como a separação entre público e privado, (sendo este o espaço destinado às mulheres), a

¹⁸ Sobre o tema, é impossível não remeter a Louis Dumont (1985), antropólogo que faz um exame do individualismo ocidental, atribuindo-lhe o caráter de fundamento da ideologia moderna. Na sua análise dos iluministas, compreende que o individualismo remete também à igualdade e à liberdade, valores estes embasados no Direito Natural e expostos na Declaração dos Direitos do Homem de 1789.

invenção da maternidade e uma maior valorização da intimidade, aspectos que serão posteriormente explicados.

Nota-se aqui a presença de uma conexão vital entre as transformações da sociedade e aquelas operadas no âmbito da família, ponto já destacado por Elisabeth Roudinesco (2003), em “A família em desordem”. Maria Ângela D’Incao (1989) também ressalta a importância de não considerar a família como uma instituição universal, nem tampouco pensar os valores da família moderna como universais. Nesse sentido, destaco que a análise efetuada neste trabalho restringe-se ao contexto ocidental, especialmente europeu e americano.

Embora utilizemos o estudo de Azevedo (1981; 1986) como obra que se refere ao Brasil da metade do século XX, ele também trata de forma genérica do surgimento do *amor romântico* no contexto europeu moderno. Segundo o autor, o modelo surge no momento em que há também modificações substanciais na família, pois a escolha do cônjuge deixa de ser realizada pelo *pater familias* e o casamento passa a ser visto não apenas como uma garantia da ordem social, mas como um *locus* de realização pessoal dos indivíduos.¹⁹

O sociólogo inglês Anthony Giddens (1993), que tem estudado a modernidade contemporânea, afirma, n^o “A transformação da intimidade”, que o *amor romântico* começou a se fazer presente no final do século XVIII, incorporando algumas idéias do *amor paixão*, mas, ao mesmo tempo, se distinguindo dele. O termo *amor paixão* tem origem na obra de Stendhal (1999), autor que, ao examinar a natureza do sentimento amoroso, acaba por classificá-lo em quatro tipos: amor paixão, amor gosto, amor físico e amor vaidade. O primeiro, que nos interessa aqui, geraria o prazer sublime, por meio do abandono do interesse próprio.

Giddens (1993) faz ressalvas ao significado atribuído por Stendhal (1999) ao termo, embora o utilize. Para o sociólogo, o *amor paixão* resultaria da conexão entre amor e ligação sexual. Ele é considerado socialmente perigoso, pois implica um envolvimento emocional invasivo, perturbando as relações pessoais dos indivíduos por

¹⁹ Em relação ao tema, trago a fala de Norbert Elias: “nenhuma sociedade pode sobreviver sem canalizar as pulsões e emoções do indivíduo, sem um controle muito específico de seu comportamento. Nenhum controle desse tipo é possível sem que as pessoas antepõem limitações umas às outras, e todas as limitações são convertidas, na pessoa a quem são impostas, em medo de um ou outro tipo. Não devemos nos enganar: as constantes produção e reprodução de medos pela pessoa são inevitáveis e indispensáveis onde quer que seres humanos vivam em sociedade, em todos os casos em que os desejos e atos de certo número de indivíduos se influenciam mutuamente, seja no trabalho, no ócio ou no ato de amor” (1993, p. 270).

ele envolvidos. Conforme Maria Helena Bueno Trigo (1989), por ser tido como incompatível com o matrimônio, o *amor paixão* cede lugar a um amor mais doméstico, próximo ao dever e limitado pelas relações conjugais. Os ideais do *amor romântico* vinculam-no à liberdade, não apenas enquanto quebra de rotina e dever, como ocorre no *amor paixão*.

Diferente do *amour passion*, que extirpa de modo irregular, o amor romântico desliga o indivíduo de situações sociais mais amplas de uma maneira diferente. Proporciona uma trajetória de vida prolongada, orientada para um futuro previsto, mas maleável; e cria uma ‘história compartilhada’ que ajuda a separar o relacionamento conjugal de outros aspectos da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial (GIDDENS, 1993, p. 56).

Para o *amor romântico*, o amor sublime tende a predominar sobre o apelo sexual. O *amor romântico* abarca a sexualidade, mas a ultrapassa e a pessoa com a qual o indivíduo se relaciona é distinguida como especial, capaz de tornar sua vida completa. “O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece [...]; o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (GIDDENS, 1993, p. 56). Sobre a relação entre amor paixão e amor romântico, também refere o sociólogo alemão Niklas Luhmann (1991, p. 185):

[...] o conceito do amor romântico procura suplantar o *amour passion* e de acordo com dois pontos de vista: através da inclusão da individualidade ilimitadamente crescente e através da perspectiva (que assim se garante a si própria) da duração, enquanto conciliação com o casamento. O amor torna-se o fundamento do casamento, este torna-se mérito sempre renovado do amor [...].

Trigo (1989) diz que, a partir da vigência da noção de amor romântico, o amor fica circunscrito aos limites do matrimônio, sendo dessexualizado ou direcionado para a procriação. Com isso, a sexualidade é camuflada. Verifica-se, também, uma ausência do discurso erótico e a valorização do mito da virgindade, associada à pureza.

Além do aspecto relacionado à sexualidade, outro elemento fundamental do amor romântico consiste na “busca”, descrita por Giddens (1993, p. 57). “A busca é uma odisséia em que a auto-identidade espera a sua validação a partir da descoberta do outro”. Se nas histórias românticas medievais a heróina era passiva, nos romances modernos ela produz ativamente o amor. É o seu amor que faz com que ela seja amada, pois ela faz estremecer o coração de um homem que inicialmente mostra-se indiferente.

Além da busca, cabe ressaltar a idéia de que o amor, quando encontrado, é “para sempre”. Isso ajudou a manter o caráter subversivo do amor romântico sob controle, vinculando-o ao casamento e à maternidade. Segundo Trigo (1989), foi conseguida uma harmonia entre o casamento e o que a sociedade convencionou chamar de amor.

Comparativamente ao modelo anterior, no qual o *pater familias* possuía um papel de grande intervenção na escolha dos cônjuges, que era feita com base na homogamia, Trigo (1989) salienta que, com o amor romântico, teria havido um alargamento do conceito de igual. Este passou a abarcar também o colega de trabalho, o companheiro de atividades, de lazer etc. Portanto, nível de instrução, profissão e poder aquisitivo passam a ser critérios de igualdade. Dessa forma, percebe-se que as características individuais, mais do que aspectos políticos ou econômicos, começam a ter peso na eleição dos objetos de amor.

2.2.1 Aspectos Conexos: as invenções da infância e da maternidade

Para Giddens (1993), o surgimento da noção de amor romântico possui conexões com a criação do lar, a modificação das relações entre pais e filhos e a invenção da maternidade. Todos esses eventos estão associados ao final da época feudal e ao princípio da modernidade. No que tange ao primeiro aspecto, tem-se que o lar passou a ser separado do ambiente de trabalho. Nesse local, seria possível encontrar o apoio emocional ausente no local de trabalho. Fonseca (2002) vai além, ao vincular a família conjugal, modelo que emerge por volta do século XVIII, à centralização do Estado e à individualização dos salários. Ela fala de um “enclausuramento progressivo”, o qual culminaria com a retirada de mulheres e crianças do âmbito público.²⁰

²⁰ Fonseca (2002) pontua, contudo, que esse ideal teria se realizado de forma plena apenas nas famílias burguesas, tendo sido tal modelo familiar de difícil implantação nos grupos populares europeus, o que viria a ocorrer de forma consolidada apenas no início do século XX.

Com tal separação, o domínio do homem sobre sua família decaiu. Paralelamente a isso, as mulheres passaram a ter maior controle sobre a criação dos filhos. Salienta-se, também, que as famílias foram ficando menores e que se passou a identificar as crianças como vulneráveis e necessitadas de cuidados especiais, fatos conectados também à chamada invenção da maternidade. Essa idealização materna “sem dúvida alimentou diretamente alguns dos valores propagados sobre o amor romântico” (GIDDENS, 1993, p. 53), associando maternidade e feminilidade. Neste momento, pretendemos explorar um pouco mais os aspectos relacionados à invenção da maternidade e da infância, compreendidos por nós como muito relevantes para a configuração das modificações familiares que embasam o amor romântico.

2.2.1.1 A infância

Em relação aos cuidados com as crianças, Philippe Ariès (1981), ao tratar da história da infância, demonstra como ela foi criada socialmente, gerando também o que ele chama de “sentimento de infância”, que poderia ser dividido entre a “papação”, surgida no meio familiar, e a necessidade de preservar e disciplinar sua “inocência”. Este último, embora tenha sido oriundo de fontes exteriores à família, tais como as eclesiásticas, de “homens da lei” e moralistas, passou num segundo momento também ao meio familiar que, no século XVIII, agrega ainda as preocupações com higiene e saúde, fazendo com que a criança assuma um lugar central na família moderna.

É preciso tratar, também, no contexto histórico do início da Idade Moderna, a prática do controle da fecundidade, responsável pela diminuição núcleo familiar. Assevera a historiadora francesa Ivonne Knibiehler (1994, p. 731) que a França, a partir de 1790, e os Estados Unidos, a partir de 1800 foram os dois países onde se observou maior queda de nascimentos no século XVIII. Ela argumenta que “A redução dos nascimentos é um fenómeno complexo, onde se conjugam factores económicos, culturais, psicológicos: cada caso é especial”.²¹ Além

²¹ O declínio dos nascimentos não pode ser creditado à industrialização, já que tanto na França quanto nos Estados Unidos tal processo o precede. Não corresponde à diminuição da mortalidade infantil e nem se deve à liberdade de consciência praticada pelo protestantismo (a população francesa é majoritariamente católica). Na França, foram as camponesas que souberam regular mais cedo sua fecundidade, enquanto que as damas da aristocracia e da alta burguesia, bem como as operárias, continuavam a ter muitos filhos (KNIBIEHLER, 1994, p. 371).

disso, nessa época, a gravidez era tida como um obstáculo para a realização sexual, já que muitas mulheres pensavam que as relações sexuais eram prejudiciais durante a gestação e a amamentação, período que durava cerca de dois anos.

Nas classes médias francesas do século XIX, processos de controle da concepção conhecidos há muito tempo começam a ser praticadas por casais legítimos, sendo sobretudo o coito interrompido o método mais utilizado, salienta a autora. Embora dependente essencialmente da iniciativa masculina, prosperando a lógica patriarcal que determina a submissão passiva da mulher ao *dever conjugal*, esse método vem a oferecer às mulheres da época “a possibilidade de uma vida diferente” (KNIBIEHLER, 1994). Com a redução do número de integrantes da família, também a função materna se modifica, já que “a mãe de poucos filhos está mais presente junto de cada um deles, mais atenta, mais terna” (KNIBIEHLER, 1994, p. 375).

2.2.1.2 A maternidade

Em relação à maternidade, cabe aqui tecer comentários mais profundos, uma vez que o surgimento deste sentimento se configura como uma base ideológica indispensável à consolidação do *amor romântico* no século XIX. A francesa Elisabeth Badinter (1985) é a principal autora que disserta sobre o tema. Para ela, é apenas no final do século XVIII que a imagem da mãe se modifica substancialmente.²² Após 1760, diversas publicações recomendam que as mães cuidem pessoalmente dos seus filhos e os amamentem, impondo às mulheres a obrigação de serem mães antes de qualquer outra coisa. É dessa forma que se engendra o mito do instinto materno. A associação das palavras *amor* e *materno* não só promove o sentimento, como também a mulher, enquanto mãe. Ao assumir as tarefas maternas, as mulheres tornavam-se respeitadas, indispensáveis à família e, com isso, poderiam atingir a felicidade e a igualdade, já que tal tarefa os homens não podiam realizar.

No século XIX, compreende-se que a maternidade faz parte do destino biológico das mulheres, bem como se considera a procriação necessária para a prosperidade burguesa. Assim, as mães têm um papel muito específico nessa época, sendo responsáveis pela manutenção da

²² Badinter (1985) ressalta que, anteriormente a tal período, não havia tanta preocupação com o cuidado com os filhos. Os filhos da aristocracia eram amamentados por amas-de-leite, e outras mulheres, que não as mães, eram também as responsáveis pelos cuidados no primeiro período de vida da criança. Além disso, as mulheres tinham um número maior de filhos e vários morriam nos primeiros anos de vida.

ordem doméstica, na qual são repassados para os filhos os valores necessários à concretização da nova ordem política. Para Geneviève Fraisse e Michelle Perrot (1994), no século XIX o poder que as mulheres ganham é sobretudo o de mães, fazendo com que a maternidade seja supervalorizada. A extrema valorização da procriação pode ser visualizada também nos discursos acerca das mulheres sós e celibatárias do século XIX. Tais mulheres eram vistas como praticantes de um desvio relativo ao ideal feminino (DAUPHIN, 1994). Essas mulheres negavam o destino burguês de esposas e mães, contrariando, dessa forma, a sua *natureza feminina*.

Quanto ao papel da mãe no século XIX, verifica-se a presença dos ideais de abnegação e de sacrifício de si mesma em favor dos outros,²³ os quais embasam os conceitos que permeiam a história cultural desse século em relação ao gênero feminino (GIORGIO, 1994). É por esse motivo que, segundo Dominique Godineau (1994), as mulheres são necessárias nas suas famílias. O modelo republicano de mulher era o de mãe e as suas competências e a sua força deveriam ser colocadas a serviço da família, não se estendendo às questões públicas.²⁴

Diante de tal valorização do papel social de mãe, a educação das filhas também deveria servir para despertar o *instinto maternal*, o que, em conformidade com Knibiehler (1994), era realizado por meio de algumas práticas familiares do século XIX. Na educação das filhas adolescentes por suas mães, ensinava-se que a menstruação lembraria às mulheres, todos os meses, o seu “verdadeiro destino”. Além disso, a adolescente poderia tornar-se responsável pela criação de um animal doméstico ou, ainda, pela participação na educação moral de uma criança, na condição de madrinha. É, contudo, a boneca que consiste no principal instrumento de preparação à maternidade. Por volta de 1850, os fabricantes passam a produzir bonecas em forma de recém-nascidos, produto que tem sucesso imediato.

Sendo os papéis de mãe e esposa valorizados, caberia à mulher, diz Trigo (1989), praticar a renúncia, a dedicação e a submissão. Esses eram os requisitos para que pudesse amar e ser amada. Essa abdicação

²³ Nesse sentido, cabe citar também o estudo de Silvia Alexim Nunes (1998) sobre a associação entre masoquismo e feminilidade. Para a autora, o masoquismo feminino era desejável e aceito apenas dentro de limites bastante específicos, quais sejam, no âmbito do casamento e da maternidade. Se extravazasse a esfera doméstica, devido à sexualidade excessiva, ele se tornava uma ameaça.

²⁴ Ainda de acordo com a autora, a mãe republicana tem um papel social a representar no espaço público, na medida em que tem o dever de “educar seus filhos como bons cidadãos”. Ela possui, portanto, uma responsabilidade política, ainda que esta não ultrapassasse o âmbito doméstico (GODINEAU, 1994, p. 36).

do desejo era considerada como prova de amor. Além disso, a submissão era acompanhada de gratificações reais ou simbólicas. Para Giddens (1993, p. 55), há uma forte associação do modelo de amor romântico à subordinação da mulher ao lar e ao seu isolamento em relação ao âmbito público, o que garantia o exercício dos papéis elencados. Para ele este é um modelo que marca os séculos XIX e XX, modelo que conferiu poder às mulheres, pois permitiu-lhes, segundo o autor, o desenvolvimento de “novos domínios de intimidade”.

2.2.2 O Amor Romântico no Contexto Brasileiro

Em relação à emergência do modelo do amor romântico em nosso país, há alguns pontos importantes a serem ressaltados. Primeiramente, cabe aqui frisar a época em que isso ocorre, cerca de um século depois, em relação à Europa. Segundo Trigo (1989), no Brasil, a inserção da noção de amor romântico ocorre na passagem da ordem estamental e patriarcal para a sociedade de classes, ou seja, quando a oligarquia agrária transforma-se em parte de uma burguesia mais ampla, da qual participavam outros grupos.

A família patriarcal ou extensa teria no Brasil se transformado em família nuclear ou moderna, modificando sua função social específica, a econômica, com as transformações da sociedade, conforme D’Incao (1989). A autora verifica, a exemplo do que foi trazido aqui, de forma genérica, em relação ao contexto europeu e americano ocidental, a presença de uma associação entre amor romântico e família burguesa em nosso país. Trigo (1989) igualmente sustenta essa passagem da estrutura patriarcal para uma nova ordem econômica e social, que teria ocorrido nas primeiras décadas do século XX. Tal fenômeno teria tido por base as ideologias de cunho individualista. Esses fatos são também afirmados por Mariza Corrêa (1982), para quem o casamento passa a ter como função principal a de satisfazer impulsos sexuais e afetivos dos indivíduos, e não mais somente manter a propriedade ou garantir interesses políticos de um grupo restrito.

No princípio do século XX, as instituições da família e do casamento também procuram amoldar suas estruturas aos novos valores, ainda que sem se desfazer dos velhos costumes, salienta Trigo (1989). Anteriormente, o casamento era considerado indispensável à manutenção e transmissão do patrimônio, não deixando tanto espaço para interesses pessoais. A primeira finalidade da aliança matrimonial

era de ordem social, o que torna muito significativa a sua contribuição para a formação de um sistema de dominação política e econômica.²⁵

No entanto, não podemos deixar de salientar que a análise dessas autoras parece possuir um recorte de classe bastante específico. Se tomarmos, por exemplo, os estudos de Fonseca (2002) sobre adoção, perceberemos que, nas classes populares, a noção de família pode ser bem distante da nuclearização burguesa, fazendo referência a grupos de pessoas mais extensos, sem necessariamente vínculos biológicos e nos quais está presente a circulação de crianças. Não há, igualmente, como não lembrar dos ensinamentos de Corrêa (1982, p. 36), antropóloga que indica que a família patriarcal não pode ser vista como a única forma de organização familiar nos tempos do Brasil-colônia,²⁶ o que também coloca em xeque as generalizações relativas à família conjugal. Ela sugere um panorama de “coexistência, dentro do mesmo espaço social, de várias formas de organização familiar”.²⁷ Sendo assim, levando-se em conta as ressalvas acima expostas, pretendo ressaltar alguns aspectos trazidos por diferentes autores ao período, como forma de caracterizar a emergência do modelo do amor romântico em nosso país, mesmo compreendendo que isso não se deu uniforme e homogeneamente.

Não posso, ademais, deixar de relacionar a emergência do amor romântico em nosso país à forte influência da literatura. Sergius Gonzaga (1991) ressalta que a escola literária do romantismo surgiu no final do século XVIII na Alemanha e na Inglaterra, mas foi divulgada sobretudo pela França. No Brasil, o romantismo está associado à chegada da família real, em 1808, passando o Rio de Janeiro por um processo de urbanização e intelectualização. As obras literárias passam a tecer uma interpretação mais subjetiva da realidade. Além disso, é o

²⁵ Nesse sentido, parece haver uma aparente dissociação entre patriarcalismo e *amor romântico*, o que é contradito por Trigo (1989), que acredita que é possível uma coexistência pacífica entre eles. Isso se daria porque o romantismo valorizaria o tempo passado, determinando o tempo presente, enquanto que o patriarcalismo também teria como ideal de matrimônio o encontro entre duas histórias, confirmando a aliança política e econômica. Em ambos, o parceiro ou a parceira adequados são os já conhecidos e junto aos quais é possível projetar um futuro comum.

²⁶ “A ‘família patriarcal’ pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira” (CORRÊA, 1982, p. 25).

²⁷ Um exemplo disso é o trazido por Joana Maria Pedro (1997), que, ao tratar da história das mulheres no sul do país, refere que essa região se caracterizou por ter uma formação social diferente, com “um grupo racial branco mais numeroso que o negro e um modo de vida vinculado à pequena propriedade” (p. 280). Com isso, diversas funções exercidas em outros locais por negros livres ou escravos o eram, nos Estados do sul, por brancos e, muitas vezes, por mulheres. Logo, aqui, “não bastava, portanto, ser branco e livre: era preciso ter propriedade e ser ‘distinto’” (p. 283).

indivíduo que está no centro das atenções e se apela à sua imaginação e aos seus sentimentos.

D’Incao (1989), para quem o *amor romântico* é introduzido na literatura brasileira pela obra “A moreninha” (1844-1845), argumenta que, nesse período, o amor é apresentado como estado da alma. São propostos novos sentimentos e a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. Essa escolha é feita à distância e sem contato corporal. O amor é o objeto, e não a pessoa. Esse sentimento parece uma epidemia que contamina a todos. O apaixonado fica em silêncio, podendo apenas suspirar, pensar, escrever e sofrer. O amor é tido sempre como vitorioso e capaz de mudar as pessoas.

2.2.2.1 A sexualidade inscrita nas regras do namoro à antiga

Essa ausência de contato corporal, descrita nas obras literárias, também é ressaltada por D’Incao (1989), no que tange às modificações relativas ao amor ou à sexualidade. É desse aspecto, fundamental para a caracterização do amor romântico no contexto brasileiro, que tratarei agora. Para a autora, no Brasil no século XIX houve um afastamento dos corpos, passando estes a ser mediados por um conjunto de regras prescritas pelo amor romântico. Tal análise é feita tendo por base formas de namoro no século XVIII no Rio de Janeiro, em que se percebe uma sensibilidade oposta à atitude romântica. A aproximação seria mais fácil e mais livre, pelo menos nas classes populares, havendo uma maior proximidade entre os namorados.

Nesse contexto, cabe trazer a pesquisa de Azevedo (1981) sobre o namoro no contexto brasileiro dos anos 1940 e 1950. Baseado no ideal do amor romântico, ele possuía três fases: a da troca dos primeiros sinais de interesse, a do namoro e a do noivado. O namoro não servia apenas como forma de experiência afetiva. Ele consistia, antes de tudo, num primeiro passo para o casamento, que deveria ser sempre precedido do noivado. Era nesse período de noivado que eram realizados os ajustes entre os futuros cônjuges e suas famílias. É relevante essa distinção entre namoro e noivado. Este último é oficial, demonstrando um verdadeiro comprometimento, sobretudo do indivíduo do sexo masculino, com o desejo de se casar. Segundo Carla Bassanezi (1997, p. 616), o rapaz ideal, nesse caso, deveria ter bom caráter, ser correto e respeitador. “O namorado interessado deveria mostrar-se *sério* – com

intenções de casar e não apenas de *aproveitar-se da moça*²⁸ -, responsável e capaz de sustentar uma família”.

O namoro, na primeira metade do século XX, período histórico analisado por Azevedo (1981), tem início com o flerte, que consiste na troca dos primeiros olhares, demonstrando interesse no outro. Na transição do flerte para o namoro, é de suma importância a participação das alcoviteiras, responsáveis pela aproximação do par. Após seu início, o andar do namoro é limitado pelo resguardo da moça pela família. O relacionamento afetivo, dessa forma, deve ser fiscalizado, com vistas à garantia da honra feminina. Sobre o tema, Mary Del Priore (2006, p. 279) afirma que a virgindade era um “bem supremo de troca no matrimônio burguês” devendo, por isso, ser preservada. Tudo era feito para evitar aproximações eróticas. Os passeios acompanhados e com hora para terminar eram um exemplo disso. Caso houvesse defloramento ou gravidez, o casamento deveria ser imediato ou, em caso de negativa do rapaz, mediante sentença judicial.²⁹ Além disso, demonstra-se a presença de um duplo código de moralidade sexual, conforme Bassanezi (1997): enquanto as mulheres deveriam se manter virgens³⁰ até o casamento e, mesmo após seu advento, continuar contidas sexualmente, as relações sexuais dos homens eram permitidas e inclusive incentivadas, desde que com prostitutas ou mulheres com quem eles não tinham a intenção de firmar um compromisso.

Entendo que, a partir dos ensinamentos dos autores expostos, demonstra-se aqui a valorização da virgindade feminina, com vistas à garantia, após o casamento, de uma prole legítima. O namoro ocorria à distância, havendo uma maior aproximação entre os corpos apenas com o aval da família e sempre com sua fiscalização. O objetivo era o de garantir que ele resultasse em casamento. Percebe-se, dessa forma, diversas características importantes do amor romântico nos

²⁸ A mesma autora fala dos fantasmas que rondavam as jovens da época: o do homem “*aproveitador*, o sedutor que abusaria da ingenuidade feminina e partiria sem se importar com os prejuízos causados”, e o do “*mulherengo*, o homem já comprometido (BASSANEZI, 1997, p. 616).

²⁹ Em se tratando de questões relativas à honra e vergonha, cabe aqui trazer dois estudos clássicos sobre o tema. John G. Peristiany (1988), ao estudar a população de uma aldeia cipriota de montanha, percebe que a honra também está, assim como descrito acima, sobre o Brasil, ligada à virilidade masculina e ao pudor feminino. Pierre Bourdieu (1988), tratando da sociedade cabília, afirma que, nesse caso, a mulher é algo sagrado, cuja honra cabe defender. Um dos exemplos remete ao casamento precoce, justificável quando a mulher é de “*má natureza*” (p. 184), motivo pelo qual deveria, o mais cedo possível, ser protegida por um homem.

³⁰ “A virgindade era vista como um selo de garantia de honra e pureza feminina” (BASSANEZI, 1997, p. 614).

relacionamentos no Brasil da primeira metade do século XX. Amava-se o amor, mais do que o ser amado, que restava distante, devido aos regramentos sociais da época. Da mesma forma, o amor deveria estar a serviço do casamento e da constituição de uma família. Logo, era importante para as mulheres, que seus pretendentes fossem de *boas famílias* e possuísem uma profissão que fosse capaz de garantir o sustento do novo núcleo familiar que poderia se formar.

Essa escolha à distância também estaria associada à vigilância à qual as mulheres filhas da elite eram submetidas no período pré-romântico. Tratava-se, para D’Incao (1989), do único mecanismo existente para a manutenção do sistema de casamento que envolvia uma aliança política e econômica. Especialmente nas classes altas, a virgindade era um requisito fundamental, pois garantia o *status* da noiva como objeto de valor econômico e político, sobre o qual se assenta um sistema de herança de propriedade que garanta a linhagem da parentela. Ela era resguardada com o impedimento da aproximação dos corpos antes do casamento. Se não fossem vigiados, eles se encontrariam, causando transtornos para o sistema marital.³¹

Posteriormente, a vigilância foi flexibilizada, o que é explicitado por Elias (1994) e Michel Foucault (1988). O primeiro fala da autovigilância que passaria a se impor com o mundo civilizado, capitalista e cristianizado. O autocontrole e a autoregulação também estão conectados à criação do indivíduo moderno. Já Foucault retoma tal idéia em “A história da sexualidade”, ao tratar especificamente do tema. Este trata da colocação do sexo em discurso, como forma de controle dos indivíduos, por meio de diversas instâncias, tais como a família, a escola a igreja e a medicina.

Essa flexibilização é corroborada por Bassanezi (1997), que, ao tratar do contexto brasileiro da metade do século passado, fala na educação das mulheres para o autocontrole. Como as jovens precisavam conhecer rapazes para posteriormente se casarem, já que o casamento apenas pela vontade dos pais estava “fora de moda”, elas precisavam se

³¹ Essa necessidade de vigilância faz-me lembrar aqui do relato de uma conhecida, que se casou virgem aos 19 anos, nos anos 1960. Após o casamento, passou sua lua-de-mel num hotel em Garibaldi, cidade localizada na região serrana do Rio Grande do Sul, que na época seria conhecido como “cemitério das virgens”, pois era um dos destinos preferidos após o casamento das mulheres de camadas médias e altas de Porto Alegre. A virgindade era resguardada pela vigilância da família, que controlava seus encontros com o noivo, que preferencialmente ocorriam dentro da casa da família ou em locais públicos. Ela conta, contudo, que, no momento em que não estava sob os olhos de seus pais, quando levava seu noivo até a porta do prédio em que morava, era o momento de proceder aos beijos e carícias um pouco mais íntimas, que, no entanto, não poderiam durar muito, para não despertar a atenção da família.

dar ao respeito, o que significava conservar suas virtudes e conter sua sexualidade. Esse limite era também o que distinguia as *moças de família* das *levianas*, que eram aquelas com quem “os rapazes namoram, mas não casam” (BASSANEZI, 1997, p. 612).

2.2.2.2 A conexão entre amor e casamento

Por fim, é de extrema importância caracterizar, também no Brasil, a forte vinculação entre amor romântico e casamento. Trigo (1989) associa a vinculação entre amor e casamento à promoção do indivíduo à categoria de sujeito moral e psicológico, que teria lugar, em nosso país, nas primeiras décadas do século XX. A escolha matrimonial, nesse momento, deixa de ser um assunto familiar para se tornar teoricamente livre e com a expectativa de ter o amor como base. Há a valorização da mulher nos papéis de mãe e esposa. O amor, em suas especificidades, tais como maternal, conjugal e filial, é louvado. Ele deixa de ser um assunto extraconjugal, gerando-se uma expectativa de fusão entre amor e casamento. Ao mesmo tempo, aos jovens é ressaltada a necessidade da indissolubilidade do vínculo matrimonial.³²

Essa fusão entre amor e casamento exige, para essa autora, uma redefinição do amor. Ao ser trazido para dentro do matrimônio, ele perde suas características de transitoriedade, ilegitimidade e alienação da consciência. O amor é valorizado na medida em que é legitimado pelo matrimônio e que auxilia na construção do espaço doméstico, ou seja, na medida em que é estável e permanente. Exalta-se o sentimento de um amor de construção e de atualização que exige uma alta dose de consciência e autocontrole dos parceiros. Estão presentes aqui as noções do amor que é construído, e não inato, e que é constantemente atualizado, como uma planta a ser regada. Há a crença de que o amor nasce da convivência, sucedendo o dia-a-dia vivido ao lado de um parceiro bem escolhido. No entanto, como a influência patriarcal torna-se mais sutil e distante, o amor passa a anteceder às uniões.

Conforme ressalta Del Priore (2006, p. 231), o amor passa a ser tido como “o cimento de uma relação” e, por isso, as pessoas passam a escolher seus cônjuges, para que o casamento seja baseado no sentimento recíproco. Tendo o amor como base, seria plenamente

³² Cabe referir aqui que a lei que instituiu o divórcio no Brasil é de 1977 e que, até esse momento, havia apenas a previsão do desquite como possibilidade de separação conjugal oficial. O desquite, no entanto, não dissolvia o vínculo conjugal, não permitindo que as pessoas se casassem novamente. Além disso, segundo Bassanezi (1997), os desquitados e as desquitadas sofriam com o forte preconceito da sociedade da época.

sustentável a indissolubilidade do matrimônio, num tempo em que o divórcio era considerado imoral. Assim, seria assegurada a permanência da instituição do casamento: “não havia felicidade possível fora deles [da família e do casamento]: marido e mulher transformavam-se em papai e mamãe. O amor conjugal era feito de procriação. A prole legítima era o único projeto saudável” (DEL PRIORE, 2006, p. 252).

Além disso, cabe pontuar as diferenças de gênero quanto ao amor conjugal, fato apontado por Bassanezi (1997, p. 627). Há um forte desequilíbrio entre “o afeto e a dedicação exigido do homem e da mulher”. O homem, tido como chefe da sociedade conjugal, deveria ser satisfeito por sua esposa, responsável, além pelos cuidados com a casa e os filhos, por ser capaz adivinhar os pensamentos do marido e não aborrecê-lo com fatos insignificantes, sendo assim considerados também os relativos a eventuais aventuras extra-conjugais. Parece, dessa forma, que cabia, na realidade, às mulheres, assim como os demais cuidados com a família, a atividade de regar diariamente a planta do amor conjugal.

2.3 CONJUGALIDADE E AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

No terceiro item deste capítulo, tenho a intenção de explorar alguns aspectos de como o sentimento de amor na contemporaneidade tem sido abordado pela literatura acadêmica. Cabe esclarecer que entendo contemporaneidade como sinônimo de tempo atual, presente. Nesse sentido, a análise aqui esboçada refere-se sobretudo às mudanças ocorridas a partir do final do século XX (décadas de 1980 e 1990).³³ Trata-se do período segundo o qual, de acordo com Del Priore (2006, p. 311), teve início no Brasil um movimento que procurou separar sexualidade, casamento e amor.³⁴ Sua característica principal seria a da transição “entre o ‘amor idílico’ dos avós para a ‘sexualidade obrigatória’ dos netos”. Dessa forma, procuro trabalhar aqui as noções

³³ Não tenho aqui a intenção de relacionar esse conceito ao de pós-modernidade, que poderia ser compreendido, por exemplo, de acordo com David Harvey (1992), como o período que se inicia com a crise do modelo fordista, ou Bauman (2001), que não traça um ponto específico para a sua *modernidade líquida*, mas a situa no contexto de um desmantelamento de laços sociais, de uma individualização crescente, de uma desterritorialização do poder e de uma fluidez de uma instantaneidade atroz.

³⁴ Esse movimento teve início bem antes do final do século XX. Anette Goldberg (1987), ao entrevistar mulheres que foram adolescentes ou se tornavam adultas na década de 1960, percebeu que, para algumas delas, o fato de deixar de ser virgem antes do casamento passava a ter uma certa aceitação social, principalmente nos meios universitário e artístico. No entanto, esse passo não era dado sem culpa. Parecia permanecer o medo de se tornar uma *moça perdida*, tão presente nas décadas anteriores, conforme já demonstrado.

de amor confluyente (GIDDENS, 1993) e amor líquido (BAUMAN, 2004). Saliento que a transição do amor romântico, tratado no item anterior, para esses dois novos formatos possui importantes conexões com a emancipação sexual feminina, vinculada ao surgimento da pílula anticoncepcional e à emergência da segunda onda do feminismo, itens que serão aqui analisados.

Além disso, esses modelos amorosos estão em profunda conexão com a noção de conjugalidade. Por conjugalidade, entende-se aqui, com Miriam Pillar Grossi (2006), “o projeto afetivo/emocional de duas pessoas, não necessariamente vivendo sob o mesmo teto, nem tendo filhos”. É preciso, também ressaltar alguns aspectos intrínsecos às conjugalidade contemporânea, relacionados à essa transição do modelo do amor romântico para outros, com características mais fluidas. Segundo Bozon (2001), a conjugalidade contemporânea é fundada no sentimento amoroso e a instabilidade conjugal pode ser atribuída à incerteza e à fluidez desse fundamento afetivo. Também Sofia Aboim (2009) trata dos paradoxos comportados paradoxos intrínsecos à conjugalidade nos dias atuais e que estariam relacionadas tanto ao fundamento no sentimento amoroso, quanto na fluidez: embora o ideal romântico de fusão se faça presente, a preservação da autonomia individual também é tido como um valor.

2.3.1 A Emancipação Sexual Feminina

No que tange à emancipação sexual feminina, tem-se que ela não pode ser dissociada das modificações operadas na estrutura familiar, com a diminuição do número de filhos, sobretudo a partir dos anos 1960, diante da possibilidade de um controle mais eficaz da reprodução, com a utilização de novos fármacos.³⁵ Com isso, o sexo desvincula-se da atividade reprodutiva e a sexualidade adquire um novo caráter, sobretudo para as mulheres.³⁶ A década de 1960 coloca em cena

³⁵ Esse *birth control* encontrou, no final dos anos cinquenta, uma forte arma, com o aperfeiçoamento e a comercialização de contraceptivos hormonais e dispositivos intra-uterinos, os quais, no entanto, “não se impuseram sem resistências nem lutas” (LEFAUCHER, 1995, p. 488). Cabe ressaltar, ainda, que o investimento maciço na pesquisa de métodos anticoncepcionais, durante os anos 60, se dá principalmente após a divulgação de estatísticas alarmantes acerca do crescimento populacional nos países subdesenvolvidos (VIEIRA, 1999, p. 75).

³⁶ Rebreyend (2006), ao, se referir ao contexto francês, coloca como um dos fatos mais importantes do século XX a progressiva dissociação entre sexualidade e procriação, que na França, segundo a historiadora, pode ser constatada a partir do período entre-guerras, levando à liberalização da contracepção e do aborto, fatos ocorridos nos anos 1960 e 1970.

diversas mudanças e tanto a revolução sexual e a difusão da pílula anticoncepcional, quanto o feminismo, juntamente com outros movimentos a favor dos direitos individuais, são cruciais nas mudanças verificadas nessa época (DURAND; GUTIÉRREZ, 1999). Dessa forma, também a instituição familiar foi atormentada quando, a partir de meados dos anos sessenta, os números indicadores de natalidade e fecundidade começaram a cair, levando a maior parte dos países desenvolvidos, após o período de quinze anos, à impossibilidade de substituição da população (LEFAUCHEUR, 1995).

Nos anos 1950 e 1960 a libertação feminina passa pelo controle da fecundidade, o que vem a gerar uma reivindicação pela disposição do próprio corpo, na forma da tentativa de legalização da contracepção, segundo Janine Mossuz-Lavau (1995). A gravidez, nesse contexto, se indesejada, é tida como algo que lesiona o livre exercício das potencialidades femininas, pois passa a ser compreendido que a mulher “já não é apenas mãe”. Com contraceptivos eficazes, a maternidade torna-se escolha, não podendo mais ser caracterizada como destino natural, o que permite que a mulher adquira também outros papéis sociais.

O advento desses novos métodos contraceptivos está, para Nadine Lefaucheur (1995, p. 489), na origem da “revolução das relações entre os sexos no que respeita à iniciativa e ao controlo da concepção e, talvez, ao conjunto da vida sexual”. A pílula anticoncepcional, especialmente, reduz as limitações nas relações sexuais e é muito mais confiável do que os métodos anteriormente utilizados. Ressalta-se que os novos métodos contraceptivos são de iniciativa feminina, permitindo às mulheres a decisão antecipada sobre a concepção gerada pelas suas relações sexuais, sobre o número de gestações a que querem se expor, bem como sobre o momento em que pretendem ter filhos. A utilização desses métodos também permite às mulheres, pela primeira vez, a não exposição contra a sua vontade ao risco de uma gravidez, fazendo com que o desejo de paternidade também se torne tributário da vontade da maternidade.

Foi a utilização de métodos contraceptivos, especialmente da pílula anticoncepcional, fundamental para a explosão da sexualidade verificada durante os anos 1960, afirmam Moema Toscano e Mirian Goldenberg (1992). Nesse contexto, a mulher passa a ser vista como um ser com necessidades sexuais, que devem ser satisfeitas pelo seu parceiro. Ao mesmo tempo, a não repressão do desejo não era mais somente uma regra masculina. Foi porque o prazer sexual estava dissociado da procriação e a decisão acerca de ter um filho era algo que

podia e devia ser planejada que o exercício da sexualidade foi modificado.³⁷ Essa nova visão acerca da mulher também está profundamente conectada com a segunda onda do movimento feminista, que emerge nesse período.

Essa libertação feminina tem por base a revolução sexual operada na segunda metade do século XX. Del Priore (2006, p. 300) caracteriza como revolução sexual o período compreendido entre as décadas de 1960 e 1970, no qual, “livres da sífilis e ainda longe da aids, os jovens podiam experimentar de tudo”. O amor era um elemento importante, o que era relatado nas músicas de *rock’and’roll* sobre e para os jovens. Paz, sexo livre e drogas como forma de libertar a mente faziam parte da vida *hippie* pregada por alguns.

2.3.2 A Emergência da Segunda Onda do Feminismo

A emergência do movimento feminista nessa época não se constitui num fator isolado. Está profundamente associado com essa dissociação entre o exercício da sexualidade e a reprodução, a partir da possibilidade do controle da fecundidade, bem como com a emergência de *novas mulheres*, que tinham maior acesso à educação e que entraram no mercado de trabalho. Diante disso, buscam modificações nas suas vidas, reivindicando direitos.

As mobilizações feministas ocorridas nos anos 1960 e 1970 foram em grande parte reflexo dos conteúdos políticos produzidos nesse contexto histórico (DURAND; GUTIÉRREZ, 1999). Os movimentos de liberação das mulheres apareceram a partir de 1965 na América do Norte e na Europa, contendo uma nova geração de mulheres com um nível de instrução superior ao de suas mães e que questionavam a impossibilidade de utilização dos novos fármacos que permitiam a separação da sexualidade da procriação, o seu tratamento como objetos sexuais, a exigência de um papel doméstico na família, ou seja, um tratamento como o de um segundo sexo (MICHEL, 1983).

O sucesso do movimento feminista na segunda metade do século XX foi devido a vários fatores: emergência da sociedade de consumo,

³⁷ O medo da gravidez, segundo as autoras, sempre foi uma espécie de freio ao livre exercício da sexualidade feminina. Por isso a pílula era vista como uma verdadeira revolução no controle da sexualidade, já que seria possível a busca do prazer sexual sem estar presente a preocupação com uma gestação indesejada. A gravidez passa a ser uma opção, e não uma obrigação à qual todas as mulheres estão sujeitas e o exercício da sexualidade passa a ser possível para mulheres de diferentes idades e dentro ou fora do casamento (TOSCANO; GOLDENBERG, 1993, p. 71).

entrada das mulheres em massa na força de trabalho e integração com outros movimentos de libertação emergentes (como a luta dos negros por direitos civis) (MURARO, 1993). Por isso, a história das mulheres pode ser dividida em duas épocas, separadas pela revolução sexual de 1960, quando passaram a fazer parte da mão-de-obra, a controlar seu corpo e a desafiar a supremacia masculina em todas as suas formas, fazendo com que a revolução contra o patriarcado, ainda que não completa, fosse irreversível (LASCH, 1999).

Para Simone de Beauvoir (1980, p. 9), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto, intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. Embora tenha sido escrito em 1949, seu livro *O segundo sexo* ganha notoriedade sobretudo a partir da década de 1960, fundando, de certa forma, essa nova etapa do feminismo.

“Distinguindo sexo e gênero, e politizando o espaço que assim se define,, [...] os feminismos contemporâneos dotaram a feminilidade de profundidade e possibilidade históricas”, entende Yasmine Ergas (1995, p. 594). O *slogan* “o privado é político” não afirmava somente uma não aceitação de que as prerrogativas dos maridos no casamento ou a violência sexual ficassem confinadas à moralidade individual, mas denotava também a importância da reconstrução do eu feminino.

Essa questão do “específico feminino” estava inserida num clima de insatisfação geral, devido às grandes mudanças atravessadas pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial, entendem Toscano e Goldenberg (1992). A forte predisposição para uma ação política organizada é oriunda da inferioridade feminina no plano político, da falta de representatividade nas áreas do poder, das desigualdades no mercado de trabalho e no plano educacional, dentre outras questões que provocaram um clima de inquietação.

2.3.3 O Modelo do Amor Confluyente

O conceito de *amor confluyente* é trazido por Giddens (1993). Para o autor, a noção de amor confluyente tem como base o amor romântico, associado principalmente à emancipação e autonomia sexual femininas. Essas modificações também são ressaltadas por Goldenberg (2005), para quem a menor durabilidade dos arranjos conjugais e a sua flexibilização se deveria principalmente à intensificação da vida erótica do casal e a uma maior independência econômica das mulheres. O amor confluyente,

para Giddens (1993), não se baseia na *identificação projetiva*, que levaria à “sensação de totalidade com o outro”, mas na “abertura de um em relação ao outro”, tendo respaldo, sobretudo na intimidade.

Segundo Giddens, (1993), o amor confluyente não pode ser considerado único e eterno. Ele é *ativo* e *contigente*. Se o amor romântico era “para toda a vida”, o amor confluyente é “eterno enquanto dura”. Nos relacionamentos baseados nesse tipo de amor o objetivo não é a busca da *pessoa especial*, mas do *relacionamento especial*. Dessa forma, seria possível ter mais de um relacionamento especial, com pessoas diferentes, não tendo mais lugar a busca da “alma gêmea”.

Para Giddens (1993, p. 73), a ideia do amor confluyente também tem, ao contrário do amor romântico, um fundamento numa maior igualdade entre os sexos. Ninguém aqui precisa ser resguardado do envolvimento, seja ele afetivo ou sexual. Deve existir uma “igualdade na doação e no recebimento emocionais”. Logo, flerte, namoro e casamento podem ser iniciativa de ambas as partes e não necessitam de intermediários para a sua concretização.

Isso está de acordo com os resultados da pesquisa efetuada por Goldenberg (2005), com indivíduos de camadas médias urbanas cariocas. A antropóloga demonstra que ideais românticos e valores igualitários parecem andar lado a lado. Os ideais românticos são percebidos na descrição dos pesquisados sobre a vida de casal ideal. Assim, a noção de “cara-metade”, relatada por meio de valores tais como companheirismo, cumplicidade, interdependência e complementaridade entre os cônjuges, é mencionada. Ao mesmo tempo, a preservação da liberdade e da individualidade, bem como a necessidade de independência financeira de ambas as partes, valores igualitários, são referidas. Para a autora, isso revela que o discurso dos seus entrevistados romperia com a “dualidade tradicional *versus* moderno”: “ideais tradicionais aparecem nas respostas masculinas e femininas ao lado de outros mais modernos, que valorizam a igualdade, a liberdade e a individualidade nos relacionamentos” (GOLDENBERG, 2005, p. 86).

Cabe salientar também o papel das relações sexuais para o amor confluyente. Antes permitidas apenas após o casamento, aqui elas têm um papel fundamental. A realização sexual dos envolvidos é de extrema importância, seja para a manutenção ou dissolução do relacionamento. Da mesma forma, não está mais presente a dicotomia entre *moças levianas* e *de família*, explicada anteriormente. Tampouco o

relacionamento afetivo-sexual se limita à heterossexualidade³⁸ e deve ter como destino necessariamente o compromisso, na forma do noivado ou do casamento.

Isso está de acordo com a exaltação da sexualidade descrita por Del Priore (2006). Para a autora, o casamento e a sexualidade sempre estiveram sob controle, seja da Igreja, da família ou da comunidade. Com a separação da sexualidade da procriação, ela foi desculpabilizada pela Psicanálise e até exaltada. A ausência de desejo é que passa a ser problematizada. É a realização pessoal que está acima de tudo: o casamento é fundado sobre o amor e não-obrigatório, o divórcio não causa mais vergonha e os cônjuges são tratados com igualdade.

Estão presentes, diante disso, novas formas de união conjugal, tais como os casamentos sem coabitação,³⁹ as uniões internacionais e o casamento homossexual, formas estas descritas por Irene Meler (2006). Elas conviveriam lado a lado com os casais tradicionais, que, ainda que cada vez mais difíceis de serem encontrados, seriam vigentes em setores populacionais compostos por pessoas mais velhas ou provenientes de subculturas conservadoras. Estes seriam caracterizados pela chefia masculina e uma estrita divisão sexual do trabalho. A autora menciona ainda o que chama de “casais inovadores”, que seriam compostos por pessoas jovens, provenientes de setores médios urbanos, com nível educacional superior e que assistem a uma diminuição, ainda que não completa, da assimetria de poderes própria do contrato conjugal. Goldenberg (2005), tratando do Brasil e das mudanças efetuadas nos modelos de conjugalidade no país, buscadas, sobretudo, por indivíduos de camadas médias urbanas, ressalta, no entanto, que as pessoas continuam a ter o desejo de casar e constituir família, embora sem ficarem restritas ao modelo tradicional.

Não há, também, como tratar das novas configurações familiares sem aludir à institucionalização do divórcio, fato que torna o casamento legalmente dissolúvel. A legislação que instaura o divórcio no Brasil é

³⁸ Nesse sentido, cabe citar aqui o trabalho de Eduardo Steindorf Saraiva (2007) que, com base em entrevistas com homens de camadas médias que assumiram sua homossexualidade após a vivência de relacionamentos heterossexuais, trata da conjugação entre desejo e amor, que passa a ser possível de ser pensada a partir do modelo de Giddens (1993) do *amor confluyente*, que, por não se restringir à heterossexualidade, passa a abarcar também relacionamentos afetivos entre pessoas do mesmo sexo.

³⁹ Catherine Villeneuve-Gokalp (1997) trabalha com maior profundidade o fenômeno do casamento em casas separadas, resultado da dissociação entre a vida conjugal e a coabitação. Segundo sua pesquisa, em dois terços dos casos a dupla residência não é voluntária, fato que desmistifica um pouco o argumento da garantia da independência dos indivíduos, fortemente associado a esse tipo de convivência.

de 1977. Antes desse período, o instituto do desquite era o que contemplava as separações conjugais. No entanto, ele não dissolvia o vínculo entre marido e mulher, não permitindo, pelo menos formalmente, a formação de novas uniões conjugais.

Em relação às separações e aos divórcios, cabe trazer as considerações tecidas por Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2001), que tratam sobretudo dos fenômenos que denominam como matrimônio pós-matrimonial e divórcio intramatrimonial. Para eles, com a institucionalização do divórcio, o casamento, antes duradouro, torna-se dissolúvel e decisível. No entanto, ressaltam que o *até que a morte os separe* seria preservado no caso da existência de filhos comuns, que fariam com que os divorciados se deparassem com dimensões de sua relação não acessíveis à separação, recordando-os da identidade da convivência passada. Devido aos filhos, o divórcio não dissolveria totalmente a unidade da família, já que eles não podem se divorciar de seus pais, uma vez que a parentalidade torna-se divisível, mas não revogável. Com isso, eles teriam que construir uma relação com seus pais além das fronteiras de suas novas famílias nucleares.

O modelo do amor confluyente, proposto por Giddens (1993), parece um tanto idealizado. É como se fossem acrescidos ao amor romântico a flexibilidade e a igualdade. Flexibilidade, porque o amor confluyente não é para toda a vida, como o era o romântico, e igualdade porque esse é um requisito importante, uma vez que está associado à emancipação e autonomia sexual femininas e também não é mais associado apenas à heterossexualidade. No entanto, se enquanto projeto o amor confluyente parece ótimo, a sua prática é diferente. Essa flexibilidade pode por vezes cair na liquidez para a qual alerta Bauman (2004) com o seu modelo de amor líquido, para o qual a noção de *consumo* parece ser muito relevante. Além disso, essa promulgada igualdade não é tão real, já que permanecem diversas desigualdades entre mulheres e homens (um exemplo é a própria *fama* de *galinha* atribuída pelos jovens às meninas que *ficam* com vários meninos, tema que será explorado no item 3.3.3), nem tampouco os relacionamentos não-heterossexuais possuem ampla aceitação social.

2.3.4 O Modelo do Amor Líquido

Por fim, é preciso mencionar o conceito de amor líquido, de Bauman (2004). Esse sociólogo polonês, que lecionou em diversos lugares, como Estados Unidos, Canadá, Austrália e Inglaterra, após ter suas obras censuradas em 1968 em seu país, fundamenta seu

entendimento sobre os dias atuais na noção de *liquidez*. Em “Modernidade líquida” (2001), associa as características da contemporaneidade às dos líquidos. Isso porque, ao acondicionarmos um líquido em um frasco, temos a ilusão de que ele possui aquela forma. No entanto, basta retirá-lo do recipiente que notaremos que não possui forma alguma e que qualquer tentativa de moldá-lo será em vão. É com base, portanto, nessa noção de liquidez, que o sociólogo criará a categoria do *amor líquido*.

Bauman (2004) parece primeiramente buscar distinguir o amor líquido do amor que parece considerar verdadeiro. Para ele, o amor verdadeiro é único, idéia que traz consigo a noção de *alma gêmea*. Também informa que não é possível aprender a amar, nem tampouco fugir do amor. Esse sentimento, portanto, sempre nos pegará desprevenidos e senti-lo é inevitável. Nesse sentido, o autor parece diferenciar amor de paixão. É possível apaixonar-se mais de uma vez na vida, mas não amar mais de uma vez na vida. No entanto, na contemporaneidade a experiência da paixão seria tomada como experiência do amor.⁴⁰ Haveria, portanto, uma espécie de nivelamento “por baixo” das experiências afetivas. Os testes pelo quais uma experiência deve passar para ser denominada de amor estariam muito fáceis. O exemplo que ele dá é o do uso da expressão *fazer amor* em referência a “noites avulsas de sexo” (BAUMAN, 2004, p. 19).

Bauman parece revelar aqui um desconforto com as experiências afetivas atuais. De certa forma, é como se ouvíssemos algum antepassado dizendo “bom era no meu tempo...”. Assim, apesar de chamar o *amor líquido* de amor, procura primeiramente diferenciar isso que hoje em dia se chama de amor do amor verdadeiro, que é único. Logo, poderíamos talvez vincular os pré-conceitos de Bauman acerca dos relacionamentos contemporâneos a uma nostalgia dos tempos do amor romântico.

Para o sociólogo (BAUMAN, 2004), na atualidade pensa-se que é possível aprender a amar, motivo pelo qual o número de relacionamentos afetivos seria relevante. Quanto mais nos relacionamos, melhor amaremos. Então, tornamo-nos mais aptos a vivenciar uma experiência afetiva mais proveitosa e o próximo relacionamento necessariamente será melhor do que o atual. Nesse sentido, ainda que de

⁴⁰ Enquanto Bauman diferencia os dois sentimentos, Leandro Castro Oltramari (2007), em sua pesquisa sobre conjugalidade e AIDS, afirma que amor e paixão estariam conectados, sendo mutuamente alimentadas: “um amor no interior da conjugalidade que não tenha elementos apaixonados pode logo deixar de existir e outras interações podem fazer o sujeito amar uma outra pessoa” (p. 108).

forma diferente, é possível conectar *amor romântico* e *amor líquido*. Também no *amor romântico* estava presente a idéia de que se aprendia a amar, pois o amor era visto como algo a ser construído na constância do casamento. A diferença principal reside no fato de que, no modelo atual, esse aprendizado se dá com pessoas diferentes. O que está no foco é o indivíduo, e não a relação. É ele que sairá enriquecido com as experiências amorosas anteriores, podendo utilizá-las a seu favor para garantir o sucesso do relacionamento atual.

Se antes o amor podia ser eterno, agora a experiências amorosas constituem-se de “episódios intensos, curtos e impactantes” (BAUMAN, 2004, p. 20). Essa modalidade de relacionamento estaria perfeitamente inserida na instabilidade da pós-modernidade, ambiente no qual não é produtivo fixar-se e adquirir hábitos. Um dos pontos mais importantes da argumentação de Bauman (2004, p. 22), contudo, é a sua visão do amor líquido como consumo. A experiência amorosa seria vista como uma mercadoria a ser consumida. Como um produto à venda, prometeria “desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultado sem esforço”.

Segundo esse autor, o amor seria visto na contemporaneidade como um desejo a ser saciado. Sendo assim, os relacionamentos, assim como os produtos, tornam-se descartáveis e devem ser consumidos instantaneamente, pois, ao nos envolvermos em um relacionamento, também fechamos as portas momentaneamente para outros. E, assim como os produtos eletrônicos, os relacionamentos também teriam novas versões, sempre mais aperfeiçoadas do que as anteriores e feitas sob medida para despertar um desejo muito forte de as possuir. Isso pode ser exemplificado pelas comunidades do Orkut baseadas na expressão “a fila anda”. Esta significa que não se deve perder tempo com relacionamentos sem futuro ou que não se deve sofrer por sentir algo por alguém sem reciprocidade. Além disso, *a fila anda* porque há inúmeras possibilidades de se relacionar, não podendo as portas serem fechadas a tais possibilidades por muito tempo. Então, além de andar, às vezes *a fila voa*.

Beck e Beck-Gernsheim (2001), sociólogos alemães que tratam de questões relacionadas aos modos de vida contemporâneos, ao tratar do que denominam de “futuro do amor”, falam em uma desmistificação da religião do amor. Nesse sentido, estão em convergência com a vinculação que Bauman faz entre amor e consumo, pois entendem que o amor seria submetido a causalidades, condições e balanços, consistindo numa forma híbrida entre mercado e imediatez, buscando os indivíduos o ideal do amor calculável, seguro e otimizado.

Em relação à sua duração, o amor líquido não só é eterno apenas enquanto dura, como tem sua continuidade constantemente avaliada, afirma Bauman (2004). É como se tratássemos de um mercado de ações. Os relacionamentos passam a ser vistos como investimentos, que só valerão a pena enquanto continuarem a gerar lucros relevantes. Isso pode ser exemplificado com comunidades do Orkut estudadas que partem da expressão “ou me trata bem, ou fica sem”. Elas mencionam essa avaliação da relação afetiva. Dessa forma, qualquer destrato pode ser motivo para pôr fim à relação. Se, de acordo com a descrição, “quem ama de verdade dá tudo de si, cuida, trata com carinho e respeito”, essa falta de cuidado revela também ausência de amor ou dos lucros que se entende que ele deveria gerar.

O amor líquido é personificado, ainda, no que Bauman (2004) denomina “relação de bolso”, que encarnaria a instantaneidade e a disponibilidade. O sujeito está sempre no controle desse tipo de relação: não há entrega nem trocas. Aqui não há paixão, mas apenas conveniência. Se o compartilhamento não é uma característica importante desse tipo de relacionamento, é preciso manter-se do jeito que se é. Se a relação fugir aos seus propósitos, é hora de seguir adiante, o que ocorrerá com pouquíssimas feridas, para que logo se esteja pronto para outro relacionamento.

Tratando-se de relacionamentos sem grande envolvimento emocional e afetivo e com duração limitada, cabe também trazer a reflexão de Beck e Beck-Gernsheim (2001) acerca da contradição entre o mercado de trabalho e a família, que produz os solitários. Esses autores colocam a pessoa isolada como figura básica da contemporaneidade. Isso seria resultante de uma imposição do mercado de trabalho, gerando uma sociedade móvel dos solitários. Como as exigências do mercado de trabalho prescindem de outras, como família e casamento, gera-se uma promoção da dissolução da família tradicional, com a emergência de novos modelos, em paralelo à criação de um universo do eu, calcado em círculo de contatos, redes de amizades e principalmente de uma posição profissional segura. Eles alertam, contudo, para as mudanças que isso gera para os relacionamentos, pois compreendem que viver sozinho com êxito faz crescer o perigo de não conseguir vivenciar uma relação amorosa.

Percebe-se, diante do exposto, que o amor romântico não estaria completamente abandonado, pois serviria de base para o amor confluyente. Os ideais românticos estão aqui presentes, mas remodelados sob o prisma da igualdade entre os gêneros, dos projetos de vida comuns e da importância do exercício da sexualidade nos relacionamentos.

Parece ser justamente nos pontos relativos aos ideais românticos e aos projetos de vida comuns, bem como ao compartilhamento da intimidade, que amor confluyente e líquido diferem. Este último é associado ao consumo. Relacionamentos são produtos e estes são descartáveis. Não nos envolvemos com produtos, não nos apegamos a produtos. Não há intimidade, não se compartilha nada, não há, aqui, envolvimento real e, na opinião de Bauman (2004), não há, portanto, amor verdadeiro.

2.3.5 Conjugalidade e Infidelidade

Ao tratar da questão da conjugalidade na contemporaneidade, torna-se fundamental mencionar a fidelidade. Se, segundo Bozon (2001), a sexualidade é central para o casal do século XXI e, levando-se em consideração a instabilidade e fluidez que o modelo amoroso adquire em nossos dias, questionar a valorização da fidelidade nos relacionamentos contemporâneos torna-se imprescindível, até porque essa questão é mencionada também pelos jovens pesquisados, quando eles tratam do *namoro*. A reflexão de Georg Simmel (2003), há quase um século atrás, nos faz pensar que a fidelidade é um gerador da continuidade da relação. É essa ideia de continuidade que talvez fundamente a importância que Goldenberg (2006) observa em suas pesquisas sobre fidelidade, ainda que como valor, mas não sempre como prática.

Cristiane Gonçalves Meireles da Silva (2002), em pesquisa realizada sobre o significado da fidelidade para homens casados, é o respeito e o companheirismo o que define a fidelidade e esta é ligada apenas à relação conjugal, não àquelas mantidas fora do casamento. Sendo a busca fora do casamento apenas por sexo e sendo a sua necessidade tida como algo inerente à natureza masculina, a satisfação sexual gerada pela esposa seria algo de grande relevância. Se a esposa os satisfaz, não seria necessário procurar essa satisfação fora da relação conjugal.

A pesquisa realizada por Raquel Souza e Augusta Alvarenga (2001) com mulheres de baixa renda de São Paulo trata da compreensão da infidelidade do parceiro. Essas mulheres também creditam a infidelidade masculina como algo que faz parte da dinâmica conjugal e que denota a insatisfação do homem com o relacionamento. A prática da infidelidade, contudo, não seria extensiva às mulheres. Já na pesquisa realizada por Marion Arent (2009) sobre infidelidade conjugal feminina num Clube de Mulheres no Rio de Janeiro, além de a traição poder ser justificada pela rotina do casamento, assim como parecem fazer os

homens investigados nas duas pesquisas citadas acima, ela também ocorre como reação à infidelidade masculina.

Questionar acerca da valorização ou não da fidelidade na conjugalidade contemporânea é algo relevante para a análise dos modelos amorosos vigentes. Embora fortemente atrelada ao comportamento masculino, percebe-se que se deu também uma extensão da infidelidade como possibilidade às mulheres, o que aparecerá também nas falas dos jovens pesquisados. No momento em que, com o modelo do amor confluyente, o “para sempre” passa a ser relativizado e que a satisfação sexual no interior da conjugalidade passa a ser tida como um valor, isso se torna importante, atrelado ainda a uma maior igualdade de gênero (ou entre os sexos mas não entre gêneros) o que poderia assegurar a infidelidade quase como um direito das mulheres, ainda que com justificativas diferentes das utilizadas pelos homens, como a da insatisfação sexual e a da reação à infidelidade masculina, conforme dispõe Souza e Alvarenga (2001).

2.4 SEXUALIDADE E JUVENTUDE: *PEGAR, FICAR E NAMORO*

Neste item, abordarei como as categorias *pegar, ficar e namorar*, bem como as representações sobre sexualidade relacionadas a elas são questões que se inserem nos estudos sobre juventude e sexualidade atuais.

2.4.1 Considerações sobre o Conceito de Juventude

Para tratar dessa temática, faz-se necessário compreender de que forma surge o conceito de juventude. Além disso, é preciso refletir sobre a relevância de estudar a juventude. Para Angelina T. Peralva (2007, p. 25),

enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir. Interrogar essas categorias permite não somente uma melhor compreensão do universo de referências de um grupo etário particular, mas também da nova sociedade transformada pela mutação.

Também Regina Reyes Novaes (2007) entende que estudar a juventude auxilia na compreensão dos valores da contemporaneidade. Tendo por base tais entendimentos, acredito que pesquisar práticas afetivas de jovens permite não só averiguar as vivências relacionadas à sexualidade juvenil, mas também entender as modificações ocorridas nos relacionamentos amorosos na atualidade.

Para situar historicamente o conceito de juventude, é preciso inicialmente remeter à invenção da infância, a qual, segundo Philippe Ariès (1981), estaria situada nos fins do século XVIII. O autor demonstra que, anteriormente a tal período, as crianças eram vistas como adultos em miniatura, não sendo reservados a elas cuidados especiais. A infância é representada como categoria construída socialmente, no momento em que as crianças passaram a ser vistas como seres frágeis e vulneráveis que, por esse motivo, possuíam necessidades específicas. Tomando-se como exemplo sua obra, é possível deduzir que também a categoria juventude inexistia nesse momento histórico. Não havendo uma diferenciação entre crianças e adultos, tampouco poderia estar presente a juventude, essa etapa intermediária entre a vida infantil e adulta.

Também torna-se imperativo falar de Margaret Mead (1961), com o texto no qual compara sobre a juventude de Samoa, publicado em 1928. Em sua pesquisa, a antropóloga compara as vivências juvenis de Samoa com as dos jovens americanos. Um dos destaques é dado justamente à questão da sexualidade, já que os jovens e as jovens de Samoa desfrutavam de uma liberdade sexual, algo muito diferente da situação dos Estados Unidos nessa época.

Em que momento histórico se situa, então, o advento da noção atual de juventude? Segundo Rossana Reguillo (2003) a categoria juventude, da forma que a conhecemos atualmente, consiste numa invenção operada após a Segunda Guerra Mundial, contexto no qual tomava forma um discurso jurídico, um discurso escolar e uma indústria que reivindicavam que crianças e jovens fossem tidos como sujeitos de direitos⁴¹ e, especialmente no caso dos jovens, de consumo.

Segundo estes autores se a invenção da infância pode ser localizada no final do século XVIII, a da juventude pode ser identificada na metade do século XX. É após a Segunda Guerra Mundial e diante do reconhecimento do holocausto nazista que se busca o reconhecimento da universalidade dos direitos humanos. Em virtude da discriminação

⁴¹ O sujeito de direitos pode ser compreendido como ente (individual ou coletivo) que é titular de direitos e deveres conferidos pelo ordenamento jurídico.

operada durante o conflito, que diferenciava judeus, ciganos, homossexuais, deficientes físicos, crianças e idosos, por exemplo, como seres que não mereciam viver, a Organização das Nações Unidas, com a promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, busca a extensão e garantia desses direitos a todas as pessoas e, portanto, também a crianças e jovens. (coloque alguma referência a esta informação sobre a declaração dos DH)

Nesse momento, com suas economias abaladas pela participação na guerra, era preciso também a sua reestruturação, o que foi operado, inclusive pelo consumo. Ser jovem, nesse momento, passou também a significar poder adquirir bens de consumo específicos para essa faixa etária. Isso é ressaltado por Guacira Lopes Louro (2000), que afirma que, no Brasil dos anos 1950, que afirma que a juventude tinha como base os padrões de referência e estética da juventude estadunidense, que nesse momento, se tornava um mercado de consumo distinto do mercado adulto.

A noção de juventude, criada no pós-guerra, também possui reflexos muito importantes para a geração de jovens dos anos 1960, lembrada pela quebra de diversos paradigmas no que diz respeito a gênero, sexualidade e preconceito racial, por exemplo. Para Irene Cardoso (2005), a geração dos anos 1960 é muito crucial para o desenvolvimento do que a autora chama de “entronização do modo jovem de ser como estilo de vida” (p. 93), que é uma de suas características. Ela é oriunda, também, segundo a socióloga, da flexibilização das hierarquias e da autoridade, a qual gerou novas relações entre adultos e jovens.

Salienta-se que essas novas relações, com a flexibilização da autoridade adulta, também está profundamente conectada ao reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos. Reconhece-se, dessa forma, que jovens possuem direitos que devem ser respeitados e que são universais, motivo pelo qual a autoridade adulta, independentemente de sua origem, se familiar ou educacional, por exemplo, não é ilimitada.

A juventude passa a ser, portanto, também uma referência, inclusive com padrões específicos de estética. Ela não é mais apenas uma faixa etária e, muito menos, um período da vida disposto entre a infância e a vida adulta. Ser jovem é, poder questionar e quebrar barreiras. Por esse motivo, no século XX, a juventude é também um ideal a ser alcançado (ARIÈS, 1981).

Nota-se que a noção de juventude não está restrita à delimitação de uma faixa etária. Segundo os ensinamentos de Luís Antonio Groppo

(2000), ela não pode ser compreendida apenas sob esse prisma. A juventude deve ser tida também como representação social e cultural, bem como situação social. Dessa maneira, embora o fator idade seja importante para sua definição, a noção de juventude é muito mais ampla, envolvendo aspectos sociais e culturais.

O que caracteriza, então, a juventude? Como defini-la? Entendo que, para tanto, é preciso primeiramente remeter à noção sociológica clássica de Marialice Mencarini Foracchi (1965), que caracteriza a juventude a partir do reconhecimento de que se trata de uma fase da vida, da constatação de sua força social renovadora e da percepção de que vai além de uma etapa cronológica, constituindo-se também como um estilo próprio de existência.

Estão presentes em seu conceito elementos já apontados aqui, quais sejam: a juventude é também, mas não só, uma fase cronologicamente datada da vida das pessoas, ela possui um estilo próprio (ser jovem não é apenas possuir determinada idade, mas ser de determinado *jeito*) e, por fim, o caráter de mudança social que a juventude carrega consigo, tão visível, por exemplo, na geração dos anos 1960. É esse caráter de quebra de paradigmas, de renovação, que muitas vezes faz com que, nos dizeres de Henry Giroux (1996), a juventude possua um caráter paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que é exaltada, é também demonizada.

Segundo Olivier Galland (1997), a juventude seria o período da vida que se estenderia até que eventos como o advento de um emprego em período integral, da conjugalidade, da parentalidade ou da constituição de uma residência autônoma da família de origem ocorram. Nota-se, aqui, que trabalho e família seriam dois norteadores importantes da vida adulta. Logo, é a admissão em um emprego, e em período integral, que poderia caracterizar o término da juventude.

Sobre a delimitação da juventude, José Guilherme Cantor Magnani (2005, p. 174), também afirma que “essa etapa pode ser marcada tanto por fatores biopsicológicos como por rituais de passagem, de mudança de *status* e ingresso em esferas específicas, como o mercado de trabalho, a constituição de família, o pertencimento a grupos etc”. No entanto, ele propõe que a juventude não seja tomada como categoria explicativa, mas como o ponto de partida empírico para os recortes efetuados nas pesquisas.

Ponto de vista semelhante possui Wivian Weller (2005, p. 112), que afirma que, “se quisermos entender o que vem a ser juventude e como ela é vivida *de fato* pelos adolescentes e jovens de ambos os sexos, será necessário dedicar maior importância às descrições e

narrativas dos atores envolvidos associada à reflexão teórico-metodológica e à análise rigorosa dos dados empíricos”. Também Foracchi (1965, p. 302) já apontava para a necessidade de se pensar a juventude como um fenômeno plural, ao sinalizar que “cada sociedade constitui o jovem à sua imagem”, bem como que uma sociedade pode produzir diversos tipos de jovens.

Percebe-se, dessa forma, que, por possuir contornos extremamente complexos e limiars ténues, é preciso sempre ter o cuidado de tratar de juventude de forma plural. É preciso compreender que não se trata de uma experiência única e que, pelo contrário, possui diversas matizes, que variam de época para época, de sociedade para sociedade e, ainda, dentro de uma mesma época e de uma mesma sociedade, de fatores como gênero, etnia, classe social etc.

A categoria juventude está fortemente atrelada às ciências sociais, uma vez que difundida como “momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, por meio da aquisição de elementos apropriados da ‘cultura’ e da assunção de papéis adultos” (ABRAMO, 2007, p. 79). Esse conceito contrasta em certa medida com o de adolescência, mais difundido no campo da Psicologia. É preciso frisar que o conceito nativo utilizado pelos jovens pesquisados é *adolescente*, ou seja, é como *adolescentes* que eles se denominam, o que denota a aceitação desse conceito no meio social. Mara Coelho de Souza Lago (1998, p. 262) assim o descreve:

A adolescência é a etapa da vida que tem início com as mudanças fisiológicas da puberdade – quando as glândulas sexuais começam a produzir os hormônios que vão desenvolver as características sexuais secundárias, reforçando biologicamente a diferenciação sexual – e termina somente quando se atinge um certo nível de maturação psicológica e social, que pressupõe a relativa independência do adulto jovem. Em nossas sociedades, caracteriza-se como um período de *crise psico-social*, um tempo em que o jovem deve realizar a passagem da infância para a vida adulta.

Os conceitos de juventude e adolescência são também semelhantes. Em ambos os casos, procura-se demarcar uma fase, compreendida entre a infância e a vida adulta. Além disso, ressalta-se que a noção de crise também se faz presente tanto na ideia de juventude, quanto na de adolescência. Por fim, também se faz presente nos dois casos a questão da aquisição de maturidade, seja psicológica ou social.

2.4.2 Pegar, Ficar e Namoro como Manifestações da Sexualidade Juvenil

No intuito de tratar da sexualidade juvenil, torna-se imperativo primeiramente realizar algumas considerações sobre a sexualidade. Neste trabalho, a sexualidade será concebida como uma construção social, portanto determinada histórica e culturalmente. Nesse sentido, considera-se, com Carole S. Vance (1995), que aquilo que é aceitável, ou seja, aquilo que é considerado normal ou natural, é variável conforme a época, o local e a cultura.

Para Foucault (1988, p. 100), a sexualidade deve ser vista como um dispositivo histórico:

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder.

No mesmo sentido são os dizeres de Jeffrey Weeks (2001), para quem a sexualidade só pode ser compreendida num contexto histórico específico, sendo preciso, ainda, compreender as relações de poder que interferem nos comportamentos considerados normais ou aceitáveis. Também Louro (1997) entende que a sexualidade é uma invenção social, constituída historicamente e a partir de discursos reguladores sobre o sexo. Logo, segundo a autora, é a partir dos processos culturais que é definido o que é ou não natural em determinada sociedade e em determinada época.

Esses autores, baseados em Foucault, tratam da sexualidade como uma construção e como circunscrita às relações de poder, conforme enumera Giddens (1993, p. 33): “a sexualidade é uma elaboração social que opera dentro dos campos do poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação direta”. Gayle Rubin também rejeita o que chama de “essencialismo sexual”

(2010, p. 10), compreendendo que a sexualidade é histórica e socialmente construída, e não biologicamente determinada: “Isso não significa que as capacidades biológicas não são pré-requisito para a sexualidade humana. Significa que a sexualidade humana não é compreensível em termos puramente biológicos” (RUBIN, 2010, p. 11).

A esse conjunto de autores também se une Michèle Ferrand (2004), que entende a sexualidade como aquilo que compreende as práticas sexuais físicas e corporais e também as significados da sexualidade, bem como as relações e interações sociais provocadas por ela. Nesses significados da sexualidade estariam inseridas as representações e os afetos, dentre outros. Bozon (2009), para quem é a sociedade que produz a sexualidade humana, a qual, diferentemente da dos animais, não é instintiva, mas culturalmente construída. A sexualidade é compreendida ainda como sendo relacionada aos atos, às relações e às significações.

É também Bozon (2009) quem traz importantes elementos para a compreensão da sexualidade juvenil. Para o sociólogo, a adolescência consistiria num período de preparação e de aprendizagem da sexualidade, sendo que a juventude seria considerada como uma nova etapa, para a qual a passagem à sexualidade genital seria decisiva. A construção da autonomia que seria central na adolescência se basearia na constituição de uma esfera pessoal, constituída por relações que escapam às instituições familiar e escolar: as relações com os amigos e as relações amorosas e sexuais. Numa entrevista concedida sobre gerações e sexualidade (BESSIN, 2009), Bozon também assevera que é após os anos 1980 a sexualidade juvenil passa a ter um estatuto diferenciado, pois, a vida sexual regular é tida como um estabilizador da vida dos jovens. Por esse motivo, estaria presente uma cumplicidade dos pais em relação à vida sexual dos filhos (BOZON, 2009), modificando as normas de passagem à sexualidade adulta (BOZON, 2001).

2.4.2.1 Pegar e ficar

No que se refere à prática de *pegar*, apenas um trabalho foi encontrado que tratasse da prática do *pegar*: trata-se do artigo científico de Denize Cristina de Oliveira e outros (2007), publicado na Revista Brasileira de Enfermagem, com o título de “Pegar, ficar e namorar: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes”. Esse texto traz os resultados de uma pesquisa realizada com 130 estudantes de duas escolas públicas estaduais do Rio de Janeiro. De acordo com os jovens que participaram dessa pesquisa, o *pegar* é algo geralmente

associado ao beijo, ainda que possa resultar inclusive numa relação sexual. Essa prática seria baseada, ainda, na espontaneidade e no descompromisso.

Já sobre o *ficar* há diversos trabalhos. Se a noção do *ficar* emerge no final dos anos 1980 (SCHUCH, 2002, p. 282), é principalmente na segunda metade da década de 1990 que estão concentrados os trabalhos acadêmicos sobre o tema. Cabe aqui citar as dissertações de mestrado de Ana Laura Giongo (1998), sobre jovens estudantes de uma escola de classe média-alta de Porto Alegre, e de Patrice Schuch (1998), sobre jovens universitários da mesma localidade. Destaco ainda os artigos de Carmen Lisboa Weingartner e outros (1995), sobre as diferenças entre *ficar* e namorar, e de Neuza Guareschi (1999), sobre *ficar* e relações de gênero.

Esses trabalhos não cessam nessa década e há também nos anos 2000 referências sobre o *ficar*. São eles a pesquisa GRAVAD, realizada em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador (HEILBORN *et al.*, 2006) e a pesquisa de Jardel Silva Oliveira de Jesus (2005), sobre adolescentes de Aracaju. Ambas tratam do *ficar* e do *namoro*. Há ainda o artigo científico de José Sterza Justo (2005), que traz questões oriundas da Psicologia sobre o *ficar*, e a dissertação de Kátia Muniz Diógenes (2007), sobre o *ficar* entre adultos de Fortaleza.

Assim como no *pegar*, também no *ficar*, segundo Maria Isabel Mendes de Almeida (2006), o beijo é central. Para Flávia Rieth (2001), que desenvolveu uma pesquisa de doutorado em Pelotas, Rio Grande do Sul, no *ficar* há um envolvimento afetivo sem compromisso e por isso ele se torna uma maneira de conhecer pessoas diferentes. No mesmo sentido é o trabalho de Giongo (1998), para quem essa ausência de compromisso também faz com que a fidelidade não seja um requisito nessa prática. Esse descomprometimento e essa efemeridade do *ficar* são consideradas por Isabelle Clair (2008) como um divertimento, expresso na categoria “*fun*”.

Heilborn e outros (2006, p. 165) demonstram em sua pesquisa a difusão dessa prática, já que 76% das mulheres e 90% dos homens declararam já ter tido a experiência de *ficar*, sendo que, dentre os entrevistados de Porto Alegre, os números eram ainda mais elevados: 88% das mulheres e 94% dos homens revelaram já ter *ficado*. Nesse trabalho, o *ficar* é descrito como uma “experiência, em geral não sexualizada”, que “constitui o primeiro elemento de familiarização com a vida amorosa para os indivíduos dos dois sexos”. Michel Bozon e Maria Luiza Heilborn (1996) salientam, além disso, que o *ficar* geralmente ocorre num lugar público.

Nessa análise do *ficar*, é preciso atentar para as diferenças de gênero. Elas estão presentes tanto no que diz respeito ao número de pessoas com que se *fica* quanto no que se refere ao ato de tomar a iniciativa. Clair (2008) assevera que, no caso das meninas, o “fun” possui limites, o que é também corroborado por Miriam Abramovay e outros (2004), que alerta para o valor positivo que é atribuído aos meninos que possuem uma variação de parceiras, enquanto que, para as meninas na mesma situação pode gerar a atribuição de um valor negativo.

Por fim, um último elemento a respeito do *ficar*, também conexo a essa ideia de conhecer pessoas diferentes, é relevante aqui. Trata-se da ocorrência de práticas não-heterossexuais entre os jovens. Nayara Uber Piloni (2010), em seu trabalho de conclusão de curso sobre jovens alternativos em Florianópolis, analisa festas nas quais os universitários *ficam* com pessoas do mesmo sexo. Aqui, além da ideia da diversão, estaria presente também a noção de liberação.

2.4.2.2 *Namoro*

Em diversos dos estudos citados, a prática do *ficar* aparece de forma contrastante à do *namoro*. Por esse motivo, a questão da demarcação de fronteiras entre uma e outra prática é algo constante. A dificuldade enfrentada pelos jovens para definir seu próprio *status* de relacionamento (se se trata de *ficar* ou *namorar*), é algo descrito tanto por Rieth (2001), quanto por Giongo (1998). E isso ocorreria principalmente porque o *namoro*, segundo Oliveira e outros (2007), em geral decorre da continuidade e repetição do *ficar* com a mesma pessoa.

Diferentemente do *ficar*, a relação de *namoro* é publicizada para família e amigos, além da maior intensidade de sentimento dos envolvidos (RIETH, 2001; OLIVEIRA *et al.*, 2007; LEAL, 2003). Além disso, no *namoro* há um elo mais forte entre os jovens do que no *ficar*, estabelecendo-se uma relação afetiva caracterizada pelo compromisso e pela durabilidade (JESUS, 2005). O *namoro* é tido como uma relação séria, na qual a fidelidade seria uma exigência (RIETH, 2001).

Por fim, outro ponto importante no que se refere ao *namoro* juvenil é a manutenção de relações sexuais. Embora não obrigatórias, a sua ocorrência se dá com frequência nessa prática (HEILBORN *et al.*, 2006), motivo pelo qual alguns jovens a compreendem como inclusive inevitável (RIETH, 2001).

Pegar, ficar e namoro aparecem na literatura estudada como práticas e manifestações da sexualidade na juventude. Seriam, dessa

maneira, formas de iniciação sexual e componentes da transição entre a vida afetiva juvenil e adulta. Nesse sentido, sua diferenciação é demarcada, mesmo que as fronteiras entre o *pegar* e o *ficar* sejam mais tênues e que sobre a prática do *pegar* não existam muitos registros. No entanto, se no meio científico o *pegar* não é muito difundido, é a partir das falas dos próprios jovens que é possível apreender o seu sentido, diferenciando-o da prática de *ficar*, o que será feito a seguir.

3 ESTAR A FIM DE ALGUÉM: PEGAR E FICAR

Tendo feito a revisão teórica dos principais temas abordados em minha pesquisa de campo, neste capítulo inicio a análise do material recolhido em campo, tratando das práticas afetivas denominadas pelos interlocutores de *pegar* e *ficar*. Inicio o capítulo mostrando as diferenças e semelhanças que as práticas de *pegar* e *ficar* possuem para esses jovens. Essas práticas são relacionadas, pelos jovens pesquisados, ao sentimento de *estar a fim de alguém*.

O *estar a fim* pressupõe uma atração física e o desejo de *pegar* ou *ficar*, diferenciando-se, para esses jovens, dos sentimentos de paixão, relacionado sobretudo ao *namoro*, e de amor, relacionado principalmente à conjugalidade, podendo ser caracterizado, algumas vezes, como o estágio anterior à *paixão* e ao *amor*. O sentimento de *estar a fim* é descrito como algo *que passa muito rápido* e como uma *coisa de momento*, podendo ser compreendido, também, como aquilo que se sente quando ainda não se ficou com a pessoa da qual estamos *a fim*.

O sentimento é também associado ao desapego. Assim, quando se está *a fim*, *não faz diferença se eu não ficar... ou se uma amiga minha ficar*. *Estar a fim* é ainda associado à prática de dar *uns pega* e à distração e diversão: *estou a fim de ficar com alguém é tô chateada hoje e vou pra uma festa, vou pra balada, vou pegar vários. Quero me distrair*.

3.1 DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS ENTRE AS NOÇÕES DE PEGAR E FICAR

As diferenças existentes entre as práticas de *pegar* e *ficar* puderam ser melhor dissecadas nas entrevistas realizadas com os alunos do Colégio Rose Marie Muraro no primeiro semestre de 2010. Foi sobretudo na oficina destinada apenas aos meninos, na qual compareceu apenas um aluno, motivo pelo qual entendo que foi realizada, na realidade, uma entrevista, que a utilização do termo *pegar* me chamou a atenção. O fato de eu ter escutado essa palavra de um menino também possui conexão com o que foi dito pelos demais jovens, relacionado a quem utiliza mais a expressão *pegar*. Por esse motivo, decidi inserir nas entrevistas um questionamento sobre a existência ou não de diferenças entre *pegar* e *ficar*.

Partindo das noções de “familiar” e “exótico”, trazidas por Velho (1997), é possível afirmar que eu possuía familiaridade com a prática do

ficar, enquanto que o *pegar* era algo exótico para mim, motivo pelo qual se tornou mais fácil o seu estranhamento. Isso porque a noção do *ficar* emerge no final dos anos 1980 (SCHUCH, 2002, p. 282), sendo que a partir do início dos anos 1990 eu era adolescente. Lembro inclusive que os professores da escola na qual eu estudei perguntavam e tentavam entender no que consistia essa prática.

As práticas do *pegar*, do *ficar* e do *namoro* encontram-se, de acordo com Oliveira e outros (2007, p. 500), num “*continuum* que vai da liberdade absoluta à responsabilidade formalizada”. O *pegar* estaria num dos extremos, o da liberdade absoluta, enquanto que o *namoro* encarnaria a responsabilidade formalizada. Para os jovens da pesquisa de Oliveira e outros (2007), no *pegar* há instantaneidade, ausência de compromisso e de repetição, bem como uma predominância no interesse físico, o que em geral resulta em beijos, e não em relação sexual. O beijo, segundo Almeida (2006), ocupa um papel central nessas relações tão efêmeras.

Nas entrevistas realizadas sobre esse tema com os estudantes do Colégio Rose Marie Muraro, foi mencionada por praticamente todos os jovens a existência de diferenças entre *pegar* e *ficar*. Para Thaíse (16 anos), *pegar* e *ficar* consistem apenas de termos diferentes para designar a mesma prática, sendo que o termo *pegar* seria mais utilizado por meninos. Assim, tanto *pegar* quanto *ficar* envolveriam beijos e carícias a título de experimentação, sem qualquer tipo de compromisso com o outro que implicasse a continuidade da relação ou mesmo a repetição da prática em outro momento. Já Laura (17 anos) disse que ambos se tratam da *mesma bobagem*. A jovem criticou essa necessidade que alguns jovens têm de *pegar todo mundo* ou *ficar com todo mundo*.

Para os demais jovens que participaram das entrevistas, trata-se de práticas diferentes. Sofia (17 anos) fala das diferenças entre as práticas de *pegar* e *ficar*, descrevendo a sua ocorrência em uma festa. Para ela, *pegar* alguém é beijar e *sair fora*, ou seja, *nunca mais olhar pra cara* da pessoa: *pegar é só dá um peguinha bem rapidinho e era só isso*.

Embora trate apenas do *ficar*, Almeida (2006, p. 150) esclarece-nos muito bem o papel que o beijo ocupa nessas relações tão efêmeras: “nos regimes que compõem as novas semióticas afetivas em torno do ‘ficar’, o beijo assume a condição de performance, de intransitividade, fisicalidade, arma corporal, descarga rápida da emoção. Princípio e fim. Ubiquidade do ato”.

Tal afirmação coaduna-se com a comunidade do Orkut “Beijo com pegada”,⁴² que conta com a seguinte descrição: “essa comunidade é para todos que adoram um beijo com aquela pegada! Onde rola aquela química, sentindo aquele friozinho na barriga, e as bocas se encaixam numa só...” Eduardo (16 anos) fala, ainda, de uma questão corporal envolvendo o *pegar*, fato que também é evidenciado por Ana Carolina (16 anos). Logo, o *pegar* não incluiria apenas o beijo: *pegar é pegar... tem todo o jogo e vai... e... que é um lance mais quente*.

O jovem também afirma que para *pegar* é preciso ter *pegada* e que o *pegar* envolve *agarramentos*, ou seja, carícias mais íntimas, que não estariam tão presentes no *ficar*. A *pegada*, consiste, portanto, num atributo do indivíduo. Ela não parece ser algo que possa ser adquirido, ou seja: ou tem *pegada* ou não tem. A *pegada* é alvo de diversas comunidades do Orkut, como “A pegada é essencial”, “Minha pegada deixa saudades” e “A pegada enlouquece”. As fotos que ilustram essas comunidades geralmente trazem um casal heterossexual se beijando, estando os homens quase todas as vezes sem camisa, com as mãos nas nádegas ou nas coxas da mulher, o que evidencia o conteúdo sexual da *pegada*.

José (16 anos) define o *pegar aquela coisa só de uma tarde assim, uma coisa pouca assim, sabe. Só uma coisa momentânea*. A efemeridade dessa prática também é descrita por Ana Carolina (16 anos): *parece que pegar é aquela coisa mais do momento, de “ah, tô afim de pegar, peguei e deu”*. *Pegar e largar. É uma coisa mais, sei lá, desapego total assim.*⁴³ [...] *Pegar até sugere objeto, uma coisa mais corpo, uma coisa mais de contato*. Para ela, quando se *fica* com alguém em uma festa, a denominação utilizada deve ser o *pegar*: *eu acho que numa festa tu vai ter pegado a pessoa... não vai ter ficado*. Essa efemeridade também está presente no esclarecimento que Laura (17 anos) presta em sua entrevista: para a jovem, o termo *pegar* nunca é usado no presente. Logo, os jovens sempre falaria *eu peguei*.

O *pegar*, envolve, ainda, além do beijo sem qualquer compromisso, do elemento corporal (a *pegada*) e do *desapego*, um desejo de estar com diversas pessoas. Para Natália, o *pegar* é *tipo “ah, vou pegar todos hoje”*. A prática de *ficar* sem compromisso ou de *ficar* com várias pessoas também é vista como forma de diversão e, por isso,

⁴² Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=44534180>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

⁴³ Esse desapego é descrito em várias comunidades do Orkut, cujo título faz um trocadilho com as palavras *pegar* e *apegar*. É o caso de “Eu pego... mas não me apego”, comunidade destinada “a todos aqueles que gostam de uma boa aventura sem qualquer compromisso”.

é frequentemente exemplificada pelos jovens como algo que ocorre em uma festa. Ana Clara (17 anos) fala da prática de *pegar* como sendo *aquela coisa assim mais na diversão, sabe, quando tu tá numa festa 'ah, vou pegar' assim, meio sem compromisso, [...] nem tá preocupado com o que vai acontecer depois assim, ou com o sentimento.*

Diante do que foi descrito por esses jovens, a prática do *pegar* parece se encaixar muito bem no modelo de amor líquido. Se as experiências amorosas constituem-se de “episódios intensos, curtos e impactantes” (BAUMAN, 2004, p. 20), o que poderia ser mais intenso, curto e impactante do que o *pegar*? Além disso, se o amor contemporâneo é visto como um desejo a ser saciado, também isso se aplica ao *pegar*.

A prática do *pegar* também pode ser associada à “relação de bolso” descrita por Bauman. Isso porque o *pegar* encarna a instantaneidade e a disponibilidade presentes nesse tipo de relação. Não há compartilhamento, não há entrega e não há trocas. Não há paixão, sendo apenas necessário estar *a fim*, que levaria a dar *uns pega*. A conveniência que Bauman diz estar presente nesse tipo de relação é personificada pela diversão descrita pelos jovens pesquisados. *Pegar* é acima de tudo *divertir-se, curtir, aproveitar*, sem envolvimento emocional e afetivo.

Para a grande maioria dos jovens participantes da pesquisa, portanto, há diferenças significativas entre *pegar* e *ficar*. Na prática do *pegar*, a noção de *desapego* assume extrema importância, pois aquilo que *pega* com facilidade também se *larga*. O ato de *pegar* também é fortemente associado pelos interlocutores às festas realizadas em locais públicos, como em danceterias, nas quais a quantidade de pessoas desconhecidas geralmente supera a de conhecidas. É na festa que se *pega*, que é possível exercitar essa prática, centrada no beijo, na qual as palavras (saber o nome do outro e conversar com ele) não se fazem necessárias.

Essa instantaneidade também permite que, numa mesma situação, a da festa, por exemplo, eles *peguem* várias pessoas, contabilizando, inclusive, recordes que são compartilhados posteriormente com os amigos. Pedro (17 anos) afirma que *pegar* é tipo “*quantas tu pegou?*” *Peguei três, peguei 10*. Extremamente associada à diversão e à ausência de compromisso, a prática do *pegar* caracteriza também pela sua não continuidade, ou seja, pela não repetição: não se *pega* várias vezes a mesma pessoa. Quando se trata da mesma pessoa, aquela que o jovem já conhece, a relação adquire um outro *status*: o de *ficar*. Pedro (17 anos)

informa que *ficar é mais tipo tá ficando* e que se *fica* com alguém que já se *pegou* antes.

No que tange à instantaneidade, é interessante notar que os jovens, quando *pegam* a mesma pessoa a festa inteira, ou seja, quando permanecem durante toda a festa com a mesma pessoa, afirmam que *casaram* na festa. Esse termo foi utilizado tanto por Pedro (17 anos), quanto por Natasha (16 anos), alunos do Colégio Rose Marie Muraro. Pedro (17 anos) esclarece que prefere *ficar* com meninas que ele já conhece (por isso utiliza o termo *ficar*, e não *pegar*), mas que não necessariamente *casa* com elas na festa. Ele esclarece que nesses casos conversa um pouco com a menina, *fica* com ela, mas depois vai *dar uma volta* com os amigos e, num outro momento, eles podem se encontrar novamente na mesma festa. Logo, o termo *casar*, utilizado nas festas, pode ser aplicado tanto a conhecidos quanto a desconhecidos, mas se dá com quem se *fica*, e não com quem se *pega*, já que se trata de uma relação mais duradoura. A ideia de *curtir a festa* com os amigos é apontada tanto por Pedro (17 anos) quanto por Natasha (16 anos) como um empecilho a esse *casar*. Natasha (16 anos) inclusive afirma que, quando saía com as amigas para *curtir*, elas faziam uma espécie de pacto entre elas, o de que nenhuma delas *casaria* na festa.

As características do amor líquido elencadas também estão presentes na prática do *ficar*, embora a instantaneidade e o desapego não sejam tão extremos. Também a duração da relação pode se estender, não sendo restrito apenas a alguns *pega*, a um ou alguns beijos e às carícias de apenas alguns minutos. Flávia Rieth (2001) define o *ficar* como uma “forma *descomprometida* de envolvimento afetivo, ou como uma forma comum e prática de conhecer outras pessoas” (RIETH, 2002, p. 90).

Esse descomprometimento que é associado frequentemente pelos jovens à diversão está presente na prática. Ao tratar da experiência amorosa entre jovens da periferia de Paris, Isabelle Clair (2008) apresenta a categoria “fun”, ou seja, diversão. Para a autora, as relações de diversão são necessariamente efêmeras, já que a diversão só seria possível quando se escapa de relações longas e da gestão e dos aborrecimentos que estão presentes em relações mais sérias.

Como já foi afirmado anteriormente, há muito mais referências de pesquisas sobre o *ficar*. Para Bozon e Heilborn (1996), o *ficar* contrasta fortemente com o *namoro*, e consiste num relacionamento que ocorre geralmente num lugar público, envolvendo geralmente beijos e carícias, sem que isso implique num comprometimento entre os envolvidos. Outra característica importante do *ficar* seria a de prescindir de contato verbal. Os jovens de Aracaju/SE associam *ficar* a “beijar sem

compromisso”, “relacionamento momentâneo” e “conhecer alguém” (JESUS, 2005, p. 70). A caracterização de Justo (2005, p. 71) vai no mesmo sentido:

Embora a palavra “ficar” tenha o sentido genérico de parada e permanência, sugerindo uma certa fixação em algum lugar, seu uso pelos adolescentes, ao contrário, designa um relacionamento episódico e ocasional, na maioria das vezes com a duração de apenas algumas horas ao longo de uma noite de festa e diversão. A prática mais comum envolve beijos, abraços e carinhos. Outra característica importante é que o “ficar” não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, fortuito, superficial, sem maiores conseqüências ou envolvimento profundos.

Em relação à comparação com o *namoro*, é possível afirmar que o *ficar* não possui nem as formalidades e nem a visibilidade social presentes no primeiro tipo de relacionamento, encontrando-se “em uma região definitória mediana entre a liberdade e a responsabilidade” (OLIVEIRA *et al.*, 2007, p. 500 e 501). Para Giongo (1998), o compromisso e a fidelidade não estão presentes no *ficar*, mesmo quando se está *ficando*, ou seja, ainda que esse *ficar* não esteja restrito a troca de alguns beijos em uma festa.

José (16 anos) fala na divisão existente entre *pegar* e *ficar em categorias*. Ele afirma que *ficar* seria *uma coisa que vai dar... que pode desencadear um namoro*. *Ficar* possui, segundo o jovem, um compromisso que não está presente na prática de *pegar*. Ele ainda esclarece: *se tu conhece a pessoa, tu já tem tipo uma intimidade com a pessoa, e na festa tu pegou ela... eu considero ficar*, fato que é também corroborado por Natália, para quem o *ficar* envolve alguém que já se conhece anteriormente. Pedro (17 anos) diz que, nesse caso, não se utiliza o termo *pegar* porque ele é *meio chulo*. Esse maior comprometimento existente na prática do *ficar* também aparece na fala de Laura (17 anos).

Para Ana Clara (17 anos), além do conhecimento prévio da pessoa, há uma continuidade na prática de *ficar* que não está presente na de *pegar*: *acho que é mais aquela coisa que já vinha de antes, já tinha meio que combinado... meio que conversado por MSN, alguma coisa assim. Daí tu fica com a pessoa, daí no outro dia tu vai lá, fica com ela*

de novo assim. É uma coisa mais contínua, sabe... que vai além do que só uma noite.

As falas dos jovens pesquisados contrariam, portanto, as noções de “desinvestimento” e de ausência de escolha no *ficar*, descritas por Giongo (1998, p. 146 e 147). Para a psicóloga, além da efemeridade e da ausência de compromisso e da necessidade de fidelidade do *ficar*, haveria também um “desinvestimento” na pessoa com quem os jovens *ficam*: “o outro é tratado como objeto descartável, como ‘coisa’, passível de ser escolhida entre outras, ou para ser ‘largada fora’”. Ela também fala que não haveria uma escolha em relação à pessoa com quem os jovens *ficam* e que *ficar* com qualquer pessoa consiste numa possibilidade: “não importa com quem se fique, desde que se possa ficar”.

Essa combinação prévia, essa conversa por MSN, esse conhecimento anterior da pessoa com quem os jovens *ficam* revelam um investimento e uma escolha prévia. Portanto, a fala de Giongo, a partir do que é dito pelos jovens, poderia ser aplicada à prática do *pegar*, mas não à do *ficar*. Natália diz que o termo *ficar* é mais utilizado por ela *quando é gente conhecida assim, quando... não que tu vá ficar várias vezes, sabe? Mas é uma pessoa, é mais próxima de ti*. A jovem também afirma que o *ficar* não está ligado à consideração que se tem em relação à pessoa com que se *fica*, mas com o conhecimento prévio: *por ela ser uma pessoa conhecida daí tu sabe mais ou menos o que tu vai fazer, sabe? Tu não vai, não é uma coisa... sei lá, totalmente desprogramada*.

No entanto, é preciso corroborar as palavras de Giongo (1998, p. 147), quando diz que “o *ficar* é uma relação que não possui início, meio e fim”, embora discorde de que ele “não permite vínculo, ou troca”, já que isso também seria mais aplicável ao *pegar*, em virtude do maior envolvimento presente no *ficar*. Além disso, Giongo (1998, p. 148) tem razão quando afirma que “gostar, no *ficar*, não é necessário”. Basta, como foi dito no início do capítulo, *estar a fim*. No entanto, o *ficar* também está associado ao que se sente em relação à pessoa com quem se *fica*. Para Ana Carolina (16 anos), há uma diferença de intensidade entre o *pegar* e o *ficar*: *esse negócio de pegar e ficar pode ser considerado muito como intensidade. Talvez pegar tenha uma intensidade menor, do que se diz... de sentimento, de sentir [...] intensidade menor e o ficar é uma intensidade maior. Isso só sentindo pra tu saber a diferença*.

Sofia (17 anos) diz que o *ficar* tem uma duração maior, já que se estende por mais tempo, geralmente durante toda a festa. Ainda que exista um compromisso maior envolvendo a prática do *ficar*, Sofia (17

anos) alerta-me de que tanto *pegar* quanto *ficar* podem estar restritos a apenas uma festa. Ou seja, *ficar* é apenas ficar naquele momento. Se o relacionamento se estende, pode-se dizer que o casal *está ficando*, que pode evoluir para o *ficar sério*, quando já pode existir um compromisso de fidelidade, e para um *namoro*, desde que exista um acordo entre o casal de que eles estão namorando, ou desde que exista um pedido de *namoro*.

É interessante notar a diferença existente entre o descrito por Sofia (17 anos) sobre o início do *namoro* e a análise de Azevedo (1986, p. 9) sobre o namoro no Brasil de meados do século XX. Segundo o antropólogo, “o namoro costumava passar por duas ou três fases [...]: a da troca dos primeiros e furtivos sinais de interesse recíproco e da exploração das possibilidades de aproximação e de comunicação interpessoal direta e próxima, a da associação deliberada ou namoro em sentido exato e a do *compromisso* preliminar ao noivado formal”.

Embora os jovens pesquisados também façam uma associação entre as práticas de *pegar*, *ficar*, *namorar* e *casar*, colocando-as, às vezes, como diferentes etapas de uma relação afetiva, pode-se dizer que essa “troca dos primeiros e furtivos sinais de interesse recíproco” e “a exploração das possibilidades de aproximação e de comunicação interpessoal direta e próxima” sequer são mencionadas como uma prática afetiva em si. Elas são tidas, na realidade, como demonstrações do *estar a fim* e como formas de aproximação que estão presentes no ato de *chegar*, que será melhor detalhado adiante. Além disso, a duração dessa etapa prévia ao *pegar* e ao *ficar* é bastante restrita e muitas vezes ela pode nem ocorrer.

É preciso salientar, ainda, que o pedido de *namoro* ao qual Sofia (17 anos) se referiu na entrevista provavelmente muito pouco se assemelha ao “compromisso” do qual fala Azevedo (1986). Em primeiro lugar, porque quem pede em *namoro* não é necessariamente o menino e porque esse pedido também está muito mais próximo do acordo sobre o *namoro* que a mesma jovem descreve. O início do *namoro* se dá apenas após a etapa do *ficar* e a etapa do *ficar sério*, o que significa que os sujeitos envolvidos já se conhecem e, no mínimo, já trocaram diversas vezes beijos e carícias, ou mesmo mantiveram relações sexuais.

Para *ficar* ou *pegar*, segundo Sofia (17 anos), é preciso que ocorra beijo de língua:

o ficar, por exemplo, tu pode transar com um guri que tu não ficou com ele ... entendeu? Mas ficar ... é, tem que beijar de língua. Não adianta nem

selinho. Tipo, tu pode dar pro guri que tu não ficou com ele. Ao meu ver é isso, tipo ... se tu dá um selinho tu não ficou, foi só um selinho. Se tu deu, tu não ficou, tu só deu.

Ana Carolina (16 anos) diz que *o ficar, envolve talvez uma vontade maior das duas pessoas, não é só... aquela coisa mais corporal, já pegar. [...] o ficar eu acho que é menos... não tanto quanto só corporal.* Para a jovem, o *ficar* seria um segundo momento do relacionamento, que viria depois do *pegar*: *eu acho que o ficar é... pode ser evolução, tipo tu pegou a pessoa e depois tu pode vir a ficar com ela. Eu acho que... o segundo passo.* Também para Ana Clara (17 anos) o *pegar* pode transformar num *ficar*: *pode acontecer claro, a gente pode se apegar àquela pessoa, curtir, ter ficado e tal, acho que pode acontecer, normal.*

Para a maioria dos jovens interlocutores, há diferenças entre as práticas de *pegar* e *ficar*. Se, segundo Bozon e Heilborn (1996), o *ficar* contrasta fortemente com o *namoro*, para esta pesquisa, ainda que não tão fortemente, o *ficar* contrasta com o *pegar*. Ainda que ambas as práticas estejam centradas na figura do beijo (ALMEIDA, 2006), na prática do *pegar* as categorias de efemeridade e momentaneidade apresentam-se de forma mais exacerbada. O *pegar* apresenta três elementos principais: o beijo, a *pegada* e o desaparego, que revela o desejo dos jovens de *pegar* várias pessoas diferentes, inclusive na mesma noite, na mesma festa, por exemplo. Aliás, é o *pegar* o mais praticado nas festas e com desconhecidos, ainda que o *ficar* também se faça presente nessa situação. Nesse caso, quem *pega* o faz apenas por um momento e quem *fica* o faz por toda ou quase toda a festa.

Já a prática do *ficar* apresenta outros três elementos: conhecimento prévio do outro, sentimento de *estar a fim* e maior durabilidade (em relação ao *pegar*). Essa maior duração do *ficar* pode gerar inclusive outras duas situações, a de *estar ficando* e a de *ficar sério*, quando pode estar presente inclusive um compromisso de fidelidade, à semelhança da relação de *namoro*. Nota-se, portanto, que *pegar* e *ficar* podem estar situados no extremo da linha de evolução dos relacionamentos afetivos, na qual estariam ainda presentes o *namoro* e a *conjugalidade*.

3.2 MENINOS *PEGAM* E MENINAS *FICAM*?

É preciso também falar das diferenças de gênero envolvendo as práticas do *pegar* e do *ficar*, bem como o uso de diferentes expressões para designar a mesma prática. Clair (2008, p. 121 e 122), ao tratar dos jovens da periferia de Paris, afirma que há uma obrigação diferente para meninos e meninas quando se trata do “fun”, dessa diversão inerente às relações afetivas efêmeras e sem compromisso. Para a autora, as meninas têm sempre em sua mente a seguinte restrição: “‘deve-se aproveitar’, mas ‘não muito’...”.⁴⁴

Para os jovens estudantes do Instituto de Educação Patrícia Galvão, as meninas devem primeiro conhecer e conversar, para então *ficar*, enquanto que os meninos devem *pegar todas*. Eduardo (16 anos), aluno do Colégio Rose Marie Muraro, diz que *pegar mesmo quem fala é homem*: “*ah, peguei*”. As meninas utilizariam muito mais a expressão *ficar*: *guria fala mais ficar, nunca vi nenhuma guria dizer “eu tô pegando” ou “tá me pegando”*. Ele diz que *pegar* é algo que faz parte de um vocabulário mais *machista*, o que é corroborado por José (16 anos), que afirma que as meninas que *pegam* ou que dizem que *pegam* são *bem saidinha*.

Já para Pedro (17 anos) tanto meninas quanto meninos usam o termo *pegar*. A diferença, segundo o jovem, é a de que os meninos *falam mais na lata*, ou seja, explicitamente, enquanto que as meninas utilizam essa terminologia *mais entre elas*. Algumas costumam dizer que *pegaram*, mas a maioria não faria isso em público, usando a expressão apenas nas conversas com as próprias meninas. Segundo o jovem, as meninas que *falam pegar* são as mais extrovertidas e as mais *bagaceiras*, as que *não se dão muito valor*. Quanto a esse *valor*, ele aduz: *ou até se dão (valor), mas não tão nem aí, sabe?*

Sofia (17 anos) diz que tanto meninos quanto meninas *pegam*, mas que há variações: *as gurias é mais “ah, eu fiquei, ah, não sei o que”*. *E guri tá cagando e andando*. Ou seja, embora o termo seja utilizado por ambos, esse desprendimento próprio da prática de *pegar* é presente para os meninos. Para as meninas, seria deselegante dizer que *pegou*, por isso o termo mais utilizado por elas é *ficar*. Também Laura (17 anos) afirma que *pega mal* para as meninas o uso da expressão *pegar*.

Ana Carolina (16 anos) diz que, em geral, quem *pega*

⁴⁴ Tradução livre de “‘faut profiter’ mais ‘faut pas non plus...’ (CLAIR, 2008, p. 122).

são mais os guris... porque... não sei... como é que eu vou explicar, alguns tem necessidade de pegar geral [...], não existe o porquê, mas... às vezes tem medo... é os que tem mais desenvoltura... Eu até brinco com isso... coitados dos caras, eles... porque eles tem essa cultura de que tu vai ter que ser o macho alfa e tu vai ter que chegar numa guria porque senão tu tá errado. Eu não concordo com isso.

A utilização do termo *pegar* também pode ser associada à imaturidade dos meninos, tida por Ana Clara (17 anos) como algo que os levaria a se mostrar como *garanhões*. Ela diz que *os guris falam muito mais em pegar do que as meninas. Os guris eles... demoram pra amadurecer um pouco, então eles ficam sempre "ai, se eu tô pegando eu sou... o garanhão, eu sou... tô podendo"*.

Nota-se que, embora meninas e meninos tenham mencionado igualmente a prática do *pegar*, quando perguntados sobre o assunto, há uma forte diferença no uso dessa expressão, associada ao gênero. Encarnando o *pegar* a instantaneidade e a descartabilidade dos relacionamentos juvenis, embora *peguem*, meninas utilizam mais a expressão *ficar*, o que é creditado inclusive ao *machismo* e à pouca consideração que os homens teriam em relação às mulheres.

Essa maior associação do *pegar* aos meninos tem a ver com as representações relacionadas ao masculino e ao feminino. Bozon (2005), quando fala das evoluções da sexualidade e da impressão de liberação feminina, fala da tensão entre desejo e afetividade, que geralmente é considerada como uma divisão estável do masculino e do feminino. Ainda que analisemos as práticas do *pegar* e do *ficar* enquanto práticas dotadas de instabilidade e fluidez, essa divisão também está aqui presente, no momento em que se verifica, na fala dos interlocutores, que, em geral, quem *pega* são os meninos. O *ficar*, prática na qual está presente uma maior carga de afetividade do que o *pegar*, pode ser associado a meninas e meninos, enquanto que o *pegar*, prática na qual o desejo seria mais presente do que a afetividade, seria algo mais restrito aos meninos.

3.3 O ATO DE CHEGAR

Chegar significa tomar a iniciativa. Há diversas formas de *chegar*: estabelecendo contato visual ou conversando, no que Schuch

denominou de “jogo de sedução” (2002). É possível, ainda, simplesmente *chegar chegando*, que quer dizer partir direto para o beijo, sem uma conversa prévia ou até mesmo sem uma troca de olhares anterior. A antropóloga fala dessa “gramática”, na qual o corpo ocupa um papel muito importante para garantir ou não a aproximação dos indivíduos, qual o olhar mais demorado dirigido a alguém, o “encarar”, que consistiria numa primeira fase da aproximação entre as pessoas.

3.3.1 Quem Toma a Iniciativa?

No Colégio Estadual Nísia Floresta, um dos grupos de alunos, durante a oficina realizada, ficou responsável por discutir entre seus integrantes uma reportagem intitulada “É melhor caçar ou ser caçado?” Nesse grupo havia duas meninas e um menino. Elas diziam que era melhor serem caçadas e ele que era melhor ser caçado. Para elas, *pegava mal* a menina caçar. Eu perguntei: *mas e o que a gente faz quando está a fim de alguém? Não pode fazer nada?* Elas foram unânimes: *ah... aí entram as amigas*. Disseram que então era preciso que uma amiga perguntasse para o menino se ele *ficaria* com elas. Era preciso, portanto, uma intermediária. É com base nessa noção de *caçador* que Rebeca (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, afirma que os meninos *chegam* mais do que as *meninas: a coisa tá mudando, mas ainda tem muito isso de que o guri é que é o caçador*.

Perguntei se elas tinham medo de ouvir um *não* dos meninos e elas disseram que sim. O menino disse que preferia ser caçado porque era tímido. Afirmou ter sido caçado por sua ex-namorada e disse não ver problemas nisso. No grande grupo, foi mencionado por algumas meninas que a menina que caçava podia ficar mal falada e assim ninguém mais iria querer *ficar* com ela. Também para José (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, é benéfico para os meninos tímidos que as meninas tomem a iniciativa e que essa responsabilidade relativa ao ato de *chegar* não seja mais exclusiva dos homens:

tem vários guris, inclusive eu, eu sou uma pessoa bem tímida, não consigo chegar assim na cara dura e falar, eu demoro um bom tempo pra falar. E é bom porque tu acaba perdendo oportunidades assim e depois tu olha, ah podia ter ido lá... só criar coragem... me arreguei. Aí eu acho legal isso daí das gurias quando tiver interesse também chegar no cara. Acho bem legal isso.

No Instituto de Educação Patrícia Galvão, um dos grupos discutiu uma reportagem intitulada “Você tem coragem de chamar um menino para sair?” falando sobre o tema. Uma das meninas falou que elas chamam os meninos para sair porque *falta homem com atitude*. Um menino de outro grupo falou que, em geral, se espera que os meninos convidem as meninas para sair e que, por isso, muitas meninas não têm coragem de fazer o mesmo. Vários afirmaram que não haveria problema nisso, mas apenas uma menina, de outro grupo, disse que sua *tia chegou no cara e eles ficaram, namoraram e hoje são casados... isso não tem nada a ver*.

Provavelmente, essa menina quis afirmar que a tomada de iniciativa por parte das mulheres não faz necessariamente com que elas sejam colocadas no grupo daquelas que não devem ser levadas a sério pelos homens. O mesmo é corroborado por José (16 anos), estudante do Colégio Rose Marie Muraro, que relativiza um pouco o preconceito em relação às meninas que *chegam: se tu já tem uma história com a guria, tu gosta da guria, mas tá com medo, ela também gosta de ti, ela tem mais coragem do que tu, daí ela chega em ti, pode muitas vezes namorar e até casar*.

Para José (16 anos), tanto meninos quanto meninas podem *chegar* e isso vai depender *de quem tem interesse*. Atualmente, os meninos estariam liberados da exigência de tomar a iniciativa: *não tem que ser necessariamente alguém como antigamente era o cara que ia lá pedir a mão. Não acho que, até porque hoje em dia é bem mais... liberal as coisas, não tem por que*. No entanto, ele pontua que as meninas que *chegam* podem ser alvo de comentários maldosos por parte dos meninos: *tem umas colegas minhas que são... tipo, elas são chegadas, sabe? Mas... tipo, tem digamos uma maior atividade, digamos assim, aí eles folgam um pouco, mas não é aquela coisa assim exagerada, sabe? Que nem antigamente se escoraçava a pessoa assim. É só um comentariozinho assim maldoso... não passa muito disso*. Marta Maia (2009), que realizou uma pesquisa sobre sexualidades adolescentes junto a estudantes de escolas de Paris e arredores, afirma que, como tomar a iniciativa comporta o risco de ser rejeitado, cada vez menos os meninos querem assumir sozinhos esse papel.

Rieth (2002) menciona que as jovens de Pelotas que participaram de sua pesquisa esperam a iniciativa dos meninos. Elas esperam, ainda, o pedido de *namoro*. Já Maia (2009) afirma que, em geral, a menina deve esperar pela iniciativa masculina, embora ela possa suscitá-la pelas suas atitudes. Eduardo (16 anos), aluno do Colégio Rose Marie Muraro,

diz que *os guris chegam muito mais que as gurias. Só que... as gurias dão mais brecha*. Thaíse (16 anos) diz que as meninas atualmente chegam mais do que os meninos:

hoje... tá na cara que são as mulheres que correm bem mais atrás dos homens. [...] o homem já não precisa mais fazer toda aquela coisa pra conquistar uma mulher. Hoje ela tá se oferecendo totalmente, né? Tá bem diferente assim. Hã... muitas chegam... Por isso que eu já nem acho mais... uma coisa mais estranha: "ai, uma mulher tá chegando nele, uma guria tá chegando nele", porque hoje em dia já é uma coisa mais natural. Mas claro que tem gurias que não chegam, né? Que preferem que o homem chegue, que o guri chegue antes.

A jovem faria parte desse último grupo, já que diz que não *chega* em ninguém, provavelmente por ter vergonha, e que, embora meninos e meninas costumem tomar a iniciativa, acha *mais normal* que essa atitude parta dos meninos. Sofia (17 anos) critica a diferença entre os rótulos atribuídos às meninas e aos meninos que tomam a iniciativa: *se uma guria tomar a iniciativa ... é porque ela tá sendo putinha, tá se jogando pra cima do cara. Mas se o guri tá... vai pra cima da guria, ele quer ficar*.⁴⁵

Para Maia (2009), há uma mudança nos comportamentos femininos, o que faz com que as meninas não esperem tanto pela iniciativa dos meninos e partam à conquista do seu objeto de desejo. É o que diz Natália. Para ela, tanto meninos quanto meninas tomam a iniciativa, pois é *problemático ficar esperando, esperando*, porque *às vezes as coisas não acontecem*. Ela diz que *é muito chato ficar esperando, daí não acontece nada, daí quando vê tu acha que a pessoa quer também, só que a pessoa não sabe se tu quer, daí fica aquela coisa*. Também Rebeca (17 anos) afirma já ter *chegado* num menino (*quando foi importante para mim*), porque, *se tu não tentar tu não vai conseguir nada*.

Há contudo, manifestações em contrário. Ana Clara (17 anos) diz que nunca *chegou* em nenhum menino. Para ela, é o *fim do mundo tu ter*

⁴⁵ Segundo a pesquisa de Marta Maia (2009), a má fama conferida às meninas que tomam a iniciativa é maior dentre os jovens filhos de árabes ou portugueses do que entre os jovens de origem africana e francesa, para quem a sedução e o primeiro passo podem vir de ambos os lados.

que chegar num guri, sabe? Porque eu acho que é o papel de homem, né? Porque mulher já sofre tanto, já tem tantas coisas assim, fica menstruada, engravida [...], acho isso meio constrangedor assim. No entanto, ela refere que atualmente muitas meninas costumam *chegar* nos meninos, sobretudo devido à timidez masculina. Ela diz que esse *pensamento meio esquisito* pode atrapalhar, já que *tu ficar esperando a pessoa chegar e vai que ela não chega, sabe? Tu pode perder uma oportunidade.* Em relação à essa opinião, a jovem diz que acha que *meio que parou no tempo.*

Ana Clara (17 anos) fala ainda que as meninas devem *se valorizar*, o que significa, a seu ver, *não [...] deixar assim acontecer tão fácil, sabe? Ter um sentimento quando tu vai ficar com uma pessoa, não ser aquela coisa assim de momento, sabe? Eu acho que isso é se valorizar. É não ficar só por ficar.*

É possível perceber, quando essa jovem fala em valorização, que há uma conexão entre a valorização atual, de *não ficar só por ficar*, com a valorização da virgindade, afirmada por Azevedo (1981), quando este fala das regras do namoro à antiga. Trata-se novamente de uma regra relacionada à aproximação dos corpos, embora utilizada de forma muito mais flexível, já que as meninas podem *ficar* com quem quiserem, mas ainda se impõe a elas uma seletividade na escolha de seu parceiro. Segundo Rieth (2002), a maneira das jovens pelotenses pesquisadas de manter a reputação é a de vincular a relação sexual com o *namoro* e a de *ficar* várias vezes com a mesma pessoa.

Embora existam algumas manifestações de meninas no sentido de que tomar a iniciativa cabe aos meninos, mencionando que as meninas que *chegam* podem ficar mal faladas e que no máximo poderiam solicitar a ajuda das amigas para agir de forma indireta, vários interlocutores entendem que ambos podem *chegar*. Pedro (17 anos) sinaliza também que *hoje em dia cada vez as gurias tão chegando mais*, fato corroborado por Diego (17 anos): *acho que os guris chegam bem mais que as gurias, mas tá mudando bastante.* Ainda que, para alguns, o *mais normal* seja que isso caiba aos meninos, *hoje em dia já é uma coisa mais natural* que as meninas *cheguem*. Além disso, chama a atenção que, para alguns meninos, que se consideram tímidos, é considerada boa essa divisão da tarefa de *chegar*, já que eles ficam liberados da possibilidade de rejeição que o ato envolve.

Isso pode gerar, contudo, o que muitas meninas chamam de *falta de atitude*, quando falam dos meninos que não *chegam*. Ou seja, ao mesmo tempo em que tomar a iniciativa e, portanto, *ter atitude*, pode ser interessante, na medida em que não precisam *ficar esperando* pelos

meninos, também é visto às vezes como algo ruim, já que, com essa nova postura das meninas, eles podem ficar acomodados, delegando à elas a tarefa que em outros tempos caberia apenas à eles.

3.3.2 Meninos e Meninas *Chegam da Mesma Forma?*

Diante das falas mencionadas, é possível perceber que tanto meninas quanto meninos podem e costumam *chegar*, ainda que isso seja mais comumente associado ao comportamento masculino. No entanto, será que isso ocorre da mesma forma? Maia (2009) salienta que, mesmo quando a sedução parte de ambas as direções, o modo pelo qual ela ocorre difere segundo o gênero.

Schuch (2002, p. 291 e 292), ao analisar o comportamento de jovens universitários em uma danceteria de Porto Alegre, afirma que “há uma divisão de papéis de gênero no processo de sedução”, embora não haja uma passividade feminina:

Cabe à mulher ficar *envolvendo* o parceiro através de seus gestos, sua dança, seus olhares e sorrisos - é ela quem *chama, convida* o parceiro a participar do jogo, tendo o papel de sua aceitação ou recusa. Por sua vez, cabe ao jovem o ato de *chegar* até a parceira, de mostrar o seu interesse através de palavras.

Para Eduardo (16 anos), quando os meninos *chegam*, não há uma escolha prévia da pessoa em que eles vão *chegar*: *os caras chegam em qualquer uma ... muitas vezes não importa se é bonita, se é feia, se é zarolha, sei lá, tá [...] tá ali esperando. O que importa é tá ali esperando.*

Já as meninas *chegam* de forma diferente e, para elas, o olhar seria muito utilizado. Rebeca (17 anos) diz que as meninas *chegam* mostrando que *estão a fim*, mas não de forma explícita: “*ai, eu quero ficar contigo*”. Para Diego (17 anos), os meninos é que *chegam* já dizendo que querem *ficar* com a menina, enquanto que as meninas conversam mais: *as gurias dizem que tu é bonito e tal*. No entanto, isso não é uma regra, pois ele afirma que *tem guria que chega beijando*.

Eduardo (16 anos) fala na *troca de olhares*, que serviria para dizer: *ah, ó, tô afim, é só tu chegar*. Por isso, para ele, *mulher chega olhando. Elas só ficam olhando o cara tipo “ó, me olha”, tá ligado?* A escolha feminina seria feita a partir desse olhar, sendo que, ainda que essa possa ser considerada uma forma de *chegar*, a iniciativa de se aproximar, conversar e beijar partiria muito mais dos meninos. Ele diz que há meninas que tomam a iniciativa, mas que isso *é muito difícil*.

Perguntada se costuma *chegar* nos meninos, Ana Carolina (16 anos) diz que *depende da situação, do pessoa... é que eu adoro conversar com as pessoas, então... às vezes eu posso ser interpretada mal assim. Eu adoro conversar, eu chego e converso assim, tranqüilo.*⁴⁶ No entanto, ela se diz *um pouco insegura* para *chegar* e beijar os meninos, afirmando que isso só ocorreu quando ela já conhecia a pessoa previamente e ela já tinha dado *uma abertura maior*, o que a teria encorajado.

Laura (17 anos), ao tratar da maneira com que os jovens *chegam*, afirma que em geral são os meninos que *chegam* de fato, ou seja, que *chegam* para beijar. No entanto, ela diz que cada vez mais as meninas estão tomando a iniciativa e que, no que se refere a *chegar para conversar*, esse ato pode inclusive ser mais associado às meninas do que aos meninos. Pedro (17 anos) afirma que, para *chegar* é preciso conversar com a menina primeiro. Se a conversar *fluir*, aí então ele partiria para o beijo. Logo, a *conversa* também seria importante para os meninos no ato de *chegar*.

Sofia (17 anos) também refere que, para ter coragem de *chegar*, há meninas que fazem uso de bebidas alcoólicas: *tem umas que se embebedam pra ficar com o cara e depois não se sentir culpada, entendeu?* A bebida ajudaria a aliviar a culpa e tirar dessa menina o rótulo de *putinha* ou de *galinha*, por exemplo, já que ela teria *chegado* no menino apenas porque estava bêbada e, portanto, fora de controle.⁴⁷

Diego (17 anos) disse que sua reação às meninas que *chegam* depende de quem é a menina: *se é uma guria que tu nem conhece e chega beijando, tu fica meio "quem é tu, o que que tu tá fazendo aqui?"*

⁴⁶ O que Natália descreve é referendado pela comunidade do Orkut "Sou legal, ñ to te dando mole!" (disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=1062784>>. Acesso em 15 jul. 2009), que fala dessa confusão entre um simples bate papo e a tentativa de *chegar*: "não é um saco quando você é legal com alguém, a pessoa já pensa que você tem segundas intenções, começa a te tratar diferente e fica até 'se achando'? Quando seu jeito atencioso e carinhoso sem querer conquista alguém carente, e o resultado pouco tempo depois é uma declaração de amor que você nem esperava ou tinha intenção de ouvir? Ô mania desse povo de confundir suas atitudes e os sentimentos!"

⁴⁷ Essa necessidade de utilização do álcool para ter coragem de *chegar* e também para aliviar a culpa pelo que se fez na noite anterior pode ser exemplificada pela descrição da comunidade do Orkut "O álcool dissolve o SUPEREGO!!" (disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2626334>>. Acesso em: 15 jul. 2009): "uma breve explicação sobre o superego... Pra quem ainda não sabe, o superego é uma estrutura psíquica correspondente á consciência moral, a voz da sociedade interiorizada. Representa normas e leis que criamos de acordo com as outras pessoas...é aquela coisa de 'o que os outros vão pensar de mim'. Essa estrutura é dissolvida quando o indivíduo enche a cara e faz aquele monte de loucuras, e sabem porque? Porque o superego, a consciência, a moral não existe naquele momento!!! Quem já teve seu superego dissolvido, participe..."

A sua reação, contudo, é muito diferente nos casos em que a menina é conhecida. Eduardo (16 anos) diz que há meninos que ficam receosos quando a menina toma a iniciativa: *é que alguns tem medo... tipo se a mina chegou, os caras até ficam meio... né?, mas eu gosto mais das meninas que chegam*. Esse receio seria devido a um preconceito:

o cara que chega pega quantas na noite? Pega várias... daí... sei lá, se tu chegou numa mina não é todo mundo que vai chegar nela, né? Mas daí se for o contrário, se a mina chegou em ti tu já sabe que ela teve ter chego já mais em alguns. Aí... volta pro machismo, né? Se é eu, posso pegar várias, mas ela tem que só pegar eu.

Natália discorda, dizendo que não existe preconceito dos meninos em relação às meninas que tomam a iniciativa. No entanto, ela afirma só ter *chegado* em meninos *muito especiais*, que já conhecia há muito tempo, o que fazia, portanto, que ela estivesse cansada de esperar. Ela fala que, se não tivesse tomado a iniciativa nesses casos, *ia ficar esperando até hoje*. Natália fala ainda que, após ter chegado nesses meninos, ficou *morrendo de vergonha* e inclusive menciona ter se certificado com alguns amigos para ter a certeza de que eles consideram *normal* o fato de as meninas *chegarem* nos meninos.

Percebe-se aqui que, embora as meninas também *cheguem* nos meninos, isso em geral se dá de uma maneira diferenciada. Se meninos *chegam em qualquer uma*, meninas *chegam em meninos especiais*, naqueles que já conhecem e por quem já estão *esperando* há algum tempo. No caso das festas, torna-se comum o uso do *olhar* pelas meninas e até da *conversa*, como forma de demonstrar que *está a fim* e que o menino pode tomar a iniciativa do beijo. É o que Pedro (17 anos) afirma: *as gurias dão a entender*. Quando o ato de *chegar* das meninas é semelhante ao dos meninos, ou seja, *chegar* para *pegar* ou *ficar*, a culpa se faz presente e pode ser atenuada, inclusive, com o uso de bebidas alcoólicas, como forma de justificar uma atitude que, para esses jovens, talvez não seja a mais adequada para as meninas.

3.3.3 Meninas são *Galinhas* e Meninos são *Pegadores*?

A *fama* atribuída às meninas e aos meninos que *ficam* com várias pessoas possui uma denominação bastante distinta. Segundo vários dos jovens pesquisados, enquanto as meninas são tidas por *galinhas*, os

meninos são vistos como *pegadores* ou *garanhões*. No que tange às meninas, Almeida (2006, p. 155) também fala da utilização de termos como “piranhas” ou “galinhas”, utilizados tanto por meninas quanto por meninos cariocas, para designar as meninas que *ficam* com muitos. Embora com termos diferentes, a utilização desses termos pejorativos aproxima-se da distinção proposta por Anne-Claire Rebreyend (2010) entre meninas sérias e fáceis, quando analisa as categorias utilizadas para distinguir as jovens dos anos 1950 na França.

Também Abramovay e outros (2004, p. 92) discorrem sobre as diferenças existentes no *ficar* para meninas e meninos:

Para os rapazes, a possibilidade da variação de parceiras para *ficar* recebe um valor positivo, reeditando os princípios e respaldando o sistema de valores sociais e morais que dignificam a masculinidade. O que vale é a possibilidade de se tornar cada vez mais experiente na amorosidade e sexualidade.

Para as moças, o *ficar* pode estabelecer limites. Alguns depoimentos demonstram que, diferentemente dos jovens, uma variedade grande de parceiros resulta numa atribuição de valor negativo. Ainda que, para ambos, o *ficar* venha se tornando uma possibilidade, de certa forma, fluida para a iniciação dos jogos amorosos e sexuais da adolescência/juventudes, persistem, com o *ficar*, códigos restritivos, preconceitos e interdições.

No que se refere aos meninos, Diego (17 anos) afirma que também há um preconceito das meninas em relação aos meninos que *ficam* com várias pessoas. Nesse sentido, cabe citar a pesquisa de Giongo (1998, p. 138), na qual foi encontrada uma certa desvalorização, por parte das meninas, em relação ao menino que costuma *ficar* com várias meninas, mas isso se dá por um motivo diferente:

A desvalorização do ‘famosinho’ não está relacionada ao fato de que ele fique com várias pessoas, como no caso da ‘galinha’. O problema reside em que esta opção por *ficar* com várias revela seu desinteresse em estabelecer um compromisso. Há, portanto, uma diferença no valor que a menina confere à mudança de pares do menino e da menina.

Para os meninos Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, a menina *galinha* foi descrita como aquela que *ficava* com vários meninos, mas também a que fala palavrões e a que *deixa passar a mão*.

Um dos meninos disse que *logo se vê quando a menina é galinha*, pelo jeito, pela atitude e pelo palavreado. Opinião diferente parece possuir uma das meninas, que falou que não tinha *nada a ver* dizer que uma menina era galinha porque ela *ficava* com vários numa balada. Ela disse que só beijar não tinha problema: *para que a gente vai para a balada? Para beijar, né!?* Mencionou, ainda que sem denominar explicitamente, que o problema seria transar com vários meninos.

Na Escola de Educação Básica Berta Lutz, foi dito por algumas meninas que elas, quando tomam a iniciativa ainda são consideradas *galinhas* e os meninos na mesma situação são considerados *garanhões* ou *pegadores*. Isso gerou até uma discussão mais acalorada entre um aluno e uma aluna, pois ela defendia que as mulheres tinham o direito de fazer o que quisessem (de *ficar* com quantos quiserem) e que não precisariam ficar esperando que os meninos tomassem a iniciativa. Nessa mesma turma foi mencionado por um menino que é a mulher que faz a *fama* dela e de outras, cabendo ao homem apenas só reproduzir a fama já criada pelas próprias mulheres.

Diego (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, não vê problemas em *ficar* com uma menina que costuma *chegar* nos meninos ou que já *ficou* com vários meninos. Ele disse que, se a menina é bonita e ele está *a fim* de *ficar* com ela, não é o fato de ela poder ser considerada *galinha* que vai modificar a sua vontade de *ficar*. No entanto, ele relata que, nesse caso, ficaria *com o pé atrás* e não quereria *uma coisa séria* (namoro) com ela, já que ela pode *ficar* com outro menino.

Ana Carolina (16 anos) fala do rótulo aplicado às meninas que tomam a iniciativa, utilizando um outro termo: *guria às vezes vai chegar chamam ela de "ah, putinha, sei lá, chega em todo mundo"*. *E o cara não é visto assim. Eu acho que não é certo, mas acontece.* Para Ana Clara (17 anos), *menina que sai pegando todos os guris é a galinha, né?* Isso explicaria o fato de que os meninos pegam mais do que as meninas. Também Diego (17 anos) fala dessa diferença da *fama* atribuída a meninas e meninos que têm as mesmas práticas: enquanto a menina é a *galinha*, a *putinha*, a *vagabunda*, o menino é o *pegador*.

No entanto, essa *fama* de *galinha* parece ter uma exceção. Na Escola de Educação Básica Berta Lutz, algumas falaram que nos dias de hoje acontece muito de saírem pra baladas onde ninguém as conhece e extravasar, *ficar* com todos que tiverem vontade, já que no ambiente em que vivem são recriminadas se o fizerem. Aparentemente, o maior problema de *ficar* com muitos era que iriam ficar mal faladas, mas se fossem para festas grandes, onde não conheciam quase ninguém, não

tinha problema. Perguntadas sobre os locais ideais para esse tipo de atitude, as meninas mencionaram as micaretas⁴⁸ e o Planeta Atlântida, onde ocorrem festas e shows com milhares de pessoas. Falaram, portanto, que era preciso apenas ter cuidado com o local no qual se *ficava* com vários meninos. Uma das alunas mencionou, ainda, que a maior probabilidade de adquirir a fama de *galinha* decorreria do fato de uma menina *ficar* com dois meninos que são da mesma turma, ou seja, que são amigos.

Também as jovens pesquisadas por Giongo (1998) falam que existem algumas excludentes para a menina *ficar* com vários meninos sem se preocupar com a própria imagem. No caso de sua pesquisa, a excludente seria o Carnaval. Esse comportamento também se encaixa no que Almeida (2006, p. 155) denomina de lugares que “possuem a prerrogativa da liberação total”, o que gera uma diferença de comportamentos por parte dos mesmos jovens, dependendo do espaço no qual se encontram.

Natália, aluna do Colégio Rose Marie Muraro, também afirma que uma menina poderia *chegar* em vários meninos, contudo, *numa festa assim que tu não conhece ninguém, daí acho que não tem problema, sei lá, não vai ter ninguém pra te julgar “bah, aquela guria e tal”*. Nota-se, dessa forma, que a *fama* não parece advir do ato em si, da prática de *ficar* com vários meninos, mas que será ou não atribuída dependendo das pessoas com quem se *fica* e do local no qual se faz isso.

A distinção entre a *fama* adquirida por meninas e meninos que *ficam* com várias pessoas é presente nas falas dos jovens pesquisados. Tanto nas escolas do Projeto Papo Sério quanto no Colégio Rose Marie Muraro, meninas são *galinhas* e meninos são *garanhões*. Essa *fama*, contudo, não é atribuída sem críticas. Chama a atenção aqui a opinião dos meninos de São José, cidade na qual estão localizados tanto o Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, quanto a Escola de Educação Básica Berta Lutz. A manifestação da possibilidade de as meninas *ficarem* com quantas pessoas quisessem foi invocada inclusive como um direito, gerando uma discussão entre alunos de uma das turmas na qual foram realizadas oficinas.

Na mesma escola em que se deu essa discórdia, mas em outra turma, as próprias meninas pareceram indicar uma maneira de contornar essa atribuição da *fama* de *galinha*: o problema seria *ficar* com meninos

⁴⁸ Segundo a Wikipédia, *micareta*, é o termo utilizado para designar o Carnaval fora de época. Desde a década de 1990, a micareta vem se espalhando por diversas cidades brasileiras. No sul do país, a maior delas é o Folianópolis, realizada na cidade de Florianópolis. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Micareta>>. Acesso em 29 set 2010.

da mesma turma de amigos ou em lugares nos quais há muitos conhecidos. Assim, em micaretas em shows, por exemplo, no meio de centenas ou milhares de pessoas, as meninas poderiam exercer livremente seu direito *ficar* com quantos quisessem, sem medo de serem julgadas por tal atitude.

No que se refere ao ato de *chegar*, investigado entre os jovens que participaram da pesquisa, há três pontos a destacar: se meninas e meninos costumam tomar a iniciativa de *pegar* ou *ficar*, se elas e eles *chegam* da mesma forma e são atribuídas *famas* e valores diferenciados às mesmas atitudes, quando exercitadas por meninas ou por meninos. Em relação à iniciativa, foi possível perceber que, por um lado, foi mencionado diversas vezes que as meninas que *chegam* correm o risco de ficarem mal faladas. No entanto, há opiniões contrárias, tanto de meninas e meninos que afirmam que ambos podem tomar a iniciativa, quanto de meninos que encaram a iniciativa feminina como uma espécie de solução para a sua timidez. Isso está de acordo com o sugerido por Maia (2009), quando trata das mudanças no comportamento feminino, afirmando que os meninos também assumem menos esse papel de tomar a iniciativa por medo da rejeição das meninas.

Quando tanto meninas quanto meninos *chegam*, isso também não se dá da mesma forma. Para Schuch (2002), há uma divisão de papéis entre os gêneros, o que não implica necessariamente uma passividade feminina. Embora alguns jovens façam referência a meninas que *chegam beijando*, na maioria das vezes esse papel é creditado aos meninos. Ainda que as meninas esperem pela iniciativa dos meninos, esta é suscitada com atitudes femininas, assim como ponderado por Maia (2009). Dentre as atitudes das meninas, estão a conversa e, sobretudo, o olhar, como incentivos preponderantes para que os meninos *cheguem*.

Por fim, a maioria dos jovens pesquisados apontou diferenças à *fama* atribuída às meninas e aos meninos que costumam *chegar* e/ou *pegar* ou *ficar* com várias pessoas. Para as meninas, é atribuída a *fama de galinha*, enquanto que, para os meninos, é atribuída a *fama de pegador*. Nesse sentido, as *famas* apontadas pelos interlocutores aponta justamente para o que é salientado por Abramovay e outros (2004): que, quando se trata da variação de parceiros, há um valor diferenciado para meninas e meninos, sendo que, para elas, ele é negativo e, para eles, é positivo. Uma exceção importante foi apontada por algumas meninas de São José. Segundo elas, seria possível burlar a atribuição da *fama de galinha* quando essa variação se dá em festas ou shows muito grandes, nos quais não se conhece ninguém. Trata-se, aqui, da prerrogativa de

liberação total referida por Almeida (2006), ou seja: há locais e situações nos quais seria possível, inclusive, liberar-se parcialmente das amarras da distinção de papéis de gênero.

3.4 FICAR COM ALGUÉM DO MESMO SEXO: RUMO À BISSEXUALIDADE?

A inserção da questão sobre o *ficar* com pessoas do mesmo sexo se deu de maneira diferente. Não foi algo que surgiu a partir dos relatos dos jovens pesquisados. Nas oficinas do Projeto Papo Sério, eu estava sempre acompanhada de outras pessoas da equipe do NIGS. E na primeira oficina de 2009 esteve presente Nayara Piloni, que fazia na época uma pesquisa sobre jovens com comportamentos homo ou bissexuais em Florianópolis, para seu trabalho de conclusão de curso (2010). Foi Nayara a responsável, portanto, pela inserção dessa discussão nas oficinas que realizamos nas escolas de Florianópolis e São José. A partir de sua iniciativa, percebi que esse tema merecia uma atenção especial, já que sobretudo a prática envolvendo meninas que *ficam* com outras meninas, era relatada como algo comum por diversos jovens. Por esse motivo, esse tema foi inserido nas oficinas seguintes e também nas entrevistas realizadas no Colégio Rose Marie Muraro.

Foi apenas no Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, que essa prática parecia mais distante do cotidiano dos jovens. A partir da discussão em um grupo de meninas sobre o tema, uma das meninas disse que isso é mais difícil, que ela nunca viu e que está mais acostumada a ouvir falar e ver homens que *ficam* com homens. As meninas do grupo pareciam um pouco constrangidas com o assunto e também pareciam desconhecer a existência do fato relatado pelo texto, de meninas que beijam meninas apenas com o propósito de experimentar. Uma das meninas disse que não tem preconceito e que cada um sabe o que faz da sua própria vida. Eu perguntei também o que os meninos achavam das meninas que beijavam meninas. Um menino de outro grupo falou, rindo: *se eu estiver no meio...* Todos riram.

Na Escola de Educação Básica Berta Lutz, uma menina disse que antigamente não havia bissexuais e que hoje isso era visto nas *festinhas*. Os meninos também disseram que os homens gostam de ver duas meninas de beijando e que acham que se isso acontece é por curiosidade. Uma das meninas disse que as meninas que *ficam* com outras na frente de todos (em festas) o fazem *para aparecer*, mas duas amigas dela discordaram.

Em outra turma da mesma escola, surgiram questões que envolvem a orientação sexual, quando uma aluna disse que hoje em dia acontece de tudo nas festas, referindo-se às pessoas que *ficam* com alguém do mesmo sexo. Foi colocado que nos dias de hoje isso é mais visto na TV, ouvido no rádio e até presenciado no próprio cotidiano. Também foi feita pelos jovens uma referência a uma menina homossexual na própria sala de aula. Em outro momento, ela própria se afirmou como homossexual.

Para essa prática, de meninas que *ficam* com outras meninas, muitos jovens usam o termo *modinha*. Para Sofia (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, *tá tão comum, tá tão modinha agora virar lésbica ou gay*. É possível depreender, da colocação dessa prática como uma moda, que esse *virar lésbica ou gay* conecta-se com o que Heilborn (1996) diz sobre o ser ou estar homossexual, já que não há uma definição da orientação sexual a partir dessa prática e nem uma autoclassificação desses jovens em relação às categorias *homossexual* ou *bissexual*.

Essa *modinha* pode ser exemplificada por duas músicas, uma estrangeira, cantada por Katy Perry, muito ouvida por jovens, e outra brasileira, que fez sucesso no carnaval de 2011 da Bahia:

Eu beijei uma garota e gostei disso
Do gosto do brilho labial de cereja dela
Eu beijei uma garota só para experimentar
Espero que meu namorado não se importe (I
Kissed a girl, Katy Perry).⁴⁹

Ela é total flex
Mas eu tô relax
Ela aceita álcool e gasolina
Pega geral, menino e menina (Ela é total flex,
Alexandre Peixe).

Perguntada sobre o que acha de meninas que *ficam* com outras meninas, Sofia (17 anos) diz:

⁴⁹ Tradução livre de:

“I kissed a girl and I liked it
The taste of her cherry chapstick
I kissed a girl just to try it
I hope my boyfriend don't mind it”

eu só acho diferente, acho estranho, mas não acho nojento tipo... é o que elas sentem, o que elas pensam, entendeu. O que sou eu pra... pra julgá-las? Eu não acho nojento tipo... eu só acho estranho, eu não olho pra uma guria “meu Deus, que nojo”. Eu não vou olhar pra ela com uma cara de nojo, mas eu vou ficar tipo “nossa que estranho”.

Ela ainda faz referência à religião católica, embora se autointitule *sujeita indeterminada*, quando perguntada acerca de sua religião: *É porque [...] seguindo a religião católica, homem tem que ficar com mulher e ponto final. Por isso que eu sou [...] seguinte de ninguém. É interessante ver que, mesmo para essa jovem, que afirma não ser católica e nem mesmo possuir religião, o que é ditado pela Igreja Católica é acionado em seu discurso como explicação para a estranheza sentida em relação a duas meninas se beijando.*

Ana Carolina (16 anos) diz que acha *interessante* que as meninas fiquem com outras meninas. Ela fala que essa prática é ainda *uma coisa que tem que ser pensada... porque não é uma coisa nova... tem desde a antiguidade o homossexualismo, né?* Natália acha *normal* que meninas fiquem com outras meninas, pois acha *que na adolescência é que as coisas começam a se revelar*. Uma das revelações possíveis dessa fase da vida, segundo a jovem, seria a de que a menina *gosta de uma pessoa do mesmo sexo*.

Natália diz que *grande parte* dos seus amigos são gays. Ela utiliza o termo *gay* para se referir tanto a meninos quanto a meninas. Ela afirma, ainda, que vai a *festas GLS* com esses amigos e que acha *muito legal* esse tipo de festa. A jovem afirma que ela e sua melhor amiga fazem parte de um grupo de amigos no qual elas são as únicas heterossexuais e diz que nem ela, nem sua amiga nunca *ficaram* com outras meninas. Ela denomina seus amigos de *coloridos*.

Para Rebeca (17 anos), o fato de os jovens *ficarem* com alguém do mesmo sexo é algo *muito estranho, não por preconceito, mas porque tá demais... acho que porque tá na moda*. Em relação à *moda*, ela menciona que em muitos casos os jovens não querem ficar com alguém do mesmo sexo, mas o fazem porque isso tem se tornado uma prática mais corrente. Há pessoas, contudo, que o fariam por *curiosidade*. Ela mesma afirma que nunca *ficou* com outra menina, mas que têm várias amigas que já *ficaram* e que tem vontade de fazê-lo, mas que ainda não está *pronta*, porque acha *meio estranho*. Nesse momento, ela fala que

talvez exista um pouco de preconceito e até por parte de seus pais: *eu acho que eles nunca iam entender, nem eu ia contar*. Por fim, Rebeca (17 anos) afirma que seria *estranho ficar com uma menina e gostar*, porque então ela pensaria: *hum... acho que eu gosto de mulher*.

Ana Carolina (16 anos) credita o fato de algumas meninas *ficarem* com outras meninas à *opção sexual* ou à *modinha*, quando isso é feito para *chamar a atenção*. Ela também faz relação dessa *moda* com a *fase de ser emo*⁵⁰ e de *daí beijar outras gurias, fazer outras coisas*.

Para Ana Clara (17 anos), as meninas que *ficam* com meninas *são exceções assim, sabe? Ainda não tá generalizado essa coisa*. Ela diz que essas práticas ocorrem em bares alternativos e refere nunca ter visto uma menina beijando outra em festas do colégio. Para a jovem, isso geralmente *rola mais no segredo*”, pois *“é liberal assim, mas não tanto assim, sabe?*

Natália diz que a bebida alcoólica pode servir como propulsor de comportamentos sexuais diferentes dos habituais, tanto para meninas heterossexuais, quanto para lésbicas: *se ela é lésbica ela fica só com gurias, mas quando ela tá bêbada aí ela pode pegar um guri. Agora se ela é hetero, ela vai ficar com... só guris, aí às vezes quando ela tá bêbada ela fica com gurias*.

No Instituto de Educação Patrícia Galvão, foi referido que essa prática é muito comum entre alunas da escola. Os alunos disseram que havia muito preconceito em relação aos meninos que *ficavam* com outros meninos. Vários alunos se colocaram como favoráveis a essa prática entre meninas, mas não entre meninos. Uma das meninas do grupo afirmou que essa diferença se dava porque a mulher, saiu de casa, conquistou o seu espaço, enquanto que os homens ficaram para trás. Um dos meninos falou que os homens ficaram no mesmo lugar, que são mais conservadores e que eles precisariam também conquistar seu espaço. Também foi dito que, no caso do beijo entre meninas, isso seria apenas uma experimentação, *para ver como é*. Um dos meninos falou que, no caso dos meninos, o menino só vai experimentar *ficar* com outro mais tarde, *depois de não depender mais de pai e mãe*. Uma das meninas também afirmou que, em Florianópolis, *tem 5 mulheres para cada homem... pode ser por isso também*.

⁵⁰ *Emo* deriva de *emotional hardcore*, um gênero musical derivado do *punk hardcore*. No entanto, muito mais do que designar apenas um estilo musical, trata de um estilo de vida seguido por diversos jovens, envolvendo um modo de se vestir e também atitudes sexuais diferentes. Os *emos* possuem um visual andrógino, com o uso de roupas justas e maquiagem. Além disso, as práticas bissexuais são associadas por vários jovens à moda *emo*.

Seja por *modinha*, para *chamar a atenção*, por curiosidade ou orientação sexual, o fato é que a prática de meninas *ficarem* com meninas foi mencionada por alunos de todas as escolas, com exceção dos do Centro Educacional Municipal Carmen da Silva. Independentemente de serem adeptos ou não da prática de *ficar* com alguém do mesmo sexo, tal fato é próximo do cotidiano dos alunos, seja porque é uma prática própria, porque conhecem alguém que a realiza ou porque a vêem reproduzida nos meios de comunicação. Se, na escola de Porto Alegre, apenas duas das interlocutoras afirmaram já ter *ficado* com meninas, em Florianópolis e Região Metropolitana essa prática é mais corrente. Exemplo disso é o ocorrido na Escola de Educação Básica Berta Lutz de São José, na qual, em uma das turmas na qual foi realizada a oficina, havia inclusive uma discórdia entre os alunos, colocando-se, de um lado, meninas que *ficavam* entre si e, de outro, meninos que se intitulavam *homofóbicos*.⁵¹

3.4.1. Meninas e Meninos podem *Ficar* com Alguém do Mesmo Sexo?

Como já foi demonstrado pelas falas de alguns jovens, há uma grande diferença entre a possibilidade de meninas e meninos *ficarem* com alguém do mesmo sexo, sendo que no caso das meninas há uma maior permissibilidade. Na Escola de Educação Básica Berta Lutz, foi dito que *mulheres se beijando é menos nojento que dois homens*.

No Colégio Estadual Nísia Floresta, um dos grupos de alunos, composto apenas por meninos, tinha que discutir uma reportagem sobre meninos que beijam meninos. Logo após a distribuição das reportagens, um deles perguntou se não era possível trocar de reportagem. Eu perguntei por que e ele respondeu: *ah, sora! Isso é nojento! Se ainda fosse duas meninas... aí era massa!* Eu perguntei por que era nojento e eles pareciam se referir ao encontro dos órgãos sexuais masculinos, embora não nominassem isso: *ai... uma coisa... outra coisa... é nojento!* Eles tiveram dificuldades inclusive para ler a reportagem, devido ao preconceito com o tema. No grande grupo, eles relutaram em falar. Pediram para ficar por último. Um deles olhava o relógio, torcendo para

⁵¹ Vale lembrar que essa oficina foi realizada alguns meses após o término da edição de 2010 do programa Big Brother Brasil, um *reality show* exibido pela TV Globo, no qual a questão da homofobia esteve presente, diante das acusações proferidas por Dicésar, participante *gay*, e dirigidas a Marcelo Dourado, ganhador do programa. Dourado foi diversas vezes taxado de *homofóbico*, diante de suas atitudes discriminatórias, o que gerou diversas manifestações contra, mas também a favor dele, difundidas sobretudo na internet.

que o tempo acabasse antes que eles falassem sobre a reportagem. Disseram que era coisa de *viado*.

Na mesma escola, uma menina de outro grupo falou que tinha amigas lésbicas e que também conhecia gays. Ela achava que quem *fica* com alguém do mesmo sexo na verdade gosta de pessoas do mesmo sexo, e não do sexo oposto. Disse que era isso o que observava nas pessoas que conhecia: *eu tenho amigas que têm namorado, mas que é fachada... na verdade elas gostam de meninas*.

Ao se referir ao fato de alguns meninos também *ficarem* com alguém do mesmo sexo, Isabela (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, faz uma ressalva: *eu acho que guri assim gay acho que é mais comum do que guria. Tipo, guria fica ali normal, sabe, mas guri mesmo acho que quer aquilo pra vida*. Na fala dessa jovem aparece uma diferenciação importante em relação ao mesmo ato (*ficar* com alguém do mesmo sexo), dependendo de quem o pratica. Enquanto a *guria fica ali normal*, o guri *quer aquilo pra vida*. Enquanto para as meninas a prática afetiva não é definidora da sua orientação sexual, aos meninos não é permitida essa curiosidade. Logo, *ficar* com outro menino pode significar para um jovem, também, ter em si impresso o estigma da homossexualidade.

Isabela (16 anos) afirma nunca ter *ficado* com outra menina e diz que entre suas amigas isso também não é uma prática. Ela não tem *nem um pouco* de vontade de *ficar* com outra menina. No entanto, ela diz ter conhecidas que fazem isso. Perguntada sobre se essas suas conhecidas sofrem algum tipo de preconceito em virtude de sua prática, ela diz que isso não ocorre *até porque foi uma vez só, então elas ficam mais com guris*. Para não ser taxada de lésbica, a prática de *ficar* com outra menina não pode ser muito recorrente e sobretudo não pode ser mais relevante do que a prática de *ficar* com meninos.

Explicando por que é mais comum para as meninas *ficarem* com alguém do mesmo sexo do que para os meninos, Eduardo (16 anos) afirma que, em relação a *guri ficando com guri tem um machismo, preconceito. Mas guria ficando com guria não*". Pedro (17 anos) também confirma essa tese de que é mais preconceito em relação a meninos que *ficam* com meninos. Logo, essa *curiosidade* que as meninas referem não seria algo presente para eles. Ele diz: *eu não tenho curiosidade de ficar com outro guri*. Pedro (17 anos) além disso afirma que não tem essa *curiosidade* por falta de *curiosidade* e também por preconceito. Para Eduardo (16 anos), ainda que a intenção de um menino, ao *ficar* com outro, possa ser a de experimentação, ele provavelmente será rotulado como *gay*. Isso faria com que os meninos

que têm esse desejo de *ficar* com alguém do mesmo sexo pensassem *muitas vezes, muitas vezes* antes de agir dessa maneira. Segundo o jovem, *homem é muito mais preconceituoso... com outros homens, que com mulheres.*

Sobre o tema, Diego (17 anos) afirmou que havia na escola dois meninos que *ficavam* entre si e o que faziam *por experimentação*, assim como as meninas, não se considerando *gays*. Ele salienta, contudo, que os outros meninos nunca os viram juntos e que só sabiam que eles *ficavam* porque eles próprios contaram. Perguntado sobre o que levaria um menino a *ficar* com outro menino, Eduardo (16 anos) responde que se deveria mais a estar a fim ou a gostar, do que simplesmente para experimentar como é *ficar* com alguém do mesmo sexo:

eu acho mais... não, acho mais comum pelo sentimento porque... porque, sei lá, eu, por exemplo, não arriscaria ficar... sofrer preconceito só por ter ficado, entendeu. Eu, se eu fosse pegar um guri eu ia pegar pra namorar. Eu não ia... ferrar a minha vida inteira porque não tendo, não tendo ainda tem, né? Tem preconceito. Eu não ia estragar minha vida... pra dar um peguinha... num cara que tá na festa.

Eduardo (16 anos) também relata que essa maleabilidade, que seria possível para as meninas, de *ficar* com alguém do sexo oposto num dia e com alguém do mesmo sexo em outro momento não se aplica da mesma forma aos meninos. Para ele, uma *guria não pegaria um guri que pegou um guri*. Ele atribui isso ao *machismo*, porque, para as meninas, *macho tem que ser macho* e meninos que *ficam* com meninos não seriam vistos como *machos*.

Sofia (17 anos) diz que também há preconceito por parte dos meninos em relação a meninas que *ficam* com outras meninas: *eu já fui em festas que as gurias tavam se pegando a fu e os guris tudo com nojo assim*. Sofia (17 anos) refere o único episódio no qual viu dois meninos se beijarem, que teve um desfecho bem diferente do das meninas: *guri ficando com guri eu acho que eu só vi numa festa. Mesmo assim, eles foram expulsos da festa*. Segundo ela, a expulsão se deu devido a *cegas muito fortes*, embora ela afirme não ter visto o que eles estavam fazendo.

José (16 anos) fala que há uma grande diferença na aceitação de meninas que *ficam* com meninas e de meninos que *ficam* com meninos.

Ele refere que alguns gurus não têm preconceito com as gurias. Mas tem preconceito entre os homens. Tem demais. Ele diz que a maioria dos homens que eu vejo não gostam de homem com homem. E mulher com mulher alguns gostam, outros não.

Thaíse (16 anos) diz que os meninos que ficam com outros meninos o fazem, a seu ver, por opção sexual, e não por modinha: nenhum guri... quer “ah, vou ficar com outro porque seja modinha”, sabe? A não ser que a pessoa esteja muito bêbada e não se lembre. Na sua opinião a moda, portanto, não é válida para todos: moda é mais pras gurias, os gurus deve ser porque eles... gostam mesmo. Ela também diz que os meninos esconderiam mais o fato de ficarem com outros meninos do que as meninas:

se tem dois caras ficando... não é assim “ah, eu peguei aquele ali, fico com aquele ali”, é uma coisa assim mais... tipo, se um cara é gay... tu nunca sabe direito de quem, de com quem ele se relaciona, é uma coisa bem mais... secreta assim, é uma coisa mais dele, mais pessoal assim, ele não abre pra todo mundo como as mulheres fazem.

Ana Carolina (16 anos) diz que é cada vez mais comum que meninos fiquem com meninos, mas que, no caso deles, há um maior preconceito, inclusive em relação a si próprio, do que o verificado nas meninas:

eu acho que pro guri é mais difícil a aceitação, a auto-aceitação até, tipo “nossa, eu tô sentindo alguma coisa por um cara”. Bah, eu acho que é complicado, mexe muito mais com a cabeça do cara do que com a cabeça da guria... porque tem aquela coisa do ah [...] paixão, não quer dizer que ele vai deixar de ser homem. Pra mim não quer dizer. O cara continua sendo homem só que a opção sexual dele é diferente.

Nota-se aqui que ficar com alguém do mesmo sexo parecer ser uma prerrogativa apenas das meninas. Enquanto duas meninas ficando é algo legal, dois meninos ficando é algo nojento, expressão utilizada sobretudo nas oficinas realizadas em Florianópolis e Região Metropolitana. No caso das entrevistas efetuadas no Colégio Rose Marie

Muraro, em Porto Alegre, foi possível, em virtude do tempo, perguntar sobre os motivos que levariam à essa diferenciação. A categoria *preconceito* e a categoria *machismo* aparecem e estão presentes porque as meninas, quando *ficam* com alguém do mesmo sexo, não são vistas como homossexuais, ainda que a prática seja frequente (desde que não mais recorrente do que a prática de *ficar* com meninos). Os meninos, ao contrário, só *ficariam* com outro menino quando querem isso *para a vida*. À eles não é permitida essa experimentação possível às meninas, pois, ainda que *fiquem* apenas uma vez, terão toda a sua vida *ferrada*, ou seja, será apostado a eles o rótulo de homossexual.

3.4.2 Meninas que *Ficam* com Meninas: atração sexual, curiosidade ou exibicionismo?

Para muitos dos jovens pesquisados, as meninas *ficam* com outras meninas por *modinha*. Isso é tido também como algo que incomoda algumas pessoas, como a um menino da Escola de Educação Básica Berta Lutz (*o que me incomoda é essa modinha de ser gay ou lésbica*). Nessa mesma escola, alguns alunos disseram que o que incomodava eles (nas meninas da turma) era que meninas de 12 ou 13 anos, por conta de uma moda, afirmassem que já tinham nascido lésbicas. No mesmo local também a ideia de bissexualidade foi rejeitada ou associada à *safadeza*, inclusive pela menina que se autodefiniu como homossexual.

É possível pensar, com Michel Bozon (2008), que os comportamentos das minorias influenciam os das maiorias. Tal afirmação tem a ver sobretudo com a *curiosidade* e a *experimentação*, motivos elencado por alguns jovens do Colégio Rose Marie Muraro, para que meninas fiquem com outras meninas. Isabela (16 anos) afirma que a curiosidade pode levar uma menina a *ficar* com alguém do mesmo sexo. Além disso, ela também cita como uma motivação a ocorrência de alguma *decepção amorosa*: *ai, fiquei com vários guris, me decepcionei muitas vezes, todas as vezes. Ai, sei lá, quer experimentar uma outra coisa*. Também Sofia (17 anos) fala que um dos motivos de as meninas quererem *ficar* com outras meninas é a decepção em relação aos meninos: *tem vezes que as gurias se decepcionam com os guris e querem virar*. A jovem também diz que *tem gurias que fazem isso pra excitar os guris e tem gurias que fazem isso para humilhar o guri, tipo... tão namorando com o guri, quando vê acabou e ele vai lá e fica com outra. Ai tipo... é pior ainda pro guri*.

A curiosidade, segundo Isabela (16 anos), pode estar também atrelada à atração sexual. Sendo assim, uma menina também *fica* com

outra menina quando tem dúvidas quanto à sua orientação sexual: *não tem bem formada a opinião ainda de saber o que quer, né?* Isabela (16 anos) afirma que, em geral, as meninas *ficam* com outras meninas em festas: *bá, bebeu muito, quer aparecer ou... tá com vontade mesmo, curiosidade.* Esse exibicionismo descrito por ela, o *querer aparecer*, destina-se sobretudo aos meninos. Perguntada sobre o motivo de tal prática consistir também numa forma de *aparecer* para os meninos, ela responde que *é uma coisa diferente pros gurus, duas gurias tão ali se beijando. Acho que eles ficam, não sei, excitados de ver. E daí eles gostam, acho.*

É o que é possível depreender da fala de Pedro (17 anos). Perguntado sobre o que acha sobre a prática, ele responde que acha muito *afudê* e *irado*, dois termos utilizados para dizer que considera algo muito legal. Ele diz que é algo *que te estimula*. O efeito inverso, contudo, não seria verdadeiro, ou seja, segundo Isabela (16 anos) as meninas não se excitam ao verem dois meninos se beijando: *não sei, é meio desagradável assim tu ver uma pessoa que tu poderia tá ali ficando, tá ficando com um do mesmo sexo, sabe.*

A afirmação de Isabela (16 anos) é corroborada pela fala de Eduardo (16 anos), que associa o menor preconceito em relação às meninas que *ficam* com meninas com a fantasia masculina de ver duas mulheres juntas. Segundo o jovem, quando se *vê duas mulheres se pegando precisa de um complemento ali dentro, elas não têm brinquedo suficiente... Agora dois caras se pegando tem brinquedo de sobrar, entendeu, sobra brinquedo ali no meio. Aí vai fazer o que? A mulher vai entrar pra quê?*

Também Sofia (17 anos) refere que os meninos acham excitante ver duas mulheres se beijando. Ela acha que isso tem relação com a pornografia: *eu acho que eles assistem muito filme pornô e filme pornô sempre tem duas mulher se agarrando. Eles acham muito mais sexy ver duas mulher se agarrando do que agarrar a própria mulher.*

Laura (17 anos) menciona que, devido ao fato de muitos meninos se excitarem ao verem duas meninas se beijando, muitas o fazem para *se exhibir*, para que eles acham elas *legais* e *corram atrás delas*. A jovem ainda diz que acha que, em alguns casos, isso é um pouco *exagerado*, pois as meninas estão *usando* o seu próprio corpo para algo que não é a sua vontade, apenas para agradar os outros. No entanto, ela frisa que acha correta a prática quando é algo que a menina quer. Afirma, ainda que *entende as lésbicas*, pois os homens são muito *vazios* e *idiotas*: *eu gosto de homem porque eu nasci gostando de homem, porque eu acho que se fosse por inteligência...*

Para Sofia (17 anos), a maior aceitação das relações entre pessoas do mesmo sexo também está relacionada com o assumir-se⁵² e com a aceitação também de meninas que *ficam* com outras meninas: *depois que foi tipo, vamos supor legalizado... ser... depois que teve aquele casamento lá de gays... eles, aí todo mundo começou a se assumir.*

Sofia (17 anos) também diz que conhece *muita guria que falou que já ficou com outra, só que foi naquela coisa de experimento, sabe, não foi tipo “bá, fiquei porque gosto dela”, não, foi porque ela quis experimentar assim ou porque tava muito bêbada. Aí ... a outra era bi, aí se agarraram.* Para ela, é mais comum que as meninas fiquem com outras devido à curiosidade. No entanto, ela fala também na existência de uma menina bissexual, ou seja, alguém que costuma *ficar* tanto com meninos quanto com meninas. Logo, a menina que experimenta não é categorizada como *bi*. Ela alerta ainda que as pessoas bissexuais não se autoafirmam como tal: *elas não dizem, elas se tornam é diferentes.*

Para Thaíse (16 anos), algumas meninas *ficam por opção sexual* e outras *por moda*. Sobre essa *moda*, ela refere que está presente *agora essa moda aí [...], explodindo em todos os lugares, as gurias... acham bonito ficar com outras gurias, ser bi assim, ficar com guri e com guria.* Embora ela nunca tenha *ficado* com nenhuma menina, diz não ter preconceito, até porque convive com pessoas que se relacionam com alguém do mesmo sexo. A jovem diz que essa *moda* faz com que a homossexualidade esteja *se tornando normal*, já que ajuda a *quebrar um pouco desse preconceito* que existe e que é expresso, a seu ver, sobretudo pelos pais. Thaíse (16 anos) diz que, das meninas que conhece que *ficam* com outras meninas, duas o fazem *por moda*, e as outras duas *porque gostam de meninas*. No mesmo sentido é a fala de Laura (17 anos). Para ela, a prática é negativa para as meninas que o fazem por exibicionismo, mas é positiva para quem de fato deseja *ficar* com alguém do mesmo sexo, pois não é preciso ter tanta vergonha ou medo do preconceito.

Thaíse (16 anos) acrescenta que as meninas que conhece que *ficam* com outras meninas o fazem geralmente em um lugar mais sigiloso, sobretudo devido ao preconceito:

mesmo que as pessoas, algumas não tenham preconceito tal, é diferente tu olhar... um casal

⁵² Eve Sedwick (1998), trata, em seu texto “A epistemologia do armário”, sobre o assumir-se, demonstrando que, mesmo os homossexuais que assumem sua orientação vêm-se, em diversos momentos de suas vidas, saindo e entrando nesse armário, ou seja: esse assumir-se não ocorre em todos os espaços e para todas as pessoas.

apaixonado do que tu olhar duas mulheres apaixonadas. É diferente, tu vai vê duas mulheres se beijando tu vai ficar: “pô, no meio da rua’, sabe?” Por isso, os locais escolhidos seriam shows e principalmente locais nos quais elas estejam a sós, onde não fique “o resto do povo olhando.

Para Ana Carolina (16 anos), isso ocorre em algumas festas mais alternativas, citando a Cidade Baixa como uma referência de lugar de bares alternativos, nos quais isso ocorre: *a gente tem as festas assim digamos mais alternativas que é tranqüilo, acontece e todo mundo olha, todo mundo sabe.* Também cita a Redenção e o Gasômetro como locais no qual há vários casais de gays e lésbicas que se beijam. Ela também refere que a ocorrência dessa prática em festas depende do público: *nas festas que eu iria quando tava no 1º ano não, não via nada, nada, nada, nada. Agora, nessas que eu vou agora... eu posso ver assim, eu vejo.*

Laura (17 anos) afirma que isso ocorre principalmente em festas, justamente porque, para a maioria das meninas que o fazem o mais interessante é justamente que os outros vejam. No mesmo sentido é a fala de Rebeca (17 anos). Das meninas que ela conhece que já *ficaram* com meninas, todas o fizeram em festa. Ela aduz que muitas o fizeram no Carnaval e que *no Carnaval isso acontece muito.* A ocorrência de práticas não-heterossexuais é descrita por Piloni (2010), em sua pesquisa sobre jovens alternativos em Florianópolis. Haveria, nessa cidade, lugares que também são tidos como alternativos, nos quais essas práticas ocorrem mais comumente, não gerando preconceito nos demais frequentadores do local.

Ana Carolina (16 anos) fala de uma diversidade de motivos que podem levar as meninas a *ficarem* com outras meninas:

tem pessoas que vão buscar ficar com uma guria porque... precisam se conhecer, porque talvez acham que tem uma atração e tem gente que é só porque “ah, tá todo mundo ficando, vou ficar porque talvez me achem mais legal se eu ficar com uma guria”. Sempre tem todo tipo de pessoas. Eu acho que hoje em dia também tá acontecendo bastante de... gurias ficarem com gurias porque os guris acham bonito, gurias ficarem com gurias porque tá legal, o grupo faz isso.

A jovem diz já ter ficado com uma menina por experimentação: *é porque eu tava... bá, mas porque que eu tenho que gostar só de homem, como assim, sabe? Como é que funciona isso, aí eu fiquei curiosa. Foi pra entender melhor talvez, não sei. Mas... foi legal.* Ela fala que essa experimentação pode não ser algo bom para todas as pessoas: *depende de como a pessoa vai se sentir em relação a isso. Tem gente que eu sei que experimentou e que se sentiu super mal e... ou então que experimentou e... botou uma coisa na cabeça “ah, agora eu sou lésbica”.*

Para Natália, as meninas *ficam* com outras meninas por curiosidade e essa prática não gera o rótulo ou mesmo um autoquestionamento acerca da orientação sexual: *ah, me dá vontade, eu fiquei, mas não que eu seja bissexual.* A jovem ainda afirma que

muita gente faz por modinha, sabe? Não porque realmente gosta. Porque aí, sei lá, “vou fingir que tô bêbada e vou pegar uma guria hoje”. Mas eu acho que, sei lá, as pessoa tem que fazer as coisas pra experimentar, pra ver se gosta ou não, pra depois chegar na idade adulta, tá lá a pessoa séria daí... tu vai acabar arranhando a tua vida, por exemplo, porque tu tá fazendo uma coisa, uma besteira que tu deveria ter feito numa época antes, sabe, tu tá fazendo as coisas no tempo errado. Não que eu ache que exista tempo certo pras coisas, mas vai ficar muito estranho, sabe?

Percebe-se, na fala das meninas que já *ficaram* com meninas, que a justificativa é sempre a da curiosidade. Tomar a prática como experimentação é interessante quando não gera o questionamento acerca da orientação sexual, quando se trata apenas de uma *diversão*, segundo Ana Carolina (16 anos). Por outro lado, Natália aponta que a experimentação pode servir justamente para realizar esse questionamento, para *ver se gosta ou não* antes de chegar à idade adulta. No entanto, para as meninas que nunca *ficaram* com outras meninas, é mais frequente o uso da justificativa da orientação sexual, da *modinha* ou mesmo do exibicionismo dirigido aos meninos, que se sentiriam excitados ao ver duas mulheres juntas.

3.4.3 É Possível Falar em Bissexualidade ou *Pessoas são Pessoas*?

A menina da Escola de Educação Básica Berta Lutz que se autodefiniu como homossexual afirmou que o *rótulo é o que faz o preconceito*. Também Nathalie Bajos e Nathalie Beltzer (2008) alertam para o perigo das categorizações, fazendo uma distinção entre homossexualidade e bissexualidade, experiências e práticas homo ou bissexuais regulares e atração, práticas e identificação. Na pesquisa nacional sobre a sexualidade na França, na qual se insere o texto das autoras, a referência a práticas homo ou bissexuais ao longo da vida aparece mais freqüente do que a autodefinição como homossexual ou bissexual.

Segundo Eduardo (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, atualmente seria mais comum que as pessoas fiquem por vezes com alguém do sexo oposto e, por outras, com alguém do mesmo sexo:

tem muito disso também, tem o calor do momento, que o cara... são pessoas, né? Pessoas se atraem por pessoas é isso, não é homem se atrai por mulher, mulher se atrai por homem... homem por homem, mulher por mulher. Pessoas atraem pessoas é isso que acontece. Aí depende muito de como é que tu tá, do momento que tu tá, com quem tu tá, né?

Ana Clara (17 anos) fala da bissexualidade como sendo uma fase pela qual a pessoa pode passar, ao se referir a uma amiga: *eu tenho uma amiga que ela meio que tá perdida assim, sabe? Ela não é nem é, uma coisa assim bem confusa, ela tá naquela fase assim que ela não sabe o que ela realmente quer, porque é uma opção que tu tem que ter e assumir, levar pra vida toda, né? Ou tu é ou tu não é. Tipo, tem a fase que tu fica na dúvida, sabe? Mas... acho que não pode durar muito tempo.*

Já Rebeca (17 anos) menciona a *confusão* que o fato de as pessoas não se classificarem pode gerar. Ela afirma que as suas amigas que já *ficaram* com meninas não se definem como lésbicas ou bissexuais: *elas só dizem que já ficaram com uma guria*. A jovem acha que isso pode gerar uma *confusão* e que as pessoas que se interessam por alguém do mesmo sexo deveriam se definir: *eu sou lésbica ou eu sou bi*. No entanto, afirma que suas amigas adeptas da prática apenas *se sentem livres pra fazer o que querem fazer*.

Ana Carolina (16 anos) fala da atração por pessoas, independentemente do sexo, e afirma que não se deve ficar restrito ao sexo quando se trata de amor:

na verdade, eu acho que é a atração que tu tem não precisa ser pelo sexo e sim pela pessoa... pelo sexo dito feminino, masculino. Acho que tem que ter atração pela pessoa em si, pela conversa, pelo que tu sente quando tá com ela, as energias. Eu acho que não... não precisa diferenciar, homem só precisa gostar de mulheres, mulheres só precisam gostar de homens. Acho que... o próximo passo seria as pessoas, tipo todo mundo igual assim mesmo patamar e... talvez a sociedade aceitar. Eu acho normal [...]. Exato, porque muitas vezes as pessoas, elas idealizam o amor assim, ah, tem que gostar do príncipe encantado no cavalo branco, e elas não param para sentir. Muitas vezes essa guria que pensou no príncipe encantado com cavalo branco, ela pode sentir alguma coisa por uma guria e nem saber porque ela não parou pra se sentir.

Essa jovem dispensa os rótulos: *na verdade eu acho que esse negócio de “ah, sou lésbica, sou gay”... não precisa rotular, sabe, eu acho que tu é tu e tu... numa determinada fase tu pode tá precisando de uma mulher, numa determinada fase de um homem, não sei, ou de uma pessoa, de outra pessoa, não sei... não precisa dizer “sou lésbica, sou gay”*. Ela ainda aduz:

eu acho muito rótulo, sabe, bissexual, heterossexual, homossexual. Eu acho que não é necessário que existam esses nomes. Eu acho que é um ser sexual, ser sexuado e escolhe o que ele quer ser, sabe. Um determinado momento ele pode dizer ‘ah, sou bissexual’ aí talvez se obrigar a ficar com homens e mulheres e isso fazer mal pra pessoa. Eu acho que ... não precisa dizer sou hetero, sou homo, sou bi.

Também Piloni (2010) fala dessa recusa dos rótulos pelos jovens alternativos de Florianópolis e do seu interesse por *pessoas* como categoria genérica para falar de interesses homossexuais ou bissexuais.

Nas festas analisadas por ela, os universitários *ficam* com várias pessoas e com pessoas do sexo oposto e do mesmo sexo. Há uma transitoriedade entre o que poderia ser classificado como comportamentos homossexuais ou bissexuais, a partir de uma ideia de liberação e de divertimento, que, no caso desses jovens, é fortemente regado a álcool e drogas e, no caso dos jovens que eu pesquisei, pode ser encorajado pelo álcool, sobretudo quando ocorre em festas, mas também pode ocorrer no âmbito privado, como forma de evitar o preconceito.

Na Escola de Educação Berta Lutz, a menina que se definiu como homossexual disse que *o rótulo é que faz o preconceito*. No Colégio Rose Marie Muraro, Eduardo (16 anos) e Ana Carolina (16 anos), os jovens que foram os únicos a mencionar essa ideia de que *pessoas são pessoas* e de que o sexo do outro não deve ser determinante para os relacionamentos, parecem estar de acordo com a sua afirmação. Eduardo (16 anos) e Ana Carolina (16 anos) idealizam essa dispensa dos rótulos, com a qual seria possível transitar livremente sobre as diferentes orientações sexuais sem sofrer preconceito. No entanto, das falas dos jovens principalmente sobre o preconceito existente em relação a meninos que *ficam* com meninos, depreende-se que as categorizações estão sim presentes e que a experimentação, constante na prática das *meninas* que *ficam* com outras meninas, deve atender a alguns requisitos para não ser caracterizada como *bissexualidade* ou, principalmente como *homossexualidade*.

Este último item do capítulo 3 trata de um aspecto muito importante, no que se refere ao *pegar* e ao *ficar*: a prática de *ficar* com alguém do mesmo sexo. Em primeiro lugar, foi preciso analisar se tanto meninas quanto meninos *ficam* com alguém do mesmo sexo. Percebeu-se que há uma permissibilidade muito maior para as meninas, desde que a prática de *ficar* com outra menina não seja tão frequente quanto a de *ficar* com meninos, de forma a configurar apenas uma experimentação ou uma curiosidade. Essa permissibilidade é associada ao estigma da homossexualidade, que se tornaria presente apenas para os meninos que *ficam* com outros meninos, mas não para as meninas na mesma situação.

No que se refere às meninas que *ficam* com meninas, quais são as motivações para a prática? Há aqui uma diferenciação importante, já que as meninas que já *ficaram* com alguém do mesmo sexo afirmam que isso se deu por curiosidade, enquanto que as meninas que nunca o fizeram entendem que isso ocorre por orientação sexual, modinha ou exibicionismo. Essas duas categorias, de *curiosidade* e *experimentação*, são utilizadas também para a caracterização que alguns jovens fazem de que *pessoas são pessoas*, ou seja, de que o desejo pode transitar,

independentemente do sexo do outro. Nesse sentido, há uma recusa por alguns jovens de rótulos relativos à orientação sexual, assim como ocorreu tanto nos jovens alternativos de Florianópolis da pesquisa de Piloni (2010), quanto nos adultos franceses pesquisados por Bajos e Beltzer (2008), que referiam práticas homossexuais ou bissexuais, mas não se autodefiniam a partir dessas orientações sexuais.

4 PAIXÃO, AMOR OU PAIXÃO QUE SE TRANSFORMA EM AMOR: O *NAMORO*

Pretendo, neste capítulo, discutir a prática do *namoro* entre os jovens, a qual frequentemente é associada, pelos alunos do Colégio Rose Marie Muraro, aos sentimentos de paixão ou amor. Segundo eles, para querer namorar seria necessário estar apaixonado ou mesmo estar amando. A transformação do sentimento de paixão em amor também pode ocorrer durante essa relação. Serão analisados aqui alguns aspectos relacionados sobretudo ao significado do *namoro* para esses jovens, à formalização do compromisso inerente à relação, à vinculação do *namoro* com a perda da liberdade e à compreensão da necessidade ou não de fidelidade nessa relação.

4.1 POR QUE NAMORAR OU COMO A *FICADA* SE TRANSFORMA EM *NAMORO*

Ao pensarmos que as práticas de *pegar*, *ficar* e namorar situam-se em uma mesma linha, sem que existam fronteiras claramente demarcadas entre elas, é possível depreender, conforme Rieth (2001, p. 201), que “as fronteiras entre *ficar* ou namorar são tênues”, o que pode gerar aos envolvidos dúvidas acerca do *status* do relacionamento. Em geral, “a confirmação do *namoro* resulta da negociação entre o casal sobre a forma da relação”. A definição do relacionamento não aparece como sendo um papel masculino, embora existam algumas referências ao pedido de *namoro*, sobretudo por parte das meninas.⁵³

Como se dá a oficialização do *namoro*, se ele geralmente decorre de uma *ficada*? Para Eduardo (16 anos), *tem gente que pede (em namoro), tem gente que não pede, tem gente que declara... declaro se a gente tá num, né?*. Há, segundo o jovem, ainda aqueles que mandam um *aviso prévio*: *ó, vou te pedir em namoro*. Segundo Giongo (1998, p. 125), há por vezes uma dificuldade enfrentada pelo próprio par para estabelecer uma distinção entre o “estar ficando” e o *namoro*.

Se o *namoro* à antiga descrito por Azevedo (1981) era precedido pelo *flerte*, pode-se afirmar que o *namoro* atual deriva do *ficar*. Isso significa que, antes de os jovens assumirem esse compromisso, para si

⁵³ Segundo Rieth, “são recorrentes as expectativas das jovens investigadas quanto à iniciativa masculina de “pedir em namoro”, do rapaz iniciar a conversa sobre o assunto e definir o relacionamento” (2001, p. 201 e 202).

próprios ou para os demais, de que estão namorando, eles *ficam*, geralmente algumas ou várias vezes.

O *ficar* pode ser compreendido, nesse sentido, como uma prática de experimentação, que pode levar ao *namoro*: “beijar e trocar carícias com alguém, sem ter compromisso algum, é uma forma mais que atual de procurar a pessoa ideal para namorar, sendo uma espécie de *test drive* para encontrar o parceiro ideal” (JESUS, 2005, p. 69). Além disso, o *namoro* pode ser compreendido “como decorrente de um ato contínuo e repetitivo do *ficar*, que possui início em um relacionamento caracterizado pela liberdade de ação e que, com o tempo, ganha contornos de maior compromisso e de oficialidade frente à família e ao grupo social (OLIVEIRA, 2007).

Essa experimentação, no entanto, pode ter alguns limites, sobretudo quando se trata das meninas. As alunas do Instituto de Educação Patrícia Galvão, ao lerem na oficina uma reportagem sobre uma menina que queria namorar, mas não conseguia, disseram que ela estava *desesperada* e que não deveria ficar *pensando muito no assunto, porque uma hora apareceria um namorado*. Para elas, o *namoro* tinha que ser precedido pelo prévio conhecimento dos meninos, pela conversa e pelo *ficar*. No entanto, a menina que quer namorar deve fazer uma seleção, pois não pode *sair ficando com todo mundo que aparece*.

Sendo assim, embora *ficar* seja uma prática que deve preceder a do *namoro*, segundo essas jovens, essa experimentação não pode ocorrer sem critérios, *com todo mundo que aparece*. Isso porque, se a menina quer namorar, deve selecionar os meninos com que *fica*. Enquanto Jesus (2005) fala do *ficar* como uma forma de encontrar a pessoa para namorar, chama a atenção, na fala das meninas, a ideia do aparecimento do namorado. O namorado aparece, para elas, quando não se está *desesperada*, quando não se pensa muito no assunto e quando não se *fica* com toda e qualquer pessoa. As representações dessas jovens, contrastam, portanto com a noção de “busca” do amor descrita por Giddens (1993) como um componente importante do amor romântico.

Essa ideia do desespero é interessante e lembra em muito as referências de Azevedo (1986, p. 50) à figura da solteirona, a mulher que, “por não achar casamento, assume o papel de ‘tia’ para os sobrinhos, ajudando a criá-los, cooperando no serviço de casa, não raro reclusa todo o tempo, vigiada pelos da mesma geração, pelos mais velhos e até pelos jovens, e ao mesmo tempo vigilante e atenta e zelosa, impertinente e inoportuna dos meninos e jovens da família”. Se “não casar é um insucesso” (AZEVEDO, 1986, p. 51), parece que querer namorar e não conseguir também o é. Digo querer namorar e não

conseguir, porque, conforme será visto mais adiante, para alguns dos jovens, e mesmo algumas das meninas, o *namoro* não está nos planos de um futuro próximo, pois eles se sentem satisfeitos com a experimentação que a prática do *ficar* proporciona e tem inclusive certo receio da perda da liberdade que o *namoro* pode proporcionar.

Também é relevante aqui pensar, a partir das falas dos jovens pesquisados, nos locais propícios para se conhecer alguém com quem se possa namorar, ou seja, nos lugares apropriados para se arranjar um(a) namorado(a). No Instituto de Educação Patrícia Galvão, foi dito que *quando se vai para a balada, não se pensa em namorar*. No entanto, uma das meninas do grupo afirmou que *tem uma tia que conheceu o marido na balada e que ficou, namorou e casou com ele*.

Embora isso possa acontecer, parece haver uma divisão entre relações mais ou menos fugazes e os locais nos quais se encontra pessoas com as quais se pode ter essas relações. Assim, a *balada*, as festas, são os lugares de *pegar*, de se relacionar por um curto espaço de tempo, sem a construção de intimidade. Já o *namoro* ocorre com alguém mais próximo, ou seja, com o colega, com o amigo, com o amigo do amigo. É preciso, segundo os jovens, um conhecimento prévio da pessoa com quem se namora. Para os alunos dessa mesma escola, *primeiro é preciso conhecer melhor a pessoa, para então a ficada virar um namoro*. O mesmo foi verificado em relação ao *ficar*. O *ficar* também ocorre, segundo os jovens pesquisados, preferencialmente com alguém que já se conhece. O *namoro*, seria, então, um estágio posterior ao *ficar*, que envolve, além desse contato de beijos, carícias ou até relações sexuais.

Segundo Sofia (17 anos), aluna do Colégio Rose Marie Muraro, é importante, para o estabelecimento do *namoro*, que se conheça previamente a pessoa com quem se quer ter esse relacionamento. Isso é algo que gera confiança, pois se tem conhecimento sobre a vida da pessoa e existem outros amigos em comum. O fato de que ambos possuam amigos em comum é também ressaltado pela jovem como um fator importante para que quem namora saiba as *cagadas* que o outro faz. Com *cagadas* a aluna refere-se às traições. Os amigos em comum serviriam, então, para contar as *cagadas* feitas pelo outro.

Parece haver aqui uma vinculação forte entre *namoro* e intimidade, categoria esta também muito importante para o amor confluyente descrito por Giddens (1993). É a intimidade que permite a abertura em relação ao outro e a vivência do relacionamento especial. Por esse motivo, o conhecimento prévio e a busca de pessoas com quem

se tem maior afinidade, como colegas, amigos ou conhecidos, pode de alguma forma garantir o sucesso e a maior durabilidade do *namoro*.

No Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, algumas meninas mencionaram que era preciso demonstrar o desejo de namorar. Isso significava demonstrar ser o tipo de menina que é para namorar. Isso seria feito, por exemplo, a partir do local no qual se procura um namorado. Também segundo elas não se procura alguém para namorar na *balada*. A *balada* serviria só para *curtir*. Segundo uma das alunas, um lugar possível para conseguir um namorado seria o shopping. Um dos meninos afirmou que, para namorar, era preciso primeiro ficar amigo. Para esses jovens, a amizade é a base de um relacionamento.

No entanto, não é para todos os jovens que existe essa diferenciação entre os estágios de *ficar* e *namorar*. Para um aluno do Instituto de Educação Patrícia Galvão que se identificou como *cristão*, ao beijar já se está namorando. Ele afirmou que, segundo sua religião, era proibido *ficar*, sendo permitido apenas namorar e somente após conhecer bem a pessoa com quem se namora. Ele ainda explicou que até era possível ter mais de um *namoro* ao longo da vida, mas que o casamento seria um só, afirmando ser contra a separação.

Enquanto os demais jovens *pegam* e *ficam*, para os religiosos essas práticas não podem estar presentes em suas vidas. Eles precisam desenvolver a noção de responsabilidade, recusando os chamados laicos e aproximando-se do ideal moral proposto por suas religiões (RIOS, 2008), o qual abarcará não apenas a proibição ao sexo antes do casamento, mas também tratará de aproximar *namoro* e conjugalidade, assim como ocorria no namoro à antiga (AZEVEDO, 1981; 1986), excluindo-se da sua vivência o *ficar*, prática compreendida pelos demais jovens como uma experimentação obrigatoriamente anterior ao *namoro*.

Se as práticas afetivas estão estabelecidas num *continuum* (OLIVEIRA, 2007), o *namoro* é uma decorrência do *ficar* (JESUS, 2005), com exceção dos jovens religiosos, a quem o *ficar* é proibido. No caso dos demais, embora o *namoro* seja posterior ao *ficar* e esta seja uma prática de diversão e descompromissada, aparece, tanto dentre os alunos do Instituto de Educação Patrícia Galvão, quanto entre os do Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, a ideia de que existe, para as meninas, uma postura para se demonstrar o desejo de namorar. Isso não significa que as meninas não possam *ficar*, mas apenas que *ficar* e *namorar* são práticas diferentes e que, portanto, devem ser realizadas em locais diferentes, não sendo a *balada* um lugar apropriado para *arranjar namorado*. Essas afirmações também se conectam em alguma medida com as dos alunos do Colégio Rose Marie Muraro, que

ressaltam a necessidade de se conhecer o outro previamente e a do estabelecimento da intimidade para que ocorra a transição do *ficar* para o *namoro*.

4.2 O QUE É UM NAMORO?

Para tratar da questão do *namoro*, é imprescindível também verificar de que forma os jovens pesquisados entendem esse tipo de relacionamento afetivo, ou seja, o que é um *namoro* para eles. De acordo com Rieth (2001), tanto a declaração da relação à família e aos amigos, quanto a intensidade do sentimento são aspectos que evidenciam o *namoro*, aspectos também corroborados por Oliveira (2007) e Leal (2003).⁵⁴ No que tange especificamente à declaração para família e amigos, esse firmamento do compromisso do *namoro* serviria, para as meninas, como “uma prova de autenticidade do envolvimento afetivo” (RIETH, 2001, p. 202).

Para Jesus (2005, p. 69), o *namoro* pode ser compreendido “como uma relação afetiva constante e duradoura, tendo o compromisso como o elo de ligação e a afetividade sempre presente”. Rieth (2001, p. 218) trata da forte oposição entre o *ficar* e o *namorar*, que pode ser definida a partir das seguintes oposições: “não ter compromisso/ter compromisso; diversão/envolvimento sério; relação passageira/relação com projeto de continuidade etc”.

4.2.1 Sentimento e Comprometimento

Conforme já foi mencionado, a experiência do *namoro* também prescinde, para os jovens pesquisados, do sentimento, que deve ser diferente e mais intenso do que aquele presente na prática do *ficar*. Rebeca (17 anos), aluna do Colégio Rose Marie Muraro, diz que é preciso gostar da pessoa: *não pode ser só “tô pegando porque ela é gostosa”*. Para Isabela (16 anos), *tem que gostar da pessoa, tem que estar apaixonada*. A vontade de namorar viria, para a jovem, *quando é aquela pessoa que tu pensa toda hora, que gosta demais, sabe? Tu quer toda hora tá junto com ela*. Sua afirmação é no mesmo sentido do que é

⁵⁴ “Na fala das entrevistadas, o namoro implica um compromisso e uma aliança públicos, seja porque o rapaz deve se comunicar com ela com alguma constância, conversando, ligando ou escrevendo, seja porque ele deve ‘assumir’ o relacionamento, ficando com ela na frente dos seus amigos ou conhecidos. Em alguns casos, especialmente quando houve realmente um namoro, a distinção envolve também o sentimento: no caso do namoro, este é mais intenso (LEAL, 2003, p. 105).

mencionado por Bozon (2009) acerca da relação dos jovens com um parceiro de outro sexo, na qual estaria presente o desejo de estar junto, criando um tempo e um espaço do casal, em oposição àqueles destinados aos amigos e à família. Além disso, segundo Isabela (16 anos), para a ocorrência do *namoro*, a reciprocidade desse sentimento também é relevante: *eu acho que namoro é aquela coisa que... dos dois gostarem juntos.*

Enquanto Isabela (16 anos) fala em *estar apaixonada*, Ana Clara (17 anos), da mesma escola, parece ter dúvidas acerca da necessidade ou não do amor para o *namoro*:

eu acho que uma relação pra ter namoro assim é necessário... ter o amor assim, em primeiro lugar, né? Mas nem é necessário ter o amor, eu acho que tu começa um namoro quando tu vê que aquela pessoa tá se tornando especial pra ti, tu gosta dela de uma certa forma. Tu não precisa amar pra começar um namoro, tu aprende a gostar da pessoa convivendo com ela mais frequentemente assim, sabe?

José (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, entende que o *namoro* é muito mais *sério* do que o *ficar*. Isso quer dizer que há um grau de comprometimento maior, o que, de acordo com o aluno, envolve não apenas *aquela coisa física* presente no *ficar*, mas também *um certo afeto maior por aquela pessoa*. Ele aduz que *namoro é quase casamento*, com a diferença de que, neste último, é preciso *morar junto*.

Para Laura (17 anos), *namorar* não é só estar o tempo todo com a pessoa. É preciso também *confiança*. Ela também menciona como requisitos da relação de *namoro* a *entrega* e a *troca*: *é preciso saber que a pessoa vai tá ali para te ajudar, que é alguém que vai te acrescentar alguma coisa.*

O significado do *namoro* passa também pela escolha da pessoa com quem se quer namorar. Pode ser possível *pegar* ou *ficar* com qualquer pessoa, mas o *namoro* envolve uma escolha mais criteriosa. Os meninos do Instituto Patrícia Galvão, por exemplo, afirmaram que não namorariam uma menina que tivesse *ficado* com vários meninos. A fama de *galinha*, sobre a qual se tratou no capítulo anterior, parece influenciar a escolha da parceira.

Nesse sentido, parece estar ainda presente uma distinção entre as meninas, assim como a que ocorreu entre *moças de família* e *levianas*,

que eram aquelas com quem “os rapazes namoram, mas não casam” (BASSANEZI, 1997, p. 612). Agora, contudo, a distinção poderia ser entre meninas para *ficar* e meninas para *namorar*, ainda que, à exceção dos jovens religiosos, o *namoro* necessariamente seja precedido pela experiência do *ficar*. Ressalta-se, contudo, que, segundo Giongo (1998), também haveria uma certa desvalorização, por parte das meninas, em relação ao menino que costuma *ficar* com várias meninas, o que revelaria o seu desinteresse em estabelecer um compromisso. Nesse sentido, pode-se afirmar que, também as meninas estabeleceriam uma distinção entre os meninos para *ficar* e os meninos para *namorar*.

Um aspecto relevante ressaltado por Eduardo (16 anos), um dos jovens que participou da pesquisa, é a ideia de *posse* que pode estar presente no *namoro* para os meninos. Segundo ele, *tem gente que namora só pra ter a posse [...] pra ti saber que tu é o único que tá pegando*. Embora ele afirme namorar com uma menina porque gosta dela, e não para mostrar para os outros que tem alguém, ele afirma que há meninos que namoram apenas para dizerem *ó, essa aqui é a minha (ênfatizando minha) namorada*.

Essa noção de *posse*, de acordo com o que foi dito pelo estudante, é certamente corroborada pela ideia de fidelidade como algo intrínseco ao *namoro*, já que esse *status* garantiria que se é o único *que tá pegando*, ou seja, que a menina não se relaciona com mais ninguém. Tal fato entra em conflito, contudo, com a forma com que muitos jovens vêm a questão da fidelidade dentro do *namoro*, tema que será discutido mais adiante, além de ser conexo à perda de liberdade evidenciada por alguns dos jovens, tema que será tratado no item 4.3.

4.2.2 Apresentação e Relação com a Família

Na pesquisa realizada por Leal (2003, p. 138), para os meninos do segmento médio/alto, o *namoro* que ocorre dentro de casa denota uma maior importância conferida ao relacionamento. Também para os meninos do segmento popular o ato de apresentar à família “é uma etapa importante na consolidação do relacionamento”.

A necessidade de apresentar ou não o(a) namorado(a) à família parece ser um ponto de discordância entre alguns meninos e algumas meninas do Colégio Rose Marie Muraro. Eduardo (16 anos) e José (16 anos) acham que é dispensável a apresentação à família para a caracterização do *namoro*. Eduardo (16 anos) diz que *não faz diferença, pois, se tu tiver namorando, é tu e ela, né? Não é tu e a família dela, nem ela e tua família*. Ele ressalta, contudo, que sua namorada conhece

toda a sua família e que ele conhece toda a família dela. José (16 anos) também afirma que o *namoro* não precisa necessariamente ser uma *coisa aberta*, podendo ser inclusive uma *coisa fechada*. No entanto, ele também afirma achar *legal* o ato de apresentar à família, para que a namorada se sinta parte da família. Segundo ele, a apresentação seria interessante para que a pessoa seja incluída na sua vida, o que parece estar relacionado também à convivência familiar.

Diego (17 anos) considera *muito importante* apresentar à família. Para ele, isso é necessário *até para a família, para eles saberem com que tu tá saindo e onde é que tu vai*. Ele mora apenas com a mãe e diz que apresentou todas as suas namoradas à ela. Laura (17 anos) ressalta que não é qualquer *namorado* que se apresenta para a família e que esse ato é algo que leva algum tempo: *tipo namorinho não vai apresentar para a família*. Ela diz que a apresentação à família só deve ocorrer quando se trata de uma relação *séria*.

Para Natália a relação do tipo *to namorando, mas só vejo ele no colégio e minha mãe não sabe* não é um verdadeiro *namoro*. Para a jovem, o *namoro* envolve uma convivência intensa e um envolvimento profundo: *a vida deles inteira tem que tá envolvida nisso, sabe? Toda família*. Isso significa que necessariamente deve-se conhecer a família e frequentar a residência do outro. Ela também fala que os pais precisam respeitar o(a) namorado(a) e que ele(a) deve ser tratado efetivamente como um membro da família. Ela também ressalta que o *namoro* implica viajar junto, que um durma na casa do outro e que alcocem juntos. Sem esses requisitos e essa publicidade, o *namoro* não seria sério.

É interessante pensar na ênfase dada pela jovem ao ato de *dormir na casa do outro*. Outros colegas dela também mencionaram a prática. Natasha (16 anos) afirmou que dormia na casa de seu namorado, assim como que ele dormia em sua residência. Eles tinham garantida a sua privacidade, pois dormiam sozinhos em um quarto separado. Já Eduardo (16 anos) disse que também sua namorada dormia em sua residência. Quando ocorria o contrário, no entanto, eles dormiam na sala, já que ela dividia o quarto com seu irmão. No entanto, a privacidade era garantida pelo fato de que tanto os pais quanto o irmão da menina dormirem com as portas de seus quartos fechadas.

Tal fato contrasta com a distância dos corpos necessária ao namoro à antiga, conforme Azevedo (1986). Se o namoro sério nessa época era aquele no qual o rapaz respeitava a moça e resguardava a sua virgindade, o *namoro* sério atual necessita dessa proximidade e, além disso, com o aval da família. Sendo assim, ainda que dormir na sala

possa dificultar um pouco a manutenção de relações sexuais entre os namorados, que é o que ocorre com Eduardo (16 anos), certamente não impede a sua realização. Também Bozon (2009) aponta para esse testemunho e essa cumplicidade dos pais em relação à sexualidade dos filhos. Essa não-intervenção dos pais na vida sexual dos filhos seria, segundo ele, inclusive um motivador da extensão da residência materna e/ou paterna.

A prática de dormir na casa do(a) namorado(a) é algo que pode ser relacionado ao caráter essencial atribuído às relações sexuais no *namoro*. Também é interessante pensar na questão da manutenção de relações sexuais. Rebeca (17 anos), aluna do Colégio Rose Marie Muraro, traz uma questão importante ao afirmar que a intimidade do *namoro* também faz com que esse tipo de relação necessariamente inclua relações sexuais, algo menos comum na maioria das relações de *ficar*: *eu não consigo achar normal não ter relacionamento sexual durante o namoro. Claro, não precisa ser logo, né? Até porque uma gurria que é virgem, quando ela começa a namorar ela não vai transar logo de cara. O sexo seria, portanto, essencial numa relação de namoro.*

Quando trata das modificações ocorridas nas últimas décadas nas normas de passagem à sexualidade adulta, Bozon (2004, p. 20) ressalta a importância da relação sexual como “produtora de um vínculo e de conhecimento do outro e de si próprio”,⁵⁵ fato que é visualizado na fala de Rebeca (17 anos). Além disso, Bozon (2001) também menciona a centralidade da sexualidade para o casal contemporâneo, o que se reflete também nas relações de *namoro* entre os jovens.

Essa vinculação entre manutenção de relações sexuais e *namoro* é interpretada a partir de um outro viés pelos alunos do Instituto de Educação Patrícia Galvão. Segundo um dos meninos, às vezes um menino pode namorar uma menina apenas para ter *sexo seguro*, mesmo que não goste dela. Com *sexo seguro* o jovem quis dizer que, para quem está namorando, há uma garantia de manutenção de relações sexuais, sem que ele tenha que se preocupar em conseguir uma parceira sexual eventual. A fala desse aluno foi complementada pela de uma menina da turma, que afirmou que, por esse motivo, muitas meninas ficam com *medo*, pois não sabem se o menino tem *segundas intenções* ou se gosta mesmo delas.

Esses dados podem ser comparados aos obtidos pela pesquisa Gravada (HEILBORN *et al.*, 2006), segundo a qual, em Porto Alegre, os *namoros* são mais tardios e precedidos por diversas experiências de

⁵⁵ Tradução livre de: “productrice de line et de connaissance de l’autre et de soi”.

ficar, além de resultarem, mais frequentemente do que em outras capitais do país, em relações sexuais. Já em Pelotas, de acordo com a pesquisa de Rieth (2001, p. 211), apenas os meninos entendem que, num *namoro*, a ocorrência de relações sexuais é inevitável, ainda que eles compreendam quando isso não se dá devido à pouca idade da namorada (“quando a namorada é ainda jovem para transar”). Além disso, o *namoro* que ocorre entre os jovens pesquisados em muito difere daquele descrito por Azevedo (1981;1986) na metade do século XX no Brasil. Talvez naquela época o sentimento envolvido e a vontade de *estar junto* também estivessem presentes, mas certamente as relações sexuais não ocorriam, sendo reservadas apenas aos homens e com outras mulheres, ou à conjugalidade.

A descrição do *namoro* efetuada pelos jovens pesquisados parece partir do mesmo pressuposto utilizado por Bozon e Heilborn (1996), o da oposição ao *ficar*. Nesse sentido, as três categorias analisadas aqui (sentimento, comprometimento e apresentação e relação com a família) são reveladas a partir de uma oposição à prática do *ficar*, ou seja: diante da presença dessas categorias, trata-se de um *namoro*; na sua ausência, trata-se de uma relação de *ficar*. Em primeiro lugar, para *namorar*, é preciso um sentimento mais intenso do que aquele presente no *ficar*. Além disso, também se faz presente um maior grau de comprometimento, seja com o outro ou com a própria relação, a partir da confiança (tema que será especificamente analisado adiante, ao se tratar da fidelidade no *namoro*).

Outro requisito relevante, embora não unânime entre os interlocutores, é o da apresentação à família, também ligado à relação estabelecida com esta. Se o *namoro* à antiga, para ser considerado sério, prescindia da apresentação do rapaz à família da moça (AZEVEDO, 1981;1986), no *namoro* atual isso pode ser dispensável e, quando ocorre, essa apresentação é dirigida a ambas as famílias (da menina e do menino). De qualquer forma, continua a conferir um *status* diferenciado, sobretudo porque o hábito de frequentar a casa do outro pode garantir, como alguns jovens mencionam, a possibilidade de *dormir na casa* do outro, o que é muito importante para garantir a manutenção de relações sexuais. Logo, essa apresentação à família, que permite também uma convivência mais intensa entre o casal, além de demonstrar que a sexualidade é central para o casal contemporâneo (BOZON, 2001), o que se reflete também nas práticas juvenis, permite a criação de um espaço do casal, formado a partir do desejo de estar junto (BOZON, 2009).

4.3 NAMORAR SIGNIFICA PERDER A LIBERDADE?

Muitos jovens trataram, nas entrevistas e oficinas, da perda da liberdade que poderia estar implicada no *namoro*. Eles falaram de algumas desvantagens do *namoro*, como algo que os impediria de viver plenamente a juventude, que os deixaria presos e sem condições de aproveitar esse tempo da forma devida.

Natália, aluna do Colégio Rose Marie Muraro, diz que não gosta *dessas coisas, tipo “ah, eu te amo, ah, tu é o amor da minha vida, ai, não sei o que, vem cá, como tu é lindo”*. Ela diz não gostar *dessas coisas assim muito melosas, muito coisa de mulherzinha, sabe?* A jovem ainda finaliza: *tenho nojo, odeio grude, chiclete*. Ana Carolina (16 anos), sua colega, também afirma ser contra o *namoro grudado*. Suas palavras demonstram muito bem uma necessidade de preservação da individualidade:

eu acho que... esse negócio de apego é o contrário do amor e longe do namoro [...]. Eu não sou a favor do namoro grudado, aquilo de “preciso de ti pra viver, nem ti minha vida não se completa”. Sou completamente contra isso, eu acho que a pessoa, num relacionamento legal assim, duradouro, maduro... é cada um seguindo o seu caminho e... em dados momentos os caminhos se cruzam, por isso as pessoas tem vontade de tá junto, por isso que as pessoas querem dividir as coisas... E eu acho que, dividir e juntar as coisas também, eu acho que isso é um relacionamento legal. Não necessariamente precisa ter aquela obrigação “ah, hoje eu preciso ver o Fulano, ah, no dia de semana eu não vi, então fim de semana obrigatoriamente eu terei que ver o Fulano”. Não, tu acorda cada dia e tu percebe se tu tem vontade, se tu gosta do Fulano tu vai ter vontade de ver, sabe?

Os jovens pesquisados por Maia (2009), por exemplo, preferem ter relações afetivas fora do estabelecimento escolar. Para eles, o fato de verem muito frequentemente o(a) parceiro(a) amoroso(a) pode fazer com que eles enjoem mais rapidamente do relacionamento. Esse *medo do grude*, descrito por Ana Carolina (16 anos), pode ser relacionado aos paradoxos intrínsecos às conjugalidades contemporâneas, descritos por

Aboim (2009, p. 110), que seriam “divididas entre um ideal romântico de fusão afetiva permanente que, mesmo transformado, perdura, e o investimento na individualidade e na satisfação erotizada, mas transitória, da paixão amorosa”. Ainda segundo a autora, essa preservação da autonomia “não se apresenta contra o sentimento amoroso e a proximidade conjugal, mas como condição necessária para uma conjugalidade feliz”. Esses paradoxos das conjugalidades parecem ser aplicáveis às relações de *namoro* vivenciadas entre os jovens.

Ana Carolina (16 anos) utiliza, ainda, a categoria *desapego*, o que, segundo ela, significa *não usar a pessoa pra completar a tua vida, e sim pra complementar*. Para ela, é preciso saber viver tranquilamente sem o outro. No entanto, é o fato de o outro nos fazer felizes que faz com que queiramos estar junto. Tal fato pode ser relacionado às concepções de Bauman (2004) acerca do amor líquido, segundo o qual não seria produtivo fixar-se e adquirir hábitos. Além disso, também é possível pensar, a partir da fala da jovem, no ideal do amor calculável, seguro e otimizado do qual tratam Beck e Beck-Gernsheim (2001). A fixação e a aquisição de hábitos são vinculadas, aqui, à preservação da individualidade, à rejeição da fusão proposta pelo modelo do amor romântico e é isso o que poderia tornar a experiência do amor segura. É preciso saber viver sozinho. Se o outro nos faz feliz, o relacionamento será proveitoso, produtivo, mas nunca devemos nos tornar dependentes dele.

Uma desvantagem muito salientada pelos jovens pesquisados é a dificuldade de sair com os amigos e se divertir, que é sentida por quem está namorando. Nesse sentido é a fala de Diego (17 anos), que afirma que *namorou* durante um ano e que era *complicado*, pois ficava durante todo o fim de semana com a namorada, mas também queria sair com os amigos. Ele refere que, nesse período, sua *vida de amizade* se restringia ao colégio e que seus amigos saíam, *faziam festa* e ele ficava em casa. Ele inclusive credita à essa falta de liberdade o término do *namoro*. As alunas da Escola de Educação Básica Berta Lutz comentaram que, quando se tem um namorado, é difícil sair com os amigos e se divertir e que, por esse motivo, na idade em que elas estão o mais indicado é *ficar* com vários meninos, e não namorar.

Rieth (2001, p. 232) esclarece que, para os jovens de Pelotas, o compromisso “sério” do *namoro* é algo que vai ao encontro da ideia de juventude como uma fase de descobertas, na qual “as aventuras amorosas/sexuais são valorizadas como constituidoras do processo de formação do sujeito”. No entanto, no caso dos jovens pesquisados pela antropóloga, essa necessidade de sair com os amigos apareceu mais

fortemente para os meninos. Para ela, é no universo masculino que “as relações de amizade concorrem com as de namoro”, pois “o ‘agitar’ com os amigos se impõe como forma de desempenho da virilidade” (RIETH, 2001, p. 275). Ana Clara (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, no entanto, também coloca a concorrência da amizade com o *namoro* como algo presente no universo feminino. Segundo ela, há inveja e ciúmes entre as meninas: *às vezes tu tá namorando e tem amigas que são solteiras e querem te ver solteiras ao lado delas assim, sabe, ir pra festa e tal.*

Para alguns meninos do Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, é preciso manter os amigos, porque o relacionamento acaba, mas a amizade não. A amizade foi algo bastante mencionado na oficina realizada nessa escola e parecia ser colocada como um escudo para se proteger das desilusões amorosas. Um dos meninos explicou que era preciso manter os amigos, porque, se o *namoro* terminasse e a pessoa tivesse se afastado dos amigos, não teria mais amigos. Também o *namoro* pode ser relacionado à amizade. Para Pedro (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, a *namorada* é uma pessoa para quem se pode falar tudo (o mesmo se pode fazer com os amigos). Ele ainda definiu o namoro como *uma amizade com sexo*.

Os relacionamentos amorosos foram tidos como muito mais instáveis do que as relações de amizade. Parece que a instabilidade amorosa ressaltada por Bauman (2004) faz bastante sentido para esses jovens. Os relacionamentos efêmeros, contudo, seriam apenas os amorosos. São eles que são descartáveis e que têm sua continuidade constantemente reavaliada. A amizade, pelo contrário, é tida por esses jovens como algo perene. É como se o ideal de eternidade contido no modelo do amor romântico pudesse ser atualmente aplicado às relações de amizade, já que as amorosas estariam submetidas à instabilidade da modernidade líquida. No entanto, pelo menos para os jovens pesquisados, parece que algo permanece sólido dentro de toda essa liquidez.

Aquilo que foi visualizado pela antropóloga apenas nos meninos de Pelotas parece agora fazer sentido também para as meninas e ser compreendido não como uma afirmação viril, mas como algo que atrapalha as experimentações inerentes à juventude. No Instituto de Educação Patrícia Galvão, quando um dos grupos analisava o testemunho de uma menina que queria namorar, mas não conseguia, um dos meninos disse que ela não deveria se preocupar como o *namoro*, pois ele *prende muito a pessoa*. Pelo contrário, ele afirmou que ela deveria *aproveitar*, ou seja, *ficar com vários*, conforme afirmado pelas

alunas do Berta Lutz. No mesmo sentido é a fala de Pedro (17 anos), aluno do Colégio Rose Marie Muraro, que acha que, na idade em que está, não se deve *namorar*, pois este é o momento de *aproveitar para fazer tudo* o que não poderá fazer depois.

Um dos aspectos que *prenderia* a pessoa seriam os ciúmes, apontados como uma das desvantagens do *namoro*. Para Thiago Almeida e outros (2008, p. 85 e 86), “o ciúme implica certo cerceamento do outro, porque o parceiro ciumento, de algum modo, interfere no comportamento do outro e em sua liberdade, tornando-se possessivo e controlador”. Sofia (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, explica que um dos fatores negativos do *namoro* é o fato de que *sempre tem aquela coisa de ciúmes*. Para a jovem, os ciúmes são problemáticos independentemente de quem os sente. Na entrevista, ela descreveu uma cena protagonizada por uma amiga, que ficou com ciúmes porque o namorado foi cortar o cabelo em outra cidade. Disse que *quando ela ficou sabendo ela começou a chorar, fez um escândalo*, por pensar que na verdade era uma desculpa para a traição. Para Sofia (17 anos), *tem coisas assim que são desnecessárias* numa relação afetiva.

Além do medo do grude, alguns jovens também expressaram o receio de se desapaixonar, de deixarem de gostar do(a) namorado(a). Natália, que afirma nunca ter *namorado* ou mesmo *ficado sério*, relaciona esse fato às experimentações inerentes à juventude: *acho que na nossa idade é tudo coisa da nossa cabeça, que nada é de verdade, sabe? Por exemplo, “ah, eu gosto dele, mas aí amanhã eu já tô gostando de outro”*. Ela afirma que suas amigas dizem que ela “gosta de muita gente”. Segundo a aluna, o que ocorre é que *tipo ai, eu gosto dele... gosto do amigo dele também, sabe?* Por esse motivo, ela afirma que não poderia namorar, a não ser que sentisse algo muito forte pela pessoa: *eu acho que eu realmente tenho que ter uma coisa muito mais forte, sabe? Pra eu me desprender de tudo, pra poder ficar com ele*. Pedro (17 anos) também afirma nunca ter namorado: *às vezes eu até tenho vontade de namorar, mas vem e passa (risos)*.

Em princípio, a fala de Natália parece representar muito bem a noção de amor líquido de Bauman (2004), segundo a qual tanto a ação de se apaixonar quanto a de se desapaixonar ocorrem muito rapidamente. Gostar hoje de um e amanhã de outro também estaria relacionado ao investimento necessário às relações atuais, só devendo ser mantidas aquelas que geram lucros relevantes. Contudo, há um ponto importante, que faz com que a jovem destoe dos preceitos inerentes à descrição do amor contemporâneo efetuada pelo sociólogo

polonês: é possível que ela sinta algo muito forte que a faça *se desprender de tudo*. Nos seus dizeres constam, portanto, também elementos do amor paixão, entendido por Stendhal (1999) como aquele que gera o prazer sublime, por meio do abandono do interesse próprio.

Neste item, nas falas dos interlocutores, liberdade e juventude parecem andar juntos, assim como em Rieth (2001), para quem a ideia de juventude está vinculada a uma fase de descobertas, no que contrastaria com o compromisso do *namoro*. Além disso, liberdade e juventude estariam ao lado dos amigos. A relação de amizade é mostrada como algo perene, enquanto que os *namoros* seriam instáveis. Sendo assim, sair com os amigos e manter as relações de amizade é uma garantia de não estar sozinho quando o *namoro* acabar. Sair com os amigos também está ligado à diversão, ao aproveitar a vida: para os jovens da pesquisa, aproveitar é geralmente ligado a sair com os amigos, ir a festas e *ficar* com várias pessoas. Por isso a rejeição das meninas do Colégio Rose Marie Muraro ao *grude*. O *namoro* deve servir para *complementar*, diz Ana Carolina (16 anos). O *namoro*, sobretudo para os que não *namoram*, é visto como algo que *prende*, que *atrapalha* e que faz desperdiçar a juventude. Nesse sentido, esse receio da perda da liberdade que adviria com o *namoro* está muito fortemente atrelado à não fixação, que é um requisito essencial da noção de amor líquido (BAUMAN, 2004). Contudo, isso não se dá sem ressalvas. Se, para Aboim (2009), há na contemporaneidade um paradoxo entre o ideal de fusão afetiva e o investimento na individualidade e na satisfação erotizada, é na questão da fidelidade no namoro, analisada a seguir, que isso se faz bastante presente.

4.4 NAMORO E FIDELIDADE

Uma questão de grande relevância, trabalhada com os jovens tanto nas oficinas, quanto nas entrevistas, é a da fidelidade no *namoro*. Nas oficinas, eles discutiram, por exemplo, o testemunho de jovens que tinham vontade de trair seus(suas) namorados(as) ou que eram infiéis. Além disso, nas entrevistas realizadas no Colégio Rose Marie Muraro, apareceu diversas vezes, na descrição do *namoro*, as palavras *respeito* e *lealdade*. Sobre o significado da fidelidade, eles em geral só falavam quando perguntados.

4.4.1 O que é Fidelidade para os Jovens?

Isso me levou a questionar especificamente o que eles entendiam por fidelidade e se a consideravam ou não essencial em uma relação de *namoro*. Diferentemente da pesquisa GRAVAD, na qual a pergunta sobre fidelidade girava em torno da manutenção de relações sexuais (“quando se está numa relação afetiva com uma pessoa, é aceitável fazer sexo com outras pessoas?”), a questão da fidelidade dizia respeito, para os jovens pesquisados, a *pegar* ou *ficar* com outras pessoas enquanto se está namorando.

No Colégio Estadual Nísia Floresta, quando perguntei a um grupo composto de um casal de namorados (um menino e uma menina) e mais um menino o que era trair, os meninos afirmaram que era *ficar* com alguém, mas a menina entendia que trair era querer *ficar* com alguém, ou seja, ter esse desejo. No entanto, ela afirmou que sonhar com outra pessoa era permitido, já que *a gente não controla o sonho*. Essa opinião, no entanto, consiste em uma exceção, já que a maioria dos jovens expressou a traição como sendo o ato de *pegar* ou *ficar* com outra pessoa quando se está namorando. É o caso de Rebeca (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, para quem a infidelidade é o ato de ficar, já que pensar ou ter vontade de trair é algo que é comum a todas as pessoas.

Para uma menina do Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, o menino que namora e quer *ficar* com outras pessoas é um *cafajeste*, pois isso não é correto. Já um menino da mesma turma afirmou que não há problemas em pensar em *ficar*, pois *pensar pode*.

O que é, então, para esses jovens, *fidelidade*? Simmel (2003) compreende a fidelidade como algo que é direcionado para a continuidade da relação, independentemente de qualquer sentimento particular. Para Isabela (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, fidelidade significa exclusividade, ou seja, não trair a pessoa. Ao mesmo tempo, é preciso *dar confiança* para o outro e isso deve ser recíproco. Essa confiança refere-se, por exemplo, à possibilidade de sair sem o outro sem *ficar* com outra pessoa.

Já Eduardo (16 anos) entende que ser fiel a alguém é gostar dessa pessoa, amar apenas essa pessoa e namorar apenas essa pessoa. Para ele, *não existe isso de ah, nunca fiquei com mais ninguém depois que eu fiquei com ela ou depois que eu comecei a namorar com ela*. Ele entende que a traição ocorreria em virtude sobretudo da curiosidade e que *não existe essa de “ah, agora [...] pro resta da minha vida eu sou*

teu”. A fidelidade estaria relacionada ao que se sente. Ele pondera, contudo, que é não é preciso por isso *extrapolar*:

eu não vou tá namorando com a guria e pegar várias, ir numa festa só pra pegar, só pra ficar com um monte de gente. É uma coisa tipo... no calor do momento, é... tipo, tu não vai sair pra procurar uma pessoa... ou pra procurar alguém pra ficar ou alguém pra namorar escondido dela, sei lá, são coisas que acontecem, tu tá lá, ela tá lá daí vai lá e eu peguei, entendeu?

José (16 anos) diz que, dependendo da pessoa, a fidelidade pode ou não ser importante. Ele cita o caso de um amigo que *não consegue namorar só uma, que sempre tem que sair e variar*. Esse amigo estaria namorando uma menina que também age dessa forma, ou seja, que também *fica* com outros meninos. Segundo o aluno, eles são fiéis um ao outro, pois *na hora que precisar, um vai tá do lado do outro*. Por isso ele diz que a fidelidade depende da pessoa: *tem gente que gosta de ficar só com aquela, tem gente que gosta de ficar com outras, mas prefere aquela*.

Thaíse (16 anos) acha que, num *namoro*, é preciso lealdade. Para ela *infidelidade não é sinônimo de desamor*. A jovem diz que ninguém escapa da traição e que ela acontece em todos os relacionamentos: *por mais bonito que seja, por mais amor que tenha, sempre acontece. Sempre. Se tu teve um relacionamento que não teve, no próximo vai ter*. Ser leal, para ela, tem a ver com respeito, significa ser fiel ao outro em outros aspectos que não sejam relacionados à traição. Ela afirma que, quando uma pessoa se relaciona com outra, mas não termina o *namoro*, é porque gosta do(a) namorado(a) e muitas vezes procura em outras pessoas o que não encontra no *namoro*, porque *ninguém é perfeito*. No entanto, ela coloca limites à traição:

se tem uma menina... e ela tem um namorado e ele trai ela... eu acho que uma vez perdoado... não... não faz tão mal assim, tu vai sofrer, tu vai chorar, tu vai ficar com raiva, mas vai passar... Assim como tudo passa. Se tu perdoar a pessoa, tem gente que não perdoa, mas se tu perdoar e ela fizer se novo, aí é outra coisa. Mas enquanto tu gosta dela assim e se tu vê que ela tá

arrependida... acho que não tem porque não... não perdoar.

Nas palavras de Thaíse (16 anos) resta claro que é o sentimento que garante a continuidade do relacionamento. Num tempo em que os amores são líquidos, gostar de alguém pode significar ser fiel e ter uma relação de exclusividade. No entanto, também é interessante pensar que se busca nas outras pessoas aquilo que não se encontra no(a) namorado(a), já que *ninguém é perfeito*. Isso significa que aquela ideia de completude, própria do amor romântico, personificada na figura da alma gêmea, ainda faz sentido, ainda que ressignificada. É como se, cientes da incapacidade de que o outro nos torne completos, fôssemos capazes de procurar essa completude em mais de uma pessoa. O importante seria completar-se, ainda que, para isso, seja necessário buscar tudo aquilo que não possuímos em várias pessoas diferentes.

Para Ana Clara (17 anos), a fidelidade é *a coisa mais importante do mundo* e é preciso confiar no parceiro, *até que ele te prove o contrário*. Caso ele prove o contrário, ela diz que a primeira coisa a ser feita é conversar, perguntar por que ele traiu e ouvir suas respostas. No entanto, ela afirma que *quando rola traição não tem mais sentimento*. Por isso, se não há mais sentimento, o melhor seria terminar o *namoro*, dar um tempo e, caso o outro realmente goste, ele vai *correr atrás* e pedir perdão. Nesse caso, *não custa nada tentar de novo*. Nem sempre essa nova tentativa é bem sucedida, já que, segundo a jovem, a confiança é abalada: *rola a questão de uma desconfiança e tipo qualquer coisa que acontece tu joga na cara "porque tu me traiu, porque não sei o que, tu não tem direito de fazer isso"*. Essa desconfiança também aumentaria os ciúmes, tornando a relação mais complicada.

Ana Carolina (16 anos) associa a fidelidade à franqueza. Ser franco significa, para ela, ser transparente em relação aos próprios sentimentos. É preciso, num *namoro*, dizer quando *não está legal*: *se tu for franco, acho que tu não vai necessariamente precisar ficar com outra pessoa para ter certeza de que é aquela pessoa que tu quer, que tu tá junto. Porque muitas vezes tu busca outras pessoas pra ter certeza se teu namorado é aquela pessoa que tu quer tá junto*.

No mesmo sentido é a fala de Laura (17 anos). Ela afirma que a fidelidade é muito importante num relacionamento e que a traição não ocorre apenas quando se *fica* com outra pessoa. Laura (17 anos) entende que *não se deve mentir em nada* e que *mentir é uma forma de infidelidade: a pior coisa é tu mentir e ser descoberto*.

Será que a afirmação de Goldenberg (2006, p. 364), que preconiza que, “como uma pérola rara, a fidelidade permanece como um valor fundamental das modernas e tradicionais conjugalidades na cultura brasileira”, faz também sentido para os jovens pesquisados? Se a resposta é sim ou não, o fato é que “a opinião sobre fidelidade funciona como barômetro da moralidade desejável nas relações afetivas. Trata-se de um tópico sensível para descrever a mentalidade de uma época ou geração” (HEILBORN *et al.*, 2006, p. 212). Por esse motivo, trata-se de um tópico a ser investigado aqui.

4.4.2 Infidelidade no *Namoro Juvenil*

No caso dos jovens pesquisados por Maia (2009), restou evidenciada a estratégia de superposição de relações afetivas. Isso quer dizer que muitos deles mantêm duas relações afetivas durante um período breve, que pode ser mesmo de apenas alguns dias, o que pode ser creditado, segundo a autora, ao fato de que os jovens têm medo de ficar sós. Não foi isso o que apareceu nas falas dos jovens desta pesquisa. Quando eles se referem à traição, eles não falam em nenhum momento da manutenção de duas relações de *namoro*, mas sim de uma relação de *namoro* e de *ficar* com outra pessoa enquanto se está namorando.

Sofia (17 anos) acredita na exclusividade, embora ache que atualmente trair seja algo banal. Ela credita isso ao fato de que *hoje em dia já tá tão comum tipo, o uso da maconha é... e aí eles ficam chapados e vão lá pegar outras e ficam muito loucos, não se lembram de nada*. Apesar disso, ela afirma pensar que *ainda existe amor à moda antiga*. Ela também entende que, num *namoro*, é preciso respeito. A jovem não vê motivos para *ficar* com outra pessoa quando se está namorando e, por esse motivo, ser infiel significa não respeitar o outro. José (16 anos) também afirma que não trair é importante. Para ele, quando se vê que a pessoa é *legal*, que vai te *fazer um bem*, não há motivos para *ficar* com outra pessoa. No mesmo sentido são os dizeres de Laura (17 anos), para quem não há motivos para *procurar outra pessoa* quando se gosta de alguém.

Na pesquisa desenvolvida por Rieth (2001, p. 221), as meninas falam recorrentemente do *namoro* como sendo uma relação “‘séria’ porque pautada pelo compromisso de fidelidade entre o casal”. No entanto, também é mencionado que no *namoro* são exigidos respeito e confiança, categorias a partir das quais serão equacionadas as expectativas relativas à fidelidade e à liberdade individual.

Os meninos pesquisados por Rieth (2001, p. 229) apresentam a infidelidade como algo que se dá pela pressão exercida pelo grupo de amigos e devido ao fato de a traição estar relacionada com a “concepção de sexualidade como aprendizagem técnica”, uma vez que a experiência é adquirida com a quantidade de relações que são mantidas. Tal fato relaciona-se com a descrição de amor líquido efetuada por Bauman (2004), segundo a qual seria possível aprender a amar, o que tornaria relevante o número de relacionamentos mantidos. Assim como o sociólogo entende que, na contemporaneidade, o próximo relacionamento será necessariamente melhor do que o atual, em virtude da experiência adquirida, também para os meninos de Pelotas esse aprendizado parece ser importante, ainda que possa estar mais ligado à sexualidade do que ao amor.

Já no caso das meninas de Pelotas, também investigadas por Rieth (2001, p. 197), resta acentuado o “conflito romântico”, estabelecido “pela preocupação de enlaçar sexualidade e amor em uma relação que se projete para o futuro”. Essa projeção para o futuro encaixa-se muito bem no modelo de amor confluyente proposto por Giddens (1993), no qual ocorre a busca pelo relacionamento especial e na abertura em relação ao outro, expressa por essas meninas na noção de “conhecer a alma do outro” a partir da relação de *namoro*. Nota-se, portanto, que é a intimidade, categoria tão cara a Giddens, que aparece aqui como base de sustentação ao tipo de relacionamento buscado por essas jovens.

Na pesquisa realizada por Souza e Alvarenga (2001, p. 25), as mulheres de baixa renda de São Paulo compreendem a infidelidade como “uma prática masculina na dinâmica conjugal”, algo não permitido às mulheres. A infidelidade, nesse contexto, consiste numa forma de afirmação da masculinidade e significa que o homem está insatisfeito com a relação conjugal. Por esse motivo, a descoberta da infidelidade do parceiro, para essas mulheres, faz com que elas percebam que a relação está se deteriorando, abrindo caminho também à opressão e à violência conjugal. Para os jovens da periferia de Paris pesquisados por Isabelle Clair (2008), a relação secundária é necessariamente secundária por dois motivos: porque é considerada imoral (sobretudo para as meninas) e porque existe apenas na medida em que confere à primeira relação uma nova luz.

No caso das mulheres entrevistadas por Souza e Alvarenga (2001), foi verificada a existência de duas estratégias diferentes para perceber a infidelidade do parceiro. No caso das mais jovens, a existência ou não da amizade entre os membros do casal é importante,

enquanto que, no caso das mais velhas, o melhor seria “confiar desconfiando”.

Se os jovens traem, por que isso ocorreria? A maioria (52,6%) dos jovens pesquisados por Jesus (2005) disse ser fiel em seus relacionamentos. A traição ocorreria, sobretudo devido à beleza do outro, justificativa utilizada em 28,9% dos casos.

No Instituto de Educação Patrícia Galvão, os alunos em princípio colocaram-se como contrários à traição, afirmando que *quem gosta não trai*. Perguntei se não era possível gostar e trair. Eles disseram que sim, às vezes, mas que não valia a pena. Surgiu a questão das diferenças entre mulheres e homens em relação à traição. Eles disseram que os homens traem mais. Eu perguntei por que e um menino respondeu: *por instinto*. Perguntei por que as mulheres traíam. Um dos meninos disse que era quando ela não recebia a devida atenção do namorado. Uma menina disse que também era para descontar uma traição da qual havia sido vítima.

No caso dos homens casados pesquisados por Silva (2002, p. 43), a fidelidade está atrelada ao comportamento da esposa, que pode levar à satisfação sexual. Se a esposa é capaz de gerar essa satisfação por meio de criatividade e sedução, não há a necessidade de procurá-la fora da relação conjugal. Ao mesmo tempo, também estaria presente a crença de que a necessidade de sexo faz parte da natureza masculina. Assim, “é muito difícil para o homem ‘negar fogo’ quando é abordado por outras mulheres, primeiro porque ele ‘é homem’ e segundo porque não é ‘gay’ nem ‘boneco’”. Na fala de Laura (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, essa ideia de *não procurar fora de casa* também aparece. Para a jovem, se um não dá ao outro *aquilo que ele precisa* ou se o sentimento não está presente, não há motivos para continuar a relação.

Na fala do menino do Instituto de Educação Patrícia Galvão também está reproduzida essa crença da dificuldade de “negar fogo” como algo inerente à natureza masculina. Contudo, é interessante perceber que a justificativa utilizada pelos homens casados para a traição, relacionada ao comportamento da esposa, também aparece na fala dos jovens, especialmente na de um menino, que afirma que a menina trai quando não recebe a atenção que merecia. Também aqui a traição é creditada ao comportamento do outro. No entanto, se, para os homens casados, a satisfação está relacionada ao comportamento sexual da mulher, a atenção que a menina deve receber parece ser algo mais amplo. Certamente está ligada não apenas ao afeto, mas também ao fato de não ser traída, o que pode, no dizer de uma aluna da instituição,

também levar à traição dentro do *namoro*, como uma forma de vingança.

4.4.3 A Ressignificação da Fidelidade: respeito, lealdade e confiança

Para os jovens pesquisados, embora possa ter sido mais frequente a referência à traição por parte dos meninos, a questão de ser fiel ou não é também algo bastante relevante para as meninas. Por esse motivo, talvez, apareçam, aqui, outras denominações para a fidelidade, ressignificada, por exemplo, nas palavras *respeito* e *lealdade*.

Para Thaíse (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, num *namoro* são necessários *respeito* e *lealdade*. A palavra *fidelidade* não aparece na sua fala. Ser leal, segundo a jovem, significa não ter a intenção de trair e também contar para o(a) namorado(a) que traiu. Para ela, as meninas *são mais leais*, pois na *maioria das vezes elas não tem o propósito de “vou trair o meu namorado”*. É apenas algo que *acontece* e que *faz parte*. No caso dos meninos, ela os considera mais *influenciáveis* do que as meninas: *todos os amigos solteiros, “bá, nós vamos fazer uma viagem... Bá, vamos pegar todo mundo” [...] Aí o cara que tá namorando entra na pilha, sabe? [...] E acaba indo, não é por maldade, mas acaba sendo desleal*.

No caso dos homens casados entrevistados por Silva (2002), tanto o respeito quanto o companheirismo consistem em definidores da fidelidade. Rosângela Soares (2007, p. 327) afirma que a “fidelidade talvez seja um dos maiores diferenciais entre um relacionamento estável e duradouro e um relacionamento transitório”, quando analisa jovens que participam de um programa de TV no qual buscam um(a) parceiro(a). Poderemos visualizar, contudo, que nem sempre é a fidelidade aquilo que diferencia o *ficar* do *namorar*, para alguns dos jovens pesquisados.

Para Isabela (16 anos), num *namoro* a confiança é um elemento necessário, assim como a fidelidade. Sua opinião está de acordo, dessa forma, com a das mulheres mais jovens da pesquisa de Souza e Alvarenga (2001), que compreendem que a amizade é um elemento importante para a existência dessa confiança de que o marido não trai. No caso dos jovens desta pesquisa, a confiança também está atrelada à noção de liberdade, pois é preciso, num *namoro*, confiar que o outro possa sair sozinho ou mesmo viajar sem *ficar* com ninguém.

Thaíse (16 anos) também fala sobre o assunto, mas utiliza a categoria *lealdade*, ao invés de *infidelidade*. Ser leal, segundo a jovem, significa não ter a intenção de trair e também contar para o(a)

namorado(a) que traiu. Para ela, as meninas *são mais leais*, pois na maioria das vezes elas não tem o propósito de “vou trair o meu namorado”. É apenas algo que *acontece* e que *faz parte*. No caso dos meninos, ela os considera mais *influenciáveis* do que as meninas: *todos os amigos solteiros, “bá, nós vamos fazer uma viagem... Bá, vamos pegar todo mundo” [...]. Ai o cara que tá namorando entra na pilha, sabe? [...] E acaba indo, não é por maldade, mas acaba sendo desleal.*

4.4.4 Meninas e Meninos são Iguamente Infiéis?

Isabela (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, acha que a infidelidade é mais comum nos meninos e que ocorre mais frequentemente de eles estarem namorando uma menina, irem a uma festa sozinhos e *ficarem* com outra menina. Para ela, os meninos são mais infiéis *porque guri tem essa coisa de não conseguir se controlar, de ter o hormônio muito aflorado*. No entanto, ela afirma que tanto meninos quanto meninas sentem igualmente atração por outras pessoas.

Já Eduardo (16 anos) pensa que tanto meninos quanto meninas traem e com a mesma frequência. Segundo ele, a diferença está em assumir ou não a infidelidade, o que seria menos comum no caso das meninas, o que as ajudaria a preservar a fama de santas:

mulher que disse “ah, nunca trai”... É só pra tipo boa moça, né? Homem não tá nem aí, homem fala que traiu [...]. Muita mulher... mesmo tendo traído, por causa disso, sei lá, porque a mulher tem que ser a... a ... a Nossa Senhora, entendeu? Mulher tem que ser a Nossa Senhora, tem que ser modelo santificado, não pode ter nunca errado na vida... sabe? Dama na rua e puta na cama, mas só na tua. Daí... mas mulher trai, homem trai e todo mundo já traiu.

A maioria das interlocutoras de Arent (2009), na pesquisa que realizou sobre infidelidade conjugal feminina num Clube de Mulheres no Rio de Janeiro. “*querer não equivale a poder trair*”. A traição é ocultada, justificada pela rotina do casamento ou como uma reação à infidelidade do parceiro. No que tange à essa rotina do relacionamento conjugal, as idas ao Clube de Mulheres são tidas por algumas das frequentadoras como uma forma inclusive de manter o casamento. Aparecem na pesquisa de Arent tanto a representação da traição como uma resposta a outra traição, fato ressaltado pelos alunos do Instituto de

Educação Patrícia Galvão, quanto a ocultação da infidelidade por parte das mulheres, já que, em tese, elas não podem trair.

Também para os homens casados pesquisados por Silva (2002), as relações extraconjugais são ressignificadas como algo positivo, pois também ajudariam a manter o casamento, quando este cai na rotina. Para eles, fidelidade tem a ver com os sentimentos exclusivos da relação com a esposa, como amor, respeito, consideração e companheirismo. Nas relações extraconjugais, o único interesse é o sexo e ele não entra em conflito com os sentimentos relativos à esposa. Também Laura (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, corrobora essa ideia, quando afirma que muitas vezes *os casais crescem com isso: eu acho que é um aprendizado e que também nunca ninguém vai morrer por ter sido traído por alguém.*

4.4.5 Como ser Fiel no Namoro

Se a traição parece ser algo corrente, também é comum nas falas dos interlocutores a tentativa de garantir que o outro seja fiel no *namoro*. Para uma aluna do Colégio Estadual Nísia Floresta, é preciso estar junto do outro para garantir a sua fidelidade. Seu namorado e colega, contudo, afirmou que era possível viajar e sair sozinho e mesmo assim manter-se fiel. A possibilidade de ser traído também é diminuída dependendo de quem se escolhe para namorar. José (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, diz preferir as meninas que não são tão abertas e festeiras. Ele entende que, quando as meninas saem menos elas também não tem tantas oportunidades de trair.

Outra questão importante refere-se à presença da vontade de trair. Eduardo (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, acha que a vontade de trair é mais forte no *namoro* do que quando se vivencia uma relação de conjugalidade. Para o jovem, quando está casado ou morando junto, há um compromisso maior entre as pessoas, o que faz com que seja mais fácil não trair, ainda que a vontade sempre exista. Diego (17 anos), que pensa que *é muito difícil não trair* acha que isso ocorre *só agora*, já que *esta é a época de festa, de sair na noite*, e que no futuro ele pensará de maneira diferente, já que estará *mais maduro*.

Estando as relações de conjugalidade mais fortemente atreladas, nas falas desses jovens, ao futuro e à vida adulta, percebe-se que há aqui um componente de seriedade e responsabilidade como categorias não necessariamente presentes na juventude, mas indispensáveis na etapa posterior da vida. Por esse motivo, o compromisso maior implícito na conjugalidade faria com que, na opinião de Eduardo (16 anos), fosse

mais fácil não trair. A infidelidade está aqui ligada também às aventuras e experimentações inerentes à juventude e que não podem estar presentes, pelo menos não com a mesma intensidade, na vida adulta:

eu acho que depois que tu casa com uma pessoa que tu realmente gosta [...] a vontade diminui. Tu pode até fazer, óbvio... alguma vez... mas a vontade diminui muito, porque tu já tem... uma coisa mais... além de carne. [...] E também tu tá casado, né? Tu já não é, pra ti casar tu também não tem... teoricamente, né, tu não pode ter mais uma cabecinha... “eu quero curtir”. Pô, tu tá casado cara, tu tem que pensar na tua mulher, tu tem que pensar na tua família, tem que pensar... na tua casa, tem, que pensar como é que tu vai pagar a conta do próximo mês, tu não tá ali pra curtir. [...] Agora eu, eu tô aqui pra curtir... eu tô namorando...

É importante ressaltar, na fala do aluno, que a vontade de trair também parece estar relacionada ao conceito de amor. O fato de estar com uma pessoa *que tu realmente gosta* e de estar ligado a ela pelo compromisso do casamento reduz a vontade de ser infiel.⁵⁶ Ele também salienta que há algo *além de carne*, ou seja, além da sexualidade. Sendo assim, pode-se pensar tanto que fala da intimidade, elemento fundante do amor confluyente de Giddens, quanto da relação do amor romântico com a sexualidade. É para o modelo do amor romântico que há algo *além da carne*, o que permite que, a partir do amor, o outro possa tornar completa a nossa vida.

No caso dos jovens pesquisados, é recorrente a afirmação de que a vontade de trair é muito freqüente, motivo pelo qual é difícil não trair. Laura (17 anos), por exemplo, afirma que *não é impossível não trair* num relacionamento, mas que *é impossível não trair na tua vida inteira*. No mesmo sentido é a opinião de Rebeca (17 anos), que considera difícil que as pessoas que estão juntas há muitos anos não sejam infiéis,

⁵⁶ Alfred Gell (1996) explica que, para os Umeda, povo do distrito de Sépik, da Nova Guiné, onde ele realiza suas pesquisas, o amor como nós conhecemos é impensável. Eles casam-se entre primos e trocam as irmãs em casamentos que são planejados muito antes que a menina se torne adulta. No entanto, o autor afirma que o amor só pode existir entre os Umeda num contexto de infidelidade, de uma relação entre um homem solteiro e uma mulher casada. Por isso, para ele, o amor e o adultério seriam forçosamente a mesma coisa nesse contexto. Ele coloca, ainda, o segredo como um dos elementos do amor, já que esse adultério tem de restar oculto.

porque acaba virando monótono e aquela pessoa acaba perdendo a graça.

Embora alguns mencionem a necessidade de contar a traição para o(a) parceiro(a) para manter a lealdade no relacionamento, ou exista a crença de que os homens contam mais sobre suas traições do que as mulheres, o fato é que a infidelidade é algo que também deve permanecer oculto para esses jovens. É possível, portanto, que esse componente do segredo também seja importante para os jovens pesquisados. Além disso, essa vontade de trair, tão frequente e muitas vezes realizada, pode ter relação também com o modelo de amor cortês de Rougemont (1999). A relação ocorrida fora do *namoro*, assim como o prazer desse modelo amoroso, também parece culminar no próprio desejo. No entanto, se, no amor cortês, esse desejo poderia incluir olhares e beijos, mas exclui a satisfação carnal, esta pode ocorrer nas traições dos jovens, embora o ato de beijar outra pessoa seja compreendido por todos como traição, ainda que dela não se possa escapar.

Contar ou não à(ao) parceira(a) sobre a traição é algo que depende da situação. Segundo Laura (17 anos), *todo mundo é humano*, então é muito mais fácil perdoar a traição se o outro contar que a cometeu. No entanto, ela ressalta que *não adianta me trair cinco vezes e contar as cinco*. A infidelidade deve ser, portanto, uma exceção no relacionamento.

Eduardo (16 anos) também concorda que quando o outro descobre a traição é pior. Ele afirma ter traído sua namorada e ter contado o fato para ela. Ela teria *deixado por essas*, ou seja, não teria pensado em terminar o relacionamento por causa da infidelidade. Perguntado sobre qual seria sua reação caso ela o traísse, ele respondeu que também *deixaria por essas, porque é normal, eu sou um adolescente, sabe? [...] eu tenho 17 anos, ela tem 18, entendeu? ela vai entregar a vida dela pra mim agora?* O jovem acredita, portanto, as traições, ainda que esteja namorando, ao fato de aproveitar a vida, lógica muito presente no período da juventude, compreendida aqui, sobretudo, como não *ficar* só com uma pessoa o tempo todo, ou não perder a oportunidade de *ficar* com alguém porque se está namorando. Tal fato faz eco aos dizeres de Clair (2008) sobre os discursos dos jovens dos arredores de Paris: o de que quando se é jovem é preciso se divertir e o de que a juventude é um momento de aprendizagem.

Natália diz que é difícil quando se está namorando não achar outra pessoa *bonita*, mas pensa que isso é uma coisa normal e que trair é algo mais forte, relacionado a beijar ou ter relações sexuais. Ela diz que

hoje em dia *tá difícil* não trair, mas que *tem que ter assim, pelo menos, um grande esforço*.

Essa resignificação da fidelidade por parte dos jovens não significa, contudo, que eles sejam favoráveis à manutenção de relacionamentos abertos, nos quais o fato de se *ficar* com quem quiser faria parte do acordo de *namoro*. Segundo suas narrativas, é comum trair, é mesmo difícil ou impossível ser fiel num *namoro*, especialmente em virtude da necessidade de experimentação comum à juventude, mas a fidelidade consiste num valor.

Para Sofia (17 anos), é possível o acordo de que cada um *fica* com quem quiser, embora se esteja junto. No entanto, para ela isso não é namorar, mas possuir um relacionamento aberto. Ana Carolina (16 anos) diz achar *estranha essa coisa de relacionamento aberto*. Embora ela pense que é normal sentir vontade de *ficar* e sentir atração por outras pessoas enquanto se está namorando, ela entende que, *a partir do momento que tu... sente necessidade de ficar com outras pessoas... tu tá abrindo portas pra gostar de outras pessoas, pra, sabe? Porque a gente não escolhe*. Gostando de outra pessoa, Ana Carolina (16 anos) diz que magoáramos a pessoa com que estamos nos relacionando no momento.

A noção de *passé livre*, utilizada por alguns jovens, pode explicar no que consistiria o consentimento do outro para trair dentro da relação de *namoro*. O *passé livre*, contudo, tem um prazo determinado. Ele não é válido *ad eternum*. Ele consiste, para Sofia (17 anos), em *tipo fingir que eu não existo, tu não tem namorado, nem se lembra de mim* e é muito utilizado para viagens, como, por exemplo, as de turma de colégio.⁵⁷ O princípio do *passé livre* parece ser o mesmo do “vale night”, descrito na música de axé de mesmo nome do grupo Asa de Águia e sucesso no carnaval de 2009 da Bahia:

Ela me deu o vale-night
 Eu precisei do vale night
 Eu andava meio estressado, aperriado
 E agora a coisa mudou
 Ela meu deu o vale-night
 Hoje eu só quero um vale-night
 Esse agora é o novo lance
 que um grande amigo me passou.
 A gente precisa de uma saída afinal

⁵⁷ No ano de 2010, quando os interlocutores do Colégio Movimento estavam no terceiro ano do Ensino Médio, por exemplo, alguns deles viajaram com uma agência de turismo para Porto Seguro, na Bahia, juntamente com alunos de outras escolas.

Agora com o vale-night a noite
Abalou geral...

No caso das viagens, Sofia (17 anos) salienta que o *passé livre* é válido para a viagem inteira, ou seja, se estenderia até a pessoa chegar em casa e dormir. Eu pergunto se ele seria válido também para a viagem de ônibus, por exemplo, e ela afirma que sim, pois *no ônibus rola muita coisa*.

Natália diz que acha o “vale night” ou o *passé livre* ridículos: *imagina... “ah, vou numa festa hoje, daí a gente acaba hoje de noite, amanhã de manhã a gente volta”*. Acho isso ridículo. Thaise (16 anos) também afirma discordar da lógica do *passé livre*. Para ela, usar o *passé livre* significa ser desleal. Ser leal, para a jovem, seria contar o que fez, ou seja, *se ficou e com quem ficou*.

Falou-se aqui em ressignificação da fidelidade porque ela ainda aparece como um valor importante, mas talvez não mais fundamental, conforme afirma Goldenberg (2006). Digo não mais fundamental, porque, para os interlocutores, a fidelidade adquire algumas nuances que a diferenciam da noção de exclusividade no *namoro*. Diante da necessidade de experimentação própria da noção de juventude para esses jovens, parece ser necessário um esforço muito grande para não trair. Por isso, o sentimento pelo outro e a intenção (não ir para a festa com o objetivo de trair em mente, por exemplo) aparecem como relevantes. Se acontecer, que não seja premeditado, que seja obra do acaso. É como se a fórmula não servisse mais, mas ainda não se tivesse encontrado outra. Não é mais proibido, mas tampouco é permitido.

E é nesse sentido que, nos dizeres de Heilborn e outros (2006), a questão da fidelidade aqui exposta pode auxiliar também na descrição da mentalidade dessa geração. A fidelidade aparece, para esses jovens, como ressignificada, sobretudo a partir das noções de confiança e lealdade, as quais podem tanto revelar esse esforço de manutenção da fidelidade por parte dos envolvidos no relacionamento, quanto a importância ou não de contar ao (à) namorado(a) sobre a traição. Por fim, se há algo que pode denotar o sentido de fidelidade para esses jovens, e talvez também descrever essa mentalidade à qual Heilborn e outros (2006) se referem, é a categoria do *passé livre*. Ainda que não aceite ou praticado por todos os interlocutores, o *passé livre* consiste numa maneira encontrada por esses jovens de estarem inseridos no conceito de fidelidade, conferindo a ele moldes diferenciados, já que há um acordo prévio, permitindo que, durante um tempo curto e

determinado, os jovens possuam tanto a relação de *namoro* quanto a liberdade permitida àqueles que *pegam* ou *ficam*.

5 REPRESENTAÇÕES DE JOVENS SOBRE AMOR E CONJUGALIDADE

No último capítulo, pretendo analisar as representações dos jovens pesquisados sobre amor e conjugalidade. Para tanto, serviram de base as discussões sobre o tema realizadas nas oficinas do Projeto Papo Sério, tais como a reportagem sobre amor à primeira vista, bem como falas que surgiram nas discussões efetuadas. No caso dos estudantes do Colégio Rose Marie Muraro, o fundamento se dá sobretudo nas entrevistas realizadas com alguns deles, nas quais foi possível verificar com maior profundidade os significados atribuídos à noção de amor e a forma com que eles incluem ou não a conjugalidade nos seus projetos de vida.

5.1 SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS À NOÇÃO DE AMOR

Início, aqui, com as falas sobre a noção de amor. Busquei, nesse sentido, compreender o que esses jovens entendem por amor, que, “designado como o configurador da afeição e tido como o motivador do casamento contemporâneo, constitui-se num modo peculiar de expressão dos sentimentos da pessoa moderna” (HEILBORN, 2004, p. 63 e 64). Analisei, também, a concordância ou não com algumas noções inerentes sobretudo ao modelo do amor romântico, tais como a de amor à primeira vista, alma gêmea e amor para a vida toda.

5.1.1 Existe Amor à Primeira Vista?

Na oficina realizada no Colégio Estadual Nísia Floresta, foi utilizada uma reportagem sobre amor à primeira vista, na qual eram expostas as opiniões de jovens sobre o tema. O grupo que ficou responsável por esse tema foi unânime ao afirmar que isso não existe. Para eles, o amor é algo que se constrói.

Uma das integrantes inclusive deu o exemplo de seu próprio *namoro*. Ela disse que começou a namorar porque sua mãe falava que o menino era legal, mas que no início não estava muito disposta a se relacionar com ele. Ela afirmou que, com o tempo, passou a gostar dele. Todos pareceram muito descrentes no amor à primeira vista e afirmaram que também não existe paixão à primeira vista. No grande grupo, as opiniões foram semelhantes. Todos os que se manifestaram falaram do amor que vem com a convivência.

A narrativa dessa menina revela alguns traços interessantes sobre suas concepções de amor. Se o *pater familias* já não determina mais com quem seus filhos devem casar e se o casamento não serve mais apenas como forma de acordo econômico entre duas famílias, isso não significa dizer que a família não possa influenciar a ocorrência de um *namoro*, como se verifica nesse caso. Além disso, a estudante afirma que passou a gostar do seu namorado *com o tempo*.

Percebe-se, portanto, a presença de características inerentes ao amor romântico. Segundo Trigo (1989), com a vinculação entre amor e matrimônio, o sentimento amoroso não é mais algo transitório e tampouco um alienador da consciência. A sua valorização se dá, ao contrário, sobretudo porque ele é estável. Por isso, o amor é construído, e deve-se ter um cuidado constante com a relação, para que ela perdure. O amor é algo que brota na convivência, e não um sentimento que nos arrebatava.

5.1.2 Existe a Pessoa Certa para Amar?

Outra questão relacionada às representações sobre amor diz respeito à existência ou não de uma *pessoa certa*, de uma alma gêmea para amar. No Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, perguntei se havia essa tal *pessoa certa* e como saberíamos que tal pessoa era a *certa*. Um menino disse que, para saber se era a *pessoa certa*, era preciso ser amigo e conhecê-la anteriormente. Uma menina falou quer seria alguém sem defeitos, ou com defeitos suportáveis, com os quais não nos importássemos.

Em geral, os estudantes frisaram muito a importância da afinidade e também falaram, em determinados momentos, sobre o amor que se constrói com o tempo. Uma menina também comentou: *quem muito procura nunca encontra*. Um dos meninos também concordou com a dificuldade posta por essa exigência demasiada.

A busca é, segundo Giddens (1993), um dos fortes elementos do amor romântico. No entanto, para os alunos dessa escola, esse processo de revelação da autoidentidade a partir da descoberta do outro deve ser limitado. Deve-se procurar, mas não muito. O amor é algo que se busca, mas também algo que aparece, ou seja, é um sentimento despertado pelo outro, mas também algo que se constrói. Revela-se, nas falas desses jovens, a noção de que devemos ser ativos e passivos nesse processo: ativos quando buscamos o amor, mas também quando o construímos numa relação com quem se possui afinidade, e passivos porque o amor é

algo que acontece e também porque pode estar próximo, um(a) amigo(a) ou alguém que se já conhece.

Se os alunos do Centro Educacional Municipal Carmen da Silva ficaram pensativos acerca de como saber se a pessoa com quem nos relacionamos é ou não a *certa*, Ana Clara (17 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, falou sobre a possibilidade de nos enganarmos quanto a isso:

a pessoa pode dizer que não deu certo realmente, sabe? Deu tanto tempo de namoro... e daí quando casou, tu viu que “bá, não é, né?”. Pode acontecer isso, né? Daí, sei lá, sabe? Daí parte pra outra assim, eu acho. Mas... pode acontecer também de não dê certo o casamento... Daí, sei lá, dá um tempo e parte pra outra.

Ana Clara (17 anos) fala, nesse sentido, de uma busca que pode não cessar e sobre os enganos que podem ocorrer nesse processo. A verificação do engano, ou seja, de que não se trata da *pessoa certa*, pode ocorrer a qualquer tempo, mas parece ser vinculada ao casamento, o que parece demonstrar que viver em conjugalidade seria algo desejado quando se encontra a *pessoa certa*. Se ocorreu um erro de cálculo, contudo, sempre é tempo de recomeçar. Se a *pessoa certa* existe, sempre é tempo de encontrá-la.

Embora os jovens da pesquisa pareçam descrentes na ideia de amor à primeira vista, como algo arrebatador, associando o amor à convivência, a noção de *pessoa certa* é algo que se faz muito presente e é justamente essa convivência que auxiliaria no teste para saber se se trata ou não da *pessoa certa*. Isso porque a *pessoa certa* é aquela com a qual se possui afinidade e aquela cujos defeitos são suportáveis. A busca da *pessoa certa* é o que deve nortear as escolhas amorosas e, caso essa busca seja frustrada, ou seja, caso ocorra um engano, deve-se *partir para outra*, figura que pode ser associada ao amor líquido de Bauman (2004) e que nos leva a outro tema que surgiu no trabalho de campo, referente à existência ou não de um amor único.

5.1.3 Ama-se Apenas uma Vez na Vida?

A maioria dos jovens acredita que o amor pode ocorrer várias vezes na vida. No entanto, parece haver algumas divergências quanto ao fato de se amar para sempre alguém ou não. Thaíse (16 anos) frisa que

se é um relacionamento entre homens e mulheres... e eu amei o meu parceiro, depois que o nosso relacionamento acabar eu vou continuar amando ele pelo resto da minha vida, como pessoa ... como tudo. O amor eu acho que ele nunca acaba. Ela explica:

eu sempre achei que aquele amor continua, até porque se tu... for casado com alguém, tu amou essa pessoa, tu te separa, tu casa de novo, tu continua amando aquela lá, se aquela lá morrer, tu vai sentir muita falta, tu vai ficar triste porque foi... por tanto tempo... conviveu contigo, tu ama aquela pessoa, tu tem um carinho enorme... sabe?

Parece haver aqui uma mistura dos elementos do amor romântico com os do amor confluyente. Se, por um lado, o amor é para sempre, isso parece não impedir que o relacionamento se desgaste e que seja possível amar novamente. No entanto, é interessante notar que Thaíse (16 anos) fala na existência de um *carinho enorme*. Nesse sentido, está presente o elemento do relacionamento especial, central para a noção de amor confluyente. A pessoa é especial pela convivência, ou seja, pelo relacionamento em si e é isso o que gera esse *carinho*, sentimento tido por eterno.

Também Laura (17 anos) fala na *intensidade* do amor. Para ela, essa *intensidade* só ocorre uma vez na vida. É possível amar mais de uma vez, mas o amor verdadeiro seria único: *tu não vai te sentir do mesmo jeito com mais ninguém*. Ela acredita em *alma gêmea* e acha que não é só o sentimento o responsável pelo sucesso da relação: *tem rotina, tem um monte de coisa... mas eu acho que o sentimento é só por uma pessoa*.

Para Isabela (16 anos), o fato de que algumas pessoas se casem mais de uma vez na vida revela que o amor se desgasta e acaba. Isso pode ocorrer quando se *enjoa* da pessoa com quem se relaciona. Quando esse amor acaba, estamos livres para amar novamente: *deve ser uma coisa que ah acaba o amor, vai se desgastando daí tu vê outra pessoa, te apaixona, começa a amar aquela outra pessoa e por aí vai*. De qualquer forma, para a jovem, não há impedimentos para que se ame apenas uma vez: *tem gente que fica a vida inteira com uma pessoa só, né?*

Eduardo (16 anos) também acha que o amor pode ocorrer *várias vezes*: *essa de que o amor verdadeiro só acontece uma vez não existe, alma gêmea não existe*. Ele ainda vai além, descrevendo qual seria o

processo do relacionamento: *quando tu ama alguém tu apaga os defeitos dela... Só que o amor acaba e quando o amor acaba os defeitos aparecem.* Esse processo, salienta o jovem, não é tão simples: *tu muitas vezes apaga esses defeitos mesmo depois de não tá mais amando.* Isso porque, mesmo depois que o relacionamento acaba, o sentimento de amor pode perdurar de alguma forma.

Segundo ele, nunca passaremos incólumes por alguém que já amamos no passado, independentemente de quem seja:

quando o relacionamento termina de repente... vocês se vêem de novo e aquela brasa, que todo mundo [...], teu cachorro ... se tu abandonou um cachorro na rua daqui 10 anos quando tu vê ele tu vai ter uma coisa ali em ti. Não interessa, pode ser teu amigo, teu inimigo, teu... teu avô, sei lá, vai sempre ter como uma cicatriz que vai ter deixado. Ai tem vezes que mexe nessa cicatriz, né. Ai eu acho que pode começar também de novo.

Segundo François de Singly (2009), é no fim dos anos 1960 que há o advento da possibilidade de que os parceiros se separem e tentem vivenciar novamente a emoção do choque amoroso. Para o autor, a separação está inscrita no contexto do casamento amoroso e foi justamente a entrada do amor que desestabilizou a instituição do casamento. Os dizeres desse autor explicam em parte a visão desses jovens, segundo a qual esse “choque amoroso” pode ser vivenciado diversas vezes na vida. É retratada aqui a noção de relacionamento especial, em detrimento da de pessoa especial, conforme especificado por Giddens (1993), quando trata do modelo de amor confluyente. No entanto, a ideologia do amor único e eterno parece ainda influenciar, por exemplo, a fala de Eduardo (16 anos). É possível amar diversas vezes, mas um amor sempre deixa cicatrizes. Busca-se o amor, mas o erro traz frustrações.

Também a ideia do amor único e eterno não faz sentido para a maioria dos jovens. *Alma gêmea não existe*, diz Eduardo (16 anos). O fato de as pessoas se casarem e se separarem também denota que o amor tem início, meio e fim, explica Isabela (16 anos). Ainda que reste algum tipo de sentimento quando o amor acaba, como um *carinho*, isso não impede de *começar de novo*. A crença na *pessoa certa* e a sua busca não são impeditivos da realização da experiência do amor diversas vezes na vida e com pessoas diferentes.

5.1.4 O que os Jovens Entendem por Amor?

O que os jovens, entendem, então, por amor? Para Isabela (16 anos), trata-se do sentimento mais forte que existe, assim como para Laura (17 anos), para quem *amor é o amor da tua vida* Isabela (16 anos) diz que, se o sentimento é mútuo, cada um dos parceiros se *dá de corpo e alma* para o outro, ou seja *se entrega*. Essa entrega implica em fazer tudo o que se fazia sozinha antes com o outro. Quando se ama, se está *sempre pensando naquela pessoa, sempre fazendo as coisas pra ela, por ela, com ela*. Está presente o elemento da fusão, constituinte do amor romântico, na fala da jovem. No amor, há entrega, deve-se fazer tudo com o outro e estar sempre pensando no outro. Trata-se do oposto da “relação de bolso” preconizada por Bauman (2004), na qual não há entrega nem trocas. Se nesta é preciso manter-se do jeito que se é, o conceito de amor de Isabela (16 anos) traz a modificação de si próprio como um dos elementos fundamentais.

Eduardo (16 anos), ao tentar definir o amor, faz uma diferenciação entre *o amor da pessoa que tu quer, que tu adiciona à tua vida* e um amor obrigatório, que é exemplificado como aquele que se sente pela mãe (*quem é que não ama a mãe? Todo mundo ama a mãe, é um amor meio imposto, né?*).⁵⁸ Para ele, *amor é escolha e quem diz que não escolhe quem amar é mentira*. Sua fala aproxima-se, nesse sentido, de trabalhos como o de Michel Bozon e François Héran (2006), que tratam da formação do casal, demonstrando que o sentimento está apoiado não só em preferências subjetivas, mas também em questões sociais.

Segundo Eduardo (16 anos), a escolha se dá por afinidade, porque nos aproximamos de quem queremos. Não há nada que nos obrigue a isso. No entanto, ele também fala de um momento a partir do qual o amor deixa de ser escolha. Esse momento se dá a partir do envolvimento: *amor é racional até tornar-se irracional... porque tu vai escolhendo até que tem uma hora que tu não... não consegue mais se desprender dessa pessoa. [...] daí o amor toma conta do teu racional*. Sua fala entra em conflito, portanto, com a noção de amor líquido de Bauman (2004), na qual o indivíduo possuiria total controle de seu

⁵⁸ A exemplo do que preconiza Badinter (1985), quando fala do mito do amor materno, o jovem parece reproduzir a concepção de obrigatoriedade também no sentido inverso, ou seja, do amor dos filhos em relação à mãe.

envolvimento. A racionalidade, para Eduardo (16 anos), vai somente até determinado ponto.

Os jovens universitários da pesquisa de Zuleika Pretto (2003, p. 101) também trazem em seus depoimentos uma mescla das noções de amor destinado e eterno e de amor construído. A pesquisadora explica que tanto a ideologia do amor romântico, quanto a noção do amor confluyente são baseadas na ideia de destino, ou seja, segundo “a crença de que o casal é constituído naturalmente e livre de influências sociais, fundado pelo desejo e escolhas individuais”. Contrapondo-se a isso, seria possível também compreender o amor como algo construído “pelas ações e desejos dos sujeitos”, deixando de ser “norteador por modelos ideais”.

Sofia (17 anos) traz em sua fala, além da necessidade de gostar muito do outro, o elemento de futuro que caracterizaria o amor: *é quando tu começa a fazer sonho, quando tu começa a tipo... a sentir que tu precisa daquela pessoa, que é ela que te completa assim*. Ressalta-se que faz parte de sua concepção de amor a ideia de completude. Ou seja, como refere Giddens (1993, p. 56), “o indivíduo fragmentado torna-se inteiro”.

Já José (16 anos) tem outra opinião acerca do amor. A necessidade de se relacionar afetivamente com o outro não parece ser algo imprescindível:

quando tu sente amor por uma pessoa ... só o simples fato dela tá do teu lado ... te tira do pior poço sem fundo assim, te leva pra luz assim. É muito legal isso, tipo tu tá mal, tá mal, tá mal, aí tu só olha praquela pessoa assim, ela sorri pra ti. Aí tu já ganha o dia, sabe. Isso eu acho assim é o amor assim, tu gosta daquela pessoa assim tu te sente muito bem ao lado dela.

Para o jovem, a correspondência do amor não é um elemento essencial. Ele diz que é inclusive *bem frequente* que o sentimento seja unilateral. Assim como o amor cortês, também o amor, para José (16 anos), prescinde de realização. O distanciamento carnal, a idealização do outro e o prazer que “culmina no próprio desejo” (Duby, 1993, p. 333) também são outros elementos do amor cortês que podem ser identificados em sua fala.

Diferentemente de José (16 anos), Thaíse (16 anos) diz que o amor é um *sentimento bom, principalmente quando ele é correspondido*.

Ela frisou mais de uma vez na sua fala que a retribuição do sentimento é algo que o torna muito melhor. Ela ressalta também algumas consequências físicas desse sentimento. O amor é algo que *faz a pessoa... tremer, perder o ar... faz o coração bater mais forte*. A necessidade de estar junto também é um elemento importante: *tu... pensa na pessoa, tu só quer falar com a pessoa... que tu sonha com a pessoa. Acho que talvez isso seja amor... uma vontade de estar junto... isso que faz a pessoa perder a razão assim às vezes, né?* Essa perda da razão é relevante para o amor paixão, o qual, segundo Giddens (1993), é considerado socialmente perigoso, pois implica um envolvimento emocional invasivo, perturbando as relações pessoais dos indivíduos envolvidos por ele.

A dificuldade de descrever o que se sente quando se está amando é algo presente na fala de Ana Carolina (16 anos): *bá, eu acho que... ultimamente eu tenho descoberto assim... que amor não é uma coisa pra ti parar e pensar, “tá, mas o que que é isso que eu estou sentindo? Bá, mas será que é isso?” Eu acho que tu não pára e pensa, tu pára e sente, sabe?* Para a jovem, *não precisa exatamente ter um nome e nem uma descrição: o que o amor possui é um sentir*. Nesse sentido, os dizeres de Ana Carolina (16 anos) concatenam-se aos de alguns interlocutores de Pretto (2003), que também referem que o amor só pode ser descrito quando é vivenciado e que, mesmo assim, é algo muito difícil de ser definido.

Ana Carolina (16 anos) ainda refere que, para que se possa amar, é preciso estar aberto para se relacionar com o outro. *Eu acho que pra começar pra ti gostar de alguém tu tem que te permitir, tu tem que parar, “ah não, perai ... o que que eu Ana Carolina estou sentindo agora? Aí, ah tá, tô sentindo isso, então...”*. *Eu não tenho que ficar “ah, tô com medo de sentir porque eu posso tá me iludindo”*. Além disso, a aluna entende o amor também como algo que permite um processo de autoconhecimento. Quando se ama, segundo ela, é possível *deixar de lado as próprias coisas ruins e o orgulho*. Ela aduz que, em geral, criamos *máscaras* para lidarmos com os outros: *bá, essa sou eu pra me proteger das outras pessoas que vão me fazer mal*. É o sentimento, para ela, que permite esse autoconhecimento: *quando tu tá gostando de uma pessoa, tu vai baixando essa máscara, baixando essa guarda, eu acho. E... te conhecendo melhor e conhecendo... tipo, à medida que tu vai conhecendo a pessoa melhor, tu vai te conhecendo melhor também*.

É a liberação *dessas amarras*, gerada pelo amor, o que permitiria que nos enxergássemos da maneira que realmente somos, conforme a

jovem. Nesse sentido, em primeiro lugar, é preciso salientar que o depoimento de Ana Carolina (16 anos) contrasta fortemente com a noção de amor líquido de Bauman (2004), que postula um amor sem envolvimento. Sua fala também aprofunda, em algum sentido, os dizeres das interlocutoras de Rieth (2001), para quem o *namoro* seria uma forma de conhecer a alma do outro. Segundo Ana Carolina (16 anos), o amor e a relação que pode advir desse sentimento, permitiria, ainda o conhecimento de si própria.

Natália, assim como algumas interlocutoras de Rieth (2001), também fala de alguma forma desse conhecimento da alma do outro, pois, ao tratar do amor, menciona que significa gostar da pessoa “*o jeito que ela é, assim como que essa pessoa goste de ti do jeito que tu é.*” Portanto, sua fala também dialoga com a de Ana Carolina (16 anos), no momento em que esta fala dessa *liberação das amarras* que permite o autoconhecimento e também o conhecimento do outro. Além disso, Natália também fala de uma hierarquia de sentimentos. Para ela, quando amamos, colocamos a pessoa amada *muito acima das outras* das quais gostamos.

Os jovens universitários que participaram da pesquisa de Pretto (2003, p. 96) também falaram da proximidade necessária entre os parceiros: “querer estar junto, estar com a amada na cabeça, não se imaginar longe dela, são características indicadoras da presença do amor”. Querer estar sempre ao lado da pessoa amada também é um requisito proposto por Ana Clara (17 anos) para o amor. Ela faz uma comparação, em sua fala, entre amor e paixão. Para ela, o amor é um sentimento mais tranquilo, que está relacionado a querer o bem do outro, a sentir carinho e a gostar *realmente* do outro. Por isso, ela diz que o amor é um sentimento *mais sincero* do que a paixão, descrita como *uma coisa de momento*.

Em relação aos significados atribuídos à noção de amor pelos jovens pesquisados, tem-se que, ainda que possa não ser único e eterno, o amor é descrito pelos jovens como um sentimento forte. A perda da liberdade relacionada ao *namoro* não aparece aqui como um elemento caracterizador do amor. Pelo contrário: o amor não prende, ele liberta. É referida pelos jovens a necessidade de entrega, de estar aberto, de se libertar das *amarras*. O amor é algo que faz inclusive perder a razão, mas é descrito como um sentimento bom, sobretudo quando é correspondido. Além disso, o amor aparece relacionado à escolha (escolha de quem amar, da pessoa com quem se quer conviver) e à idealização de projetos futuros, no que diferencia fortemente o *estar a*

fim, presente nas práticas de *pegar* e *ficar*, nas quais vigoraria a instantaneidade.

Além disso, é importante referir que a noção de amor à primeira vista é rejeitada, uma vez que o amor é compreendido como algo que deriva da convivência (TRIGO, 1989). Contudo, o ideal de pessoa certa para amar é presente para vários jovens e é justamente a convivência que opera para que se saiba quando se trata da pessoa certa. Se a busca norteia as escolhas amorosas (GIDDENS, 1993), é a pessoa certa que esses jovens buscam em seus relacionamentos afetivos. No entanto, essa pessoa certa pode ser, na realidade, vivenciada no plural. Isso porque, para a maioria dos interlocutores, é possível amar mais de uma vez. Evidencia-se, dessa maneira, essa vivência do choque amoroso (Singly, 2009) diversas vezes na vida, o que se coaduna também com o ideal de relacionamento especial, proposto por Giddens (1993).

5.2 OS JOVENS AINDA QUEREM CASAR?

Neste item, serão analisadas as falas dos jovens pesquisados sobre a vontade ou não de viver em conjugalidade. Além disso, como, especialmente no caso dos alunos do Colégio Rose Marie Muraro, a pergunta relativa a esse tema nas entrevistas também mencionava a palavra *casamento* para saber a opinião deles sobre a instituição, suas respostas também se referem ao casamento propriamente dito, e não apenas ao viver em conjugalidade.

No Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, escola em que foram realizadas oficinas do projeto Papo Sêrio, quando surgiu o tema do casamento na discussão com toda a turma, um dos meninos, que era muito falante e disse várias frases de impacto no decorrer da oficina, proferiu: *casamento é que nem refrigerante gelado... quando tu dá o primeiro gole é uma maravilha, mas depois dá uma dor de cabeça*. O jovem fala aqui também da não perenidade do amor, da forma com que é colocada por Bauman (2004), ao tratar do amor líquido. Para o autor, o amor na contemporaneidade é tido como um desejo a ser saciado. O mesmo pode ser pensado a respeito do casamento, a partir da metáfora do refrigerante gelado proposta pelo aluno.

No caso das entrevistas realizadas no Colégio Rose Marie Muraro, foi recorrente a menção das meninas ao casamento enquanto festa de casamento, que pode ou não incluir o ato de se *casar* na igreja. É o que se verifica, por exemplo, na resposta de Isabela (16 anos). Sobre casamento, ela afirma: *eu acho bonito. É uma tradição, né?* No entanto, ela diz não ter *vontade de casar na igreja de vêu, grinalda, aquela coisa*

toda. Ela menciona a *vontade de juntar*, o que ela explica como *gostar de alguém, gostar mesmo e morar junto*. Além de não ter vontade de *casar* na igreja e de véu e grinalda, ela também parece não ter vontade de se *casar* no civil: *casar, casar não tenho vontade*.⁵⁹

A ideia de conjugalidade também remete, para alguns, à ideia de filhos. Assim como os adultos investigados por Goldenberg (2005), os jovens também querem *casar* e constituir família. É o caso de Eduardo (16 anos), que diz: *eu quero me casar, né? Eu quero ter o meu primeiro filho com 25 anos no máximo*. Ele diz que *sempre quis ser pai, sempre quis ter uma casa, minha família e meus filhos e... meu cachorro, sabe?* No mesmo sentido é a fala da Pedro (17 anos), que diz achar o casamento *uma coisa legal*. Ele também afirma que *acha uma coisa legal construir uma família e ter um filho*.

É interessante notar a idade que Eduardo (16 anos) coloca como ideal para o seu casamento, que é de 25 anos. Sobre isso, ele afirma: *eu sei que 25 anos é novo, mas ter uma casa, uma família, uma mulher, um filhos é bom, o cara tem muito mais vida pela frente. 40 anos é a metade da tua vida, sabe? Tu casar na metade da tua vida, tu pensa “pô, metade da minha vida”. É pouco, sabe?* Por fim, o jovem refere que a pouca idade não interfere no sucesso do casamento: *tem gente que casou com 10 e... tá com 60 e ainda tá casado. Então, sempre tem, tem o lado bom e o lado ruim, né? Isso nunca vai deixar de ter, não interessa a idade, como e quando tu te casou*.

Eduardo (16 anos) fala aqui, de alguma forma, de amor confluyente, modelo proposto por Giddens (1993). Estão presentes a ideia da abertura em relação ao outro e também da intimidade. O fato de Eduardo (16 anos) ser um menino que fala do desejo de se *casar* e constituir família também diz muito a respeito da doação e da troca emocional, que possuem um componente igualitário no amor confluyente, algo que não está presente no amor romântico, no qual as mulheres eram mais responsáveis do que os homens pela manutenção da relação. O jovem, contudo, trata o amor como contingente, ao mencionar a possibilidade de separação como algo possível e que independe da idade dos nubentes. Sem dúvida, a institucionalização do divórcio, que torna o casamento dissolúvel, segundo Beck e Beck-Gernsheim (2001), é algo presente para esse jovem.

Diferentemente de Eduardo (16 anos), Pedro (17 anos) diz que casamento é *uma coisa bem lá prá frente*, mas ao mesmo tempo afirma ter medo de deixar *muito lá prá frente* e de estar *muito velho*, o que o

⁵⁹ Essa distinção presente entre casar e morar junto será explorada adiante, no item 5.4.

impediria de aproveitar muito tempo com o filho. Diego (17 anos), por sua vez, ao comentar o relacionamento de seus pais, que são separados há vários anos, afirma que, embora eles se dêem bem, acha *errado* o fato de eles terem planejado um filho e não terem continuado juntos. O jovem afirma que considera que, se eles estivessem casados, seria *uma coisa assim “mais família”*. Por esse motivo, ele considera que o melhor é *primeiro ter certeza da pessoa com quem tu tá prá depois pensar em ter um filho*. Para ele, ter um filho é *despesa, é responsabilidade, é levar no médico de noite*. É interessante notar que, no questionário respondido por Diego (17 anos) em 2009, ele afirmou que não queria ter filhos. No entanto, quando perguntado sobre o mesmo assunto na entrevista, ele respondeu: *pretendo*. Ele também pretende ser um *pai coruja, ser bem paizão*. Ele afirma que quer *ser o contrário do que aconteceu* com ele, cujo pai não foi muito presente na sua vida (ele afirma que, em determinado período, ficou um ano sem ver o pai).

Ainda no que se refere às separações, e mesmo considerando que *se separar é modinha*, Sofia (17 anos) considera o casamento algo *muito forte*. Para casar, é *preciso gostar muito de uma pessoa, se tem que tá muito a fim de ficar com ela, tipo tu tem que querer só ela*. Além da noção de exclusividade, ou seja, de gostar de apenas uma pessoa, é referida aqui a duração do casamento: *porque... tu casa, um mês depois tu não aguenta mais ela porque aquela pessoa é que tu vai viver pra vida inteira. Tipo, até tu não aguentar mais. Tu tem que acordar com ela, dormir com ela e assim por diante até o final dos dias. Até 2012 (risos)*. Diego (17 anos) também afirma que o casamento é algo *muito forte*, porque significa ficar com a pessoa *pelo resto da vida* e ser fiel *pelo resto da vida*. Por esse motivo, embora revele ter vontade de se casar, ele considera o casamento *muito complicado*.

Quando se refere ao final dos dias como sendo o ano de 2012, Sofia (17 anos) está falando de uma das profecias de Nostradamus, que prevê o fim do mundo. Sua ironia, pode revelar, contudo, que, apesar de considerar que o casamento é para sempre, o que estaria de acordo com a noção de amor romântico de que o amor é algo eterno, esse *para sempre* também pode acabar logo, em dois anos no máximo, o que faz com que seja preciso atentar também para a presença da noção de amor líquido em sua fala, ou seja, a visão do amor como uma experiência fugaz.

Sofia (17 anos) também credita o número de divórcios ao fato de que *se separar é modinha*. Para ela, ter uma relação conjugal longa é algo incomum atualmente. Por outro lado, ela também ressalta que o fato de que as pessoas se separam várias vezes também permite que se

possa *casar* com várias pessoas de quem se gosta. Singly (2009, p. 68) afirma que “a modificação mais importante reside na desvalorização relativa da ideia de um casamento estável”.⁶⁰ A jovem rejeita, com sua fala, a noção de amor único e também de amor eterno e trata, nesse sentido, a conjugalidade também como uma experiência, no sentido do aprendizado do amor descrito por Bauman (2004).

José (16 anos) afirma ser *muito bala*⁶¹ *casar*, mas afirma que, para viver em conjugalidade, é preciso *escolher bem a pessoa* que se quer como companheira para que se possa evitar a separação. Ele diz que hoje em dia *as coisas vão muito rápido* e que as pessoas são *imaturas*, sendo isso o que leva os casamentos a durar pouco tempo. O aluno considera essa fugacidade *errada* e afirma querer *casar* um dia com uma mulher de quem ele goste. Para ele, a noção de casamento adquire contornos mais românticos. Ainda que não trate o amor e a conjugalidade como eternos, a durabilidade da relação parece estar fortemente atrelada à consideração do seu sucesso, ou seja: a relação conjugal bem sucedida é também aquela que dura muito tempo.

A solidão também é um fator a ser considerado, segundo os dizeres de Thaíse (16 anos). Para ela, embora a amizade possa durar para sempre, enquanto que um casamento ou um *namoro* talvez não durem tanto tempo, em algum momento (na vida adulta), também os amigos terão parceiros(as): *quando tu for mais velha, tu vai precisar de alguém do teu lado [...]. Os teus amigos vão estar todos casados, tu vai continuar tendo uma relação com eles [...], mas tu vai precisar de alguém no dia a dia*. A jovem salienta que há pessoas que não vivem em conjugalidade, que moram com os pais, com irmãos ou outras pessoas, mas afirma que *a figura masculina representa uma coisa mais forte, te sacia vontades*. No caso de Thaíse (16 anos), a vontade de viver em conjugalidade aparece também relacionada ao que a figura masculina representa.

Goldenberg (2005, p. 80) ressalta que “homens e mulheres continuam querendo casar e constituir famílias, sem, no entanto, reproduzir o modelo tradicional de conjugalidade”. O mesmo aplica-se aos jovens desta pesquisa. Ana Carolina (16 anos), por exemplo, faz uma diferenciação entre a vontade de se *casar* e a de constituir família. Ela faz menção, com a expressão *construir uma família*, sobretudo ao

⁶⁰ “Le changement le plus important réside dans la dévalorisation relative de l’idée d’un mariage stable” (SINGLY, 2002, p. 68).

⁶¹ “Bala” é uma gíria utilizada para dizer que algo é muito bom, legal ou interessante.

desejo de ter filhos, ao tratar da *criação* que pretende dar a eles, ou seja, da forma de educá-los.

A partir da fala de Ana Carolina (16 anos), é possível depreender que a questão da maternidade é ainda muito relevante. Prova disso é que o desejo de ter filhos foi mencionado por praticamente todos os interlocutores do Colégio Rose Marie Muraro (apenas um menino afirmou que não quer ter filhos). No entanto, diferentemente do que expõe Badinter (1985) sobre o amor materno, a parentalidade não está necessariamente ligada à conjugalidade, quando a jovem afirma pensar ser difícil viver muito tempo com uma só pessoa. A maternidade não aparece, dessa forma, à exemplo do que ocorria na família burguesa, como o único *locus* de realização do papel social destinado às mulheres, mas antes como um desejo.

Essa aluna também menciona a dificuldade de imaginar uma vida em comum durante muitos anos: *é complicado tu viver com uma pessoa tanto tempo assim, 45 anos de casados. Eu ainda acho que não cheguei a essa compreensão... porque é muito tempo de verdade, eu acho que tem que ser um sentimento diferente pra ser constante por tanto tempo. Claro, não vai ser sempre, não vai ser constante totalmente, vai ter inconstâncias.*

Aboim (2009, p. 110), trata, nesse sentido, dos paradoxos que envolvem as conjugalidades contemporâneas, que se dividiriam “entre um ideal romântico de fusão afetiva permanente que, mesmo transformado, perdura, e o investimento na individualidade e na satisfação erotizada, mas transitória, da paixão amorosa”. Além disso, a liquidez do amor contemporâneo faz com que seja difícil para esses jovens inclusive imaginar que possa ser possível que um relacionamento dure décadas, ainda que isso possa fazer parte da história deles, a partir do relacionamento duradouro de seus próprios pais, por exemplo.

Outro ponto importante da fala de Ana Carolina (16 anos) refere-se à necessidade de manutenção da própria individualidade no seio da relação conjugal. Quando menciona os casais que se relacionam durante muito tempo, ela diz não achar certo quando os indivíduos que compõem o casal *não tem uma vida*. O *não ter uma vida* diz respeito a, por exemplo, não ter o seu próprio sobrenome, possuir conta conjunta no banco, não manter contato com os amigos e também não saber fazer as coisas sozinho e ficar sozinho. Para Singly (2000), três formas diferentes de equilíbrio seriam necessárias para que se possa viver junto: o equilíbrio entre o individual e o coletivo, o equilíbrio entre os indivíduos que constituem o casal e o equilíbrio entre o indivíduo *sozinho* e o indivíduo *com* para cada um dos parceiros.

De acordo com Ana Carolina (16 anos), quem mais perde a individualidade no casal, em se tratando de relacionamentos heterossexuais, é a mulher: *porque é sempre aquela coisa de... a mulher ela trabalha o dia inteiro, aí ela chega em casa e pô, tem que arrumar a casa porque infelizmente é culturalmente... na grande maioria das casas o cara não faz nada*. Ela refere que, na maioria das vezes é a mulher quem se importa com a organização da casa, quem é responsável pela faxina, quem se preocupa com os filhos e que, embora existam homens que *peguem junto*, eles ainda são minoria. É curioso notar essa manutenção da individualidade dentro da relação conjugal que, para a jovem, está relacionada também a divisão de tarefas domésticas. Semelhante opinião a respeito da divisão de tarefas tem Pedro (17 anos), para quem tudo tem que ser dividido e cada um deve fazer o que sabe fazer melhor: *se eu souber cozinhar, eu vou lá e vou cozinhar; se eu souber lavar a louça e vou lá e vou lavar a louça*.

Nesse sentido, esse equilíbrio proposto por Singly (2000) entre o “indivíduo *sozinho*” e o “indivíduo *com*” passa necessariamente pela igualdade de gênero, seja nos afazeres domésticos ou no cuidado dos filhos. Os dizeres de Aboim (2009, p. 119) têm o mesmo sentido:

É hoje indiscutível a colagem entre amor e conjugalidade, historicamente produzida pela domesticação da “paixão” erótica ou dos excessos ultraromânticos de veneração espiritual por uma amada inatingível, a favor de uma concepção do amor romântico como princípio vívido do casamento. Entretanto, atingida por crescentes transformações sociais no que respeita à individualização social, ao papel das mulheres e às relações de gênero, a visão romântica do amor tem incorporado novos elementos adequados ao aumento da autonomia feminina, à maior importância da realização pessoal, ao declínio da perenidade do casamento ou à crescente visão da sexualidade como área de eleição para a satisfação pessoal.

Enquanto Ana Carolina (16 anos) questiona o modelo tradicional de conjugalidade, Natália o reproduz em sua fala. Ela diz ter vontade de se *casar de branco e na igreja*. No que se refere ao casamento na igreja, a jovem menciona que sempre foi católica, que fez catequese, mas que não frequentava muito a igreja. No entanto, cerca de um ano antes da realização da entrevista, ela começou a ir à missa todo domingo e isso a fez pensar na *verdadeira ideia do casamento*, que seria *a união entre o amor para gerar frutos para continuar a procriação*.

Ela ainda comenta que no casamento não pode haver traição, por se tratar de um compromisso *muito forte* e que não é recomendável que as pessoas se casem muito jovens (antes dos 25 anos), pois é necessário,

além do amadurecimento próprio, também o amadurecimento da relação (o que ocorreria com aproximadamente cinco anos de *namoro*), que permitiria que se possuísse *todas as provas* para saber se aquela é a *pessoa certa*, ou seja, se o relacionamento é capaz de durar para sempre. Por fim, ela afirma que há relacionamentos que não dão certo, mas que ela deseja se *casar* com alguém de quem *goste mesmo* e com aquele que quer que seja o pai dos seus filhos.

É importante notar que Natália, que parece ter uma visão tão tradicional do casamento, é a mesma jovem que, quando falava do *namoro*, afirmou que se apaixonava e desapaixonava muito rapidamente e que era preciso, no caso dela, gostar muito de alguém para conseguir se desprender de tudo o que a vida de solteira proporciona. Logo, é interessante perceber que, paradoxalmente, estão reunidos na mesma jovem os ideais do amor líquido, com toda a sua fugacidade e o seu não envolvimento, e os ideais do amor romântico, vinculados à noção de *pessoa certa*, à de amor para a vida toda, bem como à forte vinculação entre conjugalidade e parentalidade.

Portanto, fica claro que as práticas afetivas muitas vezes podem estar bem distantes das representações sobre conjugalidade e amor desses jovens. Aquilo que é vivenciado no presente parece, no caso dessa jovem, não influenciar a sua visão da conjugalidade e do amor. É como se a liquidez amorosa, tão presente nas práticas de *pegar e ficar* e mesmo no receio do envolvimento que o *namoro* gera, não fosse capaz de abalar as fortes estruturas que sustentam a conjugalidade tradicional, estreitamente arraigada à ideia de amor romântico.

Já Ana Clara (17 anos) considera o casamento *uma coisa bem complicada* e que tem se tornado mais distante em termos temporais do que em outros tempos: *antigamente eles namoravam daí logo casavam. Hoje em dia estão dando mais um tempo assim, sabe? Eu assim pretendo... não casar tão cedo assim, sabe, deixar pra mais tarde assim... lá pelos meus 25, 27 anos assim. [...] porque eu acho que viver a dois é uma coisa muito complicada.* Sendo assim, Ana Clara (17 anos) parece concordar com Natália em pelo menos um ponto: o de que a maturidade individual é um componente importante para garantir o sucesso da relação, fato que, segundo Ana Clara (17 anos), ajuda a lidar com as dificuldades de se viver a dois.

Pensando-se apenas nos alunos do Colégio Rose Marie Muraro que participaram da pesquisa e comparando-se as falas aqui trazidas com o quadro apresentado no capítulo 1, depreende-se que todos eles querem ter um relacionamento conjugal, consista ele num casamento ou no *morar junto*, conforme pondera Isabela (16 anos). Da mesma forma,

a vinculação entre conjugalidade e filhos está presente tanto nessas falas, quanto no quadro composto a partir do questionário aplicado aos estudantes (de acordo com ele, apenas um menino dentre os participantes não quer ter filhos). O projeto conjugal, para esses jovens, deve ser construído com a *pessoa certa*, que é *o pai* ou *a mãe dos filhos*.

A partir das falas dos interlocutores, depreende-se que sim, os jovens querem casar e com casar quero dizer que eles possuem um projeto de conjugalidade, o qual também inclui um projeto de ter filhos e constituir família, vinculados à vida adulta, ainda que a institucionalização do divórcio tenha tornado o casamento dissolúvel (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2001). O ideal é o de que o casamento dure para sempre e esse cuidado na escolha do(a) parceiro(a), do qual se tratou no item anterior, pode auxiliar a alcançá-lo. No entanto, assim como menina *ficar* com menina é *modinha*, separar também o é, o que torna difícil mesmo imaginar ficar a vida toda com a mesma pessoa, diante da desvalorização do casamento estável (SINGLY, 2009) que se faz presente.

Por fim, tem-se que a conjugalidade aparece de certa forma como um projeto inevitável, na medida em que, conforme Thaíse (16 anos), num determinado momento da vida os amigos também estarão casados. Logo, a ideia da amizade como algo superior ao relacionamento amoroso parece estar presente apenas no *namoro*, mas não no *casamento*. Se, na juventude, *ficar* e estar com os amigos pode ser mais importante, quando se é adulto é hora de *casar*. Portanto, casar e constituir família, ainda que sem reproduzir o modelo tradicional de conjugalidade, conforme afirma Goldenberg (2005), é algo presente para esses jovens. E, no que tange à essa não reprodução do modelo tradicional de conjugalidade, dois aspectos são muito relevantes, sobretudo para as meninas: a preservação da individualidade e a divisão das tarefas domésticas, denotando que, conforme preconiza Singly (2000), nessa equação entre o indivíduo sozinho e o indivíduo com, uma das fórmulas a ser utilizada é a da igualdade de gênero.

5.3 É POSSÍVEL VIVER SÓ DE AMOR?: REQUISITOS PARA VIVER EM CONJUGALIDADE

Neste item, pretende-se analisar os requisitos que os jovens pesquisados consideram como essenciais para viver em conjugalidade. Partiu-se, no caso dos alunos do Colégio Rose Marie Muraro, dos questionários respondidos por eles, nos quais diziam o que pretendiam em termos de relacionamentos afetivos futuros (*ficar solteiro(a)*, *ficar*,

namorar, *morar junto* ou *casar*). Era demandada também, no caso daqueles que mencionavam a conjugalidade, se havia uma idade ideal para que isso ocorresse. Vários jovens mencionavam a necessidade de amadurecimento pessoal e independência financeira, motivo que levou a um questionamento mais aprofundado sobre o que eles consideram indispensável para viver em conjugalidade. Além disso, há, sem dúvida, também o componente do amor, fortemente mencionado como o sentimento que geraria o desejo de viver em conjugalidade. É o que refere, por exemplo, Isabela (16 anos), que pretende *morar junto* no futuro. Para ela, é preciso sentir amor para querer morar com alguém.

Eduardo (16 anos), por sua vez, dá ênfase ao amadurecimento pessoal. Ele diz que é preciso *ter certeza do que tu tá fazendo*, não podendo existir espaço para as dúvidas acerca da vontade ou não de se *casar*. Ele salienta, contudo, que ter essa certeza é algo simples: *não é nada muito complicado, é tu ter certeza se é aquilo que tu quer, não é muito complicado isso, né?* Rebeca (17 anos) também fala na necessidade de *saber o que se está fazendo* e vincula isso ao amadurecimento, que não necessariamente viria com a idade, até porque *existem pessoas de 40 anos que não são maduras*. Laura (17 anos) foi a única a mencionar a aquisição de experiências afetivas como um requisito para a conjugalidade. Para ela, o sucesso conjugal depende também das experiências amorosas anteriores. Ou seja, nesse caso, *saber o que está fazendo* é também *ter a certeza* de que o outro é a *pessoa certa para casar*.

A referência ao amadurecimento vem também na forma da noção de *responsabilidade*, mencionada por ele. Essa *responsabilidade* é necessária, segundo Eduardo (16 anos), porque *tu não é mais tu*, ou seja, porque há outra pessoa envolvida. Assim, ainda que discorde da fusão amorosa, pois ele mesmo diz que os dois não serão *um só*, é preciso levar o outro em consideração: *não vai pegar e mentir e sair... “tô a fim de sair” e sai. Não é assim, tem que pensar na pessoa, tu tem uma vida, né? São duas pessoas, mas as duas são em comum acordo, né?*

Sofia (17 anos) também fala desse comum acordo, quando menciona o respeito que é necessário para viver em conjugalidade. Para ela, além do amor, é preciso ter vontade: *não adianta tu querer morar forçado, tem que ser um consenso assim, né? Tipo... os dois tem que pensar “vamos dar um passo a frente na nossa relação”*. Segundo a aluna, é preciso estar *segura* para *morar junto* com outra pessoa, pois muitas vezes, a convivência acaba com *aquele amor, aquela paixão*. Por isso, *no momento em que tu assume uma coisa mais forte, mais*

responsável, acho que... se tu não gostar muito, não querer muito, tu... acaba.

Da mesma forma, Thaíse (16 anos) também refere que gostar do outro e o respeito mútuo são suficientes para querer *casar*. Ela menciona a interferência da família na escolha do(a) parceiro(a). Não caberia à família, portanto, dar *palpite*, o que só seria válido quando há questionamentos acerca do *caráter* do(a) parceiro(a). Caso contrário, a família não deve se intrometer. A jovem afirma inclusive que se trata apenas de dar um aviso: *estou casando*. Isso reflete a pouca influência que ela confere à família nesse processo de escolha, diferentemente do que ocorria no modelo anterior ao do amor romântico, no qual o poder do *pater famílias* resultava num casamento garantidor da ordem social (AZEVEDO, 1981).

Os jovens pesquisados parecem estar muito atrelados ao “imaginário romântico, segundo o qual a decisão de *casar* seria hoje inteiramente dominada por sentimentos alheios a determinantes de natureza social” (ROSA, 2002, p. 109). A questão da proximidade social dos cônjuges, ou seja, a escolha do(a) parceiro(a), fortemente explorada por Bozon e Héran (2006), não é algo relevante para eles. Ainda que questões como maturidade ou mesmo independência econômica sejam citadas como requisitos para que se possa viver em conjugalidade, é o sentimento o fator mais importante para *casar* ou *morar junto*.

José (16 anos) dá ênfase à necessidade de gostar do outro, bem como à condição de que o sentimento seja recíproco: *casar só por casar eu não acho legal. Acho que se for pra casar, tem que casar uma pessoa que tu goste, que ela goste de ti... Até por isso tu casar com uma pessoa que não gosta de ti*. Ele também fala no *momento certo*, que demanda um certo amadurecimento pessoal e da própria relação, pois diz não concordar com os casamentos que ocorrem muito rápido. Com relação ao amor, José (16 anos) refere que *se tu gosta daquela pessoa... já é um ponto pra tu casar*. No entanto, caso ocorra o encontro da *alma gêmea*, isso consistiria num *grande passo*. A diferença, segundo o jovem, entre se *casar* com quem se gosta e *casar* com a *alma gêmea* se refletiria na durabilidade do casamento, que seria maior, ou até eterna, quando encontramos a *cara-metade*. Rebeca (17 anos), por sua vez, afirma que é preciso gostar da pessoa porque, quando se está casado, a convivência é muito intensa: *tu vai ter que dormir com a pessoa, tu vai ter acordar com ela*.

Se, para os interlocutores de Heilborn (2004, p. 136), “o casamento não pode ser debitado totalmente ao sentimento amoroso”, já que “a gente não se casa com todo mundo por quem se apaixona”, no

caso dos jovens desta pesquisa o amor é tido como o motivo mais relevante para que dois indivíduos decidam viver em conjugalidade. Natália entende que o momento ideal de viver em conjugalidade se dá após os 25 anos. Ela explica que, com essa idade, *tu já vai ter passado pelas fases da vida:*

tu vai acabar o colégio, daí tu vai tentar entrar na faculdade, mesmo que tu não vá conseguir... ou daí, tu vai [...], tu vai ser maior de idade, sabe, daí tu vai ter... uma experiência de trabalho ou tu vai ter se formado na faculdade, tu não vai ter outras coisas pra se preocupar e daí eu acho que tu pode, enquanto isso, conciliar um namoro.

Essa jovem ressaltou um ponto importante, que é o da realização profissional como um requisito para viver em conjugalidade. Para ela, terminar os estudos (colégio e faculdade) e trabalhar são *preocupações* que devem ser necessariamente anteriores à vontade de viver com alguém. Laura (17 anos) cita também a questão financeira: *tu não vai casar ou morar junto para os teus pais continuarem pagando as tuas contas, né!?* Rebeca (17 anos), por sua vez, fala que é preciso *ter um bom emprego*. A questão da estabilidade financeira é algo que também surgiu nas falas dos interlocutores de Pretto (2003) como um requisito importante para se viver em conjugalidade.

Natália também fala do que se deve sentir para querer viver em conjugalidade. Para ela, é preciso sentir algo *muito forte*. Além disso, ela menciona a necessidade de experiências afetivas anteriores, as quais permitiriam saber se o que se sente pela pessoa com a qual se quer viver é de fato forte ou não: *se eu gostei de poucas pessoas, daí a primeira vez que eu gostei forte de alguém eu vou me casar com ele. Daí, na lua de mel tu vai conhecer o porteiro do teu hotel e tu vai gostar muito mais dele*. Assim como Bauman (2004) diz que é possível aprender a amar com as experiências afetivas, para essa jovem é possível medir o amor (compreendido aqui como um sentimento *muito forte*) a partir de outras experiências afetivas (que geraram um sentimento não tão forte assim).

A questão da maturidade também é relacionada à idade ideal para viver em conjugalidade, de acordo com Ana Clara (17 anos). Para ela, é a idade que traz a maturidade necessária para se *administrar um relacionamento*, o que envolve inclusive a administração da rotina, de estar todos os dias com alguém, nos dizeres da jovem. É essa maturidade, o fato de não ter atitudes *infantis*, o que tornaria a relação

bem sucedida, interpretada por ela como sendo um casamento duradouro, *eterno (não casar e depois descasar)*. Ana Clara (17 anos) também menciona que o *momento* se daria:

quando tá mais velho, quando tu procura ter uma família mesmo, sabe? Quando tu já tá com o teu emprego, quando tu já tá com a tua faculdade... já quer meio que os teus filhos assim, sabe? Nada impede de tu noivar e... e ele continuar na casa dos pais dele e tu continuar na casa dos teus pais, é tão melhor assim, daí depois quando vocês estiverem realmente estabilizados, quererem alguma coisa juntos...

Percebe-se que Ana Clara (17 anos) tem uma visão mais tradicional da conjugalidade, pois fala em noivado, em casamento e não em *morar junto*, já que ressalta que cada um deve continuar na casa de seus próprios pais até o casamento. É preciso ressaltar aqui o caráter do noivado para essa jovem, que não parece muito diferente daquele descrito por Azevedo (1981), para quem representava o comprometimento com o casamento futuro. Também para ela o noivado, embora não pareça ser tido como obrigatório, simboliza o compromisso com a possibilidade de vida conjugal. Uma diferença marcante em relação ao namoro à antiga de Azevedo (1981), contudo, diz respeito à essa necessidade de estabilização, que antes era apenas relativa aos homens, pois era a eles que cabia prover o sustento da família que seria formada a partir do casamento.

Além disso, Ana Clara (17 anos), diferentemente dos demais entrevistados, menciona a perspectiva de futuro como algo indispensável para que se queira viver em conjugalidade: *eu acho que tem que ter aquela... quando assim tá junto assim... ter aquela... visão do futuro assim, sabe? “Ai, no futuro nós vamos viajar, no futuro nós vamos ter filhos”*. Logo, se o *pegar* e o *ficar* possuem um caráter imediatista, a conjugalidade, para essa jovem, possuiria um caráter projetista, o que seria indispensável para a durabilidade dessa relação afetiva. Se, para *pegar* ou *ficar* é preciso apenas estar a fim, querer estar com o(a) parceiro(a) agora, para *casar* é necessário amar e continuar a querer estar com o(a) parceiro(a) no futuro.

São requisitos propostos pelos interlocutores para a instauração de uma relação conjugal sobretudo à *certeza* e ao sentimento em relação ao outro. Nem todos os jovens mencionam o amor enquanto sentimento

necessário para a manutenção de uma relação conjugal, mas é preciso *gostar muito* do outro. Ou seja, se, para Bozon e Héran (2006), a escolha do(a) parceiro(a) está baseada em fortes critérios de proximidade social, para esses jovens o amor seria um dos pilares mais importantes para o estabelecimento de uma relação conjugal. Quanto à *certeza*, ela se refere à certeza do que *se está fazendo* e ao *momento certo*, que diz respeito sobretudo ao *amadurecimento*, que deve ser tanto pessoal, relativo principalmente a ser adulto, já ter estudado e trabalhar, quanto da relação, o que permitiria inclusive administrar de forma bem-sucedida o relacionamento amoroso. Aqui há, portanto, uma relativização do sentimento amoroso (HEILBORN, 2004), pois apenas o amor não basta para se viver em conjugalidade.

5.4 CASAR E MORAR JUNTO É A MESMA COISA?: A VALORIZAÇÃO DO COMPROMISSO QUE ADVÉM DO CASAMENTO

Se, conforme visto no item 5.2, viver em conjugalidade é algo presente no projeto de quase todos os jovens que participaram da pesquisa, será que eles fazem alguma diferenciação entre diferentes arranjos conjugais? O casamento, em seus moldes tradicionais, inclusive na igreja, é algo ainda presente no imaginário sobretudo das meninas. E quanto ao casamento civil? Pretendo analisar, aqui, se os jovens visualizam da mesma maneira duas formas de se viver a conjugalidade, quais sejam: *casar* e *morar junto*. Segundo Filomena Santos (2002, p. 98), “a privatização dos afectos e a desinstitucionalização da relação do casal que acompanham o desenvolvimento da modernidade são algumas das razões de fundo que explicam as mudanças actuais na ‘paisagem conjugal’, nomeadamente, a multiplicação das uniões informais”.

Foi no Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, quando os jovens participantes da oficina começaram a falar espontaneamente sobre o casamento, que surgiu a questão referente a uma diferenciação (ou não) entre *casar* e *morar junto*. Quando eu questionei se havia alguma diferença, os alunos divergiram em suas opiniões. Um dos meninos disse que *na hora da separação, quando divide os bens é que tem diferença*. Também outros alunos comentaram sobre a questão da divisão dos bens. Uma menina falou que quando se tem um filho é importante estar casado para que ele tenha o sobrenome do pai e da mãe. Outra menina respondeu: *nada a ver, minha mãe não é casada e eu tenho o sobrenome dos dois*.

É interessante pensar o quanto o caráter jurídico do instituto do casamento está presente na mente das pessoas e o quanto elas desconhecem os direitos e obrigações decorrentes da união estável e mesmo a possibilidade de registro dessa união. Os alunos pareciam relatar sempre uma ausência de direitos quando não se está casado (ficar sem bens na separação, não colocar o sobrenome nos filhos etc.). Um dos alunos também disse que, por outro lado, quando só se mora junto e se quer pôr fim à relação, basta se separar. O menino sentado ao meu lado disse: *é, porque se tu tá casado, vai tentar separar para ver a dificuldade que é*. Ele também mencionou que as pessoas deveriam *morar junto* antes de se *casarem*. Então eu brinquei: *então vocês acham que o casamento é mais importante do que morar junto?* Uma das meninas disse que na prática não havia essa diferenciação, porque o dia-a-dia era igual.

Um dos meninos falou que estar casado era estar em um outro *patamar da relação*. Por isso seria importante *morar junto*, para conhecer melhor a pessoa antes de *casar*. Uma das meninas, por fim, deu o exemplo de seus pais, que moram em casas separadas porque acharam que assim seria melhor. No caso dessa menina cujos pais são casados, mas moram em casas separadas, ressalta-se que foi a única menção a esse tipo de arranjo conjugal que ocorreu durante toda a pesquisa. O exemplo dessa jovem, contudo, difere da pesquisa realizada por Catherine Villeneuve-Gokalp (1997), que trabalha com maior profundidade o fenômeno do casamento em casas separadas, resultado da dissociação entre a vida conjugal e a coabitação. Segundo a autora, em dois terços dos casos a dupla residência não é voluntária, fato que desmistifica um pouco o argumento da garantia da independência e da preservação da individualidade dos sujeitos, fortemente associado a esse tipo de convivência.

Uma das questões levantadas, no caso dos alunos do Colégio Rose Marie Muraro, é a diferenciação promovida pelo *papel*. Estar casado é, portanto, estar casado *no papel*. No caso de Isabela (16 anos), a diferença entre *casar* e *morar junto* está apenas *no papel*, mas não no nível dos sentimentos. Sendo assim, além do cotidiano ser igual nas duas modalidades de arranjo conjugal, assim como mencionou uma das alunas do Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, Isabela (16 anos) fala também na igualdade de sentimentos, ou seja: o maior compromisso que pode ser conferido pelo *papel* não se reflete naquilo que os(as) parceiros(as) sentem um(a) pelo(a) outro(a).

Sobre a maior dificuldade de se separar quando se está casado, tem-se que esse tema é também mencionado por Eduardo (16 anos), mas

de uma maneira diferente. Ele não faz referência à burocracia da separação ou à divisão de bens, mas afirma que, quando se está casado, é preciso pensar *pele menos umas duas vezes* antes de tomar a decisão de romper o relacionamento: *se tu tá morando junto, tu pega as tuas coisas e vai embora. Agora se tu tá casando tu tem que... desfazer o casamento, eu acho que as pessoas pensam mais... em... em desfazer o casamento do que só sair da casa, sabe?*

Sofia (17 anos) pretende *morar junto* e diz não ter vontade de se *casar*. Para ela, a diferença está no *peso da palavra*. Ela também ressalta alguns aspectos de gênero importantes, quando afirma que, as mulheres sentem *orgulho* de dizerem que estão casadas, enquanto que os homens sentem *vergonha* ao dizer a mesma coisa. Para a jovem, isso ocorre porque *eles são machistas, eles são uns idiotas, eles querem toda hora pegar várias, tão cagando e andando pro sentimento das mulheres*. Esse *peso* também é destacado por Laura (17 anos), que afirma que o casamento pode ser algo negativo, ao *colocar muita pressão* nas pessoas: *eu conheço gente que mora junto há muito mais tempo do que quem é casado, porque tu não tem aquela obrigação “ai, o meu marido, a minha mulher”*. Ela acrescenta: *eu acho que é muito diferente dizer “esse é meu namorado, a gente mora junto” e “esse é o meu marido”*.

Já José (16 anos) acha que há muita diferença entre *casar* e *morar junto*. Para ele, *só morar junto não quer dizer nada*, pois *tu pode morar com aquela pessoa e... tu só namorar com ela, não precisa casar necessariamente*. Além disso, *pode morar com uma guria e não necessariamente ter alguma relação com ela*. O jovem faz, também, uma aproximação entre o *namoro* e *morar junto* e identifica o *namoro* como *uma fase antes de casar*. Ele também vincula o casamento a existência de filhos: *ai depois já entra uma criança também... tem todo aquele ambiente familiar*. A ênfase no *morar junto* como uma fase anterior ao *casamento* também é dada por Laura (17 anos): *eu acho que casar é mais tipo “ah! Encontrei (a pessoa certa)”*, já que seria preciso testar a convivência na fase de *morar junto*.

Nota-se que esse ambiente familiar é creditado à existência de filhos, o que transparece a ideia que apenas o casal não formaria uma família. José (16 anos) parece apresentar uma visão mais tradicional relativa aos arranjos conjugais, no momento em que confere um certo descrédito ao *morar junto*, sem que os parceiros sejam casados. Assim como no namoro à antiga de Azevedo (1981), o relacionamento tem fases que devem ser seguidas à risca, sendo a última delas o casamento. É o que se depreende também da fala de José (16 anos), para quem o *namoro* é uma fase antes de *casar*.

Tháise (16 anos), ao contrário, entende que, tanto no *casar* quanto no *morar junto*, as *responsabilidades* são as mesmas. Para ela, *papel* e *assinatura* não fazem diferença. Não há, portanto, um compromisso oficial. Ela ressalta apenas uma diferença, que estaria na *divisão de bens*. Semelhante opinião possui Rebeca (17 anos), para quem *casamento é o dia-a-dia*.

Mais de uma vez, tanto no Colégio Rose Marie Muraro, quanto nas oficinas do Papo Sérió, surgiu essa questão da diferenciação da divisão de bens, quando se trata de estar casado ou morando junto. Nota-se que há um grave desconhecimento dos direitos inerentes aos institutos jurídicos do casamento e da união estável (que é o que regulamenta a vivência conjugal sem o casamento civil). Os jovens diversas vezes falaram de problemas relacionados à divisão de bens quando apenas se mora junto.

Na realidade, tanto para o casamento, quanto para a união estável, é possível escolher entre três regimes: comunhão total de bens (quando tudo o que foi adquirido antes ou após a vivência em conjugalidade pertence a ambos), comunhão parcial de bens (quando o que foi adquirido antes da vivência em conjugalidade pertence a quem adquiriu os bens e, o que foi adquirido após, pertence a ambos) e separação total de bens (quando o que foi adquirido antes ou após a vivência em conjugalidade pertence apenas a quem adquiriu os bens). Tanto no casamento quanto na união estável, quando não há nenhuma manifestação acerca do regime de bens, o que vigora é a comunhão parcial de bens. E é possível, também nos casos de união estável, o registro em cartório, determinando a data de início da união e o regime de bens escolhido.

Muitas vezes, contudo, as pessoas não efetuam o registro, seja por desconhecimento ou por opção. Sendo assim, no momento da separação, a divisão dos bens pode se tornar um pouco mais custosa, pois é preciso provar a existência da união estável e a sua data de início, o que demanda um processo judicial, o que pode levar tempo e ser muito desgastante.

Ana Carolina (16 anos) não menciona a questão da divisão de bens. Para ela, *hoje em dia casar e morar junto é quase a mesma coisa*. Assim como parece ocorrer para os jovens com relação ao *ficar* e *namorar*, que se dão num *continuum* sem limites necessariamente demarcados, o mesmo ocorreria em relação a *morar junto* e *casar*: *digamos que no começo “ah, nós moramos juntos”, aí depois... vai começando a vida de casados. Não é assim “morei junto, estou casado”. Não, a vida de casado eu acho que se constrói... não é de uma*

hora pra outra. Em relação ao casamento propriamente dito, ela afirma achar desnecessária a cerimônia (*eu descarto*). Já quanto ao *papel* ela tem dúvidas: *sei lá, talvez... não logo depois que tá morando junto. Talvez depois de firmar um tempo assim.* Ela ressalta que o sentimento pode mudar com o tempo, mas o registro pode ocorrer se *agora eu acho que é essa pessoa que eu quero ficar um bom tempo da minha vida.*

Embora pareça descartar, além da cerimônia, o *para sempre*, Ana Carolina (16 anos) faz de certa forma uma menção ao *para a vida toda*: *ah, sabe que é aquela pessoa que tu vai ter 80 anos e aquela pessoa vai estar lá do teu lado se tu tiver mal. [...] casal de velhinhos no hospital, achei tão bonitinho. [...] nossa quanto tempo eles estão juntos?* No entanto, a jovem entende que *esse negócio de assinar papel não é importante* e afirma também não concordar com o uso de aliança: *não acho importante porque, sei lá, porque que tu precisa ter uma peça, uma coleira, um negócio no nome da pessoa. Eu acho isso péssimo, acho péssimo aliança.* O importante, para ela, é que esteja *na tua cabeça que tu tá com a pessoa.*

Para Natália, ao contrário, o compromisso é assumido, *no momento que tu casa, que tu assina papel ou que o padre diz que vocês são marido e mulher.* A diferença, segundo a jovem, está na separação:

tu não pode pegar as tuas coisas e voltar pra casa da tua mãe, dizer 'pronto, estou separados'. Tu tem um comprometimento com o governo, com a lei dizendo que tu está casada, que tu... e o outro compartilham uma vida, sabe?. No momento que tu morar junto, eu posso morar junto com qualquer pessoa. Hoje eu posso morar junto contigo, aí amanhã eu vou pegar as minhas coisas e vou morar junto, sei lá, com a minha vó, daí eu vou com outra pessoa, sabe? E morar junto é muito dividir tarefa e casar não, sabe, casar é construir uma vida junto.

Ela também menciona um fator importante nessa diferenciação, que seria o compromisso relativo ao sentimento. Para Natália, quando se mora junto, não é possível saber “se a pessoa vai tá ali contigo porque ela gosta de ti pra *morar junto* porque tu é uma boa companhia para morar junto ou pra passar o resto da vida, sabe?” Além disso, ela afirma que “no casamento tu não casa com a pessoa pra ela poder ficar lavando a louça, sabe? Tu casa com a pessoa sabendo que tu vai ficar uma parte de anos ainda junto com ela”.

Para Heilborn (2004, p. 113), “a ênfase na paridade da divisão do trabalho doméstico é crucial para o entendimento do arranjo conjugal moderno”. Isso não parece ser muito considerado por Natália, que enfatiza essa divisão apenas no *morar junto*, mas não no casamento. Com seus dizeres, Natália faz referência à praticidade que pode envolver o *morar junto* (dividir tarefas, contas a pagar etc.) e o comprometimento afetivo que até pode estar presente no *morar junto*, mas que seria líquido e certo apenas no casamento.

Perguntada sobre essa divisão de tarefas, Natália afirma que o homem pode aprender a cuidar dos filhos, dar mamadeira e trocar fralda, mas, que, mesmo assim, há uma diferença: “não acho que homem, por exemplo, vá parar de trabalhar... quando o filho nascer pra mulher continuar trabalhando”. Ela discorda, contudo, que as mulheres devam parar de trabalhar para cuidar dos filhos: “eu acho que, sei lá, desde que seja uma criança ela tem que ter independência, sabe, se eu ficar sempre em cima dela, como é que eu vou conseguir me libertar dela depois?”

Natália parece apontar limites ao que Heilborn (2004, p. 117) chama de “feminização do relacionamento conjugal”. Segundo a antropóloga, a partir desse modelo, o casal é levado a uma não demarcação tão estrita entre os gêneros, o que geraria, também uma aproximação masculina ao que é tido tradicionalmente como feminino.

Ana Clara (17 anos) tem um posicionamento dúbio acerca da questão, pois, num momento afirma que *é a mesma coisa casar e morar junto* e, em outro, diz que o casamento *é uma união bem importante, até pra construção de uma família*. Para ela o casamento *torna mais junto*, pois consiste efetivamente na *união de duas pessoas*.

Para Aboim (2002, p. 129), em Portugal a coabitação não significa uma recusa ao casamento, mas aponta para a popularização de novos arranjos conjugais e familiares:

estas novas formas de organizar a vida estão associadas a um aspecto importante do movimento de modernização da vida familiar, que consiste na maior abertura do campo de possibilidades para a construção de percursos familiares, em comparação com a linearidade do esquema tradicional. Os trajectos tornam-se mais informais e surgem marcados por novos momentos de transição: as entradas faseadas na vida familiar, as rupturas e recomposições.

No caso dos jovens pesquisados, nota-se que esses novos arranjos estão postos lado a lado com o casamento tradicional, tido como importante para alguns deles, tanto meninas quanto meninos. A partir da fala desses jovens, que parecem em sua maioria demarcar uma diferença entre *morar junto* e *casar*, cabe aqui lembrar a dimensão externa do casal, que reforçaria a sua identidade, fato salientado por Heilborn (2004). Nesse sentido, o reconhecimento dos outros também faria de um casal, um casal. No entanto, é muito presente para alguns a ideia de que o que faz de um casal, um casal, é de fato o casamento, ou seja, essa institucionalização da conjugalidade e publicização dos afetos (SANTOS, 2002) são importantes para vários dos jovens pesquisados. Logo, pelo menos naquilo que os jovens têm como ideal, o casamento constitui-se como um forte arranjo conjugal e é tido como hierarquicamente superior às uniões informais para diversos dos interlocutores.

5.5 “ATÉ DÁ PARA SER FELIZ SOZINHO, MAS É MUITO MAIS LEGAL ESTAR COM ALGUÉM”: A IMPORTÂNCIA DE VIVER EM CONJUGALIDADE

Por fim, será tratado, neste último item, a questão da importância de se viver em conjugalidade para os jovens que participaram da pesquisa. No caso dos jovens entrevistados no Colégio Rose Marie Muraro, na segunda parte da pesquisa de campo, realizada no ano de 2010, salienta-se que todos afirmaram ter projetos conjugais futuros, independentemente do seu arranjo. Segundo Bozon (2009), no final do século XX, o ideal do casamento por amor é substituído pelo do casal por amor. Sendo assim, apesar de alguns dele mencionarem questões relacionadas a uma possível perda de individualidade com a vivência conjunta, *dividir a vida com alguém* aparece como um valor muito importante. Se “o casal [...] continua sendo a vértebra da sociedade francesa” (BOZON, 1995, p. 123), o mesmo aplica-se, segundo as falas desses jovens, à sociedade brasileira.

Embora um dos alunos do Centro Educacional Municipal Carmen da Silva, tenha afirmado, de forma irônica, que *casamento é que nem refrigerante gelado... quando tu dá o primeiro gole é uma maravilha, mas depois dá uma dor de cabeça*, a vivência em conjugalidade é vista com bons olhos pela maioria dos jovens pesquisados. É o caso de Isabela (16 anos), do Colégio Rose Marie Muraro, que acha *mais legal tu ter alguém pra dividir as tuas coisas, não só coisa material, né, mas teu sentimento também*. Para ela, ter companhia *pra tudo* é algo

importante. Ela menciona ainda o lado positivo da *rotina* de se viver em conjugalidade: *não aquela rotina estressante de todo dia a mesma coisa. Tu ia trabalhar, fazer as tuas coisas, mas sempre com uma coisa nova entre a relação, sabe?* A ideia de compartilhamento e dos ganhos que isso pode gerar para si próprio, com *coisas novas*, por exemplo, é algo que está presente aqui.

De maneira diferente pensa Diego (17 anos), que foi o único a mencionar a alternativa de viver em casas separadas como uma possibilidade. Ele afirma que isso pode ser bom quando o dia-a-dia é complicado e quando há muitas brigas ou um choque entre as personalidades dos indivíduos. Pode-se creditar sua opinião à experiência vivenciada por sua mãe. Ele relata que ela namorava seu padrasto e que eles decidiram morar juntos, mas que, devido às diferenças de temperamento (*minha mãe era muito explosiva e meu padrasto era mais calmo*), *não deu certo* e eles se separaram. Após cada um voltar a ter sua casa, no entanto, eles retomaram o relacionamento. Diego (17 anos) afirma, que nesse modelo, trata-se de um casamento, mas que *tu tem a tua vida na tua casa: tu não tem que te submeter ao que o outro gosta, tipo “ai eu quero ver um filme de terror e ela quer ver um filme de comédia, então a gente vai ver um filme de comédia porque ela gosta”*.

Goldenberg (2005, p. 86) fala dos desejos e conflitos envolvendo as novas conjugalidades, que romperiam com a “dualidade tradicional *versus* moderno”. Esses novos arranjos conjugariam ideais tradicionais e modernos, sendo que uma das equações mais relevantes seria justamente a entre liberdade e simbiose. Os comportamentos baseados no amor romântico estariam dispostos lado a lado com a necessidade de cada um preservar sua própria individualidade.

Também Ana Carolina (16 anos), que em outros momentos falava da importância da preservação da individualidade, entende que, embora em vários momentos se possa preferir estar sozinha, *tu não tem como viver a tua vida inteira feliz sozinha*. Para Singly (2009), após o fim dos anos 1960 formou-se uma associação entre a lógica do amor e a da individualização, enquanto que a associação entre amor e instituição foi rompida, fazendo com que a separação se tornasse algo provável no futuro das uniões, devido ao aumento da instabilidade conjugal.

Ana Carolina afirma que o que se sente pelo outro também nos faz sentir *mais vivos: que estranho, tô gostando de alguém, um negócio que eu não consigo controlar e eu não lembrava que isso existia*. Compartilhar a vida com alguém por meio da conjugalidade, segundo a jovem, “é importante pra pessoa... se sentir, sentir outra pessoa,

aprender, construir coisas novas. É importante pra construção do indivíduo, eu acho, ter relacionamentos e tal, eu acho, é super importante”. Estar com alguém também “te tira um pouco” do individualismo, algo que, segundo ela, seria tão presente “hoje em dia”. Isso ocorre porque numa relação não pensamos só em nós próprios, mas também tentamos pensar “como outra pessoa”.

Singly (2009) fala das tensões às quais o amor é submetido e, dentre elas, cabe aqui destacar as seguintes, também partilhadas pelos interlocutores da pesquisa: entre independência pessoal e dependência amorosa e entre vida pessoal e vida comum. Nesse sentido, tanto os dizeres de Isabela (16 anos), quanto os de Ana Carolina (16 anos), parecem refutar a tese de Bauman (2004) relacionada ao amor na contemporaneidade. Há uma rejeição sobretudo à noção de “relações de bolso”, aquelas na qual não há entrega e nem trocas. Para essas jovens, ao contrário, na relação conjugal o compartilhar deve ser a regra e é isso o que permite a nossa transformação a partir do contato com o outro, aproximando-se muito mais do modelo do amor confluyente de Giddens (1993).

Para Laura (17 anos), *ter uma companhia é muito bom*, mas não indispensável: *eu não preciso de ninguém porque “ah, eu vou morrer se eu tiver sozinha”*. No entanto, ela diz que é *bom* e mais fácil quando se tem alguém para *compartilhar*. Sobre ficar sozinha, ela acrescenta: *até dá, mas eu não aconselho*.

Em sentido contrário, há Natália, jovem que, apesar de querer se *casar* de branco e na igreja, pensa que não é necessário ter alguém e que é sim possível ser feliz sozinho. Sua explicação é muito interessante e reveladora:

se... se tu... fosse pra... ser feliz com alguém eu acho que desde que tu nascesse todo mundo ia ter alguém, sabe? Tipo, não alguém que o pai mandou, mas tipo alguém que estivesse próximo de ti, os dois iam se identificar, iam ser felizes pra sempre. Mas como isso não existe, é uma maneira de, de tu, acho que tu pode ser muito feliz assim, sozinho. Por exemplo, hoje eu fico pensando... se a minha vida, por exemplo, eu casasse hoje eu ia viver feliz, sabe? Tipo não tem ninguém... óbvio, sei lá, eu fico com vários caras assim diferentes tipo... um pouco [...] meio que ao mesmo tempo, mas não... eu não tenho nenhum compromisso com eles e eu não ia deixar de perder a minha

liberdade pra eles, sabe? Eu acho que a minha vida é muito legal sem eles e é isso aí, sabe? Tipo, tá legal, sabe? Conheço, quando eu falo com eles... mas... eu acho que eu posso ser muito feliz sozinha assim, eu acho que eu posso ter muita satisfação no meu trabalho... ser... não que eu trabalhe, né? Sem ter alguém, sabe? E eu acho que existem muitos desamores que sim são amores que a gente não pode viver sem, tipo que é o da nossa família... da... por exemplo, dos nossos filhos, sabe? Mesmo que tu não tenha uma relação com o pai da criança, às vezes tu tem com a criança, às vezes não, tu tem com a criança, sabe? Com os amigos e tal, por exemplo, eu tenho uma gata... mil vezes, mil vezes sem o amor de alguém que eu goste do que o amor dela, sabe? Então, acho que sim, não é uma coisa importante.

Em primeiro lugar, Natália recusa a tese da existência da cara metade, muito forte no amor platônico, refutando também a ideia de *busca* presente no amor romântico. Além disso, é curioso perceber como, nesse momento da entrevista, ela faz referência às suas práticas afetivas atuais, que envolvem o *pegar* e o *ficar*. Ou seja, apesar de, ao falar de casamento, ela desejar um casamento como o de seus pais e apresentar uma visão tradicional desse arranjo conjugal, aqui aparece uma maior aproximação entre suas práticas afetivas atuais e suas representações sobre amor e conjugalidade.

Outro ponto importante é a menção a ter satisfação no trabalho. A carreira profissional aparece, aqui, como algo que pode ser mais importante do que a vivência em conjugalidade, contrariando totalmente, por exemplo, as regras do namoro à antiga descritas por Azevedo (1981; 1986), bem como os ditames do amor romântico, segundo os quais o homem deveria ser o provedor e a mulher ser a responsável pela administração do lar e o cuidado dos filhos. Por fim, é relevante a análise de sua fala quando ela cita outras modalidades de arranjos familiares, que não apenas aqueles baseados na conjugalidade: a vivência com a família de origem, com os filhos, com amigos e até com animais de estimação. O amor, nesse sentido, parece, a partir da fala de Natália, ser flexibilizado na mesma medida em que são alargadas as possibilidades de arranjos familiares.

É relevante trazer aqui também os dizeres de Sérgio Costa (2005, p. 124), sobre as relações amorosas contemporâneas:

Estudos empíricos mostram que o anseio por uma relação amorosa que envolva plenamente os amantes continua sendo uma aspiração generalizada nas sociedades modernas. Assim, na modernidade tardia o amor romântico segue desempenhando papel central como ideal amoroso e desencadeador das emoções correspondentes. No entanto, esse desejo de intensidade coexiste com mudanças importantes no padrão romântico da relação a dois. [...] De todo modo, parecem persistir paralelamente dois modelos culturais: o ideal da comunidade a dois acima de tudo e de todos, em geral prevalente nas primeiras fases do relacionamento ou nos momentos apaixonados das relações duradouras, e um certo pragmatismo amoroso. Enquanto o primeiro modelo é orientado pelos ideais do amor romântico, o pragmatismo se apóia em valores como a igualdade, o entendimento dialógico e a realização pessoal dos parceiros.

No caso dos jovens que participaram da pesquisa, é possível afirmar que esse ideal da comunidade a dois, também analisado por Singly (2009) e Goldenberg (2005) aparece sobretudo nas representações sobre amor e conjugalidade, salvo algumas exceções, como é o caso, em parte de Natália. Aqui prevalecem o compartilhamento, a divisão da vida com o outro e a intimidade. Nesse sentido, pode-se dizer que as representações acerca do amor oscilam entre as idéias de amor romântico e confluyente, enquanto que as representações sobre conjugalidade estão fortemente apoiadas nesse último modelo. A conjugalidade, ainda que não reproduzida tradicionalmente (Goldenberg, 2005), consiste numa figura muito forte para os jovens pesquisados, que a compreendem não como um destino, mas como uma escolha ideal, a exemplo do ideal do casal por amor, mencionado por Bozon (2009).

Já o pragmatismo ao qual Costa (2005) se refere é muito presente nas práticas afetivas: no *pegar*, no *ficar* e inclusive no *namoro*, principalmente no que tange à perda de liberdade que ele pode acarretar e ao que entendi neste trabalho como ressignificação da fidelidade. Logo, tem-se que o *namoro* oscilaria entre o modelo de amor líquido e o de amor confluyente, pois é configurado também a partir das representações sobre conjugalidade, que trazem envolvimento pessoal com liberdade como um de seus pilares, enquanto que o *ficar* e principalmente o *pegar* parecem ser fortemente baseados nos ideais do amor líquido, com uma forte preservação da individualidade, sem envoltimentos afetivos muito significativos e inclusive com uma associação da afetividade como um bem a ser consumido.

6 CONCLUSÃO

Se “compreender a juventude atual é desvendar o mundo de hoje” (NOVAES, 2007, p. 253), também as práticas afetivas desses jovens auxiliam na compreensão da sexualidade, do amor e da conjugalidade contemporâneos. Afinal, os jovens *pegam* e não se apegam ou são para *casar*? Acredito que eles *pegam* e não se apegam, *pegam* e se apegam, *ficam* e namoram. Se, para a geração dos anos 1990, o *ficar* se apresentou como uma prática revolucionária, a noção de *pegar* demonstra que o *ficar* pode adquirir dimensões ainda mais fluidas e instáveis. *Pegar* é pegar e largar, *é não ter apego*. Os jovens *pegam* sobretudo desconhecidos, em festas, sem perguntar o nome. É o beijo que sela tanto essa prática quanto a do *ficar* (ALMEIDA, 2006), acrescido ou não de outras carícias. No entanto, não se pode *pegar* durante muito tempo e o ideal é *pegar* mais de uma pessoa na mesma festa, às vezes até algumas pessoas ou mesmo dezenas delas.

Já o *ficar* seria para o *pegar* o que o *namoro* já foi para o *ficar*. *Ficar* envolve um conhecimento prévio do outro e também um sentimento: o de *estar a fim*. *Fica-se* com quem já se conhece (colega, amigo etc.), *fica-se* com quem se tem uma certa consideração, *fica-se* com a pessoa de quem se *está a fim*. *Ficar* seria, portanto, *pegar* e se apegar. Não há tanta fluidez, não há tanta descartabilidade, não há tanto desapego quanto no *pegar*. Há, ao contrário do que refere Giongo (1998), investimento e escolha no *ficar*. Por esse motivo, as meninas até podem *pegar*, mas, segundo meus interlocutores, isso não *pega muito bem* para elas. Se querem *pegar*, o ideal é que o façam *longe dos olhares dos outros* e, com *outros*, quero dizer dos outros meninos, daqueles com quem se quer ou pode querer *ficar* no futuro. Se não há uma liberação total (ALMEIDA, 2006), trata-se, no entanto, de uma liberação importante em comparação às gerações precedentes. No entanto, a *fama de galinha*, categoria acusatória contra meninas há algumas décadas atrás, se faz presente no universo estudado, ainda que relativizada, assim como a *fama de pegador* para os meninos, denotando uma diferença na atribuição de valor para a variação de parceiros (ABRAMOVAY *et al.*, 2004).

Até dá para *chegar*, ou seja, tomar a iniciativa na aproximação que pode levar ao *pegar* ou ao *ficar*, mas, no caso das meninas, isso deve ser feito pelo olhar, avisando aos meninos de que eles podem tomar a dianteira. Logo, ainda que esteja presente uma divisão dos papéis de gênero no ato de chegar, não resta configurada uma passividade feminina (SCHUCH, 2002). Nem sempre é possível para as

meninas utilizar apenas o olhar, contudo. Seja por timidez, por medo de rejeição das meninas ou por ficarem acuados diante dessa suposta igualdade, alguns meninos, mesmo que queiram, não *chegam*. As meninas ainda esperam pelos meninos, mas tudo tem um limite. *Não dá para ficar esperando*, relatam elas, sob o risco de *ter que ficar esperando até agora* (e ainda que o antes e o agora não sejam muito distantes temporalmente, para os jovens sempre parece ser muito tempo). Nesse sentido, aquilo que é referido pelos interlocutores aponta para o que Maia (2009) entende como uma mudança nos comportamentos femininos, exemplificado por essa limitação da espera da atitude masculina. Teriam os meninos *ficado para trás*, conforme referiram os alunos do Instituto de Educação Patrícia Galvão?

Ao que parece, quando se trata de *ficar* com alguém do mesmo sexo, sim. Isso porque essa prática é muito mais aceitável em se tratando de meninas do que de meninos. O *nojo* e o *estranhamento* não são tão frequentes quanto os relatados diante da situação de dois meninos que *ficam* entre si. As meninas podem experimentar. Elas podem fazê-lo por atração sexual, por curiosidade ou até como forma de provocar e seduzir os meninos. Elas até podem transitar entre as diferentes orientações sexuais sem ser classificadas como lésbicas ou como *bi*. Afinal de contas, essas categorias parecem soar como conservadoras para as meninas que tem essa prática como algo que faz parte da experimentação sexual da juventude. *Pessoas são pessoas*, não interessa o seu sexo. Em tese, sim. Alguns jovens referem essa recusa dos rótulos que denotam orientações sexuais (PILONI, 2010), dando mais ênfase às práticas do que à definição de sua orientação (BAJOS; BELTZER, 2008). Essa recusa dos rótulos, contudo, não possui uma extensão tão larga, sobretudo quando se trata da homofobia que está presente até na ideia de se pensar num menino *ficando* com outro. Esta pode ser tão forte que faz com que, no Colégio Estadual Nísia Floresta, um grupo de meninos não quisesse tocar no papel com a reportagem sobre meninos que beijam meninos. Se o fato de o comportamento das minorias influenciar o das majorias (BOZON, 2008) pode justificar a prática de meninas que ficam com meninas, talvez possa também nos fazer vislumbrar uma maior aceitação desse *ficar* também entre meninos.

Após *pegar e/ou ficar*, outra prática afetiva pode surgir entre os jovens: o *namoro*. Muito diferente do namoro à antiga descrito por Azevedo (1981;1986), o *namoro* atual não tem origem no pedido: ele deriva da *ficada*, motivo pelo qual a oposição entre *ficar* e *namoro* proposta por Bozon e Heilbonr (1996) faz sentido também para este trabalho. Beijos e carícias consistem num estágio anterior. É preciso

conhecer, inclusive em termos corporais, é preciso gostar, é preciso estar apaixonado ou amando. O início do *namoro* ocorre, principalmente, por meio de um acordo entre o casal. Poucas vezes há um pedido, nem sempre há uma data. Assim como há fluidez no *pegar* e no *ficar*, também o há na demarcação entre *ficar* e namorar. O companheirismo e a vontade de estar junto são, contudo, características muito importantes nesse tipo de relacionamento, demarcando-se, com isso, um espaço do casal (BOZON, 2009). Já apresentar para os pais e frequentar a residência do outro são também relevantes, mas não para todos. Aqui estão presentes também valores mais perenes, como essa necessidade de conhecer a família do outro, algo tão necessária no modelo do namoro à antiga. Muitos, no entanto, falam da relevância da manutenção de relações sexuais. Se o beijo é imprescindível, é o que demarca o *pegar* e o *ficar*, a intimidade no *namoro* é também intimidade sexual. E esta pode ser vivida dentro de casa, com a anuência dos pais, tanto das meninas, quanto dos meninos, o que demonstra a cumplicidade dos pais com a sexualidade dos filhos (BOZON, 2009).

Há também desvantagens em se namorar. O *namoro* não é só ter um relacionamento estável com alguém de quem se gosta. A estabilidade, em tempos de liquidez, quando a não fixação é um valor (BAUMAN, 2004), não é vivenciada sem ônus. Namorar significa, para alguns jovens, perder a liberdade. Estar com uma só pessoa é também estar preso a ela, na medida em que não se pode *pegar* e *ficar* com quem se quer. *Pegar* e *ficar* parecem ser indispensáveis na vida da quase totalidade dos interlocutores. Se é *pegando* e *ficando* que se aproveita a vida, namorar pode também significar, de alguma forma, perda de tempo, uma vez que o compromisso do namoro contrasta com a ideia da juventude como fase de descobertas (RIETH, 2001). No entanto, nem tudo está perdido. Ter um relacionamento estável, namorar alguém, significa ser fiel, certo? Sim e não. Nem sempre. Ser fiel é muito bonito, ser fiel é o ideal, afinal de contas “quem ama não trai”, mas é difícil. Embora a fidelidade permaneça como um valor fundamental (GOLDENBERG, 2006), para os jovens pesquisados, as oportunidades são muitas e é muito difícil desperdiçar todas elas, sob pena de se desperdiçar também a juventude. A fidelidade ressignificada implica uma flexibilização desse conceito. Sim, porque a fidelidade também precisa se adaptar. Pode ser compreensível se trair não era a intenção. As coisas acontecem e pode ser difícil *se segurar*, tanto para meninas quanto para meninos, mas mesmo hoje mais para eles. Outra solução é o *passé livre*. De posse desse bilhete, é possível esquecer do *namoro* por uma noite, alguns dias ou uma viagem, por exemplo. É possível ser

infiel sendo fiel, ou ser fiel sem o ser. Ou sendo. O que é fidelidade mesmo? Talvez mesmo essa dúvida seja importante para descrever a mentalidade dessa geração a partir do tópico da fidelidade (HEILBORN *et al.*, 2006).

“As coisas mudaram muito” e “esses jovens perderam a noção”, poderiam dizer os pertencentes a gerações anteriores. Mudaram, mas não tanto e não, eles não perderam a noção (só a modificaram um pouquinho). Práticas e representações talvez andem aqui dissociadas. Seriam práticas de amor líquido e representações de amor romântico? O amor é algo relevante para os jovens que participaram da pesquisa. Amar é gostar *de verdade*. Para muitos deles, há a crença na *pessoa certa*, aquela predestinada a nós e que nos completa, e a crença de que o amor é eterno. Para alguns, o amor pode mesmo ocorrer à primeira vista, embora geralmente os jovens compreendam que ele brota da convivência (TRIGO, 1989).

E eles querem *casar*. Apesar de vários deles serem filhos de pais separados e que este seja tido como um relacionamento que *não deu certo*, a vida conjugal, a vida a dois, por exemplo, figurou como um desejo para o futuro dentre todos os alunos do Colégio Rose Marie Muraro que participaram da pesquisa. Logo, o impacto da separação dos pais é vivido por muitos deles como um ideal de casamento duradouro. E todos também querem ter filhos, buscando de alguma forma reproduzir os modelos familiares que os cercam e sobretudo projetos muitas vezes não concretizados em suas casas. A dissolubilidade do casamento (BECK; BECK-GERNSHEIM, 2001) e a desvalorização do casamento estável (SINGLY, 2009) não afetaram integralmente o ideal de conjugalidade para esses jovens. Viver em conjugalidade é um projeto de futuro, vinculado à vida adulta, uma vez que não se pode viver só de amor: é preciso, por exemplo, estabilidade financeira e maturidade. Maturidade esta que permitira, inclusive pensar duas ou mais vezes antes de se separar ou mesmo antes de ser infiel. Estar casado, e não apenas *morando junto*, é algo que também pode dar um auxílio à manutenção do vínculo. Isso porque é muito mais complicado se divorciar (quando se está casado) do que se separar (quando apenas se *mora junto*). O *morar junto* é tido por alguns deles como um momento prévio ao casamento e, por outros, como uma espécie de conjugalidade juvenil, uma vez que o compromisso selado não é tão forte, o que facilitaria a sua dissolução. Se o amor é líquido, para garantir a sua perenidade no tempo é preciso amarrá-lo. Logo, para os interlocutores, a desinstitucionalização da conjugalidade e privatização dos afetos (SANTOS, 2002), presentes nas uniões informais não faz tanto sentido.

Por fim, como diz uma aluna de Porto Alegre: *até dá pra ser feliz sozinho, mas é muito mais legal estar com alguém*. A vida solitária, de quem *pega* e não se *apega* ou até *fica*, pode ser recompensadora e divertida, mas é fortemente associada ao período da juventude. Para a vida adulta, *é mais legal estar com alguém*, uma vez que *casar* e ter filhos é o desejo de praticamente todos os jovens da pesquisa, demonstrando a forte presença do ideal do casal por amor preconizado por Bozon (2009). As práticas são fluidas e instáveis e de desapego. Nas representações de amor e conjugalidade, contudo, esse desapego não tem tanto lugar. É preciso preservar a individualidade, equacionando-se o indivíduo sozinho e o indivíduo com ((SINGLY, 2000). A fusão do amor romântico não é um ideal. No entanto, ainda que *peguem* e não se *apeguem*, esses jovens também são *para casar*.

REFERÊNCIAS

ABOIM, Sofia. Da pluralidade dos afetos: trajetórias e orientações amorosas nas conjugalidades contemporâneas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 70, p. 107-123, jun. 2009.

_____. Perfis de coabitação em Portugal: percursos, contextos e orientações. *Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2002, p. 121-131.

ABRAMO, Helena W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: FÁVERO, Osmar *et al.* (orgs.). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 73-92.

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: _____; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas juvenis: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 139-157.

ALMEIDA, Thiago de *et al.* O ciúme romântico e os relacionamentos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 13, n. 1, p. 83-90, abr. 2008.

ARENT, Marion. (In)Fidelidade feminina: entre a fantasia e a realidade. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 153-167, 2009.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZEVEDO, Thales de. *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Namoro à antiga: tradição e mudança. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto; VELHO, Gilberto. *Família, psicologia e sociedade*. Rio de Janeiro: Campus, 1981, p. 219-275.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAJOS, Nathalie; BELTZER, Nathalie. Les sexualités homo-bisexuelles: d'une acceptation de principe aux vulnérabilités sociales et préventives. In: BAJOS, Nathalie; BOZON, Michel (dirs.). *Ênquete sur la sexualité en France: pratiques, genre et santé*. Paris: La Découverte, 2008, p. 243-271.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 607-639.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. V. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. V. 1.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. *El normal caos del amor: las nuevas formas de la relación amorosa*. Barcelona: El Roure; Paidós, 2001.

BESSIN, Marc. Les âges de la sexualité: entretien avec Michel Bozon. *Mouvements*, Paris, n. 59, p. 123-132, jul./set. 2009.

BORGES, Maria de Lourdes. *Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O sentimento de honra na sociedade cabília. In: _____. *Honra e vergonha: valores nas sociedades mediterrânicas*. 2.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1988, p. 157-195.

BOZON, Michel. Amor, sexualidade e relações sociais de sexo na França contemporânea. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 122-135, jan. 1995.

_____. Femmes et sexualité, une individualisation sous contrainte. In: MARUANI, Margaret (dir.). *Femmes, genre et sociétés: l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 2005, p. 105-113.

_____. La nouvelle normativité des conduites sexuelles ou la difficulté de mettre en cohérence les expériences intimes. In: MARQUET, Jacques (ed.). *Normes et conduites sexuelles: approches sociologiques et ouvertures pluridisciplinaires*. Louvain-la-Neuve: Bruylant, 2004, p. 15-33.

_____. Les minorités sexuelles sont-elles l'avenir de l'humanité? In: DESCOUTURES, Virginie *et al.* (dirs.). *Mariages et homosexualités dans le monde: l'arrangement des normes familiales*. Paris: Autrement, 2008, p. 190-202.

_____. Sexualité et conjugalité. In: BLÖS, Thierry (dir.). *La dialectique des rapports hommes-femmes*. Paris: PUF, 2001, p. 239-259.

_____. *Sociologie de la sexualité*. 2.ed. Paris: Armand Colin, 2009.

_____. Supplément à un post-scriptum de Pierre Bourdieu sur l'amour ou peut-on faire une théorie de l'amour comme pratique? In: MAUGER, Gérard (org.). *Rencontres avec Pierre Bourdieu*. Bellecombe-en-Bauges: Croquant, 2005, p. 591-601.

_____; HÉRAN, François. *La formation du couple*. Paris: La Découverte, 2006.

_____; HEILBORN, Maria Luiza. Les caresses et les mots. *Terrain: revue d'ethnologie de l'Europe*, Paris, n. 27, p. 2-25, set. 1996. Disponível em: <<http://terrain.revues.org/index3382.html>>. Acesso em: 10 dez. 2009.

BRASIL. *Constituição Federal, Código Civil e Código de Processo Civil*. 5.ed. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2004b.

BRASIL. *Constituição Federal, Código Penal e Código de Processo Penal*. 5.ed. Porto Alegre: Verbo Jurídico, 2004a.

BRASIL. *Supremo Tribunal Federal*. Habeas corpus 73662-9/Minas Gerais. Paciente: Marcio Luiz de Carvalho. Impetrantes: Paulo Adhemar Prince Xavier e outros. Coator: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais. Relator: Ministro Marco Aurélio. Brasília, 16 de abril de 1996. Disponível em:

<<http://redir.stf.jus.br/paginador/paginador.jsp?docTP=AC&docID=74663>>. Acesso em: 15 abr. 2010.

BRAGA, Gilberto *et al.* *Anos rebeldes* [seriado]. Produção de Gilberto Braga e Sérgio Marques, direção de Dennis Carvalho. Rio de Janeiro, Rede Globo, 1992. 4 DVD, 680 min. color. son.

CARDOSO, Irene. A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 93-107, nov. 2005.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, abr. 2002.

CLAIR, Isabelle. *Les jeunes et l'amour dans les cités*. Paris: Armand Colin, 2008.

COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira (notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil). In: ALMEIDA, Maria Suely Kofes de *et al.* (orgs.). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 13-38.

COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COSTA, Sérgio. Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos Estudos – CEBRAP*, São Paulo, n. 73, p. 111-124, nov. 2005.

DAUPHIN, Cécile. Mulheres sós. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1994, p. 477-495. V.4.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DICKIE, Maria Amélia Schmidt; GROSSI, Miriam Pillar; WELTER, Tânia. *Ensino religioso e gênero em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC; Prosare, 2011. No prelo.

D'INCAO, Maria Ângela. O amor romântico e a família burguesa. In: _____ *et al.* (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 57-71.

DIÓGENES, Kátia Muniz. *O “ficar”*: um estudo fenomenológico sobre os novos vínculos afetivos entre mulheres e homens adultos na cidade de Fortaleza. 156 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, 2007.

DUBY, Georges. O modelo cortês. In: _____; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. V. 2. Porto: Afrontamento, 1993, p. 331-351.

DUMONT, Louis. *O individualismo*: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURAND, Teresa; GUTIÉRREZ, Maria Alicia. Trás las huellas de un porvenir incierto: del aborto a los derechos sexuales y reproductivos. *Ediciones de las mujeres*, Santiago, n. 28, p. 214-232, out. 1999.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. V.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. V. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1995, p. 583-611.

FERRAND, Michèle. *Féminin masculin*. Paris: La Découverte, 2004.

FONSECA, Claudia. *Caminhos da adoção*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. *XXI Reunião Anual da ANPEd*, Caxambu, set 2008.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. V.1. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. Introdução: ordens e liberdades. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. V. 4. Porto: Afrontamento, 1994, p. 9-15.

FURTADO, Jorge. *Meu tio matou um cara* [filme]. Produção da Casa de Cinema de Porto Alegre, direção de Jorge Furtado. Porto Alegre, Casa de Cinema de Porto Alegre, 2004. 1 DVD, 87 min. color. son.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Collin, 1997.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

_____. *O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa*. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GELL, Alfred. *Amour, connaissance et dissimulation*. *Terrain*, Paris, n. 27, p. 5-14, 1996.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

GIONGO, Ana Laura. *O “ficar” e sua função na adolescência: um estudo em uma escola de classe média-alta de Porto Alegre*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento. 1998. 194f.

GIORGIO, Michela de. O modelo católico. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. V. 4. Porto: Afrontamento, 1994, p. 200-237.

GIROUX, Henry. O filme Kids e a política de demonização da juventude. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 123-136, jan./jun. 1996.

GODINEAU, Dominique. Filhas da liberdade e cidadãs revolucionárias. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. V. 4. Porto: Afrontamento, 1994a, p. 21-39.

GOLDBERG, Anette. *Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1987. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências Sociais. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRJ.

GOLDENBERG, Mirian. *De perto ninguém é normal: estudos sobre corpo, sexualidade, gênero e desvio na cultura brasileira*. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. *Infiel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. 8.ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROSSI, Miriam Pillar. Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”. In: _____ (org.). *Trabalho de campo & subjetividade*. Florianópolis: UFSC, 1992, p. 7-18.

_____. Rimando amor e dor: reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal. In: PEDRO, Joana Maria; _____ (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 2006, p. 293-313.

_____; CARDOZO, Fernanda; FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *Representações de iniciação sexual e homossexualidades em escolas do ensino público em Santa Catarina*. Florianópolis: UFSC; Ministério da Saúde, 2011. No prelo.

GUARESCHI, Neuza. O “ficar”: novas perspectivas nas relações de gênero de meninas e meninos. *Psico*, Porto Alegre, n. 30, v. 2, p. 81-94, jul./dez. 1999.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HEILBORN, Maria Luiza. *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996, p. 136-145.

_____. *et al* (orgs.). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006.

JESUS, Jardel Oliveira de. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. *Revista de Psicologia da Vetor Editora*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 67-73, jan./jun. 2005.

JUSTO, José Sterza. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*, v. 17, n. 1, p. 61-77, jan./jun. 2005.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. V. 4. Porto: Afrontamento, 1994, p. 352-401.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LAGO, Mara Coelho de Souza. Gênero e gerações na Ilha de Santa Catarina. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Mulheres, 2006, p. 259-271.

LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEFAUCHEUR, Nadine. Maternidade, família, estado. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (dirs.). *História das mulheres no ocidente*. V. 5. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, p. 479-503.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. O cinema como pedagogia. In: LOPES, Eliana, MENDES, Luciano, GREIVE, Cynthia (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 423-446.

LUHMANN, Niklas. *O amor como paixão: para a codificação da intimidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo social*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, nov. 2005.

MAIA, Marta. *Sexualités adolescentes*. Paris: Pepper; L'Harmattan, 2009.

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. *Annual Review Anthropology*, Palo Alto, v. 24, p. 95-117, 1995.

MATTA, Roberto da. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAUSS, Marcel. *Manual de etnografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

MEAD, Margaret. *Adolescencia y cultura en Samoa*. Buenos Aires: Paidós, 1961.

MELER, Irene. Amor y convivencia entre los géneros a fines del siglo XX. In: BURIN, Mabel; MELER, Irene. *Género y familia: poder, amor y sexualidade en la construcción de la subjetividad*. Buenos Aires: Paidós, 2006, p. 129-162.

MICHEL, Andrée. *El feminismo*. México, D. F.: Crea, 1983.

MOSSUZ-LAVAU, Janine. As mulheres e a sexualidade: novos direitos, novos poderes? In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 79-89.

MURARO, Rose Marie. *A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. 3.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

NOVAES, Regina. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espíritos de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, dez. 2004.

_____. Políticas de juventude no Brasil: continuidades e rupturas. In: FÁVERO, Osmar *et al.* (orgs.). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007, p. 253-281.

NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES.

Relatório final do Projeto Papo Sêrio. Florianópolis: UFSC, 2009.

Disponível em:

<http://www.nigs.ufsc.br/pdf/relat%F3rio_papo_serio2009.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2010.

NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES.

Relatório final do Projeto Papo Sêrio. Florianópolis: UFSC, 2010.

NUNES, Silvia Alexim. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In:

BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloísa Buarque (orgs.).

Horizontes plurais: novos estudos de gênero no Brasil. São Paulo: FCC; 34, 1998, p. 225-248.

OLIVEIRA, Denize Cristina de *et al.* “Pegar”, “ficar” e “namorar”:

representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Revista*

Brasileira de Enfermagem, Brasília, v. 60, n. 5, p. 497-502, set./out. 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp, 2000.

OLTRAMARI, Leandro Castro. *Representações sociais da AIDS, relações conjugais e confiança*. Florianópolis: UFSC, 2007. Tese (Doutorado) – Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC.

ORTNER, Sherry B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar *et al.* (orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007b, p. 45-80.

_____. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, Miriam Pillar *et al.* (orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007a, p. 19-43.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 278-321.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. In: FÁVERO, Osmar *et al.* (orgs.). *Juventude e contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007, p. 13-28..

PERISTIANY, John G. Honra e vergonha numa aldeia cipriota de montanha. In: _____. *Honra e vergonha: valores nas sociedades mediterrânicas*. 2.ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1988, p. 139-155.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PILONI, Nayara Uber. *Jovens alternativos em Florianópolis: sexualidades, festas e estilos de vida*. Florianópolis (SC). 2010. 109 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

PIRES, Flávia. Ser adulta e pesquisar crianças: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 225-270, 2007.

PLATÃO. *O banquete*. 3.ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

PRETTO, Zuleika. *Como tecer a mais antiga/contemporânea trama: significações do amor segundo homens jovens universitários*,

Florianópolis (SC). 2003. 123 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003.

REBREYEND, Anne-Claire. Les “filles amoureuses”: une nouvelle catégorie des années 1950. In: BLANCHARD, Véronique *et al.* (dirs). *Les jeunes et la sexualité: initiations, interdits, identités (XIXe-XXIe siècle)*. Paris: Autrement, 2010, p. 300-310.

_____. Pour une histoire de l'intime: sexualités et sentiments amoureux en France de 1920 à 1975. *Genre et histoire*. Disponível em: <<http://www.genrehistoire.fr/document.php?id=204>>. Acesso em: 10 dez. 2008.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, p. 103-118, maio/ago. 2003.

RIETH, Flávia. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n. 17, p. 77-91, jun. 2002.

_____. *Sexo, amor e moralidade: a iniciação na juventude de mulheres e homens*, Pelotas (RS). 2001. 311 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001.

RIOS, Luís Felipe *et al.* Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 673-682, out./dez. 2008.

ROSA, Rodrigo. Escolha do cônjuge em Portugal. *Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2002, p. 109-119.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o ocidente*. 2.ed. Lisboa: Veja, 1999.

RUBIN, Gayle. *Pensando o sexo: notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade*. 2010. Disponível em: <<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2011.

SANTOS, Filomena. Sem cerimónia nem papéis: uma análise da coabitação em Portugal. *Actas do Colóquio Internacional Família, Género e Sexualidade nas Sociedades Contemporâneas*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 2002, p. 97-107.

SARAIVA, Eduardo Steindorf. *Conjugando amor e desejo: experiências masculinas do “assumir-se” homossexual*. Florianópolis: UFSC, 2007. Tese (Doutorado) – Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC.

SCHUCH, Patrice. *Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre/RS*. 1998. 213 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 1998.

_____. “Ficar” ou namorar: eis a questão: relações de gênero, afeto e corpo entre jovens universitários de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 1, n. 3, p. 282-302, dez. 2002.

SEDWICK, Eve Kosofsky. *Epistemología del armario*. Barcelona: Tempestad, 1998.

SILVA, Cristiane Gonçalves Meireles da. O significado de fidelidade e as estratégias para prevenção da Aids entre homens casados. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 36, n. 4, p. 40-49, ago. 2002.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009.

SIMMEL, Georg. Fidelidade: uma tentativa de análise sócio-psicológica. *Revista Brasileira de Sociologia das Emoções*, João Pessoa, v. 2, n. 6, p. 513-519, dez. 2003.

SINGLY, François de. *Libres ensemble: l'individualisme dans la vie commune*. Paris: Nathan, 2000.

_____. *Sociologie de la famille contemporaine*. 3.ed. ref. Paris: Armand Colin, 2009.

SOARES, Rosângela. “Fica comigo”: juventude e pedagogias amorosas/sexuais na MTV. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 311-335, dez. 2007.

SOUZAS, Raquel; ALVARENGA, Augusta Thereza de. Da negociação às estratégias: relações conjugais e de gênero no discurso de mulheres de baixa renda em São Paulo. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 15-34, dez. 2001.

STENDHAL. *Do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

TRIGO, Maria Helena Bueno. Amor e casamento no século XX. In: D'INCAO, Maria Ângela *et al.* (org.). *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 88-94.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 7-31, 1995.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 4.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

- VIEIRA, Elisabeth Meloni. A medicalização do corpo feminino. In: GIFFIN, Karen; COSTA, Sarah Hawker (orgs.). *Questões da saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999, p. 67-78.
- VILLENEUVE-GOLKAP, Catherine. Vivre en couple chacun chez soi. *Population*, Paris, v. 52, n. 5, p. 1059-1081, 1997.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 47-64.
- WEINGARTNER, Carmen Lisboa *et al.* O ficar e o namorar vistos pelos adolescentes. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, n. 8, v. 1, p. 181-203, jan./jul. 1995.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 107-126, jan.-abr. 2005.
- _____. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006.
- WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 461, v. 2, p. 460-482, ago./dez. 2001

ANEXOS

[Quero um namoro sério, mas os meninos só querem ficar!](#)

Categorias: [Papode Amiga](#) - Por **Fernanda Bastos** às 13:28 [Comentários 23](#)

0Share

Podem acreditar, tem horas que só sair beijando sem compromisso não satisfaz mais. A M. conta pra gente: *“Esse ano decidi que não quero mais ficar com um e outro, quero um namoro sério, que eu goste de verdade. Mas os meninos que eu conheço querem apenas ficar. Quero saber o que fazer e se o problema é comigo ou com eles.”*



Antes de mais nada: calma! O ano acabou de começar! Infelizmente, na vida as coisas não funcionam na velocidade das nossas vontades. Dê tempo ao tempo. Sempre.

A boa notícia é que você sabe o que quer, e isso é meio caminho andado para alcançar o seu objetivo. Mas tenha cuidado com duas coisas: primeiro, para não sair namorando qualquer um só pra dizer que namora; depois, pra não ficar muito ansiosa querendo um compromisso sério e espantar os gatinhos.

Talvez você devesse adaptar sua resolução de Ano Novo para “esse ano quero encontrar um cara muito legal que goste de mim”. Isso porque namorar é apenas uma consequência disso. Isso evita que você caia em qualquer uma daquelas duas armadilhas.

E para encontrar o gatinho é aquela receita básica: olhe para os lados, não perca oportunidades para conhecer gente nova e... Se distraia! Quando o assunto é namorado, quanto mais a gente procura mais difícil fica para achar. Dê oportunidades para que as coisas aconteçam naturalmente, o que talvez signifique topar uma ficada aqui, outra ali para ver se a coisa avança.

Quanto aos garotos... Acho que eles querem só ficar até que apareça uma garota que faça a diferença. Por isso, não se preocupe! Quando for pra ser, será!

Quem mais está a procura de um namoro sério em 2011?

Beijo

Fê

Como transformar uma ficada em um namoro?

Publicado em 05/06/2009 17:30

por Redação CAPRICO



Com o Dia dos Namorados chegando, as meninas da República CAPRICO deram conselhos super úteis para quem quer transformar um casinho rápido em namoro sério.

As meninas da **República CAPRICO** dão dicas incríveis pra você transformar a ficada em namoro de verdade. Parece difícil, mas basta ter um pouquinho de paciência...

joaninha": é só deixar rolar... tipo vai deixando a pessoa gamada em vc aos poucos sem q ela perceba e sem parecer desesperada pela pessoa. Quando ela perceber ja ta apaixonada ^^ (eu axo)

maria.carola: Mostrar q vc esta interessada por ele, ser mais gentil, carinhosa, mais LIBERAL! Mais se o menino NÃO se tocar eu ñ sei oq fazer não, pq comigo, foi o menino q me pediu em namoro!

Mazinhax: Bom se vc tiver coragem é bom falar pra ele o que vc sente mais no caso de ter vergonha de desabafar é só ficar com ele e esperar que ele te peça em namoro.

Lêeh'z: mostre q o namoro é coisa séria : passe mais tempo com o menino seja confiante acredite nele e ele vai perceber q vc qr um romage sério ! ;x

Jenn: É só deixar de ser cça, e parar de ficar com MOLEQUES...Leve as coisas a sério, GIRL!

Mi_Ccô: Agir naturalmente e jamais mentir... Ser vc mesma... acho que é fundamental!!! E não ceder a transa nos primeiros encontros.

Keyth_viana: É só não se oferecer D+. Deixar acontecer...

My Martins: Bom... só poderia transformar em namoro se percebesse uma química ali na fikada! Pois não dá pra transformar em namoro uma fikada sem nenhum sentimento!

giu (: aai, tem que amar a pessoa verdadeiramente como ela é nada da certo com mentira, tente ser sincera mais que voc pode,não se conquista a pessoa dando presentes,se conquista com amor(:

thaysdias: essa é fácil :D se você já conhecia o menino antes de ficar, então ele já sabe do jeito e gosta dele, senão não ficaria -rs .. só não mude e deixe rolar .. o namoro é certo.!

catmorning_ : Você tem que ser companheira mas não grudenta, quando o gato perceber que você é a garota certa, vai rolar namoro!

<http://capricho.abril.com.br/comportamento/como-transformar-ficada-namoro-475349.shtml>

O que eles pensam sobre namoro virtual?

Publicado em 03/01/2008 13:50

por Aline Vieira

No começo é tudo maravilhoso, mas será que com o tempo os garotos não cansam de uma relação sem a presença física?



É sempre assim: navegamos ali, aqui e, de repente, conhecemos um menino super interessante na internet. A amizade cresce, a intimidade também e quando menos esperamos, estamos comprometidas virtualmente com o rapaz. A relação parece normal e sadia, mas será que rola sinceridade por parte deles?

Há quem diga que sim. O estudante Ricardo Lopes de Oliveira, de 18 anos, já teve 3 namoradas na internet e acha tudo muito normal. Inclusive, ele acredita que os relacionamentos virtuais são mais sinceros. Ao vivo você se apaixona primeiro pelo físico e só depois pelas idéias. Já na internet é diferente. Você gosta das idéias e depois pensa no visual da menina, explica.

Ela está há 3 mil quilômetros... e agora?

Por mais que você acredite que não, existem sim os meninos que agüentam manter um relacionamento virtual e, cabe à você, escolher um cara tranqüilo que esteja preparado para isso. Quando se inicia uma relação assim, deve-se estar ciente que as dificuldades vão aparecer e que, se você não for forte o suficiente, tudo vai acabar indo por água abaixo... Francisco Costa, 23, diz que para namorar pela internet é preciso ter paciência e esperar o momento certo para ir conhecer a namorada pessoalmente. Se você gosta de verdade, você vai visitar ela, diz.

Foi isso que aconteceu com o estudante Thiago Rafael, 20. Ele é de São Paulo e namorou uma garota de Recife por quase um ano. As brigas e o ciúmes começaram a ser freqüentes e eles decidiram que não dava para manter uma relação assim. Mas Thiago gostava tanto da ex-namorada que decidiu deixar tudo e ir passar uma semana na cidade. Minha família achou um absurdo, mas mesmo assim eu viajei para lá e tive a chance de a conhecer. Foi um sonho realizado.

Dá para amar pela internet?

A pergunta principal quando se tem um relacionamento virtual é: Como saber se você gosta de verdade ou se só não está carente? Para as meninas, que são muito mais sonhadoras e românticas do que os garotos, fica a dúvida: Será que ele me ama de verdade?

Sinceramente... não encontramos ninguém que tenha essa resposta.

Ricardo diz que é difícil saber o que acontece no coração. As vezes pensava: será que não estou projetando a minha carência em alguém próximo ao invés de procurar alguém pra gostar?. Já o estudante Caio Henrique Caprioli, 20, que manteve um relacionamento de 5 meses pela internet, acredita que dá pra gostar, mas não sabe se amar é a palavra certa. Só dá pra saber isso quando você sente a pessoa, quando toca, diz.

E a demora na hora de conhecer?

Todo mundo diz e é verdade: os meninos sentem uma necessidade louca de toque.

Enquanto você pensa em discutir a relação, ele pensa em agarrar, beijar e só soltar você depois que estiver satisfeito.

Ricardo confirma que os meninos sentem dificuldade em controlar as vontades e que, depois de conhecer a menina com quem saíam virtualmente, fica ainda mais complicado.

Enquanto só se falam, você tem aquilo como natural. Depois que vê pessoalmente é diferente. Você não vai conseguir mais ver nenhum casal abraçado que na hora vai pensar eu quero tal pessoal comigo.

Caio diz que não só os meninos, como também as meninas, não conseguem sustentar um namoro que envolva somente a conversa por muito tempo. Você tem que ver a pessoa, abraçar, sentir química. Virtualmente é tudo diferente, diz. Então se você quer mesmo que o seu namoro virtual vire real, faça o que for possível para conhecê-lo pessoalmente logo.

Traição existe em namoro virtual?

Aqui é que as coisas começam a complicar. Tem gente que acredita que traição é traição e não importa se vocês moram longe. Outras, como Thiago e a namorada de Recife, crêem que enquanto não podem ficar juntos definitivamente, devem se divertir com outras pessoas. Caio, Ricardo e Francisco garantem que nunca nem pensaram em trair!

Namoro virtual é coisa de gente feia e incapaz

Caio discorda dessa frase. A internet é um jeito de dissipar a fobia social. No olho a olho é tudo mais difícil, então por que não começar por aí?. Já Francisco concorda. Pode ser. Mas é principalmente coisa de gente tímida. A internet é uma tentação.

<http://capricho.abril.com.br/comportamento/eles-pensam-namoro-virtual-415282.shtml>

Meninas que beijam meninas

Publicado em 16/11/2007 12:04

por Marina Fuentes



Curtição. Desafio. Provocação. Os motivos são muitos, mas a verdade é que virou moda meninas beijarem as amigas, na boca e de língua

Um belo dia, ou uma bela noite, elas vão lá e se beijam, dão risada, se divertem, e depois cada uma vai para seu lado, ou mesmo continuam juntas na balada como se nada tivesse acontecido. A demonstração moderninha de afeto entre meninas é tão freqüente que deixou de ser escondida ou vista apenas em lugares de público GLS. Agora as garotas dão verdadeiros malhos no meio das pistas de clubes de rock e de música eletrônica, entre as mesinhas dos bares e até nas faculdades, sem dar a mínima para quem está vendo. Ou ainda aproveitam e se exibem para os garotos chegados em ver duas meninas juntas. A música do Capital Inicial, que fala da Mariana que gostava de beijar meninas de vez em quando, é muito verdade.

Deu vontade

"É uma coisa de momento. Você está lá dançando com a amiga e quando percebe o beijo já está rolando", explica Nana, que tem 19 anos e estuda comunicação. Nana diz que gosta mesmo é de meninos, mas acha legal poder ficar com outras meninas, mesmo sem saber direito o porquê. "Não sei por que fico com outras garotas. Acho que tem um lado de querer se afirmar, de se mostrar livre, mas de se descobrir também."

Bruna, 16 anos, morria de curiosidade de saber como era beijar outra menina. Uma noite, em um show, uma amiga que é lésbica estava lá dando sopa, e ela não teve dúvidas: chegou junto. "Foi de brincadeira, a gente estava no meio do show e acabou rolando", lembra ela, que continuou beijando outras amigas em uma ou outra balada até começar a namorar um menino. "Agora não beijo mais ninguém fora do relacionamento. Independente de ser homem ou mulher, eu acho que é traição."

Flora, 18 anos, estudou em um colégio de São Paulo em que a maioria das garotas se beija ou já se beijou na boca. Na balada, elas têm até um jogo do beijo baseado no famoso "dois ou um". "A gente mostra os dedos. Depois todas que tiraram o mesmo número se beija", explica.

Sou lésbica?

O que incomoda as garotas que beijam garotas é o julgamento das outras pessoas que não entendem o comportamento como mera curtição. Em uma enquete no site da CAPRICHÔ muitas leitoras disseram que beijar outra menina é coisa de lésbica ou bissexual que não tem coragem de se assumir mas 65% das que responderam à pesquisa afirmaram conhecer alguma menina que já beijou uma outra. "Eu não me considero bissexual, acho que sou uma garota hetero que passou por outras experiências", discorda Nana. Bruna já ficou encanada durante um tempo com a dúvida "será que sou lésbica? Será que sou bi?" Depois, relaxou. "Sou muito nova para me rotular", diz.



Para Bruna, o pior de beijar outra garota em locais públicos é ouvir "um monte de absurdo". "Detesto quando falam que estou beijando outra garota por falta de homem, não tem nada a ver", conta, indignada.

Selinho

Nem sempre as amigas menos liberadas conseguem entender a diversão. "Um dia cheguei na escola e dei um selinho numa amiga. Uma garota da minha classe fez cara feia e disse que não precisava ver aquilo. Na hora do intervalo, fomos até um pátio afastado e demos um malho na frente dela, só para causar", conta Flora rindo. Duas amigas de infância dela também fizeram cara de nojo para a novidade. "Mas uma delas acabou beijando outra menina um ano depois", diverte-se.

Bruna prefere esconder das pessoas que possam não entender. "Por mim eu falava numa boa, sou bem resolvida, mas os outros não são. Se todo mundo soubesse, ia ficar falando, minha família ia ficar mal com uma coisa que não tem nada demais. O negócio é negar até o fim", diz.

Moda?

O comentadíssimo beijo entre Britney Spears, Madonna e Aguilera no VMA da MTV só comprova que o beijo entre duas mulheres é uma moda. Tudo começou com um ou outro editorial de moda com o apelo "lesbian chic" em que duas modelos insinuavam que havia algo mais entre elas no começo dos anos 90. A coisa foi crescendo e é comprovadamente um marketing eficaz. Um grande exemplo é o suposto falso namoro entre as integrantes da banda t.A.T.u. Após meses em turnê e nas paradas européias, foi dito que o relacionamento entre Lena e Yulia não passava de um golpe comercial. Se for mesmo verdade, agora é tarde: milhares de meninas no mundo todo se identificaram com a dupla russa.

E os meninos nessa?

A maioria dos garotos parece achar o máximo a nova onda do beijo na boca entre as meninas. "Tem carinha que se empolga muito do nosso lado. Eu fico revoltada com eles", conta Bruna, irada.

De fato, muitos garotos são fãs do beijo "a duas" e não ligam de ficar com uma menina que já passou por essa experiência. "Eu acho que não tem coisa mais legal do que ver mulher beijando mulher. Não deixaria de ficar com uma menina que eu estivesse a fim só porque ela beijou outra", diz Bruno Franco, de 19 anos. Se o tal beijo fosse com a namorada, o entusiasmo dos garotos não seria tão unânime. "Eu acho que não ficaria com ciúmes. Só se ela me trocasse de vez", afirma Bruno. Já o namorado de Flora não acha graça nenhuma nas beijocas dela e das amigas. "Ele acha que é traição, morre de ciúmes. Eu acabei dando uns beijinhos em menina muito minha amiga. Ele não gostou, mas acabou me perdoadando", explica.

Quem beija outra menina é lésbica?

Para o professor de psicologia da adolescência da PUC, Miguel Perosa, o simples fato de a menina ter beijado uma amiga não determina alguma tendência homossexual ou bissexual. Segundo ele, em muitos casos, o beijo é uma forma de auto-afirmação e de afirmação com a turma. "Essa onda de meninas beijarem as amigas não me parece um comportamento sexual e sim social. É mais para mostrar o quanto elas são liberadas, sem preconceitos. É um desafio para quem faz", diz ele.

Agora, é lógico que um beijo de língua é um contato físico forte. "Se a garota já passou da puberdade, é claro que isso pode mexer com a sexualidade", explica o psicólogo. Isso de mexer com a sexualidade não significa que beijar a amiga vai abrir a porta para o homossexualismo, mas a menina deve saber e se questionar por que decidiu beijar a amiga. "Se o beijo vai despertar uma homossexualidade vai depender de uma série de outras coisas, como a relação da garota com o sexo oposto, por exemplo". Outro ponto importante é saber se o beijo rolou por livre e espontânea vontade, e não apenas para se sentir "in". Se beijar só para imitar as amigas, a garota tem grandes chances de se arrepender. "É preciso que cada uma saiba o preço que está disposto a pagar para participar de um grupo", alerta o psicólogo.

<http://capricho.abril.com.br/comportamento/meninas-beijam-meninas-415328.shtml>

Você tem coragem de chamar um garoto para sair?

Publicado em 03/04/2009 12:41

por Redação CAPRICHÔ



Na República CAPRICHÔ, as meninas discutem se é normal ou não convidar um menino para sair. E a gente quer saber a sua opinião: você acha que tomar a iniciativa antes do garoto tem algum problema?

Lana: Nãooooo! Morro de vergonha. Acho que iria me embananar toda!

Éa Camilla: Não só chamaria como já chamei e agora, talvez, a gente comece a namorar :) Pô, é só você chegar, conversar na moral com o carinha e depois investir se você ver que vale a pena.

Lety338: Não. Chamar pra sair é coisa pra homem fazer!

Sarah B.: Chamaria numa boa! E não tem nada de mais. É um garoto. Se eles podem, por que a gente não?

Kamilinhaah_194: Sim. Eu daria indiretas, sei lá. Se eu conhecesse ele há bastante tempo, chamaria sem problemas, mas se eu conhecer ele há alguns meses, acho que não chamaria não.

Cullen-photos: Mandaria uma carta hiper fofinha dizendo o quando gosto dele e que gostaria de sair com ele =D

Rôoseê: Ai, eu não sei. Depende do quanto eu gostar do garoto. Antes eu teria certeza que ele iria aceitar! ;)

Karla. H: Poxa, eu tenho vergonha. Prefiro que ele tome as decisões. Mas, se ele for tímido também, aí fica difícil. Então eu penso "eu não tenho nada a perder". Ai eu falo: "Vc quer sair cmg?"

Isabel.mussato: Sim, chamaria, se eu gostasse dele pra valer e se ele não fosse um daqueles "manés" que depois fica debochando de mim, sim chamaria numa boa...

Ellen monyck: Não. Eu daria confiança e ficaria fazendo charme de longe. Mas se ele quiser, ele que chegue em cima de mim. Não sou garota de chamar um garoto pra sair! São eles que me chamam!

Yasmingirl195: Perguntaria o que ele ia fazer no dia e se ele dissesse que não ia fazer nada, eu diria que estava com vontade de tomar sorvete e o convidaria para tomar comigo!

Nikeeh: Chegaria sussa "pô vamos marcar algo essa semana? Sair, talzzz?" auhauhauhauha Sei lá, hoje em dia nem precisa mais olhar na cara. É só entrar no MSN que é fácil...

Rockeirinha: Nem pensar! No máximo pediria a uma amiga pra pergunta se ele gostaria de sair comigo. Mas eu, pessoalmente, de jeito nenhum!

Aline.rw: Já fiz ;) e tô namorando ele shuashua. Ele comentou por MSN que queria ver o filme 300 e eu: 'Ah, esse eu já vi, mas ainda não vi "As férias do mr. bean", Tá afim de ir comigo?'

/dooadesorte: Nunca. Acho isso super feio! Chamar pra sair eu nunca chamaria, mas se tá aquele clima entre nós dois, não tenho vergonha de ter a iniciativa de beijar ele!

<http://capricho.abril.com.br/comportamento/voce-tem-coragem-chamar-garoto-sair-432760.shtml>

Pergunta:

"Oi Rosely, tudo bom? Espero que sim. Tenho 15 anos e quero que você me tire uma dúvida. Estou namorando há 4 meses e nunca pensei em trair minha namorada, mas meus amigos - e até meu pai - já me falaram que sou um trouxa se eu não meter um par de chifres nela. Estou meio confuso, espero que possa me ajudar, pois acho que ser fiel é uma virtude. Obrigado."

Resposta:

É um prazer falar com você sobre esse assunto!

Sabe, passar pela adolescência já não é muito fácil porque é muita coisa acontecendo ao mesmo tempo: transformações físicas, encruações, descobertas de si e do outro, e tudo isso leva a cabeça a andar a mil por hora.

Em relação à mudança do corpo, não há escolha: os hormônios amadurecem e começam a agir, quer você queira ou não, quer você goste ou não. Já a cabeça... essa depende muito dos rumos que cada um toma.

Tornar-se adulto é escolher um caminho, acreditar nele, lutar por ele, sem esquecer das conseqüências. É nessa hora que meninos e meninas têm a chance de deixar de ser "Maria vai com as outras".

Quando você decide colocar uma roupa porque gosta, mesmo sabendo que outras pessoas não curtem, você sabe que corre o risco de ser criticado, mas faz esta escolha pelo prazer que lhe dá sentir-se bem com ela, porque acredita que é o melhor que está fazendo para você, não é verdade? Pois o mesmo acontece com as idéias a respeito da vida, dos relacionamentos.

Trouxa quer dizer, tolo, sem inteligência, ou sem juízo e, se você também tiver a curiosidade de olhar dicionário, vai ver um monte de outras gírias que são sinônimos dessa. Você acha que um adolescente que sabe o que quer, que tem opinião, que pensa nos outros é um trouxa??

Não meu caro, você é muito esperto porque questiona o que os outros falam, porque tem opinião e sabe o que quer.

Por último, atrás da frase, "...um trouxa se não meter o chifre nela" há muito de discurso machista, antigo, que quer dizer que o homem precisa provar para os outros a sua masculinidade. Você não precisa provar nada para ninguém. Se você acha que fidelidade é uma virtude, bola pra frente, garoto! Você tem claro o que quer e, sendo coerente com o que sente e pensa, você vai longe! Beijão!

Rosely Sayão

16/10/01

<http://teensexo.uol.com.br/duvidas/ps161001.jhtm?tipo=22&escolha=22>

Quando você liga no dia seguinte?

Por [Texto: Karolina Pinheiro](#) | [Foto: Mário Aguas](#) às 15:38



George: só ligo caso a ficada tenha sido sensacional.

Henrique: ou se a menina for muito, muito linda e maravilhosa.

Vinicius: mas ela precisa entender que o simples fato de ligar não quer dizer que estou apaixonado.

Henrique: é só sacar o modo como rola a conversa. Quando um garoto quer algo a mais, fica interessado em saber sobre a vida da menina. Se não, convida para sair e pronto.

George: não vale se iludir. É difícil que um simples telefonema depois da ficada tenha intenções mais sérias.

Vinicius: aí é o caso dela ter impressionado muito antes.

Henrique: verdade! Ela tem que saber como agir, conduzir o cara para que ele sinta vontade de falar com ela novamente.

George: e isso é fácil de fazer. É só ser fofo e misteriosa durante o primeiro encontro.

Vinicius: outra coisa importante é esperar o garoto pedir o telefone. Não tem nada a ver ela dar uma de desesperada e pedir antes.

George: não concordo. Eu curto quando é ela quem liga.

Henrique: eu até acho ok ela pedir. Mas acho que devia mandar um SMS antes de correr o risco de não ser atendida.

Vinicius: o importante mesmo é não ficar esperando a ligação. A verdade é que, às vezes, pedir o telefone é só uma questão de educação, não de vontade própria!

<http://capricho.abril.com.br/garotos/quando-voce-liga-dia-seguinte-470626s.html>

Pergunta:

"E aí, Rosely, tudo bom? Bem, eu estou com uma confusão imensa na cabeça. Tenho 16 anos e namoro uma menina de 15. Nós nos damos muito bem e o namoro só tem a melhorar. Mas durante a minha vida inteira eu fiquei com diversas meninas e nunca fui acostumado a ser preso a uma só. Acabei de viajar para a praia e vi o quanto eu ainda quero continuar aquela vida antiga de ficar com várias. Mas, ao mesmo tempo, não quero terminar com ela, pois nós nos gostamos muito. Então fica na minha cabeça assim: um dia essa chance de ficar com várias vai terminar e eu posso não ter aproveitado a adolescência do jeito que meu instinto pede. Então, o que faço?"

Resposta:

Caro, você só tem 16 anos e já está falando de coisas que podem durar "durante a vida inteira"! Até parece que você tem o triplo da sua idade! :o))

Vamos por partes: quando você era criança, o que você chama de "instinto", que nada mais é do que sua vontade, do que seus impulsos, era controlado por seus pais ou por seus responsáveis. O que acontece na adolescência? Você passa a aprender a fazer isso sozinho. Passa a ter liberdade de escolha, de decisões, mas também passa a ter a responsabilidade sobre elas. Isso quer dizer que você pode fazer o que achar melhor: continuar com a sua namorada, ou ficar com as outras - mas você já sabe que isso provoca "uma confusão imensa" na sua cabeça.

Sabe por que você se sente confuso? Porque já percebeu que não existe a saída mágica: sempre que se toma uma decisão, é preciso deixar algo para trás. E agora não dá mais para seus pais decidirem por você! É com você mesmo! Mas que é difícil decidir, isso é!

Na adolescência, são essas escolhas que fazem o garoto/a ir amadurecendo e se preparando para a vida adulta. Quem escolhe sempre perde alguma coisa. Mas ganha também: ganha em tirar da cabeça a confusão, ganha tranquilidade por ter tentado fazer a coisa que acredita ser a melhor.

E sabe de uma coisa? Não tenha medo de errar na escolha! Sim, você errará algumas vezes, como todo mundo e durante toda a vida. Mas todas elas valerão a pena, por você ter tentado acertar e por aprender com isso.

O que você faz? Faça uma escolha! Não importa qual. O fato de se decidir vai fazer com que se sinta muito melhor. E lembre-se: quem deve comandar suas vontades agora é você. Ela pede, mas você manda, e faz o que acha que é melhor para sua vida.

Beijo!

Rosely Sayão

03/01/02

<http://teensexo.uol.com.br/duvidas/ps030102.jhtm?tipo=14&escolha=14>

Pergunta:

"Olá, boa noite!! Gostaria de saber qual o segredo ou truque para prender um homem, ou melhor, para ele ficar caidinho pela gente. Estou de rolo com um rapaz já faz mais ou menos 2 meses, só que ele é assim: tem dias que liga, aparece, manda e-mails, e tem dias que ele some e fica sem nem dar notícias. Gostaria de saber o que acontece com esses tipos de homens."

Resposta:

Bem, desse jeito só falta uma coisa: você dizer que "homem é tudo igual"... Não, bonitinha, esse não é um bom começo, portanto vamos conversar sobre essas coisas que você pensa e diz. Que tal começar por isso que você chama de truque ou segredo para deixar o cara ligado em você? O segredo é: isso não existe! :o)

Quando um cara se interessa por uma garota, nem ele sabe bem ao certo o motivo: pode ser a cor do olho, o timbre de voz, o jeito de ela alisar o cabelo, a gíngua dela ao caminhar, a covinha no queixo, o sorriso... Mas ele trata logo de arrumar um bom motivo para explicar a atração que sente: acha que a garota é bonita, inteligente, gostosa, que fala bem, que gosta das mesmas coisas que ele, que é interessante, por exemplo. Cada um vai arrumar os seus motivos.

A atração inicial pode se transformar em sentimento, em afeto, em amor. E o cara pode, ou não, querer se comprometer com o que ele sente. E com a garota por quem ele sente tudo isso. Como você vê, não depende só da garota ele querer ficar caidinho por ela!

Claro que se a garota fica íntima dele, aprende a conhecê-lo, vai saber como fazer coisas que ele goste, vai saber agradar o cara. Mas isso não é o suficiente para ele ficar caidinho! Não por muito tempo.

Portanto, melhor do que querer deixar um cara caidinho por você, é procurar conhecer melhor o cara por quem você está caidinha, e ver se dá em um bom relacionamento, ou não. Pra ele e pra você.

E não tem essa de "tipos de homens" que aparecem e desaparecem... Se você está a fim dele, tem que aprender a entender os sinais que ele dá: é o jeito dele, ou ele é a fim só de ficar com você quando tem vontade? Se for isso, bonitinha, cabe a você decidir se quer o mesmo que ele, ou não.

Beijinho!

Rosely Sayão

11/04/01

<http://teensexo.uol.com.br/duvidas/ps120401.jhtm?tipo=14&escolha=14>

Garotos falam o que é uma menina galinha

Por [por Fernanda Fatureto](#) às 14:06



Leandro: é aquela que já sai com o intuito de ficar com alguém. E tudo com ela é mais fácil e liberal. Só que, para nós, o que é difícil é mais gostoso.

Renan: é só observar a menina mais oferecida da pista de dança.

Thomas: ah, não tem como dizer quem é ou não. A menina pode sair para dançar e se divertir, mas não ser vulgar. Geralmente, a galinha dança rebolando, para os outros olharem.

Leandro: a pior galinha é aquela que sai com o namorado e fica olhando para os outros na balada.

Thomas: verdade! Mas só na conversa descobrimos se ela é. Uma menina que aceita trocar idéia, tem assunto e não é vulgar ganha ponto com a gente! Porque, com a menina galinha, você fala meia dúzia de palavras bonitas e ela já está pronta para beijar.

Leandro: se a menina que não é galinha estiver a fim, vai conversar um tempo com o cara primeiro até rolar o beijo. E, mesmo não ficando de primeira, dá para fazer amizade e tentar depois.

Renan: com a galinha, basta olhar que ela sai beijando.

Leandro: conheci minha namorada na academia e demorou 3 meses para me aproximar dela. Rolou um jogo de sedução. Se fosse fácil, se na outra semana já pegasse, não estaria com ela há 3 anos.

Thomas: eu fiquei com uma galinha certa vez e caí do cavalo. Ela combinava de sair comigo e saía com outro. Acabei desencanando.

CAPRICHIO: e a lenda de que menina galinha é para pegar e as certinhas para namorar?

Thomas: para ficar uma vez ou outra na vida! Por isso, quando acontece de ficar com um tipo assim, sei que é só aquela noite e tchau. Evito, já que não gosto de ser mais um na lista de 20 caras.

Leandro: pelo que sei, nunca fiquei com galinha, mas se um dia rolar é só porque ela era muito gata, vou levá-la para casa e não vai ter dia seguinte. Mas os amigos vão pegar no pé, zoar. Aprendi com um amigo: *“prefiro ir embora sozinho do que mal-acompanhado”*.

CAPRICHIO: e se vocês apaixonarem pela galinha?

Renan: quando você vê a menina com outro, esquece dela rapidinho. O que vem fácil vai embora fácil.

Thomas: não posso dizer que nunca vai acontecer, mas, se a menina estiver interessada, ela vai parar de ficar com 2, 3 em cada noite e vai mudar de atitude. Mas, se eu a vir com outro, vou ficar mal e partir para outra.

Leandro: olha, com uma menina dessas é preciso ficar um ano sem sair de casa. Imagine a vergonha dos amigos!

<http://capricho.abril.com.br/garotos/garotos-falam-menina-galinha-415376.shtml>

Pergunta:

"Essa coluna é quase que só para quem já tem seu par, mas eu não agüentei esperar ter o meu para enviar uma pergunta: Tenho 21 anos, sou bonito e simpático mas não acho uma mulher disposta a namorar e a ter um relacionamento legal porque elas só querem ficar, zoar e curtir. Aquelas que têm valor e que se dão valor já estão compromissadas. No trabalho todos(as) os(as) colegas têm namorada(o), estatística incrível. Fala-se que existe 5 mulheres para cada homem (boa piada). Acho que tem homem com 10, ou seja, com as 5 dele mais minhas 5. Eu queria saber o que acontece comigo. Será que eu tenho algum problema?"

Resposta:

Caro, esta coluna não é só para quem tem par. Como você, outros já escreveram contando as dificuldades para iniciar um relacionamento. Dê uma olhada no índice de perguntas para ver que outros tantos já passaram por aquilo que você está passando.

Bem, partindo do princípio de que a sua fonte de informação estatística está correta, :o)) ou quase, dependendo do lugar, cadê o seu par? :o))

Talvez você deva pensar no que escreveu em sua mensagem: "elas só querem ficar, zoar e curtir.

Aquelas que têm valor e que se dão valor, já estão compromissadas". Você não acha que está generalizando demais ao colocar todas as mulheres no mesmo "saco"? Além disso, sua generalização está carregada de um julgamento segundo o seu ponto de vista, a sua maneira ver o mundo. Não seria melhor começar a pensar no que você quer em vez do que os outros são?

Veja: na balança dos relacionamentos, nunca você vai encontrar uma pessoa perfeita. Por essa razão existe o namoro, o relacionamento, a negociação. Procurar uma mulher do jeito que você imagina é coisa que não funciona. Sim, eu sei, eu sei que parece mais difícil deixar de sonhar com princesas encantadas. :o) Acontece que relacionar-se é construir alguma coisa com alguém. Não é já encontrar algo pronto, segundo um modelo pré-concebido.

Despir-se de um modelo de mulher desejada poderá ajudar você a descobrir outros tipos, mulheres com outras qualidades que você nem sonha. Mas não se esqueça que relacionar-se com alguém quer dizer dar também um pouco de si, perder um pouco de si, e ganhar muito do outro.

Para terminar, uma última dica: você tem 21 anos. Está saindo da adolescência, trabalha e tem uma maturidade diferente de outros da sua idade que você conhece. Isso não é problema, é característica, é diferença. Não esqueça que meninos e meninas adolescentes que zoam, que querem ficar e curtir estão cumprindo a tarefa das descobertas. Eles não estão na idade de certezas, de decisões... Querer que garotas de 16, 17 ou 18 anos tenham claro o que querem na vida, é pedir que pulem uma etapa. Saiba que esse comportamento faz parte da adolescência e não há nenhum mal nisso.

Calma, que você chega lá.

Um abraço.

22.01.02

<http://teensexo.uol.com.br/duvidas/ps220102.jhtm?tipo=22&escolha=22>

Pergunta:

"Olá, é o seguinte: estou com uma mina há uns 3 meses, e agora ela veio com a conversa de que, de vez em quando, precisa sair com as amigas dela porque sente falta disso. O que será isso? Eu não tenho dúvidas de que ela realmente gostou muito de mim, porém eu não consigo me imaginar saindo sem ela, até porque eu abri mão de meus amigos pra ficar com ela. Obrigado."

Resposta:

Mas que beleza de pergunta! Adorei. Você nos deu a chance de conversar sobre essa história que atrapalha tantos casais de namorados: a dedicação exclusiva.

Namorar é muito bom, não é mesmo? Principalmente quando o casal está afinado e apaixonado: aí vem aquela vontade louca de ficar grudado o tempo todo, de fazer tudo juntos, de não conseguir ficar 5 horas sem conversar, sem trocar idéias, sem pedir ou dar palpite, sem fazer algum comentário. Mas nenhum casal sobrevive muito tempo assim, sabia? Mais cedo ou mais tarde, o casal se cansa. Sabe por quê?

Porque por melhor que o casal se dê, por mais que os dois conversem sobre vários assuntos e tenham muitos interesses em comum, ficar grudado assim acaba virando dependência e provocando insegurança. Isso sem falar de alguns assuntos, comentários ou desabafos que só com a melhor amiga ou amiga dá vontade de fazer. :o)

Sabe, namoro é bom para se compartilhar muitas coisas da vida. Mas se você abre mão de boa parte da sua vida, acaba sem ter o que compartilhar! Além disso, se você se priva de alguma coisa importante da sua vida - e amigo sempre é MUITO importante -, em nome do namoro, isso se transforma em cobrança, em pressão indevida. E lá se vai namoro minando, minando....minando.

Sua namorada tem razão: ela precisa ter espaço para viver um pouco sem você. E você também! Se vocês conversarem sobre isso, se tiverem confiança um no outro, vai ser muito mais legal os encontros entre vocês. Finalmente, um último toque: namoro sempre pode acabar... e se você largou os amigos, vai ficar como depois? :o)

Um beijo.

28.01.02

Fidelidade é...

Publicado em 16/11/2007 11:53

por Erika Kobayashi

Deixamos a frase no ar para que três casais a completassem. Na teoria, é fácil dizer. Mas e na prática, como funciona essa história de fidelidade?



Imagine a situação: você namora sério um cara legal, que a faz feliz a ponto de você nunca ter sentido vontade de beijar mais ninguém. Um dia, você fica presa no elevador com o Brad Pitt e ele dá em cima. Você seria fiel ao seu namorado? Para alguns, mais difícil do que resistir à tentação é responder à questão. Para outros, é absurdamente fácil. Porque cada pessoa tem uma noção de fidelidade. "Existe um conceito geral, que tem a ver com exclusividade, com não trair. E existem os limites de cada um", diz o psiquiatra Eduardo Ferreira-Santos, autor do livro *Ciúme, o Medo*

da Perda. "Mas a fidelidade é a quem? Ao outro ou a si mesmo? A fidelidade aos próprios desejos, sentimentos e vontades tem sido mais forte, é mais comum. Poucas pessoas renunciam ao seu desejo por causa do outro." Quando se trata de um casal, a fidelidade é quase uma equação matemática, um acordo entre os limites de cada um do que é aceitável no relacionamento. "A traição acontece quando esse acordo é quebrado", diz Eduardo. Para ele, homens e mulheres encaram a fidelidade de maneira diferente: "A sociedade é machista. Fidelidade para a mulher é só ter olhos para o namorado e para o homem é que ela só tenha olhos para ele."

... um acordo de vontades

"Para mim não existe fidelidade", diz Rafael Lucca, 20 anos. Ele e Juliana Moya, 18, namoram há um ano e meio. "Temos um acordo de vontades e valores. Se os valores de fidelidade são diferentes, acho difícil o namoro dar certo", diz Rafael. No caso dos dois, é igual. "É legal ser paquerado, é uma massagem no ego. Mas nem penso em ficar com outras. Tudo que eu busco encontro na Juliana", diz Rafael. "E se um dia a gente não encontrar mais o que busca no outro, não fará sentido continuarmos juntos", completa a namorada. O casal é bem relax: Vanessa viaja sozinha e Rafael vai para a balada só com os amigos na boa. É claro que no caso das viagens dela como a de formatura para Porto Seguro (BA) no ano passado bate uma insegurança. "Eu tinha dito para ele que poderia acontecer alguma coisa. Lá é um mundo meio à parte", conta Vanessa. "Eu também tive medo de ele me trair por vingança antecipada. Mas não adiantava ficar na nóia..." A combinação dos dois era de contar um para o outro se tivesse rolado alguma coisa com outra pessoa. "Acho que ficar com outro em um momento de fraqueza até dá para perdoar. Ficaria triste, decepcionado, mas não sei se terminaria por causa disso", diz Rafael. No fim, foi tudo tranquilo. Vanessa voltou ileso: "Os caras do axé não faziam o meu estilo. E passei a maior parte do tempo com duas amigas que também namoravam e estavam mais sossegadas."

... relatório e grude

Vanessa Lima e Rafael Garcia têm 16 anos e namoram há seis meses. Os dois fazem tudo juntos e são bem ciumentos. "No nosso acordo, tem que dar satisfação, compartilhar", diz Vanessa. "A gente gosta de saber tudo o que se passa na vida do outro." Para eles, a confiança e a fidelidade estão baseados no grude. Eles podem fazer o que quiserem desde que contem tudo depois. "Se não conta, é porque tem alguma coisa errada", fala ela. Se os dois são extremamente fiéis, de onde vem o ciúme? "Do medo de perder", ela completa. "Tem muita fofoca. Evito falar que acho uma menina bonita na frente de algumas pessoas porque a informação pode chegar de outra maneira nela", diz Rafael. O casal fez um pacto de não ir à viagem de formatura no ano que vem (os dois ainda estão no 2º ano do ensino médio). "Prefiro ficar aqui com o Rafael", fala Vanessa. "Como sei que não vou fazer nada de errado, vou acabar me sentindo excluída do resto da turma. Todo mundo vai para zoar, ficar com todo mundo." Ele tem uma opinião parecida: "Não vou, mesmo sabendo que Vanessa não vai fazer nada de errado, que não iria atrás de ninguém. Mas ela pode ser xavecada. Como eu não gostaria que ela fosse, também vou deixar de ir."

A fidelidade e você

804 leitoras responderam à enquete sobre fidelidade no site www.capricho.com.br

52% contariam para o namorado se tivessem ficado com outra pessoa

48% já traíram alguma vez

26,5% não consideram traição ficar com um desconhecido no Carnaval mesmo se tivessem um namorado

24,5% acham que tudo bem ficar com outro cara se o namorado mora longe

19% não acham que estariam traindo o namorado em uma ficada sem sentimento

8% são a favor de ficar com alguém durante uma viagem de intercâmbio enquanto o namorado estiver no Brasil

4,5% acham que uma transa sem compromisso não atrapalharia o namoro

2,5% acham normal ficar com outras pessoas em uma viagem de formatura sem o namorado

... difícil na nossa idade

Flávia Nobre, 16 anos, e Guilherme Favaro, 15, namoraram durante oito meses. Há dois meses terminaram o namoro, mas continuam amigos. Eles não são adeptos do "ninguém é de ninguém", mas não achariam o fim do mundo se rolasse uma ficada ou outra durante o namoro. "A liberdade era dada, quer dizer, falada", diz Guilherme. "Principalmente porque achava que ela nunca ficaria com outro." Flávia tinha a mesma postura: "A gente dizia que um lance de uma noite não acabaria com o namoro, mas não sei se aceitaria se ele ficasse com outra". Quando aconteceu, os dois não souberam lidar com isso. Flávia ficou com um cara em uma balada e contou para ele um tempo depois. "O pior não foi ela ter beijado outro cara, eu sabia que ela não gostava menos de mim por isso. Mas ela não me contou. Soube por outras pessoas", diz Guilherme. "Aprendi errando. Deveria ter contado", diz Flávia. Os dois afirmam que o namoro acabou por desgaste. Não acham que a ficada foi a causa principal apenas teve um peso. "Ficou difícil confiar depois." Guilherme diz que os dois não tinham individualidade no namoro e terminaram também para poder curtir. "Na nossa idade, esta palavra, fidelidade, não deveria ter esse peso. Os namoros não precisavam ser tão sérios", afirma ele.

"Beijo não é traição"

Gustavo Braga, 17 anos, já teve um namoro "meio aberto". Ele morava em Itajaí (SC) e a namorada em Florianópolis. "A gente dizia que se rolasse de ficar com alguém não teria problema, porque a gente morava em cidades diferentes", conta Gustavo. "Mas tinha que contar para manter a confiança e a sinceridade. Eu preferia saber por ela a saber por outras pessoas. Ainda bem que não aconteceu." Gustavo acha que traição tem mais a ver com sentimento. "Não tem tanto problema se uma namorada beijar outro garoto por beijar desde que não seja um amigo meu. Se rola numa balada e ela me conta, eu sei que ela ainda gosta de mim... O problema é começar a gostar de outro garoto e me iludir." Gustavo não faz o tipo ciumento, acha que a sinceridade é importante. "É legal fazer acordos. É praticamente impossível, por exemplo, ir para Porto Seguro e não ficar com outra. Ou no Carnaval. Mas não dá para acabar o namoro só por isso. Fidelidade é jogar limpo. Eu aceitaria isso de uma menina. Elas é que não aceitam. Por isso é difícil namorar hoje em dia."

Hormônio da monogamia

Os estudos mais recentes sobre a monogamia apontam que a mulher pode ser mais fiel que o homem porque possui mais ocitocina no organismo. Para quem não se lembra das aulas de biologia, esse é o hormônio responsável pela contração do útero na hora do parto. A conclusão veio de uma experiência em laboratório em que o hormônio foi injetado em um grupo de ratos, que manteve a família depois do nascimento dos filhotes, um comportamento atípico da espécie. O natural é a dispersão da família depois do parto.

<http://capricho.abril.com.br/comportamento/fidelidade-415379.shtml>

É melhor caçar ou ser caçado?

Por [por Karolina Pinheiro](#) às 13:09



Rafael: acho que é uma obrigação do cara ter atitude e chegar junto.

Danilo: concordo. Sem dúvida, prefiro xavecar a menina. É bem melhor saber que você conseguiu conquistar alguém do que ser conquistado.

Renato: que papo de velho é esse? Eu gosto muito mais de ser xavecado! A menina tem que ter atitude e escolher em vez de ser escolhida.

Danilo: mas isso ela pode fazer só com gestos e olhares, mostrando que está a fim do cara.

Rafael: também acho, mesmo porque, se ela chegar no menino, não vai ser ousada, vai ser oferecida mesmo.

Renato: discordo. Não acho que ela precise ficar só se insinuando. A garota pode, sim, se aproximar e dizer que está a fim.

Danilo: não é bem assim. A primeira impressão é a que fica. Se ela for muito direta, por mais que vocês conversem depois, sempre vai existir a dúvida se ela não chega em todos os caras.

Renato: é só a menina ser sutil. O ideal é falar uma coisa engraçada e quebrar o gelo.

Rafael: uma vez, uma menina disse que eu era o ovo da marmitta dela. Foi divertido e serviu para puxar papo.

Danilo: eu não curto essas piadinhas! Acho que a única coisa boa de ser xavecado é poder contar para os amigos depois.

Rafael: é verdade. Chegar e falar: “Tá vendo aquela gata ali? Colou em mim!” Levanta o ego de qualquer um.

Renato: também é bom para os tímidos, como eu, que não precisam ficar com medo de levar um fora.

Daniilo: dar fora é bem pior que levar. É triste ter que rejeitar alguém.

Rafael: te garanto que elas não pensam assim. Tem menina que adora dizer não só pra contar vantagem.

Renato: assim como tem homem que vai se fazer de difícil só para aparecer! É puro machismo julgar a garota! Se nós podemos, elas também têm todo o direito de ir atrás do que querem.

<http://capricho.abril.com.br/garotos/melhor-cacar-ou-ser-cacado-415847.shtml>

O que fazer quando ele tem namorada?

Publicado em 11/11/2008 13:30

Texto: Luiza Goulart | Foto: Latinstock



É sempre assim: você conhece um cara lindo, simpático e megafofo. Fica hipnotizada pelo rapaz por vários minutos até perceber que ele tem uma aliança no dedo. É, ele tem namorada. E agora, o que fazer?

Primeira coisa

Não se culpe por ter se encantado por um menino comprometido, isso pode acontecer com qualquer garota. Agora, antes de decidir se vai desistir ou tentar conquistá-lo, pense se gosta dele de verdade. Se a resposta for sim, a dica é sacar como anda o namoro dele. Caso perceba que o garoto não está mais tão apaixonado pela namorada, você pode ter chances. Ele ama a garota e os dois estão superbem? Então desencana!

Tá acabando!

Se você acha que a relação dele está mal, invista! Conversar não tira pedaço e se aproximar dele é uma boa idéia. A melhor tática é ficar mais amiga para fazê-lo pensar cada vez mais em você. Quando achar que é o momento certo, diga o que sente. Mas lembre-se: espere até que ele termine o namoro para começar uma nova história!

O casal da turma

A situação fica ainda mais complicada se você conhece a namorada dele e são da mesma turma. Se a galera descobrir que você gosta do namorado da fulana, pode encarar como traição. Por isso, conte o que sente só para as pessoas em quem confia. Caso role de você ficar com ele e até namorar, espere a história da ex virar passado para contar a novidade.

Questão de moral

Dependendo da garota, atrapalhar o namoro de outra pessoa pode virar drama moral: é certo xavecar um menino comprometido? Nessa hora, lembre novamente que a gente não escolhe por quem se apaixona. Se você lidar com a situação jogando limpo e sendo sincera, não há como errar.

Rolou com elas:

"Quando ele estava com a namorada, era suuuperfofo. Eu esperei uns três meses e me declarei. Daí ele foi mais fofo ainda! Falou que me considerava uma pessoa meiga. Pediu desculpas e disse que eu merecia alguém que gostasse de mim!"

Nahari Terena, 17 anos, da Galera Capricho



"Ele até sabia o que eu sentia, mas, quando eu vi que ele estava feliz com a garota, desencanei. Eles até trocaram aliança de compromisso. Nunca tentei ficar com ele. Me sentiria péssima em beijar um menino que tem namorada!"

Eduarda Alves, 16 anos



"Vários meninos de quem eu fiquei a fim tinham namorada! Eu cheguei a ficar com um deles, mas o interesse nem partiu de mim. Foi dele! Depois eu desencanei. Acho isso sem-vergonhice demais!"

Olívia Baêta, 17 anos, da Galera Capricho.

<http://capricho.abril.com.br/comportamento/fazer-quando-ele-tem-namorada-415240.shtml>

Você acredita em amor à primeira vista?

Nos filmes, acontece o tempo todo. Mas... e na vida real? Os garotos falam sobre isso.

Por Mariana Alves



Moisés Canton
"Acredito numa primeira atração. Sentir-se atraído por alguém só por beleza não é amor, é admiração. Não tem como você amar uma coisa que não conhece. O amor tem que ser conquistado. Ele nasce depois."

Isaac Canton
"Acredito. Eu já olhei para uma garota e surgiu aquela paixão imediata... Então, eu acho que pode acontecer, sim."

Wesley Venturim
"Não acredito. Pra mim, o amor é descoberto na convivência. Só depois que você passa por todas as fases do relacionamento, e que poderá dizer se ama alguém de verdade."



Palavra do Japinha

Pra mim, sempre acontece. Às vezes, de forma mais

intensa, tipo um amor que marca minha vida para sempre. Em outras ocasiões, de forma mais leve, daqueles que duram alguns meses ou semanas. O curioso é que essa sensação, de quando você se apaixona logo à primeira vista, é algo arrebatador, sem dó, que faz você ficar meio tonto nos primeiros momentos, nos primeiros dias, semanas, etc. Ao mesmo tempo, é uma sensação muito boa, que traz uma graça enorme para o dia-a-dia, e que faz muita coisa ter sentido. Muda seus hábitos, suas vontades e seus sonhos. É, com certeza, maior que qualquer outro sentimento. É engraçado ver que muita gente que se diz durona, superforte, quando é arrebatada por uma paixão, fica mansinha

como um filhotinho de cachorro! O bom disso é que ficar apaixonado pode inspirar a sua mente, os seus dias e as suas atividades. E o ruim é que pode lhe fazer sofrer, chorar, mesmo, de verdade. Oví dizer que o amor verdadeiro é aquele que percebemos no momento em que olhamos a pessoa pela primeira vez. Oví também dizerem que, quando isso acontece, temos certeza de que aquela pessoa é a que vai estar para sempre no nosso coração e que, depois dela, não precisamos de mais ninguém. Portanto, pode ficar contente se encontrar por aí o amor de sua vida, mesmo que sofra um pouco (ou muito) com o relacionamento. E, apaixonados, não temos muita vontade de sair de casa à noite, o que economiza nas baladas. O ruim é que o amor à primeira vista pode ser cruel, também, pois podemos não ser correspondidos. Só tome cuidado pra não enlouquecer. E, se encontrá-lo, aposte, invista nele, pois é esse sentimento que faz o mundo girar.

Pedro Merlin
"Acredito sim, já até aconteceu comigo! Você olha pra garota e sente alguma coisa diferente, bem mais forte. Por isso, na minha opinião, sempre que alguém se sentir assim, deve investir."

Quando os garotos são infiéis?

Por [Texto: Karolina Pinheiro](#) | [Foto: Rogério Alonso](#) às 15:12



Bruno: sou infiel quando estou muito longe da menina. A distância me faz ficar carente e aí é difícil resistir a uma companhia.

Eduardo: eu acho que o lugar mais propício para ser infiel é na balada.

Jeferson: é verdade. Um monte de mulher bonita por perto e você vai ficar sozinho? Não rola, né!

CAPRICHOSO: existe algum momento do relacionamento mais propício para a traição?

Eduardo: é mais fácil o cara trair no começo do namoro, quando ainda não está totalmente envolvido.

Jeferson: já eu acredito que a traição rola quando o namoro está para acabar. Basta começar aquelas briguinhas chatas para aumentar a vontade de ficar com alguém mais legal do que a namorada.

Bruno: comigo foi exatamente assim. Namorava fazia um ano e seis meses, mas sabia que ela não era a pessoa certa. Eu estava louco para ir a um show, chamei a menina e ela não foi. Cheguei ao lugar, me senti sozinho, fiquei com uma garota e o irmão da minha ex viu tudo!

Jeferson: que mancada! Teve volta?

Bruno: depois de uma traição não dá, né! Acabamos na mesma semana.

Eduardo: o ruim de ser infiel é isto: quem trai uma vez trai sempre.

Jeferson: eu só gostei de uma menina na minha vida e, por ela, fui fiel. Antes desse relacionamento, eu trafa todas as garotas com quem namorava. Beijava mesmo e não estava nem aí. Por isso, acho que tudo tem a ver com o sentimento.

Eduardo: quando você gosta, não existe a necessidade de ficar com outras pessoas. Eu sempre estive apaixonado em todos os meus relacionamentos, talvez por isso eu nunca tenha traído. No meu caso, quem levou os chifres fui eu!

<http://capricho.abril.com.br/garotos/quando-garotos-sao-infieis-414935.shtml>

Menino beija menino

Publicado em 16/11/2007 13:10

por Erika Kobayashi

Todo mundo agora é bi-curioso? CAPRICHOSO saiu para a balada e descobriu que tem muito menino querendo experimentar e menina achando fofo

Eu estava na casa de um amigo, com outra amiga. A gente lá conversando, os três tinham bebido um pouco. Ela já tinha beijado algumas meninas e colocou o assunto na roda: perguntou se a gente tinha curiosidade de beijar uma pessoa do mesmo sexo. Eu nunca tinha tido essa vontade, nem meu amigo. Ela deu uma agitada, falou que gostaria de ver dois caras se beijando. E aí a gente ficou. De sopetão. Assim, para experimentar. Ficamos nós três. Depois disso, eu fiquei com outros caras. Tô namorando uma garota há dois meses e meio. Ela já beijou mulher. A regra do namoro é a seguinte: só podemos ficar com outras pessoas do mesmo sexo: ou seja, ela pode ficar com meninas, e eu com meninos. De boa." A história da primeira vez em que Rodrigo*, 17 anos, São Paulo (SP), beijou um garoto é praticamente a mesma contada por Marcelo*, 15, de São Paulo (SP). Tudo começou com um beijo tripla (dois caras e uma menina), na casa de um deles. "Eu já tinha pensado sobre o assunto. Estava ficando com ela e ele entrou no meio. Depois disso, tudo continuou normal entre a gente", diz Marcelo, que ficou mais uma vez com outro cara, só que num churrasco. "Todo mundo estava se beijando quando ele chegou em mim."



Viva a tolerância

Marcelo não se diz gay. Mas não vê nada de mais em beijar outro cara. Sua única condição é que não dá para fazer isso em qualquer lugar. A maioria dos amigos dele não sabe disso: "Eles iriam zoar. Não entendem que a gente quer experimentar". E, se é para experimentar, ninguém anda muito a fim de dizer que faz. Os moleques com que falamos até topam conversar sobre o assunto e não têm vergonha de contar os casos. Só não topam divulgar o nome na revista.

Não passava das 11 da noite de um domingo quando Marcelo foi entrevistado. A matinê era uma balada moderninha como tantas outras que rolam em São Paulo e no Brasil. A entrada custa R\$ 15 - "Mas quem está de All Star paga 10", avisa o hostess. Que ótimo. Na pista, Marcelo circulou em algumas rodinhas, dançou com um cara, depois com uma menina, depois com os dois. Ele prefere ficar com meninas, mas não descarta a possibilidade de beijar meninos. "Não tenho preconceito." Única ressalva: para ele, isso só acontece entre amigos. "Não chegamos em desconhecidos."

É claro que nem todo garoto que experimenta gosta. Nem por isso se arrepende ou sai por aí falando mal dos que fazem. "Foi para matar a curiosidade, mas achei muito estranho. Não faria de novo", diz Diego*, 17, de São Paulo (SP).

O clima da tolerância e da experimentação está na boca não só de quem frequenta baladas em que rola beijo entre pessoas do mesmo sexo. Basta procurar na internet: vídeos, comunidades no Orkut e fotologs sobre o tema. Com comentários de gente que beija e curte, que não beija e curte, e de quem não beija, mas respeita. Muita gente falando que é modinha (ou ainda, que é uma modinha específica da galera que curte emocore). E muito mais gente celebrando a chance de fazer o que bem entende.

O que elas pensam

"Acho bonito", diz Iah, 19 anos, de São Paulo, que preferiu ser identificada pelo seu nick. Em novembro de 2004, Iah criou o fotolog /kiss_boys_kiss, que já recebeu mais de 400 mil visitas. Uma parte dos comentários postados ali são de garotas que acham legal ver os caras se beijando. "Elas preferem fotos de garotos americanos, bonitos, com franjinha", conta Iah. Veja o que pensam outras meninas, de todo canto do Brasil, sobre o que já se acostumaram a ver na balada.

Achei bonito

"Nunca vi ao vivo dois caras se beijando - tenho até vontade, mas não sou de ir muito para balada, principalmente a do tipo alternativo, que é onde mais acontece. Já vi esse tipo de beijo na internet em fotolog, em vídeos, e achei bonito. Fiquei amiga de um casal de garotos depois de ter visto a foto deles se beijando na internet. Nos falamos por MSN. Falei que foi muito legal os dois terem assumido, mais pelo lance da coragem mesmo."
Meyre Louise dos Santos, 15 anos, São Paulo (SP)

A gente olha mesmo

"Eu não conhecia meninos que se beijavam quando entrei na comunidade do Orkut pela primeira vez. Achei meio estranho, mas depois vi um fotolog, um vídeo... E comecei a achar interessante. Quando comentei com algumas amigas, elas acharam meio nojento. Depois, passaram a achar normal e algumas até gostam de ver os caras se beijando. Mas ver ao vivo é diferente. Na primeira vez que vi dois meninos ficando, parei para olhar... Acho bonito. Não tenho nada contra. Se os caras são bonitos, a gente olha mesmo."
Karen Ferreira Kasamatsu, 15 anos, São Paulo (SP)

Fiquei chocada - depois me acostumei

"Até um tempo atrás, ninguém admitia que beijava pessoas do mesmo sexo (só se fosse gay assumido). Por isso estranhei quando vi vários caras se beijando nos fotologs. E fiquei chocada a primeira vez que vi em uma balada. Depois me acostumei. Isso deu liberdade para quem gosta poder assumir. Tenho um amigo que fica com outros caras. Só acho que tem muita gente que faz por modinha, para ser pop. É meio ridículo fazer isso só para chamar atenção."
Marcela Travassos, 14 anos, São Paulo (SP)

É modinha

"Quando comecei a freqüentar baladas alternativas, via dois caras se beijando e achava legal, diferente. Já achava bonito quando eu via no seriado [Queer as a Folk]. Na balada, eu entrava no meio, curtia beijo tripla. Agora ficou uma coisa normal, não tem mais graça. Acho que a galera está exagerando. Tã tudo meio forçado, estão se beijando por modinha. Prefiro quando é natural."
Márcia, 17 anos, São Paulo

É interessante

"Sou bem eclética, freqüento várias baladas e já vi dois caras se beijando em uma balada normal, que não era underground. Não é sempre que acontece, vi só uma vez. Vai rolando meio escondido. Tem um shopping aqui perto em que já vi algumas vezes. Tem gente que bebe e faz por curiosidade. Ahhh... É interessante ver os caras! Rola uma outra química, os gestos são diferentes. Não sei se ficaria com um cara que beija outros caras, mas respeito."
Amanda Nonn, 14 anos, Brasília (DF)

Acho natural

"Já vi rolar beijo de três garotos ao mesmo tempo. É um comportamento que está na moda tanto para meninas quanto para meninos. Acho natural. Vejo que, às vezes, beijam por beijar, sem ter amor ou atração pela pessoa. Alguns são espontâneos, mas outros fazem para mostrar que são liberais, os 'posers'."
Natasha Belfort, 15 anos, da Galera CAPRICO

Supernormal

"Aqui em Teresina rola essa onda de beijo. Acho supernormal. Acho carinhoso, por exemplo, cumprimentar uma amiga com um selinho. Já fiz isso algumas vezes. Os caras que beijam outros caras devem ter a mesma visão que eu. É bacana se rola algo natural entre eles. Vale a experiência, né? Descobrir suas vontades. Só com atitude mesmo para saber o que você quer. Acho importante falar sobre esse assunto para quebrar preconceitos. Temos muito a aprender ainda."
Patrícia, 15 anos, Teresina (PI)

Você acha certo ficar com mais de um garoto na balada?

Por [por Redação CAPRICHÔ](#) às 14:16



Nós perguntamos para as [garotas da República CAPRICHÔ](#) se elas acham legal, se já ficaram ou se ficariam com mais de um garoto na mesma balada. Veja o que elas responderam:

Naty_gatinha: já, bem mais de um cara =P. Mas não, não acho isso legal pq pega mal pra vc e pros garotos tbm. Eles não gostam muito de meninas q pegam geral.

ChrisTirlone: já. normal. meu maximo foi 5.

klyssia19: sim, já fiquei! foi legal, pois fiquei com dois gatinhos que eu era louca. Eu acho que eles não gostam muito, mas se for pra ficar assim eles ficam!

andy_baptista: nunca fiquei com mais de um. Eu, particularmente, não acho legal, pq garota fica falada e isso não é bom! E pelo o que meus amigos falam, acho que não é muito legal não. :s

mih_94: realmente, isso eh a maior injustiça. Se eles bjam 5, são pegadores. Se bjamos 5, somos biscates! Eita machismo, viu ⇨⇨

Belaotalini: Nunca, nem pretendo fazer, acho que cada um tem sua opinião, mas na minha opinião é uma coisa errada. Porque ficando com dois eu acho que a menina se desvaloriza.

nadi_fofis95: as que flikam com mais de 1 na msm balada acho q isso é falta de vergonha na kra!!! Menina tem que se respeitar, n flikar com um e com outro ai depois ninguem vai querer.

marinamaia: Não, eu na real nunca fiquei com ninguém em festa ... Acho isso uma coisa que estraga o perfil de uma garota , é possível que até pegue fãzinha no colégio ou no clube .. :D

lilypink: Eu acho isso ridículo! Você se desvaloriza completamente. Dá motivos para ser usada como algo

descartável, depois ser jogada fora! Nunca fiquei e nem penso em ficar!

nataly_ane: eu já fiquei sim! Acho q balada é um lugar pra vc se divertir e esquecer de tudo. Se vc se senti bem ficando com varios, ótimo, agora se não, não tem por que ficar beijando vários.

mariahcaroli: nem lembro, na balada só vou dançar ou só pra zuar com a galera mesmo,mais ja fiquei em micareta. Acho que é chato vc fica bjando todos mais se os caras forem gatos, vc nem ta ligando.

- **ana (::** Em micareta é até normal, mas numa balada reservada acho muito ruim. Eu ficaria sem graça com os dois no mesmo lugar, e acho que eles pensariam que sou fácil.

rahrodrigues: Com 2, mais mesmo sendo pouco pra algumas depois minha cabeça pesou, é estranho a sensação de tar na mão de vários num mesmo ambiente, podendo o segundo ter te visto com o primeiro.

<http://capricho.abril.com.br/comportamento/voce-acha-certo-ficar-mais-garoto-balada-490957.shtml>

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,

_____ ,

portador(a) do RG nº _____, responsável pelo(a) _____ aluno(a)

_____ ,

da turma _____, declaro, por meio do presente termo, que ACEITO a sua participação no projeto de pesquisa intitulado “Amor romântico, confluyente ou líquido?: um estudo sobre amor e jovens”, desenvolvida pela pesquisadora Paula Pinhal de Carlos, orientada pelas Profas. Dras. Mara Coelho de Souza Lago e Miriam Pillar Grossi, da Universidade Federal de Santa Catarina. A participação ocorrerá através da participação em oficinas e da concessão de entrevista. Tanto as oficinas quanto a entrevista versarão sobre questões relacionadas ao ficar e ao namorar, assim como questões relacionadas às diferenças entre mulheres e homens nas suas práticas afetivas. Não haverá nenhuma atribuição de nota ou conceito às tarefas desenvolvidas. A atividade será realizada no Colégio Rose Marie Muraro no horário inverso ao da aula, no caso das oficinas, e no horário da aula, no caso da entrevista, sem prejuízo ao aluno(a) e com o aval do(a) professor(a) da disciplina.

Tenho ciência de que a participação do(a) aluno(a) não envolve nenhuma forma de incentivo financeiro, sendo a única finalidade dessa

participação a contribuição para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, é o de verificar quais são as práticas afetivas de jovens na contemporaneidade. Os jovens não são obrigados a participar das oficinas ou a conceder a entrevista e, caso aceitem participar, falarão sobre suas práticas afetivas apenas se quiserem. Os jovens também podem, a qualquer momento, desistir da participação na atividade, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Problemas com os alunos gerados no momento da realização das oficinas ou em decorrência dessa atividade serão encaminhados ao Núcleo de Orientação e Psicologia Educacional e à direção do Colégio Rose Marie Muraro. A pesquisadora assegura, por meio deste termo, o respeito às normas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Declaro que fui informado(a) de que o uso de informações coletadas durante a realização das atividades deste projeto será utilizado apenas em situações acadêmicas (artigos científicos, palestras, seminários, teses etc), identificando-se os(as) participantes somente por sigla ou nomes fictícios e número relativo à sua idade. Autorizo, somente para uso acadêmico, a divulgação de gravações em áudio obtidas durante a participação no projeto. A colaboração do(a) aluno(a) terá início quando for entregue este presente termo devidamente assinado.

Estou ciente de que a pesquisadora garante a confidencialidade dos dados pessoais dos alunos e da privacidade das informações fornecidas por eles. Em caso de dúvida ou se eu ou

o(a) aluno(a) se sentir prejudicado(a), poderei contatar a pesquisadora, pelos telefones 3907-4672 e 9661-4672, ou pelo e-mail paulapinhhal@hotmail.com, para os esclarecimentos desejados ou para comunicar a desistência da participação na pesquisa.

Outros contatos:

Pesquisadora responsável - Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago
(48) 3222-2975 e (48) 9960-1695

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina
(48) 3721-9206

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
3308-4085

Porto Alegre, 24 de março de 2010.

Assinatura do(a) responsável

Assinatura do(a) aluno(a)

Paula Pinhal de Carlos (pesquisadora)

QUESTIONÁRIO

PESQUISA: “AMOR ROMÂNTICO, CONFLUENTE OU LÍQUIDO:
UM ESTUDO SOBRE AMOR E JOVENS”

PESQUISADORA: PAULA PINHAL DE CARLOS

1 Nome: _____

2 Sexo:

Feminino Masculino

3 Idade

14 anos

15 anos

16 anos

17 anos

18 anos

4 Com quem você mora?

5 Grau de escolaridade dos pais ou responsáveis:

Mãe

Analfabeto(a)

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

Ensino médio completo

Ensino superior incompleto

Ensino superior completo

Pós-graduação

Pai

Analfabeto(a)

Ensino fundamental incompleto

Ensino fundamental completo

Ensino médio incompleto

- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação

Responsável (colocar quem _____)

- Analfabeto(a)
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo
- Pós-graduação

5 Qual é a profissão dos seus pais ou responsáveis?

6 Número de irmãs/irmãos:

- Mulheres Homens

7 Idade dos irmãs/irmãos:

Mulheres _____

Homens _____

8 Onde você mora?

Cidade _____

Bairro _____

9 Você possui religião?

- Sim Não

Se sim, qual religião?

- Católica
- Evangélica (colocar igreja que frequenta _____)
- Espírita
- Judaica
- Outras (colocar qual _____)

10 Você trabalha?

- Sim Não

Se sim, quantas horas por semana? _____

Se sim, em que você trabalha? _____

11 O que você pretende fazer quando terminar o Ensino Médio?

Trabalhar

Fazer faculdade

Trabalhar e fazer faculdade

Outro (especificar o quê _____)

Se pretende fazer faculdade, qual curso? _____

12 Em relação a relacionamentos afetivos passados, você já

Ficou

Namorou

Se namorou, colocar por quanto tempo _____

13 Em relação a relacionamentos afetivos atuais, você

Fica

Fica sério ou tem um rolo

Namora

Se fica sério ou tem um rolo, ou se namora, colocar por quanto tempo

14 Em relação a relacionamentos afetivos futuros, você

Pretende ficar solteiro e ficar (sério ou não) ou ter rolos

Pretende namorar

Pretende morar junto

Pretende casar

Outro (especificar _____)

15 Você pretende ter filhos?

Sim Não

Se sim, quantos? _____

16 Você acha que há uma idade certa para morar junto ou casar?

Sim Não

Se sim, qual? _____

17 Você acha que há uma idade certa para ter filhos?

Sim Não

Se sim, qual? _____

18 Você possui e-mail, MSN ou Orkut?

() E-mail

() MSN

() Orkut

Se sim, gostaria de disponibilizá-los, para que pudéssemos interagir também virtualmente?

() Não

() Sim, e-mail _____

() Sim, MSN _____

() Sim, Orkut _____

ENTREVISTA

SOBRE FICAR

1. Existe diferença entre *pegar* e *ficar*? Se sim, qual?
2. Quem pode tomar a iniciativa (*chegar*)? Na tua opinião, meninas que *chegam* são galinhas?
3. Qual a tua opinião sobre as meninas que *ficam* com meninas? E sobre os meninos que *ficam* com meninos?

SOBRE NAMORO

4. O que é para ti um namoro?
5. Quais são os requisitos necessários para se namorar (sentimento, tempo, apresentar para a família etc.)?
6. O que tu achas que é fidelidade? A fidelidade é necessária no namoro?

SOBRE CASAMENTO

7. O que tu achas do casamento? Tens vontade de casar?
8. O que é preciso para casar? Há algum requisito (idade, condição financeira, maturidade etc.)?
9. Casar e morar junto é a mesma coisa?

SOBRE AMOR

10. O que é para ti o amor?
11. Qual a diferença entre *estar a fim*, paixão e amor?